REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

DO

Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE - 1930

III e IV Trimestres ANNO X

COMMISSÃO DE REDACÇÃO:
Adroaldo Mesquita da Costa
Mansueto Bernardi - Eduardo Duarte
E. F. de Souza Docca

PORTO ALEGRE
TYPOGRAPHIA DO CENTRO — RUA DR. FLORES 108

1930

P. Carlos Teschauer, S. J.

Padre Carlos Teschauer, S. J.

Lamenta o Rio Grande do Sul uma perda extraordinaria com o desapparecimento de um dos seus mais insignes e devotados historiadores: o reverendissimo padre Carlos Teschauer, da benemerita Companhia de Jesus, fallecido a 16 de agosto ultimo, na cidade de São Leopoldo. A vida desse illustre filho de Loyola, na sua maior parte vivida nesta capital, foi uma alta e fecunda licção de trabalho perseverante, de estudo continuo e de amorosa e filial dedicação ás coisas do Rio Grande.

Sua obra, vasta e brilhante, ficará como o mais eloquente attestado dessas peregrinas virtudes que foram a caracteristica mais saliente e incisiva da personalidade do illustre morto.

Seu sacerdocio revestiu-se das insignias dignificadoras do apostolado, prégando a palavra divina por decennios a fio e cooperando, de forma remarcada e notoria, para a diffusão e observancia da religião catholica entre nós.

De uma extraordinaria capacidade de trabalho, e de rara envergadura scientifica, distribuia o padre Teschauer o seu tempo preciosissimo entre a cura das almas e o trabalho de historiador emerito e probidoso que sempre foi, revelando um espirito de inquebrantavel perseverança na evidencia magnifica de invulgares dotes de intelligencia e de cultura.

Pesquisador proficiente da Historia Patria, lega o padre Teschauer aos estudiosos um admiravel acervo de estudos completos e documentados, obras de obrigatoria consulta è fonte preciosa de ensinamentos para quantos se dedicam a devassar o aspero terreno da nossa formação politica e social.

Entre os muitos titulos que o legitimam credor da gratidão da nossa gente, avulta o de auctor da esplendida e nunca assáz louvada „Historia do Rio Grande do Sul nos dois primeiros seculos“, que é a mais completa e perfeita de quantas até hoje se escreveram no paiz.

Socio fundador do nosso Instituto revelou-se, desde o primeiro dia de sua creação, um combatente abnegado em prol do seu arduo programma, contribuindo, brilhantemente, em todas ás realizações e conquistas desta casa.

Da singular estima e da admiração alcançada pelo grande morto no Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul falla bem alto a espressiva homenagem de que foi alvo, por occasião do transcurso do jubileu de sua ordenação sacerdotal e ingresso na Companhia de Jesus, em agosto de 1926.

Constituiu essa manifestação de carinho e de apreço na publicação de uma polyanthéa em que se exalçavam as grandes virtudes do homenageado e na offerta que se lhe fez de uma artistica imagem do Sagrado Coração de Jesus, acompanhada de uma placa de onyx com expressiva dedicatoria.

Não foi esse, porém, o unico premio recebido pelo sandoso morto, pois muitas e reiteradas vezes teve elle opportunidade de sentir o grão de sincera e grande amizade creado por suas excelsas virtudes e que expressava a gratidão do Rio Grande, a quem tão dedicadamente servia e dignificava.

O vacuo por elle deixado em nossos meios scientificos difficilmente será preenchido, taes a invulgaridade de seu saber, a sua capacidade productiva e o zelo e carinho no versar os nossos assumptos historicos.

Nasceu o padre Carlos Teschauer a 10 de abril de 1851, em Birstein, no então grão-ducado de Hesse, na actual provincia de Nassau.

Terminados os estudos gymnasiaes, ingressou elle no seminario de Fulda, tendo seguido, a mandado, para Moguncia, após a morte do bispo de Koelt. Recebeu ahi as sagradas ordens do eminente sociologo e protector das classes operarias, o famoso bispo Manoel von Ketteler. Um mez depois iniciou o joven sacerdote o seu noviciado na Companhia de Jesus, em Exacton, na Hollanda. Terminados os estudos de humanidade e philosophia em Bleyenbeck, seguiu o padre Teschauer para Dittonhall, na Inglaterra, onde se dedicou por tres annos aos estudos theologicos e asceticos, concluindo assim a sua formação pelo que pôde, então, emprehender viagem para a nossa terra.

Chegou a esta capital, pela vez primeira, em setembro de 1880, começando em seguida a sua fecunda actividade de apostolo como coadjutor do padre Schleifen, então vigario de São João de Montenegro. No anno seguinte, foi removido para São Sebastião do Cahy, onde, em breve, foi nomeado vigario, cargo que exerceu de 1882 a 1887. Teve após uma curta permanencia em São Leopoldo, vindo depois para a cura d'almas na Capella de São Raphael, nesta capital, onde permaneceu até 1890. Desta data até 1894, esteve á frente da parochia de São Leopoldo e, em seguida, até 1896, á testa da de São João de Montenegro.

Havendo a Companhia de Jesus abandonado a sua residencia ahi passou o padre Teschauer a Parecy Novo, onde fundou nova casa. Cumprida essa incumbencia, seguiu para Santa Cruz, voltando após um anno, novamente a esta capital, e, desta feita, para ficar a serviço da Capella do Carmo. Nesse templo interrompeu-lhe os trabalhos a ordem dos superiores de fundar nova residencia na cidade do Rio Grande.

Dando cabal desempenho ao novo encargo, voltou o operoso sacerdote ao seu posto na Capella do Carmo. De 1906 a 1913, passou elle na cidade do Rio Grande, em serviço religioso no collegio alli existente, como tambem na Santa Casa de Misericordia. D'alli veiu temporariamente servir no Hospital Militar de Crystal, nesta cidade, indo, após, por motivos de saude, para os sanatorios de São Leopoldo e de Santa Cruz.

Só então, já restabelecido, achou o sabio jesuita tempo e lazer para consagrar-se inteiramente ás suas predilectas pesquisas historicas. Ao mesmo passo que desempenhava as suas funcções de sacerdote e de guia espiritual no Gymnasio Anchieta e de confessor em diversas capellas, soube encontrar momentos livres para completar e ultimar seus multiplos escriptos e trabalhos litterarios iniciados no decorrer dos annos.

Era elle bem conhecido de quantos se interessam pela historia de nossa terra. Os seus cincoenta annos de sacerdocio, tão fecundo em preciosos fructos para a religião e a sciencia, passou-os o sabio jesuita no Brasil e tanto o amou, que terminou adoptando-o como sua segunda patria, pois que se naturalizou brasileiro.

O seu acendrado amor e enthusiasmo pelo Brasil e por tudo quanto lhe diz respeito, levou-o a consagrar-se ao estudo esmerado da nossa lingua, ás pesquisas incessantes da nossa historia, dos nossos costumes e tradicções, da nossa flóra, em fim, de tudo que é brasileiro. Fructo desses profundos, longos e exhaustivos estudos é o vultoso numero de publicações por elle feitos e que lhe dão um logar de remarcado destaque entre os escriptores que mais têm contribuido para tornar conhecida e amada a nossa terra, tanto dos nacionaes como dos estrangeiros.

De 1901 para deante, nenhum anno se passou sem que sahisse á publicidade qualquer contribuição valiosa desse infatigavel investigador da historia patria.

Entre as suas valiosas producções figura em primeiro plano a monumental obra em tres volumes „Historia do Rio Grande do Sul nos dois primeiros seculos", que é a mais preciosa fonte em que hão de haurir ensinamentos as gerações futuras e que hão de reconhecer no reverendissimo padre Teschauer o pae da Historia do Rio Grande do Sul, como Herodoto o é da Historia Universal.

A enumeração que damos em seguida, si bem que incompleta das principaes publicações do fecundissimo escriptor é a prova fulgente e inconcussa do seu grande amor e interesse por tudo o que diz respeito á nossa terra por elle adoptada como patria sua:

„Estudos ethnographicos sobre os principaes achados indios no museu do Collegio Conceição em S. Leopoldo" (1901); „Poranduba Rio-Grandense — Investigações sobre o idioma falado no Brasil e particularmente no Rio Grande do Sul" (1902); „A prioridade dos portuguezes no descobrimento da America" (Ceará, 1903); „A catechese dos Indios Coroados em S. Pedro do Rio Grande" (1904); „A lingua guarany e o ven. Roque Gonçalves" (1906); „A erva-matte na historia e na actualidade" (1907); „Apostillas a um artigo publicado no Annuario do Rio Grande do Sul" (1908); „A flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras" (1909); „A lenda de ouro" (Ceará, 1911); „Habitantes primitivos do Rio Grande do Sul" (1911); „Vida e obras do ven. Roque Gonçalves" (2.ª edição, aug., 1913); „A ethnographia do Brasil no principio do seculo XX" (1914); „Historia do Rio Grande do Sul dos dois primeiros seculos" (3 volumes, Porto Alegre, 1918—22); „O primeiro apostolo do Rio Grande do Sul" (edição popular, 1919); „Novo vocabulario riograndense" (2.ª edição, aug., 1921); „A lingua Guarany e o ven. Roque Gonçalves (2.ª edição, 1921); „Novo vocabulario nacional" (1923) e „Avifauna e Flora" (1925).

Em março de 1929, o sabio jesuita, em desastrósa quéda, num dos pateos internos do Gymnasio Anchieta, soffreu a fractura de uma perna, o que o obrigou a permanecer durante seis mezes na Beneficencia Portuguesa.

Findo esse longo prazo de soffrimentos continuos, supportados com uma paciencia evangelica e tocante resignação, transferiu-se o padre Teschauer para a Chacara dos Jesuitas, em São Leopoldo, alli permanecendo sem poder andar, até ao dia do seu infausto trespasse.

A sua alcançada velhice, aggravada por ininterruptos achaques, foram combalindo o seu organismo e lhe depauperando as forças, occasionando-lhe a morte, quando ainda tanto se esperava da sua espantosa actividade e arraigada contracção ao trabalho.

A's innumeras manifestações de legitimo pezar testemunhadas á inclyta Companhia de Jesus pela perda de seu grande filho, junta o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul a sua solidariedade nessa immensa dôr que tanto o acabrunha com o desapparecimento de um de seus mais dignos e zelosos consocios e reitera-lhe as condolencias que lhe apresentou junto ao ataúde do insigne varão, por intermedio da commissão que o representou e assim constituida: desembargador Florencio de Abreu e Silva; dr. Eduardo Duarte; Tenente-coronel Emilio Fernandes de Souza Docca e dr. Adroaldo Mesquita da Costa.

O
TUPI NA CHOROGRAPHIA DO RIO GRANDE DO SUL

Ensaio calcado sobre o

„O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL“

por

João Borges Fortes
Engenheiro militar

Rio, 1930

Prefacio

O trabalho que se vai ler não tem a menor pretensão de erudição. E' destinado simplesmente a fixar em um opusculo a influencia da lingua dos primitivos habitantes do Rio Grande do Sul na geographia local, completando e desenvolvendo no referente a esta região, a magistral monographia do dr. Theodoro Sampaio sobre o assumpto.

Nada mais é do que a compilação de tudo quanto tive á mão a tal respeito. Ha muito trabalho disperso, esforços aturados tem sido emprehendidos por estudiosos com autoridade e competencia para opinar na materia. Tambem muito persistirá ainda neste vocabulario em lacunas e erros. O tempo e a collaboração dos homens de boa vontade irão sanando umas e outras.

De conformidade com o objectivo que tracei vali-me fundamentalmente do *O Tupy na Geographia Nacional* e *Diccionario Geographico do Rio Grande do Sul* de Octavio Faria.

O trabalho ora emprehendido foi tão somente de paciencia para coordenar as duas obras, no que concerne ao emprego da lingua aborigene na designação dos accidentes da geographia local.

Apparecem no livro de Theodoro Sampaio vocabulos dados como pertencentes á geographia riograndense e que não

figuram no Diccionario de Octavio Faria; reciprocamente, grande numero de accidentes do relevo physico de nosso Estado não foram incluidos na obra daquelle auctor.

Fiz tudo quanto me foi possivel para approximar os dous grandes auctores.

Aos competentes fica bastante margem para corrigir o que vai errado neste insignificante opusculo, completando um aspecto interessante da vida e da litteratura da terra gaucha.

Porto Alegre, 1930.

J. B. FORTES

Rio de Janeiro: Rua Henrique Dias, 32.

O TUPI NA CHOROGRAPHIA DO RIO GRANDE DO SUL

O assumpto de que se occupa o interessante livro do Dr. Theodoro Sampaio intitulado *„O tupi na geographia nacional"* já em terceira edição, é sempre novo: elle permanece objecto de perenne curiosidade, pelo gracioso, o pittoresco, a poesia que resuma dos nomes que designam os nossos Estados, os nossos cursos d'agua, as bahias e as serras desta querida patria, a geographia do Brasil.

A intervenção da lingua dos indigenas nessas denominações e a explicação do porque desses nomes despertam sempre a attenção e as indagações de toda a gente, estudiosa ou não.

O trabalho de Theodoro Sampaio, se offerece falhas que eu não tenho sombra de competencia para apontar, tem indiscutivelmente um extraordinario merito: elle crea um methodo de investigação e abre dess'arte veredas seguras para aquelles que se sentem attrahidos por tal genero de estudos.

A primeira idéa que, parece-me se forma no espirito de quem lê os bizarros nomes de nosso relevo geographico, é de que taes nomes foram dados pelos indigenas e a nós transmittidos, de sua selvageria primitiva até a civilisação dos dias actuaes.

Correspondentemente a observação fundamental que deve desde logo ser apprehendida, é que, tendo a pittoresca linguagem dos indios fornecido os nomes que tanto aformoseam a nossa geographia, não foram entretanto elles os distribuidores de taes denominações.

Ao bronco selvagem faltaria necessariamente o conceito geographico, isto é, poderia elle ter e tinha sem duvida, a no-

ção da agua, corrente ou parada, do mar e do rio, do lago e da catadupa, da matta isolada e da floresta intermina onde se occultavam os animaes, as aves e os insectos que lhes forneciam a alimentação. Saberiam que o rio ou o lago eram abundantes de peixe ou improprios para a pesca: onde encontrar as fructas que os nutrissem ou as plantas que os curassem, quando enfermos.

Para elles o meio estava sempre e invariavelmente ligado ás suas exigencias vitaes e nem uma outra importancia lhes poderia merecer.

Certamente não poderiam attingir á phantasia de dar um nome a uma rede hydrographica, nem mesmo poderiam comprehender um systema de serras: viam os serros isolados, mas não alcançavam a idéa do curso de um rio.

Dahi se conclue que o indigena sómente cooperou, emprestando a sua linguagem, não collaborou consciente, na implantação dos nomes da geographia brasileira. Esta é a obra heroica da civilisação.

Foram os desbravadores intrepidos das terras, que gradativa e esforçadamente crearam com a rudeza de seus golpes e com a poesia de sua imaginação, a belleza dos nomes que assignalam o relevo da superficie de nosso solo natal.

A conquista dos indios, a sua reducção ao captiveiro, quer pela forma brutal que era a dos bandeirantes, quer pela forma persuasiva que empregavam os missionarios, tinham um mesmo objectivo eminentemente social, — civilisal-os, — isto é, fixal-os ao solo e adaptal-os ao trabalho.

Logicamente, com essa conquista coube aos bandeirantes, como aos padres, a missão de crear a geographia do Brasil, dando a cada lugar percorrido, a cada accidente do terreno reconhecido, uma denominação que ficava assignalando o dominio da civilisação que despontava sobre a terra virgem.

„Tomando-se uma carta do paiz e examinando-se quanto ao que diz respeito ás denominações geographicas, reconhece-se, para logo, o predominio do tupi em toda a região littoral; nota-se que elle penetra fundo nos sertões pelo valle dos grandes rios, onde se tornou facil o accesso do lado do mar; nota-se mais que elle assignala atravez dos divisores das grandes bacias fluviaes o trajecto costumeiro dos bandeirantes ou descobridores; reconhece-se tambem que elle persiste como vestigio indelevel da catechese, onde quer que ou isoladamente ou seguindo uma serie de estações intermediarias, penetrou o christianismo pelo trabalho apostolico dos missionarios.“ Th. Sampaio, pg. 6.

O methodo processado nas linhas acima recebeu rematada e perfeita confirmação na chorographia do Rio Grande do Sul.

Pode-se affirmar, do exame dos nomes geographicos de cada região, qual o factor predominante na progressão de nossa historia e o grau de sua extensão sobre o territorio.

Nitidamente resaltam o periodo e o campo em que se fez sentir a civilisação dos missionarios, como não menos nitido se destacam os que receberam impulso e influencia de origem portugueza.

Os jesuitas penetraram o nosso territorio atravessando as barrancas do Uruguay, provindo das colonias hespanholas do Prata e Paraná. Primeiramnte vieram do Prata em direcção sudeste e deixaram raros vestigios de sua passagem, pelas terras dos Tapes em demanda do Igahy, (hoje Jacuhy) não tendo podido radicar-se definitivamente. Vieram depois do Paraguay e Paraná e fundaram o famoso *Imperio das Missões*.

* * *

Explorando os indigenas e fundando a theocracia jesuitica conservaram os missionarios o idioma commum ás tribus que vinham catechisando e sujeitando. Era sem duvida mais facil a elles, homens cultos e instruidos, aprenderem a lingua dos selvagens do que fazer penetrar nos cerebros embrutecidos destes uma lingua europea.

Esta razão é intuitiva. Outra havia ainda, de natureza politica. Os padres não queriam e nem permittiam que os *seus* indios entrassem em communicação com os europeos, hespanhoes ou portuguezes e portanto indispensavel era o difficultar-lhes os meios de entendimento. Tinham elles em vista conservar o governo de Hespanha no desconhecimento dos seus projectos e acções no continente americano.

Contra os portuguezes crearam uma athmosphera de terror, que os actos barbaros das bandeiras confirmaram sobejamente.

Puderam, com tal conducta, alcançar os seus propositos, pois que as instituições dos jesuitas no Sul da America foram um mysterio para a Europa por dilatado prazo. Tão fortes e arrogantes se julgaram os padres, que não duvidaram, em dado momento, affrontar as armas alliadas dos dois reis da Iberia, quando estes decidiram pôr termo ás luctas por questões de terras nas fronteiras meridionaes do Brasil.

Vivendo com os indios, adaptando-os ao trabalho, ensinando-lhes a agricultura, a criação do gado, incutindo e desen-

volvendo n'elles a comprehensão das artes, fazendo-os confeccionar tecidos ou construir collegios e templos, elevando-lhes o espirito até á creação de monumentos de architectura que hoje avaramente conservamos, o padre usava e ia enriquecendo a linguagem com que se communicavam e que lhe transmittia o indio, a lingua tupi ou guarani.

Dessa irremediavel contingencia resultou a necessidade de ser profundamente estudada a lingua geral; de dedusirem os padres na variedade da acção da linguagem fallada as leis que regiam a formação do pensamento e sua communicação e portanto tiveram de crear grammaticas e vocabularios, fixar as regras da linguagem, erigindo thesouros que hoje são o precioso manancial para os estudiosos.

* * *

Tenazmente proseguindo na catechese dos selvicolas, depois de expulsos de Guayra pelos bandeirantes paulistas que não consentiam na occupação de terras portuguezas pelos intrusos jesuitas hespanhoes, os missionarios desceram do Paraguay e demandaram as margens do Uruguay, por uma linha assignalada pelos templos onde se iam agrupando os nucleos de conversão religiosa e assim os nomes até hoje conservados, invocam os prototypos do catholicismo. A partir de Candelaria, no Paraguay, balisam essa linha os nomes de São Miguel, Apostolos, Conceição, no territorio argentino e, transposto o Uruguay, em Santo Isidro, prosegue por S. Nicolau, S. Jeronymo, S. Luiz, S. Lourenço, S. Miguel, S. José, S. Thiago até S. Vicente. Irradiando para Nordeste a penetração se faz por S. Angelo, Sant'Anna, descendo para S. Roque e Cruz Alta. De Apostolos arranca ainda uma linha em direcção ao curso inferior do rio Uruguay e surgem assim S. Thomé e S. Francisco de Borja, alcançando até S. Francisco de Assis.

Por esse modo os missionarios alastram o seu dominio no territorio riograndense limitado pelos tres grandes rios: Uruguay, Ibicuhy e Jacuhy, fundando o seu immenso e poderoso imperio, constellado de aldeias e estancias.

A esses accidentes artificiaes, de geographia politica, — creação da conquista, deram os padres nomes extrahidos da fé ou culto catholico.

Para os accidentes naturaes, da geographia physica, — a obra da natureza, reservaram elles os graciosos nomes que lhes forneceu a pittoresca e significativa lingua do paiz.

Tal conclusão é imperativa quando se passa os olhos sobre uma carta dos affluentes dos tres grandes rios que acima mencionamos.

Desse mesmo exame se deduz ainda até onde alcançaram os limites da dominação jesuitica.

O Jacuhy foi uma barreira ao seu avanço, não intransponivel, pois que os marcos eternos da passagem dos missionarios estão assignalados até ás praias do Atlantico. Os nomes de Butucarahy, Taquary, Cahy, Itapuhy, Gravatahy, Guayba, Itapoan, Itacolumy, Tramandahy, Mampituba são attestado perpetuo da presença dos missionarios até o extremo das terras desbravadas, então remotas e tranquillas.

Avançando em sua obra evangelisadora, iam elles ao passo que descobriam um continente virgem, fazendo a geographia do paiz quando davam a cada accidente physico que se lhes antolhava um nome que o destacaria nos mappas e archivos da Ordem: ficaram de tal modo as designações acima que são as dos mais relevantes accidentes geographicos.

Do Jacuhy para o Norte e para o mar, as denominações dos rios e montes, como dos sitios e povoados, accentuam o cunho portuguez do dominador mais recente, sobre a trama indelevel das primeiras explorações dos missionarios.

Uma outra linha ao Norte accentua ainda os limites do Imperio das Missões, — é a do Uruguay-puitan, onde se encontram dois nomes exoticos, Goio-en e Nonohay.

Nas florestas que cobrem as margens do Uruguay, nas adjacencias daquelle tributario, habitavam indios *tapuias,* dominando a picada do Nonohay e pela qual provavelmente investiam os guaranis.

Estes tapuias eram antropophagos, o que não occorria com os indios do Rio Grande.

Do Uruguay-puitan para montante não apparece mais um nome tupi para os affluentes do Uruguay, caracterisando-se por essa forma uma linha limitrophe do dominio dos jesuitas. A descoberta e exploração do territorio foi posterior e impulsionada pelos habitantes de origem portugueza.

Desta mesma origem se assignalam Rio Pardo (Jesus-Maria-José) Triumpho, S. Amaro, apresentando o aspecto militar da conquista como Viamão e Porto Alegre (Porto dos Casaes) demonstram o aspecto colonisador, creando-se um novo estagio á civilisação do Rio Grande do Sul e formando-se as bases definitivas do actual Estado.

Para o Sul do Jacuhy e do Ibicuhy ficaram tambem plantados os marcos immorredouros da acção dos missionarios. Embora não tendo podido estabilisar-se, como já foi dito, deixaram creada a geographia do paiz quando fixaram os nomes de Camaquam, Patos, Piratiny, Jaguarão, Chuy, Quarahy, Arapehy, Gy, para os grandes accidentes geographicos que elles iam assignalando.

A differença das denominações dos rios e arroios fixa de maneira inconfundivel, como acabamos de ver, as duas fontes primarias da civilisação rio-grandense.

A bacia do Jacuhy e o seu prolongamento pelas Lagoas dos Patos e Mirim foi a linha divisoria entre os portuguezes, de um lado, e de outro os jesuitas-hespanhoes.

A' quasi totalidade de nomes indigenas na zona dos padres corresponde a quasi totalidade de nomes genuinamente luzitanos na outra zona, como os de Tainhas, Antas, Camisas, Turvo, Prata, Forqueta, Gerquinhas, Silveiras, Pelotas e outros.

* * *

Posta assim em evidencia a exactidão do methodo de Th. Sampaio no caso da chorographia rio-grandense, vamos reunir, extraindo-as do seu „O Tupi na Geographia Nacional" os nomes de que elle fornece a explicação com o significado respectivo na lingua indigena e que interessam ao nosso Estado.

Parece que os missionarios não ligaram maior importancia ao systema orographico do territorio, talvez por seu fraco relevo.

Tiveram elles opportunidade de deixar baptisados os serros isolados: se fizeram o mesmo com as serras os nomes perderam-se, o que é absolutamente improvavel, sendo entretanto certo que adoptaram o processo simplista de darem um nome commum ao rio e ao divisor de aguas adjacente.

Aos serros, Batovy, Butucarahy, Asseguá, Itapevy, Jaráu, Itaquatiá deram nomes proprios e peculiares porque o seu isolamento e relevo davam-lhes impressionante aspecto nas terras circumdantes, marcos eternos de referencia. E chamaram Jaguary, Caverá, Iguariassá ás serras parallelas ou visinhas dos rios que já tinham recebido aquelles nomes.

Não deixaram nomes ligados á Serra Geral, á Cochilha do Albardão, á Serra do Herval que têm tão importante papel na configuração geral do territorio.

* * *

Foi o padre e foi o bandeirante, não foi o indio que implantou a linda linguagem dos primitivos habitantes na geographia da nova Patria.

Nem sempre as suas designações e preferencias poderiam ser descriptivas, onomatopaicas; é fora de duvida que circumstancias occasionaes, transitorias, teriam, por vezes, influido na escolha de uma denominação geographica.

Na explicação de cada nome tupi não será possivel ficar invariavelmente amarrando ao significado grammatical, ás leis da formação do vocabulo e ás suas raizes na lingua indigena.

Por outro lado nem sempre o caracter descriptivo da lingua tupi pode satisfazer ao estudioso de hoje, para explicar o significado de muitos nomes.

„Sem a restauração do vocabulo com a sua graphia primitiva, como um processo previo e essencial, difficil e quasi insoluvel em certos casos é o problema linguistico, attinente aos nomes geographicos de procedencia tupi." (Th. Sampaio. Pg. 124).

Porque não havemos de abandonar um significado quando este não se enquadrar no principio grammatical ou fugir ao criterio descriptivo? Porque não implantarmos, quando falharem os processos acima, a significação mais formosa, mais poetica, creando para os nomes tão originaes de nossa terra uma explicação lendaria?

Ao mysterio da origem, á belleza da expressão, á poesia do significado case-se o perfume de uma lenda.

O que é Iracema? Na rigidez da grammatica é conforme Th. Sampaio, tão somente *enxame de abelhas,* em torno de idéa tão material José de Alencar creou a *virgem dos labios de mel* e Iracema passou a viver, filha da rica imaginação do poeta, como uma lenda immortal das terras do Ceará nas paginas do poema que traz o seu nome.

E como nem sempre poderemos entender e explicar o sentido verdadeiro, o real significado da designação em lingua estranha é sepultado no passado, teremos de recorrer á phantasia, revestindo sem deturpal-a, a selvatiqueza do nome com o aroma da poesia e a riqueza de imaginação.

O Rio Grande é pobre de lendas. Ellas são creadas pela tradicção e radicam-se com a litteratura.

O que é uma *tapera?* Penetrai as ruinas de um rancho, de uma estancia ou de uma capella e fugireis horrorisado da realidade.

Porem a nossa imaginação, a poesia com que o nosso espirito as vejam pintadas, dar-lhes-ão as cores roseas de um romance de amor, rubras de uma tragedia de sangue ou sombras de phantasmas e almas penadas que vagam sobre as pedras esboroadas.

Quando o problema se nos deparar insoluvel teremos de recorrer ao thesouro da imaginação e nella ir buscar a inspiração para o significado fugidio.

Não profanaremos a lingua dos extinctos filhos deste risonho rincão da terra.

Quem sabe que poemas não estarão encerrados no mysterio dos nomes dos nossos pagos? ?

Porque o *Butucarahy* é a *Montanha Sagrada?* Porque ao *Asseguá* se chamou o *Valle da Lua?* Porque á Mãi de Deus se deu uma Terra em *Tupaceretan* e um rio em *Tupancy?*

Haverá nesses nomes só aspecto local? Não terão muito de poesia?

Rio, 1930.

J. B. FORTES

Observação

Muitos nomes geographicos relacionados no presente trabalho não são contemporaneos de missionarios e bandeirantes, são mais modernos, dados successivamente pelos primeiros habitantes das terras, á medida que as iam explorando.

Vão entretanto mencionados porque se originam ou pertencem á lingua tupi.

VOCABULARIO TUPI NA CHOROGRAPHIA DO RIO GRANDE DO SUL

ABUTUHI — Rio affluente do Uruguay, o qual tem moderenamente o nome de Comandahi. Milliet de St. Adolphe dá-lhe o nome de Albutuhi. Em mappas modernos encontra-se a mesma denominação com a explicação de ser Albutuhi o nome antigo do rio.

Em uma carta muito exacta de 1839 este rio traz o nome de MBUTUY. E' bem provavel que haja uma reincidencia de erros nas cartas geographicas. O nome porque o rio é conhecido é o de COMANDAHI.

Albutuhi e Abutuhi podem ser Mbutuhi erradamente escriptos e gravados nos mappas. Millet é fertil em absurdos no seu Diccionario geographico do Brasil. O erro dos gravadores de cartas não é tão raro. Bem recentemente se imprimiu a carta de Cunha Lopes com o nome do rio Turvo transformado em FERRO, erro que vem da carta de Ignacio Coimbra.

Admittindo-se que Abutuhi fosse o nome do rio Comandahi em outros tempos, seria assaz interessantes que se chamasse *rio das abutuas*, como quer Th. Sampaio ou rio dos *papagaios* como explica O. Faria.

A mim parece haver erro no nome e confusão com o rio Butuhi, tambem affluente do Uruguay e muito notavel pela cachoeira do Uruguay que tem o seu nome. (V. Butuhi Comandahi).

AGAREMBO' — Não figura no Dic. de O. Faria. — S. c. *acará-yembó*, o arroio dos acarás. All. acarembú.

AGUAPE' — Arroio tributario do Toropi; arroio no municipio de Conceição. — S. c. *aguá-pé*, cousa redonda e chata, a planta vulgarmente chamada *guapé, guapeba, guapeva*, que

cobre a superficie dos lagos e de aguas remansadas. (Nymphea).

AGUAPEHY — Arroio tributario do Cambuiretan. E' tambem chamado PIAUHY. Rio dos aguapés.

* ABBERI (ALBERI) [1]) — Tributario do Turvo, hoje rio GUARITA. Oct. Faria dá-lhe a significação de *rio das baratas*. Supponho que este Alberi, forçadamente chamado de rio das baratas ou podendo ser o *rio dos tambaris* é outra victima dos gravadores de cartas, pois que, como o seu irmão Mbutuhi, está consignado na carta de 1839 como *EMBERI* ou *Mberi* alterado por corruptela. Neste caso seria o *Rio dos Guaimbés*, planta trepadeira commum na região. Th. Sampaio inclue *imbé* dizendo-a corr. *y-mbé*, a planta rasteira, trepadeira. Em guarani — *guembé*. Alt. *Guaimbé*.

* AMANOHA' — Rio affluente do Uruguay. Pode ser corr. de *mandoaba* ou o lugar das recordações, ou o *sitio das saudades*.

* ANHACUA' — Cachoeira no municipio de Santiago do Boqueirão. S. c. *anhã-cuá*, a cova do espirito errante, *grota do diabo*.

APIAHY — modernamente PIAHY, tributario do Cahy. S. c. *depia-y*, o rio dos machos ou dos homens. Pode ainda ser *apia-y* ou rio dos meninos.

ARAÇA' — Nome commum a diversos cursos d'agua no Estado. E' o nome indigena de uma fructa abundante. (Psidium).

* ARARICA' — Antigo nome do rio Vacacahi-mirim. Pode ser corr. de *arariguaba* ou bebedouro dos papagaios, como pode tambem significar *arari-cáa* ou malla dos papagaios.

* ARARUPA' — Arroio tributario do Uruguay. Corr. de *arara-upá*, lagoa das araras ou papagaios. Os arroios do Rio Grande do Sul tem geralmente o seu curso formado de successivos lagoões, ligados por um continuo canal de desague. O Padre Gay dá para Ararupá a significação de cama do dia.

ARIRANHAS — Arroio affluente do Uruguay. Corr. de *irarana (irara-ana)* a falsa *irara*. E' a lontra do sertão do Norte. No Rio Grande temos duas especies de lontra, que se distinguem pelo focinho, pellado na lontra verdadeira e pelludo na falsa ou ariranha. Esta é tambem muito mais feroz que sua congenere.

ARITICUM — arroio no municipio de Rio Pardo. Corr. de Araticum, s. c. *ara-ticu*, o fructo que reçuma; fructa rala, molle. E' o nome generico das anonas.

---

[1]) Os vocabulos que não estão contemplados no livro do dr. Theodoro Sampaio vão assignalados com um asterisco que os precede.

* ASSEGUA' ou AGEGUA' — Linha de serros na fronteira com a Republica do Uruguay, no municipio de Bagé. Corr. de *jaciguá*, valle da lua ou seio da lua. (A. Carvalho).

* BABARAQUA' — Tambem BABERAQUA'. — Serra entre os municipios de S. Gabriel e Lavras. O Faria dá esse nome como corruptela de *Baeberacuá*, abundantes cavidades com coisas brilhantes ou *Baberá-cuá*, cova de bicho; ou ainda *ibabaebera-cuá*, cavidades com abundancia de pedras brilhantes. Será corr. de *Tapera-cuá*, grota da casa abandonada? *Tapera-guá* ou *taperauá* é o nome das andorinhas, habitantes das taperas. Porque não acceitarmos — *Serra das Andorinhas?*

* BACACAHIQUA' — Tambem VACACAHIQUA' — Arroio no municipio de Livramento. Deve ser corr. de *Yba-cacaiguaá*. *Yba-cacai* é o nome do gavião de fructas, uma ave de rapina do Rio Grande do Sul. (Th. Samapio). *Quá* é forma contracta de *equara* e significa poço, buraco, grota. Assim pode-se traduzir por *Lagoa do Gavião*.

* BACAVERA' —, Cochilha no municipio de Julio de Castilhos. Pode ser corr. de *vaca-ibirá* ou vaca da matta. Vaca é vocabulo hespanhol, introduzido na lingua tupi com a conquista. Deve portanto significar a *Cochilha da vaca alçada*.

BAGE' — Cidade e municipio. Corr. de *pagé*, o feiticeiro, o santão do gentio.

BATOVY — Nome de tres serros: um no municipio de S. Gabriel outro na fronteira do Uruguay, em Livramento e o terceiro á margem do Ibicuhy, abaixo da foz do Nhacundá. Th. Sampaio manda ler o nome Batuvira, de onde elle explica por corr. o nome de Batovy; a significação de *batuvira* é corr. de *mbatuvira*, o cinzentado, o pardacento. Nome dado a um tapirideo da zona do Sul, a mesma *anta-churé* de Minas. Alt. Batuvi, Batovi.

Será mesmo *Serro da Anta Lutuna* o significado de Batovy? A anta hoje é rarissima na serra dos Tapes, conforme von Ihering, havendo ainda certa abundancia na Serra Geral. Haveria outr'ora antas por Livramento e S. Gabriel, em plena campanha?

Ainda pode ser corr. de *ibitu-oby*, ou *butu-oby-e* então se traduziria por *Montanha Verde*. Se fosse corr. de *ibatubi* que Th. Sampaio entende tambem alterar-se para *batuby*, *batuvy* e *batovy*, significaria o rio do pomar. No meio de tão complexas explicações poderemos ainda optar por ibatubi ou *frutal verde* e decidir por ultimo que Batovy significa o Serro Verde.

BATUVIRA — Arroio no municipio de Lageado. V. Batovy.

BIBOCA — Arroio no municipio de Soledade. Corr. de *yby-boc*, o chão fendido ou sulcado; a terra rachada; barro fendido ou gretado.

BIGUA'S — Arroio affluente do Uruguay e cachoeira no mesmo rio. Corr. *mbi-guá*, o pé redondo, o palmipede. *(Carbo brasilianus)*. Alt. *Imbiguá, piguá*.

BIRIBA — Rio e serro no municipio de Guaporé. Arroios nos municipios de Santa Cruz e Santa Maria. Corr. de *mbir-yba*, a arvore de casca ou pelle. Alt. embiriba, ibiriba. Nome dado a uma arvore que se descasca facilmente e de que se tiram fios compridos como o canhamo, a embirra. Nome dado no Rio Grande do Sul aos moradores de Cima da Serra. *Byriba ou Myriba* é nome de mulher, com a mesma significação de Barbara, na lingua tupi.

* BOCO' — Arroio affluente do Sinos, municipio de S. Antonio. Corr. de *mocó* ou *mocoo*, bicho que roe, animal roedor.

BOSSOROCA — Rincão no municipio de S. Sepé. Corr. de *yby-soroca*, a terra rasgada ou fendida: o rasgão no solo. Alt. *Ubussoroca, Bussoroca, Vossoroca*.

BUJURU' — Lagoa no municipio de S. José do Norte. Corr. de *ybujurú*, a boca ou entrada da fonte.

* BURATY — Arroio tributario do rio das Antas. Corr. de *Burity*.

BURITY — Arroio no municipio de S. Sepé. Corr. *mbiriti*, arvore que emitte liquido; palmeira. Alt. *Murity, mirity, mority*.

BURRICA' — Arroio affluente do Uruguay. Nome hybrido composto de *burri e caá*. Significa a matta dos burros. Pode ainda ser corr. de *buri-cá*, isto é matta das *buris*, sendo buri o nome da palmeira *Diplothemium caudescens*.

* BUTIA' — Nome commum a varios arroios e outros accidentes. E' o nome indigena de uma especie de palmeira muito frequente em todo o Estado.

* BUTIATUBA — Sitio no municipio de Conceição do Arroio. Corr. de *butiá-tyba* ou sitio abundante de butiás.

BUTUCARAHY — Serro e rio no municipio de Cachoeira. Corr. de *ybyty-caray*, o monte sagrado.

* BUTUHY — Rio affluente do Uruguay, divisa dos municipios de S. Borja e Itaquy. Cachoeira no rio Uruguay.

Corr. de *ybytu-i*, o rio do vento, da ventania. A' pg. 65 de seu O Tupi, Th. Sampaio dá *ibitu* como exprimindo o vento, o ar, o clima, a *nuvem*. O salto do Butuhi produzirá nevoeiros dando a impressão de nuvem? Produz tal deslocamento de ar que auctorise chamal-o o rio do vento?

CABRIUVA — Serro no municipio de Taquary. Corr. de *caburé-yba*, a arvore do *caburé*, que é o nome de uma especie de ave de rapina.

CABUÇU' — Arroio affluente do Pirahy, municipio de Bagé. Corr. de *cab-uçú*, a vespa grande, o tavão; o marimbondo, uma especie de abelhas.

CAÇAPAVA — Cidade e municipio. Corr. de *caá-açapaba*, a clareira ou aberta na matta: travessia da matta.

* CACEQUY — Rio tributario do Ibicuhy. E' de ordinario considerado como significando o rio do cacique. Entretanto *cacique* não é palavra da lingua tupi, onde o chefe se chamava *tuchaua*. Cacique teria sido sido introduzido na lingua como curuzú, cavarú, pai e outros.

* CACHOIM — Rincão no municipio de S. Vicente. Corr. de *caá-chui* ou matta dos chuis. Chui é voz onomatopaica com que se designam varios passarinhos, entre outros o pintasilgo.

CAHY — Rio affluente do Jacuhy. Corr. de *caá-y*, ou rio da matta. O nome *cahy* ou *cai* tambem se applica a uma especie de simio *(cebus Azarae)* muito vergonhoso e timido. *Cai*, adj. é acanhado, medroso, timido.

Ainda pode ser *cai-hy*, rio das queimadas.

Esta denominação deve prevalecer porque a matta não seria circunstancia impressionante para um rio quando todos elles estariam, ao tempo da catechese, marginados de abundantes florestas.

Os macaquinhos medrosos teriam sido tão perseguidos que nem vestigios deixaram? E se havia macacos no Cahy, elles tambem teriam habitado as mattas dos outros grandes rios da bacia do Jacuhy. Mattas queimadas, talvez roças, teriam necessariamente sido uma surpreza para os exploradores.

CAIABU' — Corr. *caá-ybú*, a fonte ou olho dagua da matta. Póde tambem ser *ca-ybú*, a fonte das vespas. Não figura esta palavra no Dic. de O. Faria.

* CAIBOATHE' — ou ainda GAGUATE' — Arroios nos municipios de S. Gabriel, Alegrete e Quarahy. Cochilha no primeiro delles. Corr. de *caá-iguá-tê*, ou matto de muita fructa, conforme Oct. Fária.

O p. Teschauer diz em um de seus abalisados estudos que havia no Rio Grande entre os rios Cahy e Taquary uma tribu indigena „os *caiguás*, que não deve ser confundida com outra de igual nome entre o Uruguay e o Paraná. Estes bem mereciam o nome que quer dizer gente sylvestre, por sua rudeza e bruteza, em que se pareciam com os irracionaes".

Assim a expressão *caiboathé* pode ser traduzida como corr. de *caa-guá-até* ou sitio verdadeiramente rustico, selvagem

* CAISSA' ou CAIÇA' — Arroio affluente do Piratiny do Norte. Pode significar *caá-içá*, a matta das formigas ou ainda ser corr. de *caiçara*, a estacada, o tapume, o cercado, a trincheira.

CAJU' — Arroio affluente do Sinos. Nome de fructa selvagem e composta de *acã-yú*, o pomo amarello.

CAMACUÃ s. c. *cama-cuã*, ou *cama-guã*, o bico do peito; collina ponteaguda, cabeço ingreme. (v. Camaquan).

CAMAPUÃ — Corr. *cama-poã*, o peito arredondado; o peito saliente; a meia laranja, a collina arredondada, comoro. (V. Camaquan).

* CAMAQUAN — E' um caso typico em que falham as regras da grammatica e o aspecto descriptivo. Th. Sampaio valendo-se da grammatica, isto é, lendo o nome chega á conclusão de que Camacuã é uma collina ponteaguda, um cabeço ingreme. Camaquan é o nome commum a dois grandes rios do Estado. Um é affluente do Uruguay e o outro derrama suas aguas na Lagoa dos Patos. As bacias de ambos têm a maior importancia na hydrographia rio-grandense. Logo não lhes poderia caber um nome que se não compadece com a sua natureza. Não poderia ser dado nome de cabeços a rios de tal vulto.

Será Camaquan corr. de *cambá-guá*, corr. por sua vez de *cambá-quara*, o esconderijo dos negros? (Th. Sampaio).

Os dois grandes rios tiveram pela importancia de seu curso destacado relevo na geographia dos missionarios, muito antes do advento dos negros africanos *(cambá)*; portanto a sua denominação não pode ser tambem esconderijo de negros, o que só poderia occorrer em epocas mais proximas. Assim succedeu com o Cambahy, que tivera antes o nome de Imbrajatuava.

Nas cartas mais antigas o Camaquan traz como denominação — ICABAQUÃ: os desenhadores de cartas foram alterando o nome e este transformou-se para o que é hoje. Do proprio Th. Sampaio sabemos que *cabaquã* quer dizer o buraco

das vespas, o aguilhão ou estillete dos maribondos. (O tupi, pg. 174).

E assim desapparecem duvidas e controversias adoptando-se a explicação mais simples e logica: *Camaquan* é corr. de *Cabaquá* ou rio dos maribondos ou das vespas.

* CAMBAHY — Rio affluente do Vacacahy, limite dos municipios de S. Gabriel e S. Sepé. S. C. *cambá-i*, o negrinho. E pode ainda ser traduzido por *camba-y* ou o rio do negro. (V. Imbrajatuava).

CAMBAQUA' — Não figura no Dic. de O. Faria. Corr. de *camba-quara* o esconderijo dos negros.

* CAMBARA' — Arroios nos municipios de Cachoeira e Cruz Alta. Corr. de *caá-mbará*, a planta variegada, a planta de varias côres.

* CAMBUIRETAN — Arroio affluente do Camaquan do Norte. Palavra formada de *cambuy*, corr. de *caá-mboy*, a planta ou folha que se desprende (myrtacea) e *retama*, terra, região. *Cambuiretan* é a *terra dos cambuys*. Souza Docca dá para significado — a região do vaso dagua.

* CAMOATIM — Arroio affluente do Quarahy. Especie de abelha que fabrica mel muito apreciado, sem fabricar cera. Dá-se o mesmo nome á colmêa.

* CANANÉA — Arroio affluente do Camaquan. Corr. de *canemé* ou *caninée* que foi transformando para *canindé* e lusitanisando-se em *cananéa*. *Canindé* é o nome de uma especie de arara. (Th. Sampaio, pg. 137).

CANGUSSU' — Villa e municipio. Corr. de *acang-uçú*, a cabeça grande. Nome de uma variedade de onça.

CAPANE' — Arroio tributario do Jacuhy. Corr. de *caá-panema*, matto imprestavel, ruim, madeira fraca.

CAPIVARA — Nome largamente distribuido na chorographia do Rio Grande, como os de passos da Areia e os Barros Vermelhos. Corr. de *caa-pi-uára*, o comedor de capim, o herbivoro. Amphibio abundante em todo o Brasil.

CAPIVARY — Igualmente um nome muito applicado na geographia. Corr. de *caa-pi-uara-y*, o rio das capivaras.

* CAPOEIRA — Arroio tributario do Camaquan. Corr. de *caá-puéra* ou matto extincto. (Th. Sampaio, pg. 103).

* CAPOROROCA — Rincão no municipio de S. Gabriel. Corr. de *caá-pororog*, isto é, pau que arrebenta. Nome de madeira muito commum e muito fragil.

* CARÃ — Arroio affluente do Camaquan, municipio de Cangussú. Nome onomatopaico de uma ave aquatica.

CARAGUATAHY — Arroio no municipio de S. Angelo. Corr. de *carauatá-y*, o rio dos gravatás.

* CARAHY-PASSO — Arroio no municipio de S. Francisco de Assis. Palavra hybrida composta de *caray* — o santo, o sagrado e *passo*, palavra hespanhola. Passagem do santo, passo sagrado.

* CARAJA' — Nome de arroios nos municipios de S. Francisco de Paula, Caçapava e Passo Fundo. O J é aspirado como no hespanhol. E' uma especie de taquara que se conserva sempre verde.

CARIOCA — Arroio affluente do Sinos. O mesmo que *carió* ou *cary-yó:* corr. *cari-oc* ou *cari-boc*, o mestiço descendente do branco. Póde vir ainda de *cary-oca*, significando a casa do branco, a reseidencia do europeo. Os naturaes da cidade do Rio de Janeiro são chamados *cariocas*. (Foi provavelmente um *carioca* o primeiro occupante das terras onde demora o curso d'agua).

CAROVY — Rincão no municipio de Santiago. Arroio no de Caxias. *Caarob-y*, o rio das carobas. Pode vir ainda de *caá-r-oby*, o folha azul, o anil.

CARUMBE' — Arroio no mun. de Uruguayana. S. O macho do jaboty ou do kagado. Corr. *cara-mbé*, o casco achatado, aplainado.

CARVORACY — Arroio e banhado no mun. de Alegrete. Pode ser traduzido como o manancial, a fonte do meio da matta.

CATANDUVA — Arroio tributario do Ibicuhy, no municipio de Santa Maria. Corr. de *caátã-dyba*, o local de matto ralo ou do *cerrado* [2]; terreno secco com matto de inferior qualidade.

CATIMBAU — Serro no municipio de Alegrete. Corr. de *caá-tymbá*, o pau muito alto.

CATY — Arroio affluente do Quarahy. Póde ser corr. de *catu-y*, rio bonito ou rio bom.

CAÚNA — Corr. de *caá-úna*, a folha escura, qualidade de matte. Não sei si ha qualquer local com este nome que não está no Dic. de O. Faria.

CAVAJURETAN — Rincão e arroio no municipio de São Vicente. Palavra hybrida de *cavajú* ou cavallo e *retãma*, terra.

[2] Matto ruim no chapadão secco, sertão de Minas e Bahia.

Cavajú é um dos nomes hespanhóes adaptados á lingua tupi. Região dos cavallos.

CAVERA' — Rio affluente do Ibirapuitan e serra que percorre os municipios de Livramento, Rosario e Alegrete. Corr. *caá-berá*, a folha brilhante ou luzidia, qualidade de matte.

Nota: No Paraguay o nome de *caá-berá* é dado á planta *(dracena)* que produz a resina chamada *sangue de drago*.

* CAXAMBU' — Arroio no municipio de Cruz Alta. Corr. *caá-ybú*, a fonte ou o olho d'agua na matta.

* CAYUVA' — Lagôa no municipio de Santa Victoria. Lagoa da canoa. Pode tambem ser traduzido por matta das canoas.

* CEBOLLATY — Antigo nome do rio Turvo, affluente do Uruguay. Rio das cebollas. Nome hybrido. E' muito commum no Rio Grande uma planta com o aspecto da cebolla a que se chama vulgarmente *alho brabo;* talvez provenha d'ahi o nome dado a esse rio e a um outro affluente da Lagôa Mirim.

CHICHUY — Corr. *chi-chu-y*, rio dos pintasilgos. *Chichuy* é voz onomatopaica de aves canoras, como tambem de andorinhas. Alt. *jejuí, jujuí*. Não encontro este nome em nossa geographia. Na Argentina ha a provincia de Jujuí.

* CHIMBORU' — Arroio affluente do Piratiny; banha a cidade de S. Luiz. Póde ser corr. de *timbó*, nome de arvore, e *rú*, velho, ou arroio do velho timbó.

* CHINIQUA' — Nucleo colonial em Santa Maria. Palavra hybrida composta de *china*, da lingua quichúa, significando a serva, a criada, e *quá*, ou o poço da serva, o poço da china.

* CHUNY — Arroio affluente do Piratiny, no municipio de Santo Angelo. Póde ser corr. de *chuy;* ver este nome.

* CHURIEBI — Ribeiro das Missões, nas adjacencias de São Miguel, onde em 10 de Fevereiro de 1756 foi derrotado o Rei Nicoláu I em uma acção contra as forças combinadas de Portugal e Hespanha. *Chury* é uma das denominações que tem a avestruz em guarany; póde ser, portanto, o arroio das avestruzes.

CHUY — Rio que faz a divisa extrema do Brasil com a Republica do Uruguay; s. c. *chuí-y*, o rio dos chuis, sendo *chuí* voz onomatopaica de aves canoras. Tambem póde ser corr. de *chué-y*, que significa rio das tartarugas.

CIPO' — Serro e arroio no municipio de S. Francisco de Paula; corr. de *içá-pó*, litteralmente *galho-mão*, que é o mes-

mo que dizer galho aprehensor, que tem a propriedade de se prender, de se enlear, de atar. Alt. *icepó, cepó, çapó, cipó.*

* COMANDAHY — Rio tributario do Uruguay. E' o mesmo de que já tratámos no vocabulo Abutuhy. S. c. *comandá* — feijão, a fava, o legume, e *y,* rio; rio dos feijões.

* CHUCA' — Arroio no municipio de S. Vicente; corr. de *cochá* vocabulo quichúa significando lagôa, alagadiço, pantanal. [3])

CUNHAPIRU' — S. c. o passo ou váo das mulheres. Tenho tambem ouvido traduzir por mulher magra. Não figura no Dic. de O. Faria.

* CURUA' — Arroio affluente do Camaquan; póde ser corr. de *curiá.* nome de uma especie de palmipedes pequenos.

CURUZU' — Arroios nos mun. de S. Luiz, S. Vicente, Passo Fundo e Caxias. E' o nome que os indios davam á cruz de Christo.

EMBIRA — Lagôa no municipio de Santa Victoria; corr. de *mbira,* o descascado, o tirado da casca. E' a entrecasca resistente de certas arvores, servindo para corda. Alt. *imbira.* E' nome de um arbusto arborescente muito commum e util no Rio Grande.

EMBOABA — Serra no municipio de Dores. Corr. *mboaba,* composta de *mbo-aba,* fazer com que se offenda; mover aggressão; aggredir. Innumeras têm sido as interpretações dadas a esta palavra *emboaba* de procedencia tupi. Pelos seus elementos componentes *mbo-aba* o vocabulo tupi representa uma acção, como se póde ver: *mbo* é o verbo com que no tupi se modifica a acção de outros verbos e traduz-se: fazer com que; *aba,* é o substantivo, derivado do verbo *ab,* ferir, offender, quebrar. Assim, *mboaba* se traduzirá a provocação, a aggressão, a hostilidade; não é um epitheto individual. Chamar, portanto, *emboaba* a um individuo, é já no sentido de que elle é do bando da aggressão, da grei dos provocadores. Alt. *imbuaba, embuava, buava, boava.* Outra alteração de uso frequente é *puava,* arisco, bravio, indocil, perverso, máo; empregada no Rio Grande do Sul tanto para animaes como para pessoas.

GARUPA' — Arroio tributario do Quarahy. Theodoro Sampaio dá a forma *garopá* que traduz como corr. de *ygara-paba,* o lugar das canôas, o porto. Alt. *igarapá, igaropá.* Este

[3]) A lingua *quichúa* é um dialecto do tupi, fallado em Salta, Santiago del Estero e Bolivia.

mesmo nome da *garupá* é dado a uma planta vulgar no R. G. do Sul.

* GERIBATU' — Grande banhado no mun. de Santa Victoria. Corr. de *geribá-tuba; geribá* é por sua vez s. c. e corr. de *yari-ibá* o fructo que cahe atôa, nome de palmeira commumissima; *tuba* ou *tyba* quer dizer abundancia. Banhado dos geriváseiros.

GERIVA' — Serro no mun. de Pelotas, arroio no de Taquara e lagôa no de S. Gabriel. Nome de palmeira; ver *geribatú.*

GRAVATA' — Arroio tributario do Guarita; corr. de *caraúá-tá,* o *caraúá* rijo; *caraúá* é corr. *cará-uá,* talo armado de espinhos, bromelia cujas folhas dão excellentes fibras para varios mistéres industriaes, cordas, tecidos, papel.

GRAVATAHY — Rio tributario do Guahyba. Corr. de *caraúá-tá-y,* o rio dos gravatás.

* GRUMATAN — Arroio affluente do Antas, no mun. de Bento Gonçalves. Nome de peixe d'agua doce. Corr. de *curimatã.* Alt. *coromatá, corumbatá.*

GUABIJU' — Nome de varios accidentes geographicos. Corr. de *guabi-yú,* o comestivel amarello, allusão ao fructo da planta deste nome.

GUABIROBA — Arroio no mun. de Passo Fundo. S. c. *guabi-iroba,* o comestivel amargo ou fructo que trava. No Rio Grande é a *„eugenia variabilis"* ou *„xantocarpa"*; no Pará é a *„eugenia mirobalana"*. Alt. *guaviroba, guabirova, guamiroba.* No Paraguay chama-se *guavirá* á arvore da guabiroba, e *guavirá-mi* ao arbusto que dá a guabiroba do campo.

GUAÇUPITÃ — C. *guaçu-pitã,* o veado pardo ou vermelho. Não figura no Dic. de O. Faria.

GUAYBA — Nome do estuario do Jacuhy, que banha a capital riograndense; antigamente *guay-be,* c. de *gua-y-be,* que quer dizer: na enseada, na bahia. *Guay* significa agua em seio, enseada, bahia. A traducção de *guahyba* é o seio das aguas.

GUAPITANGA — C. *guá-pitanga,* a madeira vermelha. Não é encontrado este nome em O. Faria.

GUAPITANGUY — Arroio affluente do Quarahy. Corr. de *guá-pitanga-y,* o rio dos paus vermelhos.

* GUAPORE' — Rio affluente do Taquary, municipio. Corr. de *ibá-porei,* nome de um arbusto da familia das *myrtaceas,* cujos fructos são comestiveis. As flores e os fructos

nascem como na jaboticaba, junto ao tronco. Martius dá como significando cachoeira no campo.

GUAPUHY — Lugar no mun. de Itaquy. Corr. de *guápu-y*, individuo delgado, o páu fino, o cipó. Alt. *guarapuhy*.

GUARA' — Arroios nos mun. de Taquara, Piratiny, Guahyba, Cangussú e Rosario. S. a garça vermelha, a ave aquatica (ibis rubra). E' frequente a troca de *guirá*, passaro, ave, por *guará*.

No Rio Grande dá-se tambem o nome de *guará* a uma especie de lobo ou cão sylvestre. Quando haverá referencia a garça? Quando ao lobo?

GUARANY — Nucleo colonial em Santo Angelo. Serro no mun. de S. Gabriel. Nome da nação indigena que occupava o Rio Grande do Sul e o Paraguay. Corr. de *guarini*, o guereriro, o lutador.

GUARAPUITAN — Arroio affluente do Uruguay. S. C. de *guará-puitan*, o individuo vermelho: a madeira vermelha ou parda.

Neste caso *guará* será a corr. de *ibirá*. Póde tambem ser: a garça parda.

* GUARATINGAHY — Arroio affluente do Jacuhy. S. c. de *guarátinga-y*, ou rio das garças brancas.

*GUARAXAIM — Arroios nos mun. de Camaquan e S. Luiz. E' o nome indigena do cão sylvestre. Th. Sampaio diz ser *guá-chinim*, o que rosna, o roncador, allusão ao habito desse animal de rosnar quando se lhe toca.

Temos duas especies de quadrupedes deste genero conforme Ihering: o *„canis azare"* ou guaraxaim, e o *„canis carvorus"* ou cachorro do matto.

* GUARY — Arroio affluente do rio dos Sinos, no mun. de S. Leopoldo. Corr. de *guari-y*, ou rio dos macacos.

GUASSÚBOY — Arroio no mun. de Alegrete. C. de *guaçu-mboy*, a cobra de veado. *Guassú* ou *guaçú* como adjectivo exprime grande, grosso, largo, amplo. Póde portanto tambem ser o rio da cobra grande.

* GUASSUPITÃ ou GUAÇUPITÃ — S. c. de *guaçú-pitã*, o veado pardo ou vermelho. Não figura no Dic. de O. Faria.

* GUASSUPY — Arroio tributario do Toropy. C. de *guaçú-pe-y* ou rio do caminho do veado.

* GUATEMY — Arroio no mun. de Cangussú. Corr. de *igara*-canoa e *timi*, rostro, prôa, bico.

* GURUPU' — Morro no mun. de Taquary. Deve ser corr. de *urú-ú*, o *urú* come, ou lugar onde vivem os urús, ou ainda, a ave voraz, uma das modalidades do nome *urubú*.

A transformação de *urú* em *guru* é frequente, como em *urupema*, que se diz tambem *gurupema; uratinga* que passa a *guiratinga; urarema* passando a *guararema*, etc.

Gurupú, é pois, cabidamente, o morro dos urubús.

HUMAYTA' — Ilha no rio Jaguarão. Corr. de *mbaitá*, o papagaio pequeno, tambem conhecido por *maitáca* (psittacus cyanogastra).

IACAYOBY — Corr. de *yacã-y-oby*, o ribeiro de agua verde. Não se encontra em O. Faria.

IATUARA — Arroio affluente do Piratiny, no mun. de S. Luiz. Corr. de *yatyara*, o fazedor de cúias.

IBARE' — Arroio no mun. de Lavras. Corr. de *yba-aré*, o fructo cahido. No Paraguay dão o nome de *ibaró* á arvore do sabão.

IBATOBY — Corr. *yba-tyb-y*, o rio do pomar. Alt. *batohy, batuvy, batovy*.

IBICUHY — Rio tributario do Uruguay. Corr. de *ybycui-y*, o rio das areias. *Ybicuí*, corr. de *yby-cuí*, significa a terra fina, a areia, o pó. Em cartas antigas este rio tem o nome de Ibicuity, (Poranduba, Padre Teschauer) o que não altera a significação já dada.

* IBIRAYRPERO' — Antiga denominação do rio Ivahy. Corr. de *ibyrá-y-pirá*, a madeira verde. Póde tambem ser c. de *ybirá-y-perau*, o sumidouro da arvore.

* IBIPUITAN — Arroio affluente do Ilú, mun. de Santiago. S. c. de *yby*-terra e *puitan*, vermelha; arroio do barro vermelho.

* IBIQUA' — Arroio affluente do Ijúhy, mun. de S. Luiz. Corr. de *yby-coara*, cova na terra, a sepultura. Arroio da sepultura.

IBORA' ou IVORA' — Arroio no mun. de Julio de Castilhos. Corr. de *yporã* ou *yborã*, agua bonita. (V. Ivorá).

IBIRAPUITAN—Rio affluente do Ibicuhy. Corr. de *ybirá-pitanga*, madeira vermelha. O angico é madeira abundante nas mattas do rio. Pode tambem ser matto de pitangueiras. (Pitanga é fructa commum).

IBIROCAY — Rio tributario do Ibicuhy, limita os mun. de Alegrete e Uruguayana. Corr. de *ybyr-ocai*, o curral feito

de esteios, a manga, o potreiro. *Ibirocay*, corr. de *ybirocai-y*, quer dizer rio dos curraes ou potreiros.

IBYA' — Corr. de *yby-ã*, terra erguida, região elevada, chapada ou planalto. Não está no Dic. de Oct. Faria.

* IGABACUÃ — Nome com que as cartas mais antigas denominam os dois Camaquans. (V. este nome).

IÇACA' — Corr. de *yça-cã*, os gravetos, os ramos seccos. Não figura no Dic. de Oct. Faria.

*IGORIASSA' — Arroio tributario do Camaquan do Norte. Talvez corr. de *y-goatussaba*, o rio da peregrinação.

* IGAHY — Antigo nome do rio Jacuhy. (V. esta palavra). *Igaú* é o nome guarany da planta parasita conhecida por barba de pau ou barba de velho.

* IJUHY — Rio tributario do Uruguay e municipio. Rio das rãs. Em mappas antigos se encontra este rio sob a denominação *yui; yui* é corr. de *gyi-i*, augmentativo de *gyi*, a rã grande, de cor escura. Ainda hoje é commum no Estado ouvir chamar de *gia* á rã.

* IMBAHA' — Arroio affluente do Uruguay, no mun. de Uruguayana. Póde ser corr. de *imbé*. (V. este vocabulo).

IMBE' — Banhado tributario da lagôa Tramandahy. Corr. de *y-mbé*, a planta rasteira, trepadeira (philodendrum), em guarany *guembé*, alt. *guaimbé*.

* IMBOY — Banhado no mun. de S. Gabriel. Banhado das cobras.

* IMBRAJATUAVA — Nome dado em cartas antigas ao Cambahy, affluente do Vaccacahy. *Imbrajatuáva* foi nome que se perdeu, dando lugar ao actual de Cambahy ou o rio onde se escondiam os negros. E' portanto nome adquirido em época mais recente, quando os escravos fugidos iam se acoutar nos mattos. Este detalhe é de grande importancia quando se estuda o nome do rio Camaquan, que não póde assim ser ligado ao cambá, ou negro africano. S. c. de *ibirajá*, corr. de *ybira-ya*, a arvore fructifera, e *tyaia*, vertente, o que pinga ou mina; vertente das arvores fructiferas.

* INGAHY — Tambem chamado GAHY. Affluente do Jacuhy, no mun. de Cruz Alta. S. c. de *ingá-y; ingá* é corr. de *y-igá*, o que é embebido ou humido, allusão á polpa do fructo do ingaseiro. Rio dos ingás.

* INHAGAPUITAN — Arroio tributario do Piratiny, mun. de Santo Angelo e Santiago. Tambem chamado *Nhacapetum*. *Inhá* quer dizer agua corrente; *puitan* é o adjectivo pardo ou vermelho. *Inhacapuitan* quer portanto dizer: agua corrente em matta vermelha, provavelmente descrevendo a côr dos sarandys que se cobrem de folhas vermelhas em certa época do anno. E' bem applicado o nome de rio dos sarandys vermelhos.

* INHAGOCRE' — Arroio affluente do Carreiro, no mun. de Guaporé. Póde ser corr. de *inhan-coquéra*, isto é, a corrente, o rio da roça velha.

Coquéra é, segundo Martius, synonimo de *capoeira*.

INHACUNDA' — Arroio affluente do Ibicuhy. Corr. de *y-nhã-cundá* a corrente sinuosa, agua corrente em curva.

* INHAME — Arroio tributario da lagôa dos Patos. Nome de planta.

* INHANCEVA' — Serra no mun. de S. Francisco de Assis. Póde traduzir a origem, a nascente de muitas aguas.

* INHANDIJU' — Arroio tributario do Jaguary. Póde ser corr. de *inhan-iyjú*, ou agua corrente no barro.

* INHANDUHY — Rio affluente do Ibarapuitán. S. c. de *inhandú* a avestruz, e *y*, agua; rio das avestruzes, abundantes ainda hoje nas adjacencias do rio.

INHATIUM — Arroio e banhado no mun. de S. Gabriel. Corr. de *nhati-ú*, o que pica com o ferrão. E' um mosquito pernilongo *(culex)* que zune á noite. Banhado dos mosquitos.

* INHOVERA' — Arroio no mun. de Palmeira. Corr. de *ynhã-verá*, agua corrente e brilhante.

IPANE' — Povoado no mun. de Uruguayana. Forma guarany de *ipanema*. Ipanema é corr. de *y-panema*, agua ruim, imprestavel; o rio sem peixe, ou ruim para a pesca.

IPE' —Morros nos mun. de Conceição e Taquary. Nome de uma arvore preciosa significando *y-pé* ou *yb-pé*, a arvore cascuda.

IPUICHIM — Arroio affluente do Amanohá, mun. de S. Borja. Corr. de *y-pui-cim*, a agua tenue e luzidia, o filete d'agua brilhante.

* IPUITAN — Arroio no municipio de S. Borja. Rio vermelho ou rio Pardo.

* IPYRANGA — Arroios nos mun. de Gravatahy e Cahy. S. c. de *y*, agua e pyranga. Rio vermelho.

IRAPUA' — Arroio tributario do Jacuhy. Corr. *irá-apoã*, o mel levantado ou abelheira erguida, assentada no alto. E' o nome de uma abelha aggressiva e que faz a sua colméa nas

mais altas arvores. A colméa tem a forma arredondada. *Poã* em tupi significa redondo.

* IRIGUATY — Arroio no mun. de S. Angelo. Nome de abelha sylvestre.

IRUHY — Arroio affluente do Pequery; limita os mun. de Cachoeira e Rio Pardo. Corr. de *y-roy*, a agua fria.

* ITABY — arroio no mun. de S. Borja. Póde ser corr. de *itabira*, a pedra levantada ou empinada.

ITACOROVY — Arroio affluente do Camaquan do Norte. C. de *itacurub-i*, o seixo pequeno, o pedregulho. Rio do cascalho ou do pedregulho.

ITACOLUMY — Serra e morro no mun. de Gravatahy. — Serros no mun. de Rio Pardo e no de S. Gabriel. Corr. de *itacuruxi*, o menino de pedra, allusão ao facto de ser o pico que tem este nome formado por um grande penedo, com outro menor ao lado, a guisa de filho.

Th. Sampaio allude neste caso ao Itacolumy, o caprichoso gigante de pedra, que ajoelhado como um monge eternamente reza nas proximidades de Ouro Preto. O Itacolumy de Gravatahy é um pico isolado, no extremo de um contraforte a que dá o nome, menos alto e destacado da cordilheira, da qual parece um filhote.

* ITACORA', tambem chamado ITAPORA' — Arroio no mun. de S. Borja. Corr. de *itaporanga* ou pedra bonita. Alt. *Itaporã, itáborã*.

ITAIPAVA — Figuram no Dic. de O. Faria as itaipavas de Flores e a dos Ramos. E' o nome indigena das pequenas cachoeiras. Corr. de *itai-paba* a estancia ou pouso do pedregulho; o banco de seixos ou de cascalhos formando travessão no leito dos rios. *Itaim* quer dizer, a pedra pequena, a pedrinha, a conchinha.

* ITAJASSE' — Arroio tributario do Pindahy, mun. de Uruguayana. Póde significar a pedra da lua, por corr. de *ita-jacy*.

ITAJOA' — Arroio tributario do Uruguay. Corr. de *itaguá*, o barreiro salitroso que os animaes comem. Alt. *Taguá, tauá, tabá, itaguatá*.

ITAMBE' — Arroio tributario do Santa Maria, mun. de Rosario, tambem chamado *Ituzaingo*. Corr. de *itaá-imbé*, a pedra afiada, o penedo ponteagudo. As pedreiras cortadas a pique formando precipicios se chama no Rio Grande — *Taimbé*, corr. da palavra composta acima.

ITAMORENDENGUE — Corr. de *ita-morã-d-enga*, pedras soltas esparsas. Não encontra-se este nome no Dic. de O. Faria.

ITAPEVA — Lagoa no mun. de Torres. Corr. de *ita-peba*, a pedra rasteira, a lage, o penedio. Alt. *Itapeba, itapé*.

ITAPEVY — Arroio divisor dos mun. de Rosario e Alegrete. Serro no mun. de Rosario. Corr. de *itapeb-y* ou o rio lageado.

* ITAPITANGUY — Arroio affluente do Quarahy. Mun. de Uruguayana. Corr. de *itá-pitang-y*, ou o rio das pedras vermelhas.

ITAPITOCAY — Arroio affluente do Uruguay, mun. de Uruguayana. Corr. de *itapy-tocai*, o curral de pedra, o recinto murado. (V. Tapitocai).

ITAPORA — V. Itacorá. Póde tambem ser corr. de *itáporã*, o que tem pedra, o pedregoso.

* ITAPOROROʼ — Arroio affluente do Ibicuhy, mun. de Alegrete. Corr. de *itá-pororoca*, a pedra estrondante ou que arrebenta com ruido. Confunde-se geralmente com *capororoca* que quer dizer pán que estala.

ITAPUAN — Ponta no Guahyba, á entrada da Lagôa dos Patos. Corr. de *itá-apuã*, a pedra redonda, o bloco de pedra. Póde tambem proceder de *itá-poã*, a pedra erguida, o penedo levantado.

* ITAPUHY — Antigo nome dado ao rio dos Sinos e um dos grandes rios que forma o estuario do Guahyba. Corr. de *itá-poi*, a pedra delgada ou em folhetas; o schisto, o folhelo.

Th. Sampaio dá essa significação para *itapuy*: linhas acima encontra-se em seu Vocabulario a palavra „*itapúa* — corr. de *ita-púa* a pedra sonora, o metal sonante, o sino". De tal maneira, *itapuhy* póde tambem ser composto de *ita-púa-y*, ou o rio da pedra sonante ou rio dos sinos.

Haverá no curso do rio algum accidente que auctorise a hypothese lançada? Ou será o nome do rio, dos *sinuos*, ou rio de muitas sinuosidades, como de facto acontece, tendo até um trecho chamado a *tripa de vaca*?

Fica o problema do Itapuhy; rios dos schistos? rio dos Sinos? rio dos sinuos?

* ITAQUARARE' — Ilha do Uruguay, mun. de S. Luiz. Composta de *itaquá-raré*, isto é, *itaquá* a ponta de pedra e *raré*, adjectivo, solapada.

* ITAQUATIA' — Serro no mun. de Livramento; arroio e banhado tributarios do Ibicuhy da Armada. Corr. de *itacoatiara*, a pedra pintada, a pedra escripta.

ITAQUY — Cidade e municipio. Corr. de *ita-ky*, a pedra aguçada, a pedra de amolar.

* ITAROQUEM — Campos famosos no municipio de S. Borja. Não incluido este vocabulo no Dic. de Octavio Faria. Corr. de *y-toro-quem*, agua que jorra ruidosamente.

ITATY — Povoado no mun. de S. Luiz. Corr. de *ita-ty*, o liquido manado da pedra, o manancial das pedras.

ITAUN — Passo no rio Ibicuhy. Corr. de *itá-una*, a pedra preta, o ferro, o minerio.

ITU' — Rio tributario do Ibicuhy. Arroio affluente do Piratiny. Mun. de S. Angelo. Corr. de *y-tú*, a queda d'agua, o salto, a cachoeira. Alt. *Outú, Uitú*.

ITUZAINGO — Nome dado ao Itambé. (V. este vocabulo). Memoravel por ter legado essa denominação á batalha de 20 de Fevereiro de 1827. *Ituzaingo* ou *Ituzaingá* é corr. de *itú-gaingá*, o salto a pique ou a prumo.

IVAHY — Arroio affluente do Jacuhy. Divisa entre os municipios de Cruz Alta e Julio de Castilhos. Corr. de *ybá-y*, o rio da fructa. Póde proceder tambem de *yiba-y*, que significa o rio das flexas.

IVAICA — Corr. de *ybá-yg*, a agua de fructas, o vinho. Não figura no Dic. de O. Faria.

* IVORA' — Arroio no mun. de Julio de Castilhos. Provavelmente corr. de *y-borá* ou *y-porá*, agua bonita ou rio bonito. Póde tambem ser *rio das vorás; vorá* é o nome de uma abelha sylvestre.

JABOTICABA — Arroios nos mun. de Palmeira e Alfredo Chaves. Corr. de *yabuti-caba*, a gordura do kagado. O vocabulo porém, é dos que admittem diversas interpretações. Considerado como corr. de *yabuty-guaba* quer dizer comida de kagado; se porém como affirma Bap. Caetano, for composto de *yamboticaba*, significa — fructo em botão, ou aboloamento de fructas. *(Eugenia cauliflora)*.

JACANHYOBY — Corr. *yacá-y-oby*, a nascente verde. Não se encontra no Dic. de Oct. Faria.

* JACAQUA' — Arroio tributario do Ibicuhy, mun. de Alegrete. Corr. de *yacã-guara*, a grota do manancial, a nascente da grota.

JACARACY — Arroio no mun. de Alegrete. Corr. de *yá-caracy*, a vertente ou manancial curto, como sóe acontecer nas cabeceiras.

JACARE' — Nome dado a muitos accidentes geographicos no Rio Grande do Sul. Corr. de *ya-caré*, aquelle que é torto ou sinuoso. Póde ser ainda *y-echá-caré*, aquelle que olha de banda. *(Crocodilus clerops)*.

JACAREHY — Arroio no mun. de Alegrete. Corr. de *yacaré-y* ou o rio do Jacaré.

JACU' — Curso d'agua no mun. de S. Sepé. Corr. de *yacú*, adj. esperto, cuidadoso, desconfiado, cautelloso. E' o nome da ave Penelope. Bap. Caetano decompõe o vocabulo em *y-a-cú* e o traduz — o que come grãos.

JACUHY — Rio que forma a maior vertente oriental do Estado. Recebe as aguas de uma immensa região e prolongando-se com o Guahyba despeja-se na Lagôa dos Patos.

Teve este rio o nome de Igahy, que veio a perder, adquirindo o actual, como se deprehende do exame de cartas geographicas de tempos mais remotos de nossa historia. Corr. de *yacú-y*, o rio dos jacús. Póde tambem proceder de *y-acui*, o rio enxuto, o rio temporario.

Eis um caso em que a explicação baseada somente na grammatica falharia. Dizer que o rio Jacuhy é rio temporario seria um desproposito. *Rio dos jacús* póde ser porque ha abundancia dessas aves nas maltas do Jacuhy. Portanto cabe a circunstancia occasional para a denominação do rio. Entretanto os primeiros baptisadores do rio chamaram-n'o o rio das barbas de pau, outro caracteristico que impressionou aos primitivos viajores. Vê-se deste exemplo quão arriscado é fazer affirmativas neste assumpto, os nomes da geographia e a razão de sua escolha.

JACUTINGA — Arroio affluente do rio da Varzea; limita os mun. de Palmeira e Passo Fundo. Corr. de *yacú-tinga*, o jacú branco. *(Penelope leucoptera)*.

JAGUARÃO — Rio tributario da Lagôa Mirim e limite do Brasil com a Republica do Uruguay: mun. e cidade. Corr. de *yaguar-ãã*, a onça pequena, a onçasinha. Póde ser derivado de *yagua-nharão* e então significa o cão bravo, a onça feroz. A par destas duas explicações ministradas por Th. Sampaio podemos admittir ainda a posivel corr. de *yaguar-una*, ou a onça preta. Seja qualquer dellas o rio Jaguarão póde ser traduzido pelo rio das onças.

JAGUARY — Rio affluente do Ibicuhy. Villa e municipio. Tambem rio e serra nos mun. de S. Gabriel e Lavras. Corr. de *yaguar-y*, ou rio da onça. *Jaguar* é corr. de *ya-guara*, aquelle que devora ou dilacera, o devorador. Forma primitiva no tupi — *yauara*. No guarany — *yauá*... Alt. *jaguá, jaguara*.

JAPEJU' — Arroio affluente do Uruguay. Ilha no mesmo rio. Corr. de *yapó-yú*, o alagado podre, o pantanal.

JAPOAHYBA — Corr. de *yapó-ayba*, o pantano ruim ou perigoso. Não incluido no Dic. de O. Faria.

* JAPEPO' — Arroio no mun. de Cruz Alta. No Paraguay a significação da palavra *yapepó* é marmita, caldeirão, panella.

JARARACA — Arroios nos mun. de Alegrete, Guaporé e Antonio Prado. Corr. *ya-ra-raca*, aquelle que colhe ou agarra envenenando, o que tem o bote venenoso. (Lachesis).

* JARÁU — Serro no mun. de Quarahy. Corr. de *yará*, o senhor, o dominador. *Yara-guã* significa o dedo de Deus, a porta do Senhor. *Jaráu* póde tambem traduzir o mesmo symbolo elevando-se dominante na planura circumdante.

JARY — Povoado e colonia no mun. de Julio de Castilhos. Corr. de *yará-y*, ou o rio do Senhor.

* JEQUY — Nome com que figura em mappas antigos o actual rio Pardo, affluente do Jacuhy. Provavelmente com o advento dos portuguezes e construcção do forte de Jesus, Maria, José, no local onde hoje demora a cidade de Rio Pardo o rio foi chrismado, com muita propriedade, pela côr de sua corrente, para rio Pardo. *Jequy* póde ser corr. de *jiqui* ou *y-ikê-i*, aquelle em que se entra (Bap. Caetano). E' o covo ou nassa para apanhar peixe. No Norte do Brasil *juki*. Alt. *Jequi, juki*.

Póde-se admittir ainda uma ultima hypothese e é a de que esse nome fosse confusão com o de Jacuhy.

* JIQUIQUA' — Arroio affluente do Ibirocay. Corr. de *y-ike-i-guá*, significando buraco para o covo ou ainda lagoão onde é facil apanhar o peixe.

JOA' — Arroio no mun. de S. Francisco de Paula. Corr. de *á-yá-á*, a fructa colhida no espinho. *(Zyziphus)*.

* JOAHY — Arroio affluente do Piratiny, mun. de S. Luiz. Rio dos joás. (V. joá).

* JUCARIPY — Arroio no mun. de S. Angelo. Póde se traduzir por arroio ou rio no caminho do saleiro, pois que ao sal davam os tupis o nome de *juquera*. (V. Juquery).

JUNDIA' — Localidade no mun. de S. José do Norte. Corr. de *yu-ndi-á*, a cabeça armada de barbatanas. E' o peixe de agua doce. *(Platystoma spatula)*.

JUQUERY — Arroio affluente do Uruguay, mun. de S. Borja. Corr. de *yu-ker-i*, o espinho propenso a dormir. Nome commum das Mimosaceas. Com a lixivia desta planta tirava o gentio uma especie de sal com que temperava os seus manjares. Chamavam ao sal — *jukyra* ou *juquera*.

LAMBARY — Arroio tributario do Taquary. Corr. de *arambery*, o peixinho de agua doce, semelhante á sardinha. Alt. *Arabery, Alambary*.

* LIXIGUANA — Arroio affluente do Camaquam. Nome indigena de uma especie de abelha.

MACUCO — Arroio no municipo de Lageado. S. c. de *na-cúcú*, a cousa de muito comer, ou muito bom de comer; allusão ao physico da ave deste nome, a qual tem „no peito mais titellas que dois gallipavos". *(Trachyfelmus brasiliensis)*.

MAMPITUBA — Rio que separa os estados do Rio Grande e S. Catharina. Antigamente *Mboypatyba*, corr. de *mboi-ypatyba*, o brejal das cobras.

MANDAÇAIA — Arroio affluente do Ijuhy. Corr. de *manda-çãia*, o ninho estendido; allusão á forma do ninho da abelha deste nome, feito de barro com um orificio de entrada saliente. *(Melipona anthivide)*.

* MAQUINE' — Rio que se lança na Lagôa de Quadros, mun. de Conceição. Penso que este nome não pertence á lingua Tupi.

* MARATA' — Arroio tributario do Cahy, mun. de Garibaldi e Montenegro. Póde ser corr. de *Maracá*, o nome do chocalho, instrumento de guerra. *Maracá* é corr. de *marã-acã*, a cabeça de fingimento ou de ficção, instrumento usado pelos feiticeiros, (pagés) feito de uma cabaça do tamanho da cabeça humana com orelhas, cabellos, olhos, narinas e boca, estribado numa flexa como sobre o pescoço. Servia para suas prophecias e revelações.

MARICA' — Arroio que limita os municipios de Lavras e Caçapava. Corr. *Maricá* o *mari* pungente, o espinheiro proprio para sebes. *Mari-é* (o nome proprio para as diversas especies de cassias entre os tupis).

* MINUANO — Arroio affluente do Jaguarão. Serro no mun. de S. Gabriel. Nome de uma nação indigena que habitou o Rio Grande. Deixou tambem o seu nome perpetuado no

rigoroso, porém saudavel vento sudoeste que varre o Estado, repontando as nuvens, absorvendo a humidade das terras e emprestando vigor para a vida e para as luctas aos filhos da região.

MIRIM — A grande lagôa, irmã da dos Patos, proxima á costa do Atlantico. O seu nome significando *pequena, miuda,* é a antithese da grande bacia que tem nada menos de 250×50 kms. de dimensões. Lagôa pequena em comparação com a dos Patos, que tambem foi a Lagôa Grande, como se vê em cartas primitivas.

MUÇUM — Povoação no mun. de Guaporé. Corr. de *mo-cym* (pronunciado *mo-ciim)* o que faz que deslise, o escorregadio, o resvaloso. E' a enguia do Brasil. Alt. *maçu, muçú.*

MOMBUCA — Arroio no mun. de Cruz Alta. Corr. de *mô-buca,* o furo, o furado, nome de uma abelha sylvestre.

MOTUCA — Morro no mun. de Taquary. Corr. *mo-tuca,* faz que perfure; a pungente, a aguilhoante. Alt. *Mutuca, Butuca.* E' o nome da mosca de verão que tanto atordoa e martyrisa humanos e animaes.

MUCUNÃ — Salto no rio Uruguay. Não figura no Dic. de O. Faria. Corr. de *mo-co-n-ã,* faz arrimo alto, a trepadeira. Planta sarmentosa que sobe pelas arvores grandes, lançando ramos como vides e dá uma favas redondas, aleonadas, tendo estas um circulo preto ao redor e na cabeça um olho branco. São favas peçonhentas mas que o povo sabe tratar e come em tempo de secca.

NHACAPUITAN ou NHACAPETUN — V. Inhacapuitan.

NHACORA' — Arroio affluente do Uruguay, limita os mun. de Palmeira e S. Angelo. Palavra hybrida do tupi e do hespanhol. *Nhacorá* é o curral de correr, o pateo de corridas.

NHACUNDA' — V. Inhacundá.

* NHACURUTU — Arroio no mun. de S. Borja. E' o nome dado a uma grande coruja. A' menor de todas as corujas conhecidas é chamada no Paraguay de *caburé.* Th. Sampaio diz que caburé é uma ave de rapina.

NHANDUHY — V. Inhanduhy.

PACA — Arroio affluente do Comandahi.

PACAS — Arroio no mun. de Torres. S. gerundio — supino do verbo *pag,* despertar, accordar, estar vigilante; *paca* é pois a desperta, a accordada, a que está sempre attenta. E' o animal roedor. *(Coelogenis paca).*

PACU' — Arroio no mun. de Uruguayana. Corr. de *pag-ú,* o comer desperto, isto é, o que é vivido no comer, ou tomar a isca. E' o peixe fluvial *Prochiladus argenteus.*

* PAREGY — Arroio affluente do Cahy, mun. de S. Sebastião. Nome de uma nação de Indios.

PAROBE' — Lagôa no mun. de Alegrete. Corr. de *yparob-é,* a lagôa de sabor amargo. Póde ser ainda corr. de *ypérob-é,* a casca de sabor amargo.

Entre as duas significações a primeira é a mais logica. Resta saber se as aguas da Parobé serão salobras.

PARY — Arroio e serra no municipio de Palmeira. S. c. cercado para apanhar peixe, a caniçada ou curral de peixe.

* PATOS — A grande lagôa ou mar interior. Seu nome provem de uma das nações de indios que habitaram as suas margens. Muitas tem sido as investigações sobre tal denominação sendo que o nome de *Patos* é encontrado sempre ligado ao da lagôa, desde os mais antigos mappas conhecidos das terras rio-grandenses. O nome da conhecida ave é o que parece definitivamente affastado de tal designação.

* PAYPASSO — Arroio no mun. de Alegrete e cochilha no de Quarahy. Denominação hybrida significando o passo, o vão do padre. *Pay* é como os indios chamavam aos padres.

* PEPERY-GUASSU' — Ilha no Uruguay. Compõe-se de *pipiry* e *guassu,* porque certamente haveria dois *peperys,* um maior, o *guassú* e outro *mirim* ou pequeno. *Pepery-guassú* é o nome do rio que faz barra no Uruguay e divide o Brasil da Argentina no famoso territorio das Missões, tendo sido objecto de secular discussão entre os dois paizes. A ilha está situada nas adjacencias da foz do rio. *Pipiry* é corr. de *pipir-y,* a agua borbulhante ou cheia de nervura. Agua escachoante.

PEQUIRY — Rio affluente do Jacuhy. Corr. de *piquir-y,* o rio dos peixinhos.

PERAU — Morro no municipio de Lageado. S. c. de *pe-rau,* o caminho falso; o fojo, o sumidouro, buraco sob agua.

* PETIM — Arroio affluente do Guahyba. Corr. de *petym,* o fumo, o tabaco, (nicotina). Alt. *petin, petum, betim, pitim.*

PIAHY — V. Apiahy.

PIAUHY — Arroio tributario do Cambuiretan. V. Aguapehy. Corr. de *py-yau-y,* o rio dos *piaus.* Piau é corr. de *py-yau,* a pelle manchada; é o nome de um peixe de agua doce.

* PINDAHY — Rio affluente do Uruguay, tambem chamado Santo Christo. Arroio affluente do Touropasso, mun.

de Uruguayana. S. c. *pindá-y* ou rio do anzol. *Pindá* é anzol, gancho, a fisga, a garra.

PIRAHY — Arroio tributario do Negro, mun. de Bagé. Lagôa no mun. de D. Pedrito. S. c. de *pirá-y* ou o rio do peixe. *Pirá* é o subst. designando peixe em lingua tupi.

PIRAJA' — Arroios nos mun. de S. Sebastião e Ijuhy. Corr. *pira-yá*, capaz de peixe, o viveiro de peixes.

PIRAJU' — Arroios no mun. de S. Luiz e no de S. Francisco de Assis. Corr. *pira-yú*, forma contracta de *pirá-yuba*, o peixe amarello, o dourado.

PIRANGA — Arroio no mun. de Ijuhy. Adj. vermelho, corado, ruivo, pardo, rubro. Alt. *piran, pirã*.

PIRAPO' — Salto do rio Ijuhy, mun. de S. Luiz. Corr. de *pirá-pora*, a moradia do peixe; o que contem peixe. Significa tambem — o peixe salta, no tupi amazonico. Alt. *pirapó*, pirapúra. Cachoeira rica de peixes.

PIRATINY — Mun. e rio no Sul do Estado, affluente do S. Gonçalo. Rio affluente do Uruguay. Republica de Piratiny é o nome glorioso com que passou á historia o periodo de 1835 a 1845 em que os rio-grandenses proclamaram a sua emancipação, abandonando o Imperio do Brasil e mantendo pelas armas as instituições liberaes que proclamaram nas margens do Piratiny do sul. Corr. de *piratininga*. S. c. *pira-tininga*, o peixe a seccar; o secca peixe. Designa rio que por effeito dos transbordamentos deita peixe fora e o deixa em secco, exposto ao sol. E' a explicação de Anchieta. Alt. *Piratinim, Piratiny*.

* PIRIRY — Banhado no mun. de S. Borja. Corr. de *piri-piri*, o junco continuado, o juncal, *piri* significando o junco, planta aquatica de que se fazem esteiras.

QUARAHY — Rio limitrophe entre o Brasil e a Republica do Uruguay. Cidade e municipio. Corr. de *cuara-im*, o buraquinho, a covinha. Póde tambem ser corr. de *guará-y*, o rio das garças vermelhas.

* QUATEPE' — Arroio no mun. de Quarahy. Corr. de *cua-tê-pé*, o caminho do poço desfeito ou transformado.

QUATY — Arroio affluente do Gambahysinho, mun. de S. Gabriel. Corr. de *qua-ti*, o que é riscado ou lanhado; o que traz riscas pelo corpo e *y*, rio. Rio do quati. O quati é o Nasua dos naturalistas. Alt. *Coati*.

SAICAN — Rio affluente do Santa Maria. Corr. de *içá-i-cang*, o galho secco.

* SAIQUY — Arroio affluente do Cahy. Póde significar o rio dos sahys. O *sahy* é um passaro do genero Tanagra.

SAMBURA' — Lugar no mun. de S. Borja. Corr. de *samborá* ou *çambora-á*, o que se colhe dentro do olho, o que se retira do centro ou interior. E' o pollen das flores, a massa amarella do ninho das abelhas. Póde ser corr. de *teborã*, o que vai ser mel. (Bap. Caetano). Tambem chamado samora, no Rio Grande.

*SANANDUVA — Povoado no mun. de Lagoa Vermelha. Provavelmente corr. de catanduva. (V. este vocabulo).

* SANDIM — Serro no mun. de Piratiny. E' a maneira porque os indios pronunciavam o nome de São Gil.

* SANDUHY — Arroio no municipio de Bagé. E' o mesmo que S. Luiz na linguagem dos indios.

SANGAY — Corr. de *çanga-y*, agua do espraiado, ou alagado. Th. Sampaio attribue este nome á geographia rio-grandense. Não está incluido no livro de O. Faria.

Deve haver confusão. *Sanga*, que aquelle auctor considera como palavra tupi — *çanga*, o espraiado, derramado, o alagado, á solta, deve ser tambem uma das palavras adquiridas pelos indios e derivada do castelhano *zanja*, conforme C. de Figueiredo. Sanga, nome muito empregado no Rio Grande; designa os sulcos naturaes do terreno, por onde se faz a drenagem das aguas da chuva.

SAPE' — Linha colonial no mun. de Venancio Aires. Corr. de *eçá-pé*, ver caminho, allumiar. E' a graminea conhecida de que se fazem fachos e os tectos de habilação. *(Saccharum sapé)*.

SAPIRANGA — Arroio affluente do Sinos. Morro no mun. de S. Leopoldo. Corr. de *eçá-piranga*, os olhos vermelhos, inflammados. Entendo mais acceitavel corr. de *içá-piranga*, formiga ruiva ou vermelha.

* SAQUAREMBO' — Antigo nome da Lagôa Mirim. Corr. de *socó-r-embó*, o sitio dos socós, ou ainda de *socó-r-mbú*, ou lugar onde bebem os socós. *Socó* é o nome de uma ave aquatica muito abundante nas margens de todas as lagoas, cursos d'agua e sangas do Rio Grande.

SAPUCAIA — Arroio e morro no mun. de S. Leopoldo. Corr. de *çapucaia*, s. o grito, o clamor, o gallo, a gallinha. Como corrupção de *yacápucai*, é o fructo conhecido por sapucaia. *(Lecythis)*.

SARACURA — Arroio no mun. de Julio de Castilhos. Se for tupi pode provir de *tara-cura*, engole milho. E' o nome de ave pernalta.

SARANDY — Nome commum a arroios em varios municipios. Lagôa no mun. de S. Borja. Corr. de *çarandyba*, o deslisadeiro, as longarinas sobre que deslisam as madeiras. Pódem tambem ser corr. de *çaran-d-y*, o rio dos *sarans*. *Saran* é o nome de um arbusto, crescido sobre pedras, á margem da corrente e é corr. de *çã-rã*, a corda solta, desatada; hastil.

Eis uma complicada explicação para pôr as coisas de accordo com as regras da grammatica. *Sarandi* é o proprio nome da planta *(phylantus brasiliensis)* podendo ser, como vem traduzido acima, de accordo com o genio descriptivo da lingua significativo de cordas soltas, hastes desembaraçadas.

SAYCAN — V. Saican.

SUÇUAYA — Corr. de *çuçu-aya*, o remedio de tremer; allusão ao tremor que produz o uso desta planta, que é o fumo bravo ou canudo. Póde ser corr. de *çoaçu-aya*, o veado manso, a cabra. Não figura no Dic. de O. Faria.

* TABATINGAHY — Arroio tributario do Jacuhy, mun. de Rio Pardo. Corr. de *tabatinga* e *y*, ou rio da tabatinga. *Tabatinga* é corr. de *tauá-tinga*, o barro branco, o barreiro de argilla branca.

*TACURU' — Banhado no mun. de S. Gabriel. Corr de *itá-cúrúba* pedaços de pedra, cascalho, seixos. Nome que tambem davam os indios aos monticulos de terra feitos pelas formigas e de onde provem o nome do banhado.

TAHIM — Arroio desapparecido no municipio de Rio Grande. Povoado e districto. Corr. de *taua-y* ou rio da aldeia. *Ta* é corr. de *taba* ou *taua*, a aldeia, a povoação do gentio. Póde tambem *tahim* ser corr. de *tagy* ou *tay*, braço ou galho de rio, o furo, o canal.

TAIMBE' — Arroio tributario do Ibicuhy. (V. Itaimbé).

TAMANDARE' — Lagôas nos mun. de Jaguarão e Cruz Alta. S. c. de *tamanda-ré*, depois da volta, ou em seguida ao rodeio. E' tambem o nome de Noé, da lenda do diluvio entre o gentio brasilico. Segundo Bap. Caetano tamandaré póde proceder de *tamoindaré, (tab-moinda-ré)* aquelle que fundou povo, isto é, o repovoador da terra.

TAMANDUA' — Arroios no mun. de Piratiny, Soledade e Lageado. Corr. de *tá-monduá*. O componente *tá* é como uma fora contracta de *tacy* — a formiga. E' o nome tupi do *myrmecphagus*.

TAPERA — Nome commum a diversos arroios no Estado. Morro no mun. de Porto Alegre. Corr. de *tab-era*, a aldeia extincta, a ruina, lugar onde existiu uma povoação. Alt. *Taguera*.

TAPES — Serra importante do Sul do Estado. Corr. de *tápe*, na aldeia. E' como se chamavam os indios da aldeia grande de S. Thomé, no Rio Grande do Sul. *(Conquista* — Bap. Caetano).

TAPITOCAI ou ITAPITOCAY — V. este vocabulo. Corr. de *tapitocaia* ou *tapyira-tocaia*, a espera de anta.

TAQUARA — Cidade e municipio. Nome tambem commum a outros accidentes geographicos. S. c. de *taqua-ra*, o tronco ou haste furada ou ôca.

TAQUARANCHIM — Arroio affluente do Toropy. Riacho proximo á villa de S. Angelo. Corr. de *taquara-achim*, a taquara arrepiada ou crespa. Póde tambem ser diminutivo de taquara, a taquara fina ou minda, em antagonismo com o *taquarussú*, a grosseira taquara tão abundante no Estado.

TAQUARY — Importante rio affluente do Jacuhy. Cidade e municipio. E' litteralmente o rio das Taquaras. Entretanto já foi denominado o rio Tebiquary, como se vê de cartas antigas. Eis um dos casos em que as circumstancias locaes influenciaram differentemente para a denominação do rio. Os primeiros exploradores se impressionaram por sepulturas que encontraram ao chegar ao rio, talvez sepulturas que elles proprios se vissem na contingencia de abrir. Depois outros viajores tiveram a imaginação despertada pelo taquaral da matta. Não passaram pelas sepulturas ou não tiveram noticia de tal circunstancia e deram novo nome ao rio e este veio a perpetuar-se.

TAQUAREMBO' — Arroios nos mun. de Julio de Castilhos, D. Pedrito e S. Borja. Corr. de *taquar-embó*, a verga ou vara de taquara; a taquara fina. Póde tambem ser *taquaremb*ó, o riacho das taquaras.

TAQUARUSSU' — Lugar no mun. de S. Sepé. Corr. de *taquar-uçú*, a taquara grossa, a canna grande.

* TARUMÃ — Arroio no mun. de Livramento. Nome indigena de duas especies de arvores, frequentes no Rio Grande.

* TINGUITE' — Arroio affluente do Taquary. *Tingui* era o veneno extrahido de um cipó, com que os indios matavam o peixe. E' tambem o nome de uma arvore, talvez com a

mesma propriedade. *Tinguité* deve significar o verdadeiro tingui.

TIRIRICA — Arroio nos mun. de S. Leopoldo e Viamão. Gerundio supino de *tiriri*, vibrante, cortante. E' o nome de uma *cyperacea lacerante*. O povo diz: „tiririca é faca de cortar..."

TIMBAUBA — Estrada no mun. de S. Luiz. Corr. de *timbó-yba*, a arvore da espuma. O fructo desta planta quando tratado com agua dá espuma. Alt. *Timboiba, timbouba.*

TORO' — Corr. de *tog-r-ó*, a coberta espessa, a casca grossa. Designa uma especie de tatu, o maior, *(Dasypus gigas)* vulgo tatú canastra, de cuja cauda os indios faziam o *toré* ou *boré*. *Toró* não figura no Dic. de O. Faria.

Acceitando essa traducção Th. Sampaio chama ao Toropy, o rio dos tatús e á ilha de Torotama dá como significando a terra dos tatús canastras.

Contrariando essa accepção surge a opinião de Ihering, que affirma não passar o tatú canastra do Norte do Paraguay, não existindo no Rio Grande. Temos portanto de buscar outras explicações para os tres vocabulos que se seguem, abandonando a filiação ao tatú canastra.

TOROPY — Rio affluente do Ibicuhy. Corr. de *toro-pe-y* ou o rio no caminho dos touros, ou simplesmente o rio dos touros, palavra esta de origem hespanhola e, como outras, introduzida na lingua tupi, com a creação do gado que constituia uma das actividades principaes na vida das Missões riograndenses.

* TOROQUA' — Povoado no municipio de S. Francisco de Assis. Corr. de *toro-quára*, ou a cova do touro, a grota do touro.

TOROTAMA — Ilha no canal do Rio Grande. Em cartas antigas o nome de *Turerutama* apparece quer dado ao canal de S. Gonçalo, quer dado ao territorio adjacente ao hoje Povo Novo. Estas cartas são de 1748 a 1770 *(Poranduba — P. Teschauer)* e portanto podemos admittir que o nome de torotama significa a terra dos touros ou melhor do gado de que se abasteciam as tropas que occupavam os fortes da margem do canal. Com o andar do tempo o nome passou á ilha.

TRAHIRAS — Arroio no mun. de Bagé. — Lagôa no mun. de Conceição do Arroio. Corr. de *taraguira*, o que está de rojo, o que se bamboleia, ou se contorce. E' o nome de um

peixe d'agua doce que vive mergulhado na vasa. *(Erythrinus tareira)*. Alt. *Trahira, tareira, taraira.*

TRAMANDAHY — Rio que se lança no Atlantico, mun. de Conceição. Lagôa communicando-se com o mar pelo mesmo rio. Corr. de *tará-manda-y*, o rio dos feixes de milho. Póde ser corr. de *tamanday*, que significaria rio dos meandros, ou rio sinuoso.

TUBUNA — Corr. *tub-una*, a abelha preta. *Tub* é o nome generico para certa qualidade de abelhas. *(Trigona bipunctata)*. Alt. *Tuvuna*. Não incluido este vocabulo no Dic. de O. Faria.

TUCANOS — Arroio no municipio de Taquara. Corr. de *tu-quã*, o bico que sobrepuja, o bico exagerado. Póde ser corr. de *tucan*, o bico osseo. (Bap. Caetano). E' o nome de uma ave, muito conhecida pela enorme dimensão de seu bico e pela belleza da plumagem. *(Rhampaastos)*.

TUPACERETAN — Banhado no mun. de Cruz Alta. Mun. e villa. Cor. de *tupã-cy-retã*, a terra da Mãi de Deus, o patrimonio de Nossa Senhora.

* TUPANCY — Banhado no mun. de S. Sepé. Sitio da Mãi de Deus. No Paraguay este nome é dado a plantas.

* TUPARAHY — Banhado e cochilha no mun. de Itaquy. Póde ser corr. de *tupana-y* ou rio de Deus, o rio santo, como tambem póde ser corr. de *tupã-rayra*, o rio christão.

* UQUABOY — Arroio Tributario do Ibicuhy. Rio onde comem as cobras, ou ainda corr. de *upa-boi*, a lagôa da cobra.

UMBU' — Arroio tributario do Ibicuhy, no mun. de S. Vicente e arroio nos mun. de Passo Fundo e S. Victoria. Corr. de *imbú*, por sua vez corr. de *y-m-bú*, a arvore que dá de beber; allusão aos tuberculos grandes desta planta *(Spondius tuberosa)* que nas raizes seggregam agua e matam a sede aos viandantes do sertão em tempo de secca. Alt. *Umbú, Ombú, Ambú.*

UPACARAHY — Arroio e lagôa no mun. de D. Pedrito. Corr. de *ypá-caray*, a lagôa santa, o lago sagrado.

UPAMAROTY — Arroio affluente do Ibicuhy da Armada. Limita os mun. de Livramento e D. Pedrito. Corr. de *ypá-moroty*, a lagôa de agua clara ou de agua muito transparente.

URUBU' — Arroio no mun. de Palmeira. Composto de *urú-brí*, a gallinha preta, a ave negra. Póde ser ainda corr. de *urú-uí* a ave voraz.

* URUBÚCARÚ — Arroio affluente do Ijuhy. Mun. de S. Angelo e Ijuhy. Corr. de *urubú-carú*, aquella o nome da ave e *carú*, significando arvore espinhosa. Será o espinheiro dos urubús?

* URUCUTAHY — Arroio affluente do Uruguay, mun. de S. Luiz. *Urucú* é o nome da planta que dá o vermelhão; *tayi* significa canal, braço de rio. Deve pois significar o canal ou melhor o arroio dos urucús.

URUGUAY — O grande rio que separa o Rio Grande de Santa Catharina e da Republica Argentina. Antigamente *Uruay*, como se lê na carta de Diogo Garcia, de 1526; assim Uruay se compõe de *uruá-y* ou *uruguá-y*, exprimindo o rio dos busios ou caracoes. O P. Montoya, no seu Thesouro explica — *y-ruguay* como sendo o canal por onde vai a madre do rio.

Com a explicação acima se satisfaz Th. Sampaio. Martius traduz como corr. de *urú*, ave, *guá-hy*, diversas cores, e rio; ou o rio das aves de diversas cores.

Temos ahi tres explicações; rio dos buzios, rio que é apenas um canal (?) e finalmente o rio das aves coloridas. Já ouvi tambem traduzir Uruguay pelo *rio da cauda de gallo*, allusão ao caprichoso traçado curvilineo do seu longo curso.

Haverá riqueza de buzios no Uruguay? Teria aves de variegado colorido? Ou será *uruguay* simplesmente o rio da grota dos urús? A pergunta fica demandando resposta.

E emquanto uma auctoridade indiscutivel não proferir sentença, podemos acceitar a significação do *rio da cauda de gallo*, a mais imaginativa, para o grande rio que cinge num amoroso e estreito amplexo o nosso Rio Grande e o irmana affectuosamente com a Republica Oriental do Uruguay.

* URUGUAY-PUITAN — Affluente do Uruguay, ao qual se dá hoje o nome de rio da Varzea. Tirou o seu nome do grande Uruguay, com a restricção da cor de suas aguas que seriam pardas.

* URUPU' — Arroio affluente do Ijuhy, mun. de S. Luiz. Corr. de *urubú* ou ainda de *uruhú*, onde comem os *urús*. *Urú* é o nome de ave, tambem chamada *çapucaia*, ainda commum nas mattas do Alto Uruguay.

URUPUA' — Arroio no mun. de Cruz Alta. Corr. de *uru-poá*, forma contracta de *urú-poaba*, o menor dos urús.

URÚS — Ilha no Uruguay. Ilha do gallinaceo chamado tambem *çapucaia*. *(Odonphorus dentatus)*.

VACACAHY — Rio tributario do Jacuhy. Corr. de *ybá-cacai*, o gavião de fructas, uma ave de rapina nos campos do Rio Grande do Sul. O P. Gay traduzia — o rio da bosta de vaca. Póde tambem ser — um hybridismo, *vaca-caá-y*, o rio da matta da vaca.

VACAQUA' — Arroio e serro no mun. de Rosario. Hybridismo de *vaca-quá* — a terneira, anovilha. Tambem póde ser forma contracta de *vaca-quara*, ou o poço, a grota da vaca. Póde ainda ser corr. de *ibaca-quá*, o estrondo do céo, o trovão.

VACARAPI — Hybridismo, *vaca-rapi*, a vaca esfolada. Eram communs estes hybridismos nas antigas colonias hespanholas do Rio da Prata. *Vacapi* ou *vaca-pi*, o couro da vaca.

Este vocabulo não está no Dic. de Oct. Faria.

VACCAHY — Hybridismo, *vacca-y*, o rio da vaca. Póde ser corrupção de *ybaca-y*, que significa agua do céo.

Este nome tambem não figura no Dic de Oct. Faria.

* VACAHYQUA' — Arroio no mun. de Livramento. Significa o lagoão da vaca, sendo corr. de *vaca-y-quara*.

VAHY — Póde ser confusão com o Ivahy (v. este nome). Corr. de *iba-y*, ou o rio das fructas. Não incluido no Dic. de O. Faria.

VORA' — Corr. de *borá*, o tirado do conteudo, o extrahido. E' a massa amarella, amarga, feita do pollen das flores, que se encontra dentro do cortiço das abelhas; é o mesmo *samborá* ou *tamborá*. Designa varias especies de abelhas.

Não figura no Dic. de Oct. Faria.

* VOTÚRO — Aldeiamento de indios no mun. de Passo Fundo. Corr. de *ybytira*, o monte, a serra, a encosta, o morro, a ladeira. Alt. *Ubutura*, *Butura*, *Botura*, *Votura*.

SÃO GABRIEL

(Subsidios para a sua historia colligidos por Celso Schröder).

Na zona pastoril do Rio Grande do Sul acha-se situado o municipio de São Gabriel, com 7.015 k² e 33.000 habitantes, conhecido tambem em outros pontos do Brasil pelo nome de São Gabriel da Fronteira ou da Campanha, limitado ao Norte pelos municipios de São Vicente e Santa Maria, a Léste pelo de São Sepé, ao Sul pelos de Lavras e Dom Pedrito e a Oéste pelos de Livramento e Rosario.

A administração do municipio é exercida por um Intendente e um Conselho Municipal composto de 7 membros, eleitos por 4 annos.

O municipio divide-se em 7 districtos, que são banhados por grande numero de cursos d'agua, entre elles o Vaccacahy, Santa Maria, Ibicuhy da Armada, Cacequy, Cambahy, Cambahyzinho, Salso, Jaguary, Suspiro, Inhatiúm, Areia, Salsinho, Mudador, Jacaré, Divisa, Cayboaté, Sanga Funda, Imbahé ou Ituzaingo, Sanga da Palha, etc.

O rio Vaccacahy é navegavel por pequenas embarcações em certas épocas do anno, tendo sido remontado em 1860 pelo vapor „Cachoeira", do commandante João Domingues de Oliveira, que, por ordem da „Companhia Jacuhy", sahiu da capital da provincia em 4 de Junho e chegou á séde do municipio em 12 do mesmo mez, regressando no dia seguinte a Porto Alegre. Em 1884-1885 o vapor „Estrella" fez identica viagem.

O rio Santa Maria foi tambem navegado até Dom Pedrito em 1878 pelo vapor „Alegrete", do tenente José Pinto Dias.

O municipio dedica-se principalmente á industria pastoril, sendo classificado entre os seus congeneres do Estado que possuem maior numero de cabeças de gado, pois são avaliados em 460.000 os bovinos, 259.000 as ovelhas e em 49.000 os cavallos. Exporta grande quantidade de lã, couros, crina e pel-

legos. As plantações de arroz desenvolvem-se dia a dia, sendo consideravel a exportação dessa gramminea, beneficiada em 3 engenhos locaes, pertencentes ás firmas Abbott & Cia., Lisboa & Cia. e Abreu & Cia. Lda.

Outro objecto de vultosa exportação é o xarque e seus derivados, preparados por 6 estabelecimentos saladeris, a saber: „Azevedo Sodré" de Antonio Candido da Silveira, „Bella Vista" de Coimbra Gonçalves & Cia., „Industrial Gabrielense" de Zeno de Castro, „São Gabriel" de Dodigo Bica & Irmão, „Santa Brigida" de Boaventura Ferreira da Silva e „Vaccacahy" de Antonio Maria Martins & Filhos.

E' tambem apreciavel a exportação de cal. No municipio existem jazidas de petróleo e tambem mármore, prata, ouro e carvão, porêm tudo inexplorado. Na séde existe uma fabrica de gazoza e gêlo (Auguto Amann), outra de cerveja e gazoza (Manoel Krug) e tambem uma de conservas alimenticias (Annibal Ságlia).

A referida séde do municipio acha-se ligada ás principaes cidades do Estado pela via férrea de Cacequy e Rio Grande, distante 580 kiometros de Porto Alegre, sendo o municipio servido pelas estações e paradas de Guilherme Resin (K. 122), Alcides V. Chagas (K. 125), Retiro (K. 130), Recanto (K. 134), Azevedo Sodré (K. 146), Desvio (K. 151), Trez Divisas (K. 155), Bella União (K. 160), Desvio (K. 178), Bella Vista (K. 179), Industrial (K. 188), São Gabriel (K. 190), Passo do Pinto (K. 195), Desvio K. 203, Vaccacahy (K. 204), Estancia do Céo (K. 206), Desvio K. 214, Suspiro (K. 227) e Frederico von Bock (K. 238).

Em 4 de Janeiro de 1913 o Congresso auctorizou o governo federal a mandar construir uma estrada de ferro ligando São Gabriel a Caçapava, tendo o presidente Hermes da Fonseca dado em 29 do mesmo mez a abertura de um credito extraordinario para esse fim, medida que foi renovada pelo decreto de 2 de Julho de 1913 sem que fosse cumprida até a presente data.

São os seguintes os maiores proprietarios de terras no municipio, com a extensão de suas respectivas estancias em hectares: Sebastião Menna Barreto 18.390, Freitas Mercio & Irmãos 14.544, Alfredo Faria 13.590, Manoel Luiz Marques... 12.601, Ilo Bica 11.143, Antonio Maria Martins & Filhos 10.946 e Manoel Antonio de Macedo 10.455.

A cidade de São Gabriel, séde do municipio e de uma comarca de 2.ª entrancia, conta 15.000 habitantes (segundo a „Encyclopédia e Diccionario Internacional") e acha-se situada a 113 metros de altitude em uma eminencia á margem esquerda do rio Vaccacahy. Edificada em terreno plano, suas ruas

calçadas apresentam bello aspecto, percorridas por consideravel numero de automoveis, quer de praça, quer particulares, devendo-se notar que data de 1911 a apparição desse vehiculo na cidade.

Esta possue illuminação electrica, rêde telephonica, 3 quarteis das forças federaes, 4 igrejas catholicas subordinadas ao Bispo de Uruguayana (São Gabriel Archanjo, com finissimos paineis, Nossa Senhora da Conceição, Nosso Senhor do Bomfim e São José), 1 igreja episcopal (Redempção), 4 bancos (Banco da Provincia do Rio Grande do Sul, Banco Pelotense, Banco Nacional do Commercio e Banco do Rio Grande do Sul), 2 jornaes, estação phonographica e radio-telephonica que a liga, assim como o telegrapho federal, ás principaes localidades do Estado. A vida social é representada por 3 clubs: União Caixeiral Gabrielense (fundado em 19 de Maio de 1895), Casino Gabrielense e União Artistica Beneficente.

A Maçonaria é representada pela Benemerita, Augusta e Respeitavel Loja Symbolica „Rocha Negra", fundada em 29 de Junho de 1873 e pertencente á Grande Loja Symbolica do Rio Grande do Sul, fazendo parte da Maçonaria Regular Brasileira chefiada pelo Dr. Mario Behring. Essa loja maçonica, presidida actualmente pelo espirito superior do Dr. Brenno Brandão Fischer, prestou grandes serviços por occasião da propaganda abolicionista, devendo-se aos seus esforços a libertação dos 900 escravos que existiam no municipio em Setembro de 1884. Foi nella que se iniciou na vida maçonica em 20 de Setembro de 1873 o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, quando coronel commandante do 1.º Regimento de Artilharia.

O foot-ball é cultivado por diversos clubs, entre os quaes sobresahem o „Sport Club 247" (fundado em 16 de Abril de 1920) e o „Sport Club Cruzeiro".

Conta a cidade 1 avenida: Julio de Castilhos; 5 praças: Dr. Fernando Abbott (onde foi erigido em 1922 um obelisco commemorativo do Centenario da Independencia, feito de mármore do municipio), Marechal Floriano, 15 de Novembro (arborisada pela propria mão de Assis Brasil), Constituição e Rio Branco; 20 ruas: Dr. Jonathas Abbott, General Márques, General Bento Martins, Coronel Soares, Forte Caxias, Coronel Sezefredo, Barão de São Gabriel, General Câmara, Constituição, Saudade, Andrade Neves, Travessa da Igreja, Laurindo Lopes Nunes, General Mallet, General João Manoel, Coronel Tristão Pinto, 7 de Setembro, Placido de Castro, Barão de Cambahy e 13 de Maio.

Os nomes dessas ruas recordam á posteridade os serviços relevantes de — Antonio Martins da Cruz Jobim, barão de Cambahy, philantropico cidadão, que praticou innumeros actos de beneficencia; — de Tristão José Pinto, batalhador das campanhas de 1835 e do Paraguay; — de Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, que tanto se distinguiu nas guerras de 1835-1845, 1851-1852 e foi morrer na do Paraguay; — de Laurindo Lopes Nunes, abnegado e popular medico homoeopatha, bemfeitor da população; — de Jonathas Abbott, humanitario clinico, natural da Bahia, filho do ilustrado medico inglez, conselheiro Jonathas Abbott, e que veiu residir em São Gabriel e ahi constituiu familia, sendo pae de Fernando Abbott. Fez como cirurgião a campanha de 1851-1852 no Uruguay e Argentina, sendo elogiado em ordem do dia pelo duque de Caxias depois da batalha de Casêros; — de João Propicio Menna Barreto, barão de São Gabriel, heróe das campanhas de 1825-1828, 1835-1845, 1851-1852 e 1864-1865; — de Manoel Márques de Souza (conde de Porto Alegre), Bento Martins de Menezes (barão de Ijuhy), José Antonio Corrêa da Cámara (visconde de Pelotas), José Joaquim de Andrade Neves (barão de Triúmpho), Emilio Luiz Mallet (barão de Itapevy), João Manoel Menna Barreto e José Plácido de Castro, valorosos guerreiros que tantos feitos praticaram em defeza da Patria.

No cemiterio local sobresahem pelo seu gosto artistico os túmulos do marechal João Propicio Menna Barreto, barão de São Gabriel, conquistador de Paysandú e Montevideo; de Luiz Gonçalves das Chagas, barão de Candiota; do general Hippólyto Antonio Ribeiro, veterano das campanhas de 1851-1852, 1864-1865 e 1893-1895 e muitos outros, que seria longo enumerar.

São Gabriel, „a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou", na phrase do saudoso escriptor regionalista J. Simões Lopes Netto, é uma das cidades de maiores tradições militares do Rio Grande do Sul.

Possuiu sempre uma numerosa guarnição militar, principalmente na época imperial, em que era considerada o centro militar da provincia, e della fizeram parte officiaes distinctos, entre os quaes nos occorrem os generaes Francisco de Paula Macedo Rangel, João Propicio Menna Barreto (barão de São Gabriel), Victorino José Carneiro Monteiro (barão de São Borja), Manoel Márques de Souza (conde de Porto Alegre), Manoel Luiz Osorio (marquez do Herval), Emilio Luiz Mallet (barão de Itapevy), Antonio Ferreira de Sampaio, João Manoel Menna Barreto, Manoel Deodoro da Fonseca, Hermes Ernesto da Fonseca, que em 1854 foi demarcar o local para a

fundação da cidade de D. Pedrito, João Vicente Leite de Castro, João Guilherme de Bruce, Carlos Machado de Bittencourt, Manoel Antonio da Cruz Brilhante, José Salustiano Fernandes dos Reis, Francisco de Lima e Silva, Jacintho Machado de Bittencourt, Manoel Joaquim Cabral da Cunha Silveira Godolphim, Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto, Antonio José Dias de Oliveira, Alberto Cardoso de Aguiar, Jorge Diniz de Santiago, Onofre dos Santos, Zozimo Alves da Silveira, Jonathas Borges Fortes, Bello Augusto Brandão, Ildefonso Pires de Moraes Castro, Donaciano de Araujo Pantoja, Honorio Vieira de Aguiar, Marcionillo Gonçalves Barroso, Napoleão Felippe Aché, João Leocadio Pereira de Mello, José Pantoja Rodrigues, Benjamin Pereira Monteiro, Adolpho Rodrigues de Mesquita, Oliverio de Deos Vieira, João Nepomuceno da Costa, Fernando Setembrino de Carvalho, Clodoaldo da Fonseca, Celestino Alves Bastos, Carlos Frederico de Mesquita, João Pacheco de Assis, Isidoro Dias Lopes, Cassiano Pacheco de Assis, José de Assis Brasil, Silvestre da Rocha, Samuel Augusto de Oliveira, Heliodoro Sodré, Ptolomeu de Assis Brasil, Fabio Patricio de Azambuja, João de Albuquerque Serejo, Antonio Carlos Cavalcanti de Carvalho, Joaquim Fernandes Brandão, os coroneis João Daniel Dámaso dos Reis e Carlos Luiz de Andrade Neves, o major João Horacio da Silva Paranhos, filho do visconde de Rio Branco, e muitissimos outros. Foi ahi que iniciou sua carreira militar, no 1.º Regimento de Artilharia, em Março de 1854, o marechal João Thomaz de Cantuaria, um dos bravos da Retirada da Laguna.

Outros obtiveram propriedades no municipio, como os generaes Alexandre Eloy Portelli, Francisco das Chagas Santos, Manoel Carneiro da Silva Fontoura, João de Deus Menna Barreto (visconde de São Gabriel), Antonio Pinto da Fontoura, Oliverio José Ortiz, José Maria da Gama Lobo Coelho de Eça (barão de Saycan), João Antonio da Silveira, José Fernandes dos Santos Pereira, o coronel Thomaz Ferreira Valle, etc. Ainda hoje é recordado com saudade o nome do marechal Manoel de Almeida da Gama Lobo Coelho de Eça, barão de Batovy, um dos mais distinctos militares brasileiros, descendente de Pedro I, rei de Portugal, veterano das campanhas de 1851-1852, 1864-1865 e 1865-1870 e presidente de Matto Grosso, que foi barbaramente fusilado em Santa Catharina, juntamente com o seu unico filho, Dr. Alfredo da Gama, como suspeito á legalidade por ordem do coronel Antonio Moreira Cesar, em 1894. O naturalista allemão Carlos von den Steinen, em seu livro „Durch Central Brasilien", ao descrever a sua estadia em Cuyabá, faz elogiosas referencias ao barão e a baroneza de Batovy.

Em São Gabriel existe um venerando ancião, que é uma reliquia viva do passado: o coronel José Borges de Abreu, na-

scido em 2 de Março de 1817, sobrinho do ministro da Republica Riograndense de 1835, Domingos José de Almeida. Esse veterano fez as campanhas do Rio Grande do Sul (1835-1845), Uruguay (1851), Argentina (1852), intervenção no Uruguay (1854-1856), concentração contra o Paraguay (1857), campanhas do Uruguay (1864-1865), Paraguay (1865-1870) e Rio Grande do Sul (1893-1895). Apezar dos seus 113 annos de idade, acha-se ainda forte, passeia a pé pelas ruas da cidade e relata episodios das guerras passadas.

Actualmente São Gabriel tem uma guarnição composta do 9.º Regimento de Cavallaria Independente e do 6.º Grupo de Artilharia a Cavallo, recebendo o elemento civil instrucção miliar no Tiro de Guerra 147, fundado em 7 de Setembro de 1916.

Distante approximadamente 1 legua da cidade, possue a guarnição a Invernada Nacional, com 2 e ½ quartos de legua de extensão, comprada em 1874 de Ricardo Ferreira Bica pela quantia de Rs. 44:000$000.

A instrucção publica é ministrada no municipio por 5 escolas mixtas estaduaes e 22 municipaes, além do Collegio Elementar. Existem ainda na cidade o Gymnasio Anglo-Riograndense, para meninos, o Collegio Applicação, o Collegio Santa Rosa de Lima e o Collegio Nossa Senhora do Perpetuo Soccorro (de freiras), para meninas.

Entre as personalidades de que São Gabriel foi berço, citaremos: o marechal João Nepumoceno de Medeiros Mallet, presidente do Ceará e Matto Grosso, ministro da guerra; o general Francisco Sergio de Oliveira; o Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes, presidente da Assembléa Provincial, que recusou a presidencia da provincia e o titulo de barão de Inhatiúm; o coronel José Joaquim de Godoy, philantropo e politico notavel em Rio Grande; Justo de Azambuja Rangel, ultimo presidente do Rio Grande do Sul no regime imperial; o almirante Rodrigo José da Rocha, combatente no Uruguay e Paraguay, victima da catastrophe do „Aquidaban"; o general Francisco Rodrigues Portugal, sobrinho do barão de Ijuhy, batalhador do Paraguay e de 1893; o coronel Hermenegildo Laureano da Silva, veterano das mesmas campanhas; o Dr. Fernando Abbott, eminente medico e politico, deputado á Constituinte, presidente do Rio Grande do Sul e ministro na Argentina; o Dr. João Abbott, seu irmão, medico e politico, tambem deputado á Constituinte; o Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, preclaro escriptor e politico, deputado á Constituinte e ministro na Argentina, Portugal e Estados Unidos, um dos negociadores do tratado de Petrópolis; o Dr. Antonio Mercado, senador em São

Paulo; os Drs. Nicanor Peña e Edmundo Berchon des Essarts, notaveis medicos e politicos; João Manoel Baptista Pereira, talentoso homem de lettras; Alcides Maya, escriptor de merecimento e membro da Academia de Lettras; o coronel José Plácido de Castro, culto e audaz guerreiro, que reivindicou para o nosso paiz a posse do Acre, tendo antes combatido na revolução de 1893-1895; o marechal Hermes Rodrigues da Fonseca, ministro da guerra, presidente da republica e senador; Homero Prates e Jorge Jobim, distinctos poetas; Octavio Augusto de Faria, erudito intellectual; Edmundo de Bittencourt, jornalista de renome, etc.

Entre as familias tradicionaes de São Gabriel contam-se: Menna Barreto (a qual pertenciam o barão e o visconde de São Gabriel), Chagas (barão de Candiota), Macedo (visconde de Serro Formoso), Jobim (barão de Cambahy), Gama (barões de Saycan e de Batovy, Mallet (barão de Itapevy), Salles (barões de Irapuá e de Ibirá Mirim), Abbott, Assis Brasil, Prates, Fialho, Cunha, Silveira, Bica, Valle, Azambuja, Faria Corrêa, Borges Fortes, etc.

.....

Vamos agora passar a colligir alguns dados historicos sobre o próspero municipio fronteiriço.

Na época em que os jesuitas hespanhóes dominavam em grande parte do Rio Grande do Sul, os indios aldeados em São Miguel de Missões (fundada em 1687) tinham uma estancia de criação de gado junto ao rio Vaccacahy e com ella se communicavam por um caminho que vadeava os rios Toropy e Ibicuhy e 6 leguas de mattos. Segundo o escriptor jesuita Bernaro Nusdorffer ficavam em 1750 nas margens do mesmo Vaccacahy as estancias pertencentes ás reducções jesuiticas de São Luiz, São João e São Lourenço, estendendo-se as duas ultimas fazendas em direcção ao rio Piquiry. Ainda em 1814, em cartas de sesmarias concedidas entre os arroios Cacequy, Jacaré e Cayboaté pelo conde de Rio Pardo, menciona-se uma „guarda velha dos indios, chamada de São Sebastião, districto de São Francisco, dos naturaes do povo de São Miguel". Em outra carta de sesmaria, concedida em 1791, faz-se menção de uma „Lagoa dos Padres", a oéste do arroio do Salso, reminiscencia talvez do dominio jesuitico na região.

Segundo um auctor, até os annos de 1830 a 1835 existiam alguns toldos de Indios Minuanos nas margens do rio Cacequy.

Somente pelo trabalho de Limites de Madrid, firmado em 1750 entre Portugal e Hespanha, foi que a maior parte do actual municipio de São Gabriel passou a pertencer ao Rio Grande

do Sul, pois a linha divisoria entre os dominios hespanhóes e portuguezes ficou determinada pelo rio Santa Maria.

Na guerra que se seguiu, contra os indios Guaranys das missões jesuiticas, que se oppunham á execução do tratado, as forças alliadas, portuguezas e hespanholas, penetraram em terras do actual municipio sob o commando do governador do Rio de Janeiro, Francisco de Paula Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, e do governador do Rio da Prata, José de Andonaegui, e em 7 de Fevereiro de 1756 derrotaram em Santo Agostinho, entre as cabeceiras dos rios Jaguary e Vaccacahy, o chefe guarany José Tyarayú Sepé, que foi morto na acção por José Joaquim de Viana, governador de Montevideo. Trez dias depois, nas nascentes do rio Cacequy e perto da Lagôa Jacaré, deu-se a batalha de Cayboaté, em que Nicolau Nhanguirú foi destroçado e morto pelos mesmos generaes alliados, que proseguiram em sua marcha com destino ás Missões.

Por uma carta de sesmaria concedida em 1816 pelo marquez de Alegrete sabe-se que no local da batalha existia ainda nessa época uma cruz „que assignala o logar onde houve a mortandade dos indios e da qual sahe uma vertente".

Em 1763 a Hespanha reapossou-se da região, estendendo o seu dominio até o rio Jacuhy e Lagoa dos Patos, porêm em 1777 firmou-se em S. Ildefonso novo tratado de limites entre Hespanha e Portugal, em consequencia do qual a fronteira passou a ser pelo divisor das aguas que affluem aos rios Jacuhy e Camaquam das que correm para os rios Santa Maria e Ibicuhy. Na demarcação feita em 1784 foram collocados em terras gabrielenses os 3.º e 4.º marcos hespanhóes, respectivamente nas origens do rio Cacequy e no serro de Cayboaté, emquanto os marcos portuguezes correspondentes eram fixados em um braço do Vaccacahy e defronte ao mesmo serro de Cayboaté.

Por essa época começaram povoadores nossos a se estabelecer na região.

Em 1788 o commandante da fronteira de Rio Pardo consentiu que o paulista José Martins de Oliveira (antepassado, pelo lado materno, do colligidor destas notas) se estabelecesse entre os rios Vaccacahy, Cambahy, Cambahyzinho e Divisa, cuja posse, de 3 leguas de sesmaria, lhe foi assegurada em nome da rainha Maria I pelo vice-rei do Brasil, José Luiz de Castro, conde de Rezende, no anno de 1798, em cuja época já estava estabelecido entre os rios Cambahy, Divisa, Cambahyzinho, Sarandy e Acampamento Velho, Antonio Monteiro Mansio, casado com uma sua prima e que foi, mais tarde, sogro do marechal Bento Manoel Ribeiro.

Outras pessoas conseguiram terras na região gabrielense: em 1789 o padre Ambrosio José de Freitas e João de Faria Rosa; em 1790 o padre José Ignacio dos Santos Pereira; em 1791 José da Cunha Souza, Antonio da Costa Pavão, Caetano de Barcellos Barreto, Manoel Ignacio Henriques, Antonio Gomes Torres; em 1792 o padre João de Almeida Pereira, o tenente José Constantino Lobo Botelho, o cabo José Maria Corrêa Vasques (reformado em 1812 em capitão com 30 annos de serviço), Isidoro Xavier Ramos, Bernardino Henrique Samorim, marechal Alexandre Eloy Portelli, Constantino José Pinto; em 1793 José Rodrigues de Figueiredo, Maria Isabel de Faria, o general Antonio Pinto da Fontoura, Lucas Fernandes da Costa, José dos Santos Menezes; em 1795 Domingos Rodrigues Nunes; em 1797 Jeronymo da Silveira Goulart; em 1799 Timotheo Lemos do Amaral; em 1801 o tenente Francisco Carneiro de Figueiredo Sarmento; em 1805 João Nepomuceno de Carvalho Prates; em 1807 Brigido José Thomazio de Sampaio; em 1811 Balthasar Antonio Pinto, Antonio Alves Trilha, Antonio Francisco Ferreira, João Guilherme Jacques; em 1814 Maria Alvares Trilha, Manoel Luiz da Cunha, Timotheo José da Cunha, José Feliciano Fernandes Pinheiro (visconde de São Leopoldo), José Antonio de Azevedo, José Machado Fagundes de Bittencourt, Maria Magdalena da Silva, Plácido José Fialho de Mendonça, José da Cruz Albernaz, José Pinto da Fontoura, João de Deus, Menna Barreto (visconde de São Gabriel), José Antonio Fernandes de Lima, Pedro Pires, Fortunato Luiz Barreto, Francisco Machado da Silveira, José Cardoso e muitos outros.

Uma carta de sesmaria do anno de 1799 faz referencia á „Guarda do Salso", o que demonstra que os portuguezes tratavam tambem de garantir militarmente o territorio gabrielense.

Em Abril de 1801 o illustre naturalista hespanhól Félix de Azara fundou na base do serro de Batovy (que tem 273 metros de altitude) uma povoação a que deu o nome de San Gabriél, em homenagem, provavelmente, ao então vice-rei do Rio da Prata, Gabriel de Avilés y del Fierro, marquez de Avilés, que ordenára a fundação com colonos hespanhóes destinados primitivamente á Patagonia, repartindo terras e gados pelos novos povoadores.

Mezes depois sobreveio, porêm, nova guerra com a Hespanha e o commandante da fronteira de Rio Pardo, tenente-coronel Patricio José Corrêa da Camara, 1.º Visconde de Pelotas, determinou que o tenente Francisco Barreto Pereira Pinto, commandante da guarda de São Francisco, na costa do arroio Jaguary, fizesse adeantar uma força sobre Batovy, sendo em Julho a mesma guarda reforçada com a companhia do districto

de São Raphael, chefiada pelo capitão Joaquim Severo Fialho de Mendonça.

O capitão Antonio Adolpho Charão, com 30 homens, foi tambem auxiliar a guarda de São Francisco, sendo encarregado de ir surprehender o Posto e Guarda hespanhola de Batovy, que era defendido por 90 soldados.

Ao approximar-se Charão e depois outra partida, que com elle ia reunir-se, abandonaram os hespanhóes precipitadamente o povoado.

Em 27 de Julho o já citado capitão Joaquim Severo Fialho de Mendonça aprisionou na Cochilha da Linha Divisoria um bombeiro dos hespanhóes e por elle soube que estes se haviam retirado da Guarda de Batovy, cuja guarda foi logo occupada pela sua companhia. Em 3 de Agosto cahiram em poder do mesmo capitão, 5 hespanhóes, em poder dos quaes encontrou correspondencia do marquez de Sobremonte e do commandante de Cerro Largo com instrucções para o commandante hespanhól que havia evacuado Batovy e por essa correspondencia soube-se o plano de campanha do inimigo.

Sabe-se que Charão retirou da capella do povoado a imagem do padroeiro e a levou para a sua estancia de São Raphael.

Os hespanhóes, entretanto, não se conformaram com a perda de São Gabriel e em Novembro o coronel José Ignacio de la Quintana dirigiu-se, com 700 homens e 4 canhões, ao rio Santa Maria com o intuito de transpol-o e reconquistar a „villa e guarda de Batovy". O capitão Sebastião José de Oliveira, que a defendia com 400 homens, guarneceu todos os passos do referido rio e avisou o commandante da fronteira, acorrendo este ao ponto ameaçado e conseguindo impedir a tempo a passagem do inimigo no passo de Rosario. Depois de algum fogo de artilharia, retiraram-se os hespanhóes para o territorio uruguayo, passando-se o tenente-coronel Camara para a margem occidental do rio Santa Maria (6 de Novembro).

Em 11 de Dezembro o mesmo chefe portuguez, que fôra em soccorro da Fronteira de Jaguarão, soube que Quintana, sahira desta ultima fronteira com 600 homens para se incorporar em Zapallar a mais 400 do coronel Bernardo Lecocq, com o fito de atacar novamente a guarda de Batovy, que era defendida por uma guarnição de 150 homens, incluindo-se nella a força do capitão Charão. Marchou Camara em 17 para Pirahy afim de poder soccorrer Batovy com 450 homens e tendo novas informações de que o inimigo se dirigia a este logar, mandou em 31 de Dezembro um major com 160 homens em auxilio da guarda ameaçada e no dia seguinte seguiu elle proprio com mais 60, deixando 150 soldados na guarda de São Sebastião.

O projectado ataque dos hespanhóes não se realisou por ter sobrevindo a paz e em Fevereiro de 1802 escreveu ainda o tenente-coronel Camara ao governador do Rio Grande do Sul, general Francisco João Roscio, com referencia á „guarda avançada da villa de Batovy".

Uma das consequencias dessa guerra de 1801 foi o restabelecimento da fronteira pelo rio Santa Maria e 8 annos depois passou o territorio de São Gabriel a fazer parte officialmente do municipio de Rio Pardo, com o nome de „Districto de Vaccacahy".

Sabe-se que desse districto dirigiu-se, em Agosto de 1804, José Pinto da Fontoura ao governador da capitania com referencia á colheita de linho e ao castigo exemplar que mereciam os desleixados nesse cultivo.

Em Julho de 1806 o commandante da fronteira de Rio Pardo, exercido ainda pelo general Corrêa da Camara, propoz que a companhia miliciana de Vaccacahy, com o seu capitão do districto, fôsse fazer exercicio de cavallaria em Caçapava e em Março de 1809 informou o mesmo militar ao governo que era extrahido ouro do sólo desde São Lourenço até o Vaccacahy e por todo o Camaquam e que encarregára o tenente Antonio Vicente de Siqueira de prender os individuos que nesse mistér se occupavam, tendo 9 mezes após dado parte do resultado da missão deste official.

Em Março de 1810 dirigiu-se o mesmo general Camara ao governador sobre o estabelecimento de guardas no Rincão do Salso e conveniencia das mesmas, por se tratar de terras auriferas, procedentes de varios arroios e 4 mezes depois pedin que as praças inválidas de Missões fossem empregadas no destacamento do Salso, onde se achavam muitas pessoas empregadas na extracção do ouro. Na mesma occasião referiu-se o chefe portuguez ao auxilio que devia ser prestado aos moradores de Batovy para levantarem uma capella e em Setembro mandou vir as carretas do districto de Vaccacahy para transportar as praças da Legião de São Paulo, que sob o commando do marechal Joaquim Xavier Curado, conde de São João das Duas Barras, seguiram effectivamente de Rio Pardo por Caçapava e, depois de atravessarem a campanha gabrielense, chegaram em 30 de Setembro ao passo de São Borja, no rio Santa Maria.

Nessa época mandou o referido general Camara ao governador da capitania, pelo cabo João Martins de Andrade, ouro vindo da guarda do Salso e no seguinte mez de Outubro

communicou ao mesmo governador que era desnecessaria a citada guarda, referindo-se ás queixas dos estancieiros contra os soldados della, a exploração clandestina do ouro e ao augmento da patrulha que auxiliava os directores mineiros.

Em nova correspondencia dirigida á primeira auctoridade da capitania, em 17 de Outubro e 5 de Dezembro de 1810, voltou Camara a referir-se á mencionada guarda, que parece, pelo exposto, ter preoccupado sobremodo a sua attenção.

Em Novembro mandou o marechal Curado averiguar porque o alferes Francisco de Borja Corte Real não promptificou o passo de São Borja para a passagem de sua columna, de accordo com as ordens que recebêra.

Em Janeiro de 1811 achava-se em Batovy reunindo milicianos para a proxima campanha contra os argentinos e uruguayos o tenente-coronel João de Deus Menna Barreto, visconde de São Gabriel, em cuja campanha tomaram parte os do districto de Vaccacahy incorporados ao 1.º Regimento de Milicias, commandado pelo mesmo official.

Em Fevereiro o governador do Rio Grande do Sul, marechal Diogo Martim Affonso de Souza Telles de Menezes, conde de Rio Pardo, atravessou o territorio de São Gabriel, dirigindo-se de Rio Pardo para o Rincão de São Diogo e 4 mezes depois fez nova travessia em sentido inverso, juntamente com a divisão do marechal Curado, transpondo o passo de Rosario e o rio Jaguary com destino a Bagé.

Em Novembro transitaram tambem pelo municipio as forças dos marechaes Gonçalo Antonio da Fonseca e Sá e Patricio Corrêa da Camra, 1.º visconde de Pelotas, e do coronel Joaquim de Oliveira Alvares, destinadas ao territorio uruguayo.

De regresso de sua victoriosa campanha no Uruguay, em Setembro de 1812 passou novamente pelo municipio o governador conde de Rio Pardo, dirigindo-se de Quarahy para Porto Alegre.

Tendo essa auctoridade determinado que fossem confiscados os animaes cavallares introduzidos furtivamente do territorio uruguayo em consequencia da referida campanha, foi encarregado dessa missão no districto de Vaccacahy, em Outubro, o tenente da Legião de São Paulo, Raphael Fortunato da Silva Brandão. Dando desempenho a essa incumbencia, confiscou o citado official 341 cavallos nas estancias de Francisco Antonio, Manoel Antonio, Custodio de Bittencourt, Santos Martins, Salvador Martins Morato, Sebastião de Candia, José Joaquim, Jeronymo Dornelles de Souza, Antonio Gonçalves Borges, Antonio Dias Gonçalves, José Maria da Cunha, Januario Barboza, Manoel Paim, Matheus Soares, Ricardo José

de Mendonça, Joaquim Mariano, Francisco dos Santos, Francisco Guterres, Antonio Alves Trilha, coronel João de Deus Menna Barreto, Fortunato Luiz Barreto, Theotonio José Lopes, Viuva Trilha, José Gonçalves, Manoel Martins, Francisco Cesar, Antonio Martins e Antonio Francisco, recolhendo-se ao acampamento de Conceição no seguinte mez de Novembro.

Durante o anno de 1812 era o districto de Vaccacahy commandado pelo tenente José Machado Fagundes, que ainda em Novembro desse anno remetteu para Rio Pardo diversos desertores do exercito que apprehendeu em sua circumscripção.

Em Outubro o coronel Francisco das Chagas Santos, referindo-se a necessidade de completar um regimento de cavallaria miliciana, propoz que „fosse designada para fornecer gente para duas companhias delle, uma zona que, partindo do acampamento de Conceição (na forqueta do Ibicuhy Mirim com o Upacarahy), se dirija ao rio Santa Maria, na forqueta do Jaguary, a procurar o Vaccacahy, servindo este de divisa até a forqueta com o Arenal, incluindo a capella de Santa Maria ou desde o passo de Rosario para o mesmo Vaccacahy, pois me dizem — accrescenta — que no espaço entre estes dois rios, Santa Maria e Vaccacahy, ha gente bastante para duas companhias, incluindo o pequeno territorio da capella de Santa Maria".

Ao findar o citado anno de 1812, em Dezembro, o coronel João de Deus Menna Barreto organisou em Batovy o 1.º Regimento de Cavallaria Miliciana com 8 companhias, entrando para a composição do mesmo o districto de Vaccacahy com uma companhia, a 2.ª, composta de 76 homens e da qual eram officiaes o major Manoel Carneiro da Silva Fontoura, o tenente Bartholomeu Pinto de Aguiar e o Alferes Vicente Freire de Andrade, sendo dispensados 33 homens do mesmo districto por excesso de effectivo.

Do referido regimento era capellão, com o posto de capitão, o padre Feliciano José Rodrigues Prates, depois 1.º Bispo do Rio Grande do Sul.

Em 16 de Dezembro de 1813 o conde de Rio Pardo, attendendo ás petições que diversas vezes fizeram os moradores circumvisinhos de Vaccacahy e Batovy, allegando que o local antigo não se prestava para a nova povoação que queriam fundar, determinou que fosse demarcada para esse fim meia legua em quadro na sesmaria de Antonio Alves Trilha, á margem esquerda do rio Vaccacahy, pois o governo quando fazia a concessão das terras aos sesmeiros, declarava poder dispor dessa área para fundar povoações, quando achasse conveniente fazel-o.

Em 7 de Dezembro de 1814 compareceram no local designado o capitão Paulo Nunes da Silva Jardim, juiz das sesmarias de Rio Pardo, Albino Francisco de Bem, escrivão ajudante, João José da Camara, piloto do juizo, Manoel Pereira do Couto, ajudante da corda, Bernardo Vieira de Lemos, jurado do alcaide, José Eleutherio, porteiro juramentado, o general João de Deus Menna Barreto, Antonio Alves Trilha, Thomé Francisco da Silva, Manoel Sabino Valente, Manoel Gonçalves da Trindade, José Pinto da Fontoura e Simão Gonçalves, sendo, com todas as formalidades, demarcada a área da nova povoação, que conservou o nome de São Gabriel, já no governo do general Luiz Telles da Silva Caminha de Menezes, 5.º marquez de Alegrète, tendo o piloto Camara levantado a competente planta.

No local a ella destinada havia o governo concedido terras anteriormente „dentro da meia legua de terreno destinada para a nova capella de Vaccacahy" a João de Abreu, Simão Gonçalves, Antonio de Carvalho Romualdo, Francisco Ignacio da Fontoura, João Baptista Barreto, Luiz Antunes, João de Lemos, Sebastião Rodrigues da Silva, Manoel Sabino Valente, Thomé Francisco da Silva, Maria Francisca de Moraes e outros.

Depois da fundação do povoado, foram concedidas novas sesmarias, a saber: em 1816 a Joaquim José Domingues, João Gomes Barroso, José de Lemos Silva, Severino Antonio da Silveira, Bento José Martins, Severino Antonio de Figueiredo, Manoel da Silva Paranhos, Manoel Velloso Rabello, — em 1815 a Jacintho José de Castro, Manoel Gomes de Camargo, Balthasar Pinto de Aguiar, Francisco Xavier Cesar, — 1818 a Francisco Machado Coelho, José Gonçalves Dias, — 1820 a Manoel Francisco da Silva, — em 1821 a Camillo Martins de Menezes, — em 1822 a José Maria da Gama Lobo Coelho de Eça (barão de Saycan), —em 1823 a Fortunato Francisco Pereira, Maria Ignacia da Pureza, etc.

Em 28 de Novembro de 1815 foi o recente povoado creado Capella Curada, sendo os seus limites fixados pelos rios Santa Maria, Cacequy, Vaccacahy, Salso e Taquarembó, e 11 annos depois teve o 1.º capellão, padre João de Almeida Pereira, tendo sido anteriormente exercidos os officios religiosos por dois padres hespanhóes.

No inicio da guerra contra os uruguayos de Artigas em 1816, o marechal Joaquim Xavier Curado veio de Rio Pardo com a sua columna e marchou atravez do municipio de São Gabriel até transpor o rio Santa Maria no passo do Rosario.

O convenio de limites de 1819, firmado em Montevideo, integrou no Brasil todo o territorio que constiue hoje o municipio de São Gabriel e trez mezes depois passou o mesmo territorio a pertencer ao municipio de Cachoeira (Abril de 1819).

Na mencionada guerra contra Artigas, em Dezembro do mesmo anno, depois da batalha de Itaquatiá, os generaes Bento Correa da Camara e José dos Santos Abreu, barão de Cerro Largo, acamparam no passo de São Borja, sobre o rio Santa Maria, e ahi se lhes reuniu no mez seguinte o governador do Rio Grande do Sul, José de Castello Branco Correa da Cunha Vasconcellos Souza, marquez de Mortara, de Olias e de Zamal e conde de Figueira, feito o que, transpuzeram todos o rio Ibicuhy da Armada e foram a procura de José Gervasio de Artigas, conseguindo derrotal-o definitivamente em Tacuarembó, pondo remate á guerra iniciada em 1816.

Em Março de 1822 o marechal João de Deus Menna Barreto propoz que o commando da capella fosse confiado ao tenente-coronel reformado do Regimento de Dragões, João Antonio da Silveira, que devia dirigir tambem a companhia miliciana do districto. Nesse mesmo anno, em solenne reunião popular, a 15 de Agosto, manifestou a joven povoação de São Gabriel de Batovy a sua adhesão aos actos do principe-regente Pedro de Alcántara, duque de Bragança, dirigindo um abaixo-assignado ao marechal João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Oliveira Souza Daun, duque de Saldanha, governador da provincia, no qual se congratuláva pela convocação feita pelo mesmo principe de uma Assembléa Constituinte.

Em 7 de Setembro, precisamente no dia da proclamação da Independencia, o successor de Saldanha no governo, marechal Menna Barreto, communicou ao ministro José Bonifacio de Andrade Silva esse facto, enviando-lhe a representação feita pelo povo gabrielense.

A povoação foi se desenvolvendo e em 1825 já contava 300 a 400 habitantes. Nesse anno, em Maio, ao saber que irrompêra na Provincia Cisplatina uma revolução, secundada depois pela Argentina e da qual resultou a sua segregação do Brasil, o barão de Cerro Largo, então commandante das armas da provincia (cargo que corresponde hoje ao de Commandante da Região)) estabeleceu o seu quartel-general em São Gabriel e, depois de reunir algumas forças, dirigiu-se ao territorio cisplatino, onde foi mal succedido, vindo situar novamente o seu quartel-general em São Gabriel, para ser pouco depois demittido do commando.

O marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, marquez de Barbacena, nomeado commandante do exercito, visitou a povoação, que era um dos depositos deste, ao se dirigir á Livramento para assumir o commando. O barão de Cerro Largo, depois de conferenciar com o marechal, situou-se em São Ga-

briel em fins de 1826 e iniciou a reunião de voluntarios para o exercito, conseguindo reunir 600, numero este que foi aos poucos diminuindo.

Barbacena, ao levantar acampamento de Livramento, fez transportar os doentes e bagagens, que não podiam acompanhar o exercito, daquella povoação para São Gabriel pelo passo de São Borja. No deposito de São Gabriel havia fardamento, mantimentos, muito vinho e aguardente destinados ao mesmo exercito e delle sahiram 32 carros de munição para os forças do marquez que vinha em marcha.

Em 27 de Janeiro de 1827 havia deixado essas forças o major de engenheiros Adolpho Antonio F. de Seweloh que, de Taquarembó Grande, foi até São Gabriel fazer um reconhecimento, levantou a planta da povoação e reuniu-se novamente a Barbacena no dia 31 em Taquarembó Chico, assim se referindo sobre ella em suas „Reminiscencias“:

„Cheguei á capella de São Gabriel, pequena povoação com interessante ponto militar, composta de 29 casas de pedra, parte sobrados bons e 22 casas cobertas de palha. O logar tem um exterior alegre e é situado sobre uma grande collina, num terreno alto, que de todos os lados offerece segurança a um exercito que se ache de posse delle, devendo sua origem a um acampamento que tinha nesse logar em 1813 o tenente-general João de Deus Menna Barreto.“

Pela planta levantada por Seweloh vê-se que São Gabriel comprehendia naquella época somente a actual praça Dr. Fernando Abbott, estendendo-se para o Norte menos de 1 quadra além da rua Forte Caxias e ao Sul tambem menos de quadra além da rua Barão de São Gabriel. A Léste alongava-se a povoação pouco além da rua Andrade Neves, o mesmo acontecendo a Oéste, onde ultrapassava um pouco a rua General Mallet. Na face occidental da dita praça, no centro da quadra entre as ruas Coronel Sezefredo e Forte Caxias, ficava situado o Armazem Militar e a casa do Commandante era no mesmo lado, porêm já na rua General Mallet, mais ou menos no meio da quadra entre a rua Forte Caxias e a Coronel Soares. Assignala ainda a citada planta a actual igreja do Bomfim com o nome de „Capella Velha“ e o local da nossa Matriz com o de „Projecto da Capella Nova“, informando tambem que a praça tinha 230 passos de extensão de Léste a Oéste e que entre a povoação e o rio Vaccacahy mediava uma distancia de 800 passos.

Em 13 de Fevereiro fez juncção com as forças de Barbacena na cochilha de Babaraquá, perto das nascentes do Jaguary, o barão de Cerro Largo a frente do seu corpo de voluntarios, reduzido a 243 homens.

Antes disso invadira o general Carlos Maria de Alvear o sólo riograndense a frente de 10.557 soldados argentinos e uruguayos e 24 canhões, trazendo sob suas ordens os generaes João Antonio Lavalleja, Julião Laguna, Lucio Mansilla, Miguel Estanislau Soler e Frederico Brandsen, penetrando afinal em terras do actual municipio pelo rio Jaguary e serro de Batovy, onde saqueou e depredou diversas estancias, arrebanhando 6.000 cavallos. Entre os dias 5 e 11 de Fevereiro o official argentino Alexandre Danel, que andava percorrendo a campanha, encontrou occultas nos mattos junto ao passo de São Borja, diversas bagagens do exercito brasileiro e nellas 3 bandeiras, que mais tarde foram expostas em Buenos Aires como tropheus tomados na batalha de Ituzaingo, que foi posterior a este facto.

O coronel Paulo Zufriátegui, adiantando-se de Jaguary ao exercito invasor, dirigiu-se a São Gabriel, apresou em caminho 7 carretas com armas e munições para o nosso exercito e occupou a povoação sem resistencia em 8 de Fevereiro, encontrando-a deserta, porque a população, avisada em tempo pelo coronel Bento Manoel Ribeiro, abandonou-a antes da chegada do inimigo. Este a saqueou, apoderou-se tambem dos depositos de armas e munições, contendo um só dos armazens saqueados 80 pipas de vinho e aguardente e 120 peças de panno.

Dois dias depois chegou a São Gabriel o proprio Alvear com o resto do exercito, depois de ter apresado uma carreta que ia com armamento e munição para os nossos. Ahi se lhe apresentaram o major Alexandre Luiz de Queiroz Vasconcellos (sobrinho do visconde de São Gabriel) e o negro Pedro, official dos Henriques, dizendo o primeiro querer libertar sua patria — o Continente, o que agradou de tal forma o chefe inimigo que o nomeou coronel do exercito argentino e encarregou-o de levantar uma legião que se denominaria „Libertadores do Continente do Rio Grande“.

O general Mansilla, chefe do estado-maior de Alvear, refere-se a São Gabriel, dizendo que „su poblacion és doble de Bagé (que tinha então de 70 a 80 casas) y sus edificios de igual ó mejor gusto, amueblamiento e construcción“ accrescentando que ella „situada sobre una elevada colina, domina las hermosas llanuras que baña Bacacay y circundan el pueblo“.

Sabendo que o coronel Bento Manoel Ribeiro se encontrava com uma brigada de 863 homens na costa do arroio do Salso, mandou Alvear contra elle o coronel João Lavalle, com 800 ho-

mens. A vanguarda de Bento Manoel, composta de 200 homens, era commandada pelo major Gabriel Gomes Lisboa e um piquete avançado de 70 homens, dessa vanguarda, chefiado pelo tenente Marcellino Ferreira do Amaral atacou de surpreza em 13 de Fevereiro um piquete de 100 argentinos junto ao rio Vaccacahy matando-lhe 2 officiaes e 20 soldados. Lavalle veio com 700 homens em soccorro do piquete derrotado e o tenente Amaral reuniu-se ao major Lisboa, retirando-se ambos combatendo até se reunirem ao resto da brigada de Bento Manoel, tendo, nesse momento, Lavalle cessado a perseguição, que nos custou 2 mortos e 3 feridos. Muito se distinguiu nesse combate o alferes Antonio Correa de Mello.

O tenente José Theodoro Braga conseguiu tambem tomar aos invasores 3 carretas e o gado que haviam roubado na estancia de Manoel Rolhano.

No dia seguinte o general argentino proseguiu sua marcha por Cayboaté, pontas do arroio Jacaré, rio Cacequy e passo do Rosario, mas somente em 16 retiraram-se os ultimos homens do corpo do general Lavalleja, em numero de 40, depois de pôrem fogo á povoação de São Gabriel.

O barão de Cerro Largo, que fazia a vanguarda de nosso exercito, occupou-a juntamente com o marechal Gustavo Henrique Brown e o tenente-coronel Antonio Elzeario de Miranda Brito, e extinguiu o incendio, que já destruira 3 dos seus melhores predios.

O marquez de Barbacena que, com o grosso de suas forças (5.567 homens e 12 canhões), trazendo sob suas ordens os generaes Gustavo Henrique Brown, Sebastião Barreto Pereira Pinto, João Chrysostomo Callado, José dos Santos Abreu, barão de Cerro Largo e Francisco José de Souza Soares de Andréa, barão de Caçapava, viéra pelas pontas do Jaguary (13 de Fevereiro), estancia de José Francisco de Serpa (14), passo de Pau Arcado, no rio Vaccacahy (16) e estancia de Bernardo José do Canto, penetrou no dia seguinte no povoado e, depois de proclamar enthusiasticamente ás tropas, reencetou sua marcha em 18, deixando nelle bagagens e munições e installado um hospital com 271 doentes, sob a direcção do Dr. Manoel Joaquim de Menezes.

O marechal Luiz Manoel de Lima e Silva que, como capitão, fazia parte do exercito, diz em seus „Annaes" que São Gabriel „constava de uma praça cheia de pequenas casas de telha, uma igreja e outras casas mais regulares e um sobrado em um canto da praça e á roda da povoação apenas mui insignificantes casas espalhadas, a mór parte cobertas de palha.

Foi quando observamos — accrescenta — os estragos feitos pelo inimigo, como fossem: casas de negocio arrombadas, pipas de vinho na rua, esvasiadas, e todos os vestigios dos destroços dos depositos de mantimentos."

Em 19, depois de passar o exercito o banhado de Inhatiúm e a estancia de Antonio Francisco, o barão de Cerro Largo combateu a retaguarda argentina no Campo dos Salsos, a 3 ½ leguas de São Gabriel e no dia 20 teve logar junto ao arroio Imbahé (que divide actualmente o municipio de São Gabriel do de Rosario) a famosa batalha de Ituzaingo, a 8 kilometros do passo do Rosario, entre os exercitos de Alvear e Barbacena, na qual foi morto o referido barão, um dos nossos mais valorosos fronteiros.

O resultado da acção foi adversa á Barbacena, que retirou-se pelo passo de Moças Velhas, no rio Cacequy (onde apoderou-se de 15 carretas com bagagens e armamentos deixados pelo inimigo quando se dirigia ao passo do Rosario), estancia de São Felippe, estancia do Cesar (21 de Fevereiro), estancia do Pau Fincado, do coronel Manoel Carneiro, onde se lhe reuniu a brigada de Bento Manoel (22), Rincão do Capitão Balthasar, em Rodeio Colorado (23), estancia de Narciso de Figueiredo, Boqueirão do Campo do Pavão (24), passo do Rocha e passo do Pinto, onde transpoz o rio Vaccacahy (25), com destino a São Sepé e passo de São Lourenço.

A cavalhada do exercito foi salva pelos seus guardadores, chegando na noite de 20 em São Gabriel, de onde teve o Dr. Manoel Joaquim de Menezes de levantar, alta noite, o hospital installado e transportal-o para Cachoeira.

Os argentinos, commandados pelo coronel Servando Gómez, entraram pela segunda vez em São Gabriel a 25 de Fevereiro, apoderando-se de 20 carretões de parque e vestuarios e de armas, munições e petrechos, deixados nella pelos nossos quando foram em seguimento do inimigo, antes da batalha. Depois de estar na estancia do coronel Thomaz, chegou tambem Alvear e fez attender os feridos com commodidade.

Nessa occasião apresentaram-se ao general argentino o capitão Francisco das Chagas Rocha e um filho e os alferes Machado, Araujo e Jeronymo Rodrigues de Siqueira, offerecendo-se para contribuirem á fundação de uma republica no Rio Grande do Sul.

Como o erudito historiador riograndense, Dr. Alfredo Varela, menciona em suas obras „Revoluções Cisplatinas" e „Duas Grandes Intrigas" o alferes Jeronymo entre os precursores das idéas republicanas no Rio Grande do Sul, achamos conveniente enunciar aqui algumas informações sobre

a sua pessoa que, na falta de outro merito, servem para demonstrar que existem indicios de ligações suas com os revolucionarios platinos desde 1811.

O alferes de guerrilhas Jeronymo Rodrigues de Siqueira casou com Isabel Maria, filha do paulista José Martins de Oliveira (que estabelecera-se em terras de São Gabriel desde 1788 como já dissemos no inicio deste trabalho) e estabeleceu-se junto ao arroio Capão Grande, na propria sesmaria de seu sogro. Antes de 1801 foi algumas vezes á negocios a Montevideo e tomou parte na campanha desse anno contra os hespanhóes.

Passou a residir na provincia de Missões e em Maio de 1811, sendo ainda furriel de milicias, pediu em São Borja ao coronel Francisco das Chagas Santos permissão para ir além do rio Quarahy receber 1.000 rezes de João Pedro Alegre em pagamento de uma divida de Rs. 900$000.

Auctorizado pelo commandante de Missões a passar esse gado na guarda de Quarahy, dirigiu-se em Setembro á villa uruguaya de Belém, então occupada pelo major Manoel dos Santos Pedroso, levando comsigo 22 cavallos reúnos que estavam confiados á sua guarda em São João Mirim, segundo denuncia do capitão Nogueira. Uma vez em Belén, Jeronymo conseguiu da boa fé de Pedroso ampla licença, que lhe permittiu ir a Paysandú e regressar pela guarda de Quarahy levando todo o gado de 3 estancias.

Pedroso informado de que o furriel não era credor de ninguem e que pretextára a divida para fazer arreadas no Uruguay, pediu em outubro ao coronel Chagas que embargasse tudo o que lhe pertencia. Chagas fez em Novembro o alferes Raymundo Santiago ir á estancia de Jeronymo e trazel-o preso em São Borja, juntamente com os seus companheiros de aventuras, Americo Rodrigues e 3 milicianos da companhia do tenente Freire: Manoel Martins de Oliveira (que era cunhado de Jeronymo), Raymundo Ferreira Alvares e Floriano Pedroso de Almeida, este vindo sem licença do districto de São Raphael e os outros, desertores do acampamento de São Diogo, os quaes disseram que haviam sido contractados por Jeronymo para trazerem gado da costa do rio Negro. O alferes Santiago embargou 1.120 rezes na estancia de Jeronymo e 392 na de Americo, sendo o tenente Braga incumbido de averiguar o occorrido, junto ao major Pedroso.

Os milicianos foram remettidos para Bagé e Jeronymo, submettido a interrogatorio pelo capitão Francisco de Castro Matutino Pitta e alferes José Cesario de Abreu, disse que trouxera 1.400 rezes da estancia dos Molles, no districto de Paysandú, pertencentes a Dommigos e João Pedro Alegre, que se achavam em Capilla Nueva de Mercedes, sendo-lhe o gado entregue pelo capataz Lino e quanto aos cavallos reúnos, affirmou tel-os entregue ao sul do Ibicúhy ao cabo Ignacio Peixoto, que ia do acampamento de Santa Maria para a villa de Belén reunir-se á força de Pedroso.

O conde de Rio Pardo, informado dos factos, determinou de Maldonado, onde se achava, em Dezembro, que Jeronymo e Americo fossem enviados a Porto Alegre, porêm em Janeiro de 1812 o coronel Chagas informou ao governador que o furriel Jeronymo da Silva Belas e 3 soldados que conduziam os presos para a capital, os desamarraram no caminho e restituiram a Jeronymo a sua espada, resultando a fuga dos mesmos presos, motivo pelo qual foi preso o citado furriel Belas. Na mesma occasião Chagas communicou que o tenente Braga nada conseguiu apurar no seu inquerito.

Jeronymo Rodrigues de Siqueira não esteve occulto muito tempo, pois 4 mezes depois tomou parte em 4 e 6 de Maio no assalto da cidade argentina de Santo Tomé, levado a effeito pelo mesmo coronel Chagas, e nessa acção béllica levou um balaço no rosto, perdendo o olho direito, do que lhe adveio a alcunha de „Jeronyto Torto", com que foi depois conhecido.

O seu cunhado Manoel Martins de Oliveira parece nada ter soffrido, porque em Dezembro do mesmo anno de 1812 já figura como cabo do 1.º Regimento de cavallaria miliciana, pertencendo á 2.ª companhia, do districto de Vaccacahy, com 28 annos de idade, solteiro.

Em um papel publico, datado de Julho de 1812, consta que Jeronymo andava nessa época, com seu cunhado Manoel Martins de Oliveira, fazendo parte do Exercito Pacificador, com o qual o conde de Rio Pardo operava no Uruguay desde 1811. Outro documento affirma, todavia, que em 1811, quando morreu seu sogro, achava-se Jeronymo, juntamente com os seus cunhados José e Manoel, em armas contra a sua patria, militando nas hostes de Artigas, motivo pelo qual foi a sesmaria, cuja herança lhes cabia, sequestrada pela justiça e vendida em hasta publica em Setembro de 1812, porêm Jeronymo, em compensação, recebeu do chefe oriental um estabelecimento junto ao arroio Tacuarembó grande. Annos depois, tendo se apresentado aos generaes Curado e Lecór, passou o aventuroso alferes a servir novamente no exercito portuguez contra o seu antigo chefe. Conforme attestou em 1820 o sargento-mor Ubaldo Pinto Bandeira foi Jeronymo encarregado da vigilancia da fronteira pelo general Bento

Correa da Camara e quando deu-se a invasão de Missões, descobriu no serro do Lupareco uma força de 500 homens, commandada por Artigas, prendeu o capitão Gadea e conservou-se ao lado do inimigo, expedindo um prompto aviso ao general Camara, o que permittiu a este acorrer de Bagé ao ponto ameaçado. Em Junho de 1819 como vaqueano da vanguarda da divisão do general Felix José de Mattos, vanguarda esta commandada pelo sargento-mor Bento Gonçalves da Silva, em marcha de Bagé para Livramento, aprisionou um capitão nas pontas de Cuñapirú e muito se distinguiu no combate de 29 de Julho, em que foi derrotado o caudilho José López Chico, segundo attestou em 1820 o mesmo Bento Gonçalves, debaixo de cujas ordens combateu nesse dia. Conforme attestaram em 1824 o coronel Joaquim José da Silva e o sargento-mor Marçal José da Fonseca, Jeronymo, como commandante de uma guerrilha, fez a vanguarda do exercito do conde de Figueira na marcha de que resultou a batalha de Tacuarembó, em cuja acção portou-se com valor e desembaraço. Esses mesmos militares affirmam que Jeronymo era um official habil e intelligente no exercicio de guerrilhas e grande conhecedor da campanha, apezar de analphabeto.

Em Maio de 1835 o general Carlos Frederico Lecór, visconde de Laguna, mandou-o, de Canelones, conseguir cavalhadas para o exercito no Rio Grande do Sul e por essa época o general Sebastião Barreto Pereira Pinto expellin-o da costa do Tacuarembó grande e o alferes de guerrilhas voltou á provincia. Com peões e escravos armados, penetrou em 30 de Setembro de 1823, na antiga sesmaria de seu sogro, já pertencente á viuva Florinda Clara de Oliveira (depois sogra do barão de Cambahy) e fixou-se no antigo sitio de Capão Grande, seguindo-se uma prolongada demanda.

Em 1825 empunhou armas novamente na guerra da Cisplatina e em 20 de Julho de 1826 a justiça deu ganho de causa á viuva Florinda na demanda em referencia e dahi certamente o motivo de sua adhesão ao general Alvear dias depois da batalha de Ituzaingo, com o qual retirou-se para o Uruguay para nunca mais voltar ao nosso paiz.

Encerrando esta digressão sobre o alferes Jeronymo Rodrigues de Siqueira, baseada em documentos publicados na „Revista do Archivo Publico" do Estado e nos autos de uma demanda que se encontram em nosso poder, vamos voltar ás nossas notas historicas sobre São Gabriel.

Depois de procederem a um novo arrebanhamento de cavallos na campanha, abandonaram os invasores argentinos a povoação de São Gabriel em 1.º de Março de 1827, deixando, porêm, em tratamento os officiaes brasileiros João Portuguez Pereira, Joaquim Antonio e Antonio Bento da Silva e os officiaes argentinos Lucio Donado, Mariano Boedo, José Felix Boedo e João Ramão Dicos, trazidos feridos do campo de batalha, ficando encarregado de assistil-os o medico argentino Luiz Echeverria, conforme escreveu em 28 de Fevereiro Alvear a Barbacena, para que o medico não fosse retido prisioneiro. O tenente João Portuguez Pereira veio a fallecer em São Gabriel a 17 de Março, em consequencia dos ferimentos.

Com o regresso do inimigo ao territorio cisplatino, veio em Abril seguinte occupar a povoação o coronel Bento Manoel Ribeiro.

Em 1828, por occasião da invasão de Missões pelo general uruguayo Fructuoso Rivera, esteve em São Gabriel em Maio e Julho o capitão Antonio Garcez de Moraes, encarregado pelo commandante da fronteira de Rio Pardo, coronel João do Canto e Mello, visconde de Castro, de reunir gente para combater a referida invasão. Em Agosto e Novembro do mesmo anno esteve na povoação o coronel João Florencio Baptista Perêa, incumbido pelo visconde de Laguna de negociações secretas junto ao mencionado caudilho.

Em 1831 foi São Gabriel transferida para o dominio do municipio de Caçapava e 4 annos mais tarde viu de novo a pequena povoação o tumulto guerreiro ás suas portas, na revolução de 1835-1845.

Em 19 de Setembro de 1835 o juiz de paz Camillo Martins de Menezes e o tenente-coronel João Antonio da Silveira, commandante da guarda nacional do districto, coadjuvados pelo coronel Affonso José de Almeida Corte Real e tenente Manoel José Pires da Silveira Casado, começaram a agir em prol do movimento que devia irromper em toda a provincia simultaneamente. No dia seguinte foi a guarnição local, commandada pelo capitão Francisco de Paula Macedo Rangel, cercada por 300 revolucionarios, até que em 4 de Outubro os sitiantes investiram decisivamente e, ao darem o assalto ao quartel da força legal, situado em um novo e sólido sobrado, o alferes Joaquim de Faria Correa conseguiu a adhesão dos seus defensores, sendo Rangel e outros officiaes aprisionados.

No mesmo dia João Antonio da Silveira foi ao encontro do commandante das armas, marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, que, com o coronel José Rodrigues Barboza, acudia de Bagé em soccorro dos sitiados, e, á noite, atacou-os de surpreza perto do serro de Batovy, resultando a dispersão da força legal que, em parte, adheriu á revolução, tendo Barreto, Barboza e outros officiaes de se refugiarem no Uruguay.

O tenente Manoel Luiz Osorio, depois marquez de Herval, que vinha nessa força, conduziu até a fronteira um official seu amigo e foi depois apresentar-se ao coronel Bento Manoel Ribeiro em São Gabriel.

Neste povoado encontrava-se desde o dia 6, vindo de Alegrete, esse chefe revolucionario, que assumiu ahi o commando das forças dessa zona, dirigindo-se mais tarde ao passo de Ibicuhy da Armada.

Mezes depois, quando esse experimentado fronteiro (Bento Manoel), discordando dos seus companheiros, resolveu sustentar o governo do novo presidente nomeado, José de Araujo Ribeiro, visconde de Rio Grande, foi a São Gabriel que se dirigiu, para dahi lançar o manifesto de 30 de Dezembro reconhecendo a sua auctoridade e ordenando, como commandante das armas, que as forças militares da provincia o defendessem. Incontinenti dirigiu-se á campanha para congregar elementos o mesmo chefe legalista.

O coronel revolucionario Affonso José de Almeida Corte Real veio então a São Gabriel com o mesmo fito, mas teve logo de abandonal-a porque Bento Manoel mandou contra elle uma força que, em 3 de Fevereiro de 1836, reoccupou a localidade.

Ao regressar de sua marcha mallograda em direcção a Porto Alegre, Bento Manoel esteve novamente no povoado e transpoz, depois, o rio Santa Maria no passo de São Borja. Logo depois Corte Real, por sua vez, nelle penetrou e dahi seguiu para Inhatiúm e passo do Rosario, onde devia encontrar dias depois a derrota e a prisão, por não ter aguardado a juncção das forças do major João Manoel de Lima e Silva e do coronel Bento Gonçalves da Silva, que já se encontravam nos rios Cacequy e Vaccacahy respectivamente.

O ultimo destes chefes revoltosos varou o passo de São Borja e avançou até a serra de Caverá em perseguição ao victorioso Bento Manoel e voltou a transpor o rio Santa Maria para seguir em direcção a Pelotas, depois de fusilar em Campo Secco alguns soldados de sua força que praticaram diversos furtos.

O marechal Antero José Ferreira de Brito, barão de Tramandahy, tendo assumido a presidencia da provincia, escreveu para São Gabriel a Bento Manoel, porêm este, indignado com a perseguição movida pelo mesmo ao ex-presidente visconde de Rio Grande e aos seus amigos, contestou-lhes com seccura, pediu demissão do commando das armas (1837) e seguiu após para Alegrete, vindo então o chefe revolucionario João Antonio da Silveira para São Gabriel.

No meio das contingencias da guerra civil foi a capella de São Gabriel elevada á Freguezia em 23 de Dezembro de 1837, na presidencia do marechal Antonio Elzeario de Miranda Brito.

Em Janeiro de 1839 o chefe legalista José Cypriano foi derrotado junto ao rio Vaccacahy e em Junho, quando Bento Manoel, novamente ao serviço da revolução, e João Antonio da Silveira bateram o marechal Sebastião Barreto, cahiu prisioneiro dos vencedores e foi conduzido a São Gabriel o coronel Antonio de Mello Albuquerque, porêm em Outubro conseguiu este official fazer uma reacção, com os capitães João Propicio, Baptista e Manoel Cypriano, ficando a força que reuniram sob o commando de João Propicio.

Em principio de Junho de 1840, tendo as forças legaes occupado Caçapava, marcharam as tropas republicanas de São Gabriel para aquella região, sob o commando de João Antonio da Silveira. O governo da Republica Riograndense transferiu-se para São Gabriel, mas ahi tambem não conseguiu tranquillidade porque a 11 desse mez o capitão Fileno de Oliveira Santos foi derrotado e morto no arroio do Salso pelo coronel Manoel dos Santos Loureiro, tendo a guarnição republicana, que era de 150 homens, de evacuar a povoação no dia seguinte. Em 13, o chefe legalista occupou-a, á frente de 700 homens, apresando dois obuzes e um canhão, e nodia 14 perseguiu os retirantes no banhado de Inhatiúm.

Depois da batalha de Taquary o general Antonio de Souza Netto dirigiu-se a São Gabriel, perto da qual, em São Felippe, o seu companheiro de causa, João Antonio da Silveira, derrotou em 16 de Novembro de 1840 o coronel Jeronymo Jacintho Pereira, que teve 80 mortos e 162 prisioneiros, além de deixar em poder do vencedor 1.500 cavallos.

Em 23 de Fevereiro de 1841 foi vencida em Batovy uma força legal e em Março o general Bento Gonçalves da Silva, que levantára o assédio de Porto Alegre, fixou o seu quartel-general em São Gabriel, onde já se achava estabelecido o governo da Republica Riograndense, exercido pelo Vice-Presidente, coronel José Mariano de Mattos. Este, a 14 daquelle mez, transmittiu o poder ao presidente Bento Gonçalves.

Vinha no exercito revolucionario, com sua mulher Anníta e seu filho Menotti (depois general italiano), o famoso José Garibaldi, que teve a satisfação de encontrar residindo em São Gabriel o seu compatriota Francisco Anzani, antigo carbonario que combatêra na França em 1832 e no cerco do Porto. Em suas „Memorias" descreve Garibaldi esse encontro e relata tambem um interessante episodio anterior da vida

de Anzani, quando este livrou São Gabriel das incursões de um audacioso chefe indio, chamado o „Chefe dos Mattos", que duas vezes por anno a tributava, diz elle. Em São Gabriel o celebre caudilho italiano deixou o serviço da Republica Riograndense sendo, em recompensa dos seus serviços, auctorizado a arrebanhar 900 bois, com os quaes seguiu para Montevideo, levando o citado Anzani em sua companhia.

Mezes mais tarde o general João Paulo dos Santos Barreto veio operar contra os republicanos nas proximidades de São Gabriel. Em 12 e 13 de Junho deu-se o combate do Passo de São Borja, em que 900 homens de Antonio de Souza Netto, João Antonio da Silveira e Jacintho Guedes da Luz procuraram impedir a passagem do rio Santa Maria pelo exercito imperial, porêm sem o conseguir. Distinguiu-se nessa acção o general Antonio Correa Seára e o coronel João da Silva Tavares, visconde de Serro Alegre, sendo a passagem das forças naquelle passo dirigida pelo capitão Manoel Luiz Osorio.

No dia 14 teve logar novo combate entre o passo de São Borja e a estancia de Boa Vista, no qual se distinguiram o general José Maria da Silva Bittencourt e os coroneis Fernandes, Antonio de Medeiros Costa e Jeronymo Jacintho Pereira e em 18, na cochilha da Estancia do Meio, o general Santos Barreto bateu novamente os revolucionarios, perseguindo-os por espaço de uma legua e fazendo-lhes 10 mortos e 1 prisioneiro, com a perda somente de 3 feridos. Distinguiram-se nesse encontro os tenentes coroneis Francisco de Arruda Camara, Francisco Pedro de Abreu (barão de Jacuhy) e João Propicio Menna Barreto (barão de São Gabriel).

No dia seguinte Santos Barreto acampou na estancia de Batovy e em 22 travou combate mais sério com os insurrectos, que tiveram 30 mortos e 30 feridos, no banhado de Inhatiúm, distinguindo-se nelle o general Antonio Correa Seára e o coronel João da Silva Tavares (visconde de Serro Alegre). Os legalistas tiveram nesse combate de Inhatiúm 5 mortos e 22 feridos, contando-se entre estes o major João Frederico Wicknhagen, o tenente Manoel Barreto Pereira Pinto, o ajudante Victorino José Carneiro e os alferes José Alves Pimentel e Joaquim Rodrigues Gonzaga.

No dia seguinte o general legalista acampou na estancia de José Ferreira, em Inhatiúm, e depois de ter um novo encontro com o inimigo em Pau Fincado, situou o seu exercito no Rincão de São Vicente. O seu successor no commando, general Antonio Correa Seára, estabeleceu o acampamento do exercito junto ao rio Vaccacahy, onde se conservou até Agosto de 1842, em que foi transferido para Arroio do Só.

Em 18 de Julho teve a povoação as honras de Baronato, com a concessão do titulo de Barão de São Gabriel ao marechal João de Deus Menna Barreto.

São Gabriel continuou occupada pelos republicanos, até que em 28 de Outubro o tenente-coronel Francisco Pedro de Abreu, barão de Jacuhy, tomou-a de surpreza, aprisionando o chefe da praça, major Maximiano, 1 tenente, 22 soldados e 400 cavallos, assim como o armamento enviado pelo general Fructuoso Rivera, presidente do Uruguay, tendo conseguido fugir a tempo o tenente Sezefredo Alves Coelho de Mesquita. Na povoação era estabelecido com pharmacia Domingos Alvares da Cunha, que muito se esforçou junto a Abreu pela libertação do major Maximiano, porêm nada conseguiu, sendo o commandante revolucionario remettido para o Rio de Janeiro, onde foi posto em liberdade debaixo do compromisso de não voltar ao sul emquanto persistisse a revolução.

Em 7 de Setembro de 1842 houve um combate em Jacaré entre elementos de David Canabarro e os de Jeronymo Jacintho Pereira. Nesse mesmo anno o general Luiz Alves de Lima e Silva, duque de Caxias, mandou guarnecer São Gabriel, a qual, com Jaguarão, Bagé, Alegrete e Uruguayana, fazia parte da 3.ª linha de postos fortificados por elle estabelecidos, e construir nella o Forte Caxias, que foi reconstruido em 1857 e substituido em 1880 por um quartel, que ainda existe.

Em meados de 1843 Caxias teve uma conferencia com Bento Gonçalves perto de São Gabriel, concitando o chefe republicano a envidar esforços em prol da pacificação do Rio Grande.

Caxias partira do passo de São Lourenço esperando fazer juncção perto do Vaccacahy com a força do coronel Jeronymo Jacintho Pereira e ser atacado nas campinas do mesmo rio, antes de attingir São Gabriel, pelo general David Canabarro, que estava no passo do Rosario, porêm tal não se deu, entrando o general legalista na povoação em 19 de Março, tendo antes determinado, em Posto Queimado, medidas rigorosas em favor dos habitantes da campanha.

Caxias fez de São Gabriel sua base de operações, dividiu seu exercito em 3 divisões, commandadas respectivamente pelo general Felippe Nery de Oliveira e coroneis Jacintho Pinto de Araujo Correa e João da Silva Tavares, visconde de Serro Alegre e mandou o coronel Jeronymo Jacintho Pereira atacar o tenente-coronel José Gomes Portinho, que operava na região serrana, proseguindo depois marcha para Livramento com 4.000 homens. O resto do exercito 2.000 homens

ficou acampado no Trilha, junto a povoação, com toda a sua bagagem, sob o commando do coronel Araujo Correa.

O general João Antonio da Silveira, que dispunha de 1.000 homens, mandou do passo de São Borja 200 homens sobre São Gabriel, sob o commando dos tenentes coroneis Manoel de Carvalho Aragão Silva e José Gomes Portinho, situando-se o primeiro com 100 homens na margem direita do Vaccacahy e o segundo em Caieira com o restante da força. Na madrugada de 11 de Abril Carvalho occupou a povoação de surpreza, fez diversos prisioneiros, entre elles o coronel Antonio Pinto e apresou 1.500 rezes. Retirando-se em seguida, perseguido por 300 homens do coronel José Ignacio da Silva Ourives, fez juncção em Caieira com Portinho e ambos, no Campo do Fidelis, destroçaram a força que os seguia, matando-lhe 1 capitão e 12 soldados. Horas depois incorporaram-se a João Antonio, que vinha em marcha, e voltaram todos sobre São Gabriel, occupando a povoação e cercando a guarnição legal nos entrincheiramentos do Trilha.

Caxias, ao saber disto, voltou apressadamente de Livramento, vencendo 24 leguas em 48 horas e em marcha esteve para combater em Batovy com Canabarro, que ia em auxilio de João Antonio, mas o general revolucionario evitou a lucta. João Antonio, com a approximação de Caxias, levantou o sitio em 19 e retirou-se para Bagé. Caxias ficou algum tempo em São Gabriel, demittiu Correa do commando da praça e mandou-o preso para Porto Alegre substituindo-o pelo general Bento Manoel Ribeiro, o que fez os coroneis Manoel dos Santos Loureiro e João da Silva Tavares retirarem-se do exercito. Da Tapera do Trilha escreveu em 22 de Abril o general legalista para o Rio de Janeiro uma curiosa carta sobre a situação do exercito e a posição de Bento Manoel perante o mesmo.

No mez seguinte fez sahir de São Gabriel duas columnas em busca dos revolucionarios, uma sob o commando do mesmo Bento e outra sob seu commando pessoal.

Em Janeiro de 1844 veio commandar a praça de São Gabriel o coronel Manoel Marques de Souza, conde de Porto Alegre, dando-se nessa época dois factos, a saber: — Em 28 de Abril o tenente coronel Carvalho, a que acima fizemos menção, bateu perto da povoação o chefe legalista João Baptista e no dia seguinte surprehendeu na estancia de Antonio Francisco a força do tenente-coronel José Joaquim de Andrade Neves, barão de Triumpho. — Mezes depois esse mesmo chefe republicano, em companhia somente do tenente Sezefredo Alves Coelho de Mesquita e do soldado Polycarpo Pereira de

Carvalho Silva, fez frente temerariamente a 30 homens do tenente Militão do Canto, a 1 legua de São Gabriel, junto á estancia da Caieira (então pertencente ao capitão Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, irmão do bispo Dom Feliciano) e os destroçou completamente.

Em Julho de 1844 o presidente Caxias do passo de São Borja foi a São Gabriel e dahi dirigiu-se a Bagé e em 1.º de Março de 1845 chegou á povoação o tenente Vicente Fialho trazendo ao coronel João Feliciano da Costa Ferreira, commandante da guarnição, e ao coronel João Propicio Menna Barreto, que estava acampado além do rio Vaccacahy, a boa nova da paz de Ponche Verde, que veio pôr fim a essa cruenta lucta de 10 annos.

Em 2 de Março o general David Canabarro, ainda em Ponche Verde, determinou aos generaes Antonio de Souza Netto e João Antonio da Silveira que enviassem a Manoel José Pereira, em São Gabriel, a relação dos mortos na guerra, com a designação de suas viuvas e filhos.

No dia 8 de Março entrou em São Gabriel o proprio presidente Caxias, sendo festivamente acolhido pela população e ahi se conservou até o dia 22, data em que seguiu para Caçapava, tendo na véspera recebido a visita do general Canabarro, cuja vinda a São Gabriel solicitára para com elle conferenciar.

Nesse mesmo anno de 1845 projectou Caxias mandar fazer um canal de São Gabriel ao passo de São Borja para ligar os rios Vaccacahy e Santa Maria.

Ao finalisar o referido anno, em 2 de Dezembro, foi a povoação ascendida a Viscondado com a elevação a Visconde de São Gabriel do marechal João de Deus Menna Barreto, que era Barão do mesmo titulo e cerca de um mez depois teve ella a satisfacção de receber, em 13 de Janeiro de 1846, a visita do Imperador Pedro II, que andava em excursão pela provincia. O joven monarcha, que contava 20 annos, veio de Cachoeira guardado pelo regimento do tenente coronel Manoel Luiz Osorio e hospedou-se no sobrado do estancieiro Thomaz Ferreira Valle (na actual praça Dr. Fernando Abbott) regressando mais tarde á Rio Pardo.

Existem auctores que affirmam ter Pedro II se mostrado enlevado com a paizagem que se lhe offerecia aos olhos, tendo della feito desenhos que não foram conservados.

Mezes após a visita imperial, São Gabriel, que já contava 700 moradores, foi em 4 de Abril elevada a Villa, pela Lei Provincial n.º 8, ainda na presidencia do duque de Caxias, tornando-se municipio autonomo, limitado pelos rios Cam-

bahy Grande, Jaguary, Santa Maria, Ibicuhy, Jaguary Grande e Jaguary Mirim, Serra Geral, arroio Inhandijú, São Miguel Mirim, Cavajuretan, Boqueirão de São Xavier, rios Toropy e Ibicuhy, passo de São Lucas, Pau Fincado, banhado de Santa Catharina e rio Vaccacahy. Somente em 19 de Setembro foi installada a sua primeira Camara Municipal, tendo para esse fim vindo o vereador-presidente da Camara Municipal, de Caçapava, Lucio Jayme de Figueiredo com o seu secretario Miguel José de Campos, sendo os seguintes os primeiros vereadores do novo municipio: Dr. João Pereira da Silva Borges, Antonio de Faria Correa, Joaquim José da Silva Junior, João Raymundo da Silva, José Gonçalves Lopes Ferrugem, Joaquim Maximo Lobato Filho e Manoel José Pires da Silveira Casado.

No judiciario ficou a nova communa pertencendo á comarca de Rio Pardo.

Em Novembro do mesmo anno recebeu a nova villa a visita do commandante das armas, marechal José Joaquim Coelho, barão de Victoria.

Em Novembro de 1849 mandou o commandante da guarnição, coronel João Propicio Menna Barreto, que o tenente coronel Manoel Luiz Osorio fosse, com 200 homens, dissolver as reuniões feitas na fronteira pelo barão de Jacuhy com o fim de invadir o Uruguay e em 7 de Janeiro de 1850 o seu successor no commando, coronel Francisco de Paula Macedo Rangel, fez sahir novamente o mesmo official com identico designio.

A missão de Osorio foi coroada de exito, pois conseguiu prender e remetter para São Gabriel diversos implicados, como o tenente Vicente Fialho, o coronel João Antonio Severo, o major Ramirez e o tenente José Manoel da Silveira. O coronel Manoel Marques de Souza, que assumira o commando da praça, mandou o capitão João Manoel Menna Barreto conduzir os presos á Pelotas, porêm, no trajecto, elles conseguiram fugir, no mez de Fevereiro.

Osorio continuou servindo na guarnição de São Gabriel até Julho desse anno, em que foi transferido para Bagé.

Em Junho de 1850 surgiu na villa o primeiro jornal — „O Artilheiro", manuscripto e dirigido pelo terrivel polemista Pedro Bernardino de Moura; somente em 1862 appareceu a primeira folha impressa — „O Pharol Gabrielense".

No mesmo anno de 1850, em 22 de Outubro, passou São Gabriel a fazer parte da comarca de Caçapava.

No anno seguinte, em 12 de Abril, presenciou a população, na actual praça Marechal Floriano, o triste espectaculo do fusilamento dos soldados Joaquim José da Costa e Militão Gomes Jardim, que haviam assassinado um camarada. Até hoje a crendice popular presta culto aos fusilados, pagando promessas, resando terços e accendendo velas no local onde os mesmos estão sepultados, junto a um dos quarteis da cidade.

Por occasião da guerra de 1851-1852 contra o Uruguay e Argentina, provocada pelos dictadores desses dois paizes, generaes Manoel Oribe e João Manoel José Domingos Ortiz de Rosas, o duque de Caxias fez de São Gabriel o ponto de concentração dos diversos corpos da Guarda Nacional que deviam tomar parte na campanha.

De São Gabriel foi a Livramento apresentar-se ao referido duque, em Agosto de 1851 o general João Frederico Caldwell e no mesmo mez o marechal Bento Manoel Ribeiro conduziu áquella localidade as forças reunidas na villa, inclusive o Corpo de Voluntarios da Guarda Nacional de São Gabriel. Alem das forças de linha de sua guarnição, concorreu São Gabriel para essa campanha com um corpo de cavallaria da Guarda Nacional, commandado pelo tenente coronel Domingos José Alves da Cunha, que foi dispensado em Livramento, por doente, e substituido pelo major Sebastião José do Couto no mez de Setembro, cujo corpo fez parte successivamente das brigadas dos coroneis João Antonio da Silveira, Demetrio Ribeiro e José Gomes Portinho (depois barão de Cruz Alta), todas pertencentes á divisão commandada pelo general David Canabarro. Mais tarde seguiram de São Gabriel 23 carretas com fardamento, armamento e munição e 30 soldados que haviam ficado doentes, em seguimento do exercito, conseguindo reunirem-se ao mesmo em Paso de Cuello, perto de Montevideo (Outubro). Em obediencia á ordem chronologica devemos mencionar aqui que, graças aos esforços do Dr. Jonathas Abbot, foi instituida em Fevereiro de 1853 a Caixa Economica de São Gabriel com o capital de Rs. 230$000, a qual prosperou de tal fórma que em 1857 já apresentava um saldo de Rs. 69:890$778.

Em 12 de Dezembro de 1854 a área do municipio foi ampliada com a annexação do territorio comprehendido entre os rios Ibicuhy da Armada, Santa Maria, banhado do serro das Caveiras, Cochilha Grande, banhado do Salso, arroio Upacarahy e banhado do Uruguay, porêm em 6 de Dezembro de 1858 os seus limites com o municipio de Itaquy recuaram de Jaguary Mirim para o Jaguary Grande.

Em 5 de Abril de 1855 teve logar a fundação da Santa Casa de Caridade, benemerita instituição que tantos serviços tem prestado á humanidade soffredora e cujo edificio tornou-se um dos melhores do Estado no seu genero, com a reconstrucção ha pouco terminada, graças aos esforços da sua actual administração, presidida pelo abnegado Provedor, José Lourenço Lisboa.

Em 1856, ao ser retirado do Uruguay o exercito que desde 1854 occupava Montevideo a pedido do governo uruguayo, uma brigada desse exercito veio acampar em São Gabriel, sob o commando do general João Propicio. No anno seguinte, quando o governo ordenou uma concentração de forças, determinada pela ameaça de uma guerra com o Paraguay, esteve reunido em São Gabriel um exercito de observação, que situou-se depois no rio Ibicuhy, delle fazendo parte, incorporado á 3.ª divisão, do general David Canabarro, o Corpo da Guarda Nacional do municipio, sob o commando do tenente coronel Sezefredo Alves Coelho de Mesquita.

A data de 15 de Dezembro de 1859 assignala a elevação de São Gabriel á categoria de cidade, a setima creada no Rio Grande do Sul. Era presidente da provincia, Joaquim Antão Fernandes Leão.

Em 14 de Março de 1863 foi lançada a pedra fundamental da actual igreja de São Gabriel Archanjo (Matriz), sendo a primeira argamassa posta pelos barões de São Gabriel e de Cambahy.

Em 1864 partiu de São Gabriel o marechal João Propicio Menna Barreto afim de assumir em Pirahy o commando do exercito com que invadiu o Uruguay e entrou victorioso em Paysandú e Montevideo e em 1865 seguiu para Bagé uma força da artilharia para defender a mesma cidade contra alguma invasão dos uruguayos.

Para a citada campanha do Uruguay, em 1864-1865, como para a que se lhe seguiu, no Paraguay, concorreu São Gabriel com sua guarnição de linha e com trez corpos de cavallaria da Guarda Nacional, cujos remanescentes só regressaram em 1871.

Ainda no anno de 1865, em 17 de Fevereiro, foi a cidade elevada a Baronato, com a concessão do titulo de Barão de São Gabriel ao marechal João Propicio Menna Barreto (filho do visconde do mesmo titulo), que pouco sobreviveu ao seu triumpho, pois falleceu a 9 de Maio de 1867 em São Gabriel, „cidade a que votava entranhado affecto", segundo affirma o general Bormann em seu livro „Campanha do Uruguay".

Em Agosto de 1865 pela segunda vez recebeu São Gabriel a visita do Imperador Pedro II, vindo de Caçapava, o qual hospedou-se no sobrado do coronel Tristão José Pinto, onde actualmente funcciona o Hospital Militar. Em companhia do eminente principe vieram o marechal Luiz Maria Fernando Gastão de Orléans, conde d'Eu, o almirante Luiz Augusto Maria Eudes, duque de Saxe (seus genros), o ministro da guerra Angelo Moniz da Silva Ferraz, barão de Uruguayana, os marechaes Luiz Alves de Lima e Silva, duque de Caxias, Francisco Xavier Calmon da Silva Cabral, barão de Itapagipe, Henrique de Beaurepaire Rohan, visconde de Beaurepaire, o almirante Joaquim Raymundo de Moraes, visconde de Lamare, etc. Estiveram elles na estancia de Inhatiúm, do Dr. João Pereira da Silva Borges, e seguiram depois para Uruguayana, onde assistiram a rendição dos invasores paraguayos.

Para a campanha do Paraguay o coronel Tristão José Pinto, veterano de 1835, no espaço de uma quinzena congregou 1.200 homens, quasi todos armados a sua custa, e com elles foi auxiliar o cerco de Uruguayana.

Depois da rendição dessa praça, o coronel João Manoel Menna Barreto conduziu uma brigada de São Gabriel para o Paraguay e passou tambem pela cidade, com destino ao exercito, o coronel Manoel Lucas de Lima com uma brigada organisada em Pelotas e Piratiny.

Era de São Gabriel o 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo que, sob o commando do major Emilio Luiz Mallet, barão de Itapevy (que desde 1855 ahi servia) tanto se distinguiu em Paysandú e Tuyuti. Somente em 1925 essa unidade, já 5.º Regimento, deixou São Gabriel para ir aquartelar em S. Maria. Em 5 de Agosto de 1866 uma commissão composta das sras. Felisbina Fagundes da Silva Lima, Maria Carlota de Camargo, Josephina da Silva Reis e Leonidia Lopes de Oliveira Barreto, remetteu ao general Osorio o producto de uma subscripção feita em São Gabriel em prol dos feridos da guerra hospitalisados em Corrientes.

Quando o mesmo general veio á provincia incumbido de organisar e conduzir ao Paraguay o 3.º Corpo de Exercito, o municipio contribuiu com grande numero de voluntarios, os quaes muito se distinguiram, especialmente na batalha diante de Humaytá, em 16 de Julho de 1868.

Em Novembro de 1867 o general João Manoel Menna Barreto deu o nome de São Gabriel ao forte que fez levantar na posição de Tayi, no rio Paraguay, pouco antes por elle conquistada, demonstrando assim que a recordação da longinqua cidade não o abandonava no meio dos embates sangrentos da lucta.

Em 1870 chegou do Paraguay o 4.º Regimento de Cavallaria, chefiado pelo tenente coronel Manoel Antonio da Cruz Brilhante, e dias depois o 13.º de Infantaria e no anno seguinte voltou a aquartelar em São Gabriel o 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, sob o commando do coronel Manoel Deodoro da Fonseca. A sua officialidade, unida a elementos civis, promoveu a fundação da sociedade dramatica „Harmonia Gabrielense" e da „Sociedade Litteraria Gabrielense".

Em 25 de Outubro de 1872 deu-se a creação da Comarca de São Gabriel, que abrangia então o municipio de Santa Maria e mais tarde o de Rosario; actualmente della faz parte o municipio de Lavras.

Em 1874 o conde de Porto Alegre e o Dr. José Ewbank da Camara opinaram pela notavel importancia de São Gabriel como ponto central de operações militares e de irradiação de linhas férreas, porêm, quando estas foram construidas, o governo preferiu para isso a cidade de Santa Maria. Em 1876 o municipio viu a sua área reduzida, com o desligamento do districto situado entre os rios Areal do Paredão, Cacequy, Santa Maria, Ibicuhy e Jaguary Grande, Serra Geral, rios Toropy, Ibicuhy, Ibicuhyzinho e cochilha de Pau Fincado, que passou a formar um novo municipio o de São Vicente, e com a annexação ao municipio de Rosario de uma fracção do seu territorio, a margem direita do rio Santa Maria, entre o arroio Imbahé, o passo de Moças Velhas e o rio Cacequy.

Em 1879 foi entregue ao transito publico o ponte sobre o banhado de São Gabriel.

1881 assignala a fundação do 1.º club republicano na cidade. Dos seus fundadores existem ainda os srs. Dr. Tito Prates da Silva, General Cassiano Pacheco de Assis, Carlos Candido Pereira, José João Machado de Oliveira, Sergio Severo Fialho, Eduardo Gomes Lisboa, Florencio Bruno Mercado, Adel de Souza Peña, Marcos Avelino de Andrade, Antonio Martins da Cruz Jobim e Francisco Menna Barreto. Trez annos depois surgiu na cidade o orgam republicano „O Precursor", dirigido pelo Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil, auxiliado pelos Drs. Fernando Abbot e Tito Prates da Silva e Manoel Pinto da Costa Brandão Junior, subsistindo até 1887.

Em 1885 recebeu São Gabriel novamente a visita do marechal conde d'Eu, que ahi esteve de 16 a 20 de Janeiro, seguindo depois para Saycan afim de assistir ás manobras do exercito.

Um anno antes fôra extincta a escravidão no municipio, antecipando-se 4 annos á Lei Aurea de 13 de Maio, graças a propaganda tenaz e ardorosa do Dr. Fernando Abbot e de outros abnegados patriotas, dos quaes sobrevivem os srs. Carlos Candido Pereira, Braulio Fernandes Pessoa, José Narciso Antunes e Sebastião Menna Barreto.

Em 1886 houve em São Gabriel uma reunião militar, presidida pelo coronel Candido José da Costa, cunhado de Benjamin Constant, que apoiou a moção votada pelos officiaes do Rio de Janeiro na reunião do Theatro Recreio Dramatico com referencia á celebre „Questão Militar", chegando um major a dizer que devia-se appellar para o Imperador ou para a Dymnastia e não para o minsiferio e o parlamento.

Com a proclamação da republica grandes perturbações se deram no bello municipio riograndense, como aliás em todo o Estado.

A administração do municipio foi entregue a uma Junta composta de Camillo Xavier de Mello, Manoel Pinto da Costa Brandão Junior e Theodoro Lamatabois (1889) e depois foi exercida successivamente pelos seguintes srs.: Francisco Gonçalves das Chagas (1891-1894), Sebastião Menna Barreto (1894-1895), Filete da Cunha Ramos (1895), coronel João Manoel Cardoso (1895-1896), coronel José Narciso Antunes (1896-1907), coronel Pedro dos Santos Petinga (1907), Francisco Menna Barreto (1907-1908), Dr. Eduardo Emiliano Pereira dos Santos (1908-1912), Francisco Menna Barreto (1912-1916), coronel João Manoel Cardoso (1916), coronel Francisco Hermenegildo da Silva (1916-1924) e Antonio Candido da Silveira (1924-1928).

Em 8 de Março de 1890 foi desligado do municipio e annexada ao de São Vicente a região sita entre Pau Fincado, passo do Cortado e rios Cacequy, Santa Maria e Ibicuhy.

No mesmo anno, a 2 de Agosto, os commandantes das forças federaes aquarteladas em São Gabriel, tenentes coroneis Francisco de Paula Pereira, Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto e Antonio Fernandes Barboza e major Trajano de Menezes Cardoso, lançaram um curioso manifesto aconselhando o exercito a fazer triumphar a todo transe a candidatura do marechal Deodoro á presidencia da republica.

No anno seguinte, a 16 de Março, São Gabriel teve a satisfação de ver á frente do governo do Rio Grande do Sul o seu eminente filho, Dr. Fernando Abbott, que succedeu ao general Candido José da Costa e exerceu esse cargo até 14 de Julho, data em que foi empossado o Dr. Julio Prates de Castilhos, tambem muito ligado a São Gabriel, porque ahi residira em sua mocidade, frequentando as aulas do „Collegio Trajano".

Já que alludimos a este estabelecimento de ensino, achamos conveniente lembrar que dois intellectuaes patricios, Bernardo Taveira Junior e Juvencio Augusto de Menezes Paredes, mantiveram tambem excellentes collegios em São Gabriel.

Em Novembro desse mesmo anno de 1891, depois de um pequeno choque entre as forças do major Galdino Neves da Silva e as do capitão Arthur Lopes da Silva, nas pontas das Cannas, declarou-se em revolta a guarnição local contra a dictadura de Deodoro coadjuvada por civis, abandonando a administração municipal o intendente Chagas, emquanto na capital do Estado era deposto o presidente Castilhos e substituido por um triumvirato, de que fazia parte o preclaro gabrielense Dr. Joaquim Francisco de Assis Brasil.

Em São Gabriel ficou á frente da administração uma Junta, na qual preponderava o coronel José Seraphim de Castilhos, bravo e generoso caudilho que tanto se celebrisou logo depois no Rio Grande do Sul, Santa Catharina e Paraná, sob o nome de Juca Tigre.

Accusado de promover no municipio um movimento contra o governo do general Domingos Alves Barreto Leite, foi preso e conduzido a Porto Alegre em Fevereiro de 1892 o Dr. Fernando Abbott.

Mezes depois, quando Castilhos foi reposto no poder na capital, os seus partidarios de São Gabriel levantaram-se em armas e sob o commando do coronel Francisco Rodrigues Portugal, occuparam a cidade em 18 de Junho e restabeleceram no seu cargo o intendente Chagas, retirando-se sem combater o coronel José Seraphim de Castilhos para Bagé, onde assumira o governo do Estado o general João Nunes da Silva Tavares, barão de Itaquy, em opposição ao referido presidente Castilhos. Logo após o Dr. Fernando Abbott reuniu os elementos castilhistas de São Gabriel e fel-os marchar sobre Bagé, dirigidos pelo coronel Portugal, afim de auxiliarem a combater Tavares, o que não foi necessario por ter este desistido da lucta.

No mesmo anno, em 25 de Setembro, viu São Gabriel pela segunda vez á testa do governo do Rio Grande do Sul o seu filho, Dr. Fernando Abbott, que succedeu ao Dr. Victorino Ribeiro Carneiro Monteiro e exerceu o governo até 25 de Janeiro de 1893, dia em que lhe succedeu Julio de Castilhos.

Governou Fernando Abbott numa época de intensa agitação de paixões politicas „sendo responsabilisado por excessos que não auctorizou, nem deixou de censurar, si bem que não o fizesse desmoralisando amigos", conforme escreveu ainda ha poucos annos um seu distincto amigo.

Em Novembro de 1892 o governo mandou concentrar em São Gabriel varios contingentes da extincta „Guarda Civica" e mais tarde dahi seguiu para a Serra o tenente Elutherio José Gonçalves com 30 homens.

A' posse de Castilhos seguiu-se a revolução federalista de 1893-1895.

Logo em seu inicio Fernando Abbott levantou forças no municipio em defeza do presidente Castilhos e elle proprio tomou parte na campanha com o posto de coronel.

Em 3 de Março de 1893 chegou á cidade, vindo de Lavras, o tenente coronel Fabricio Baptista de Oliveira Pilar com o 1.º Regimento de Cavallaria da Brigada Militar e no dia 6 seguiu para Dom Pedrito com o 13.º Batalhão de Infantaria, o Corpo de Transporte e um Batalhão de Artilharia, tudo sob o commando do coronel Thomaz Thompson Flores.

Em 16 de Junho os generaes Francisco Rodrigues de Lima e José Gomes Pinheiro Machado combateram o general revolucionario Gomercindo Saraiva á margem direita do rio Jaguary e estiveram depois nas proximidades da cidade em marcha para Santa Maria.

Em 1.º do mez seguinte foi descoberta uma conspiração de officiaes da guarnição e civis em favor da revolução, sendo effectuadas diversas prisões.

No mez seguinte os generaes Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado e Gomercindo Saraiva penetraram no municipio e foram ao encontro da divisão do general Francisco Rodrigues Portugal, que compunha-se de duas brigadas, uma das quaes, sob o commando do coronel Hermenegildo Laureano da Silva, achava-se no passo dos Carros, no arroio do Salso, e a outra, chefiada pelo coronel João Fernandes Barboza, tomára posição junto ao serro do Ouro. Os dois exercitos tiroteararam-se nos dias 25 e 26 de Agosto e travaram no dia 27 a sangrenta batalha de Serro do Ouro, onde as forças legaes foram destroçadas por completo, com enormes baixas, que não foram maiores devido a resistencia dos elementos commandados pelo capitão Clarestino Bento da Silva e tenentes coroneis João Manoel Cardoso e João Rodrigues Menna Barreto, que bateram-se bravamente em retirada, procurando conter o impeto das forças revolucionarias victoriosas e favorecer assim a salvação dos remanescentes das forças legaes, que fugiam desordenadamente, acolhendo-se á cidade, onde commandava o general Jorge Diniz de Santiago, não chegando a tempo de evitar esse desastre a columna do general Antonio Joaquim de Bacellar que vinha em auxilio de Portugal.

Trez mezes depois, em Novembro, a guarnição legalista, acompanhada pelo intendente e mais auctoridades, abandonou a praça, fazendo saltar o deposito de polvora. Em Fevereiro de 1894, vindo de Rosario, passou pelo municipio o coronel revolucionario Raphael Cabeda, que fez juncção no passo de São Borja com o general David Martins.

Em 9 desse mez, num encontro perto de São Gabriel, foi morto o major revoltoso Pomares, ficando a sua força sob o commando de José Placido de Castro, o qual dirigiu a retirada da mesma força até unir-se ao tenente coronel Ribeiro, que commandava a vanguarda do general Marcellino Pina de Albuquerque. Ribeiro, acto continuo, occupou a cidade, abandonada pela guarnição legal, mas a 14 do mesmo mez o coronel João Cesar de Sampaio desalojou o general Pina, fazendo Ribeiro alguma resistencia na ponte do rio Vaccacahy. Um mez depois, em 17 de Março, o mesmo general Pina expulsou da cidade o major legalista Timotheo Nascimento do Amaral, mas, obrigado a retirar-se em direcção a São Sepé pelo general Hippolyto Antonio Ribeiro, contramarchou em seguida e voltou a São Gabriel, que occupou pela terceira vez, tendo de seguir logo para Dom Pedrito.

Em Outubro a columna legal do tenente coronel José Bento Porto esteve na estancia do barão de Batovy e seguiu no dia 27 para Rosario.

Em Junho de 1895 o já citado general Pina combateu novamente perto de São Gabriel com a força do coronel Antonio Adolpho da Fontoura Menna Barreto.

Um anno depois de pacificado o Estado, em 28 de Março de 1896, chegou á cidade a primeira locomotiva, chamada „Ilapevy", sendo em 24 de Maio inaugurado o tráfego ferroviario entre Cacequy e São Gabriel, que viu-se dessa fórma ligada á capital do Estado e em 8 de Outubro de 1900, com a inauguração do trecho entre São Gabriel e Bagé, encontrou-se a cidade tambem em communicação com Pelotas e Rio Grande.

Em 1897 parte da guarnição federal seguiu para a Bahia afim de combater os fanaticos de Canudos e nessa campanha morreram distinctos officiaes que haviam constituido familia em São Gabriel.

Em 1902 deu-se o fallecimento do coronel Manoel Patricio de Azambuja, parente do barão de Jacuhy e veterano de 1835, contando 80 annos de idade.

Em 1907 o prestigioso politico gabrielense Dr. Fernando Abbott, rompeu com o presidente Borges de Medeiros, acceitando a indicação de sua candidatura á presidencia do Estado e, de collaboração com Assis Brasil, lançou os fundamentos do Partido Democrata.

São Gabriel prestigiou o seu preclaro filho e só em 1916 o governo estadual conseguiu a sujeição politica do leal e dedicado municipio, nomeando-lhe um intendente provisorio, porêm Fernando Abbott mostrou-se irreductivel, conservando-se voluntariamente num isolamento digno até 1922, em que deu

seu apoio á candidatura de Assis Brasil a presidencia do Estado e bem assim á revolução de 1923, apezar de se achar velho e alquebrado pela molestia. Em 13 de Agosto de 1924 São Gabriel cobriu-se de luto, por motivo de sua morte, pois Fernando Abbott era o idolo dos seus conterraneos, sem distincção de cores politicas.

Na revolução iniciada no Estado em Janeiro de 1923, contra o 5.º quinquennio do governo do Dr. Borges de Medeiros, São Gabriel tambem tomou parte, levantando-se em armas na campanha do municipio o elemento opposicionista no dia 20 de Abril, indo incorporar-se á Divisão do general Estacio Xavier de Azambuja, da qual formou a 2.ª Brigada, commandada no inicio pelo coronel José Narciso Antunes e depois pelo coronel Camillo de Freitas Mercio e composta de dois Regimentos, dirigidos pelos coroneis Clarestino Bento da Silva e Sabino Rosado, respectivamente.

O elemento governista tambem congregou-se, formando mais tarde uma Guarda Republicana e um Corpo Provisorio de Cavallaria, commandado este pelo coronel Manoel Bica.

Em 20 de Maio foi a cidade occupada, sem resistencia, pela Divisão de Oéste, do general Honorio Lemes da Silva, sendo as suas forças recebidas com excepcionaes homenagens pelos elementos opposicionistas e suas familias, mas a 26 o coronel José Antonio Flores da Cunha, a frente das forças do governo, a reoccupou, tendo os revolucionarios previamente se retirado. Estes foram seguidos pela columna governista, dando-se em 30 um choque entre elles e o caudilho uruguayo Nepomuceno Saravia, no passo dos Allemães, no arroio Jacaré.

Em 19 de Setembro houve tiroteio junto a cidade, na ponte do rio Vaccacahy, entre o major Arnaldo Mello e a força que a guarnecia. Pequenos choques deram-se ainda no passo de São Borja (25 de Setembro), perto de Azevedo Sodré (22 de Outubro) e emfim a 27 de Outubro tiveram logar no 6.º districto do municipio os renhidos combates de Olhos d'Agua e passo de Ibicuhy da Armada, entre o coronel José Antonio Flores da Cunha e o general Honorio Lemes da Silva, sendo ferido e aprisionado em Olhos d'Agua pelos revoltosos o caudilho uruguayo Leonidas Espartano Bárrios, mais conhecido por Negrito Bárrios.

Em 3 de Novembro o coronel Clarestino Bento da Silva levou a effeito um arrojado assalto á cidade de Santa Maria, sendo repellido. Na lucta que ahi se travou foi morto o proprio cavallo que montava a caudilho gabrielense.

Seguiu-se o armisticio de 7 de Novembro e em 14 e 17 desse mez estiveram de visita á cidade, recebidos festivamente

pelos seus correligionarios, os generaes Honorio Lemes da Silva, Felippe Nery Portinho, Leonel Maria da Rocha e João Rodrigues Menna Barreto.

Depois do tratado de Pedras Altas, que poz fim a lucta em 14 de Dezembro, reuniu-se em São Gabriel um congresso das opposições colligadas, com representantes de todos os municipios do Estado, cujo congresso fundou em 12 de Janeiro de 1924 a „Alliança Libertadora".

Quando estava sendo preparado o movimento revolucionario de São Paulo, esteve duas vezes em São Gabriel, em missão junto á guarnição federal, o capitão Juárez do Nascimento Fernandes Távora, nos mezes de Janeiro e Fevereiro de 1924.

Na revolução iniciada no Estado em 29 de Outubro de 1924, apezar da passagem pelo municipio das forças do coronel Claudino Nunes Pereira e do general Honorio Lemes da Silva, não houve combate algum entre os belligerantes, a não ser o ataque á Estancia do Céo, pertencente ao Dr. José Antonio Martins, levado a effeito pelo major legalista Adão Marinho da Silva em 24 de Novembro.

Por occasião da invasão feita pelo general Honorio Lemes da Silva em 29 de Setembro de 1925, alguns grupos revolucionarios appareceram no municipio, porêm com a rendição daquelle chefe revoltoso no passo da Conceição, em 8 de Outubro, os mesmos desappareceram sem lucta.

Estava escripto, entretanto, que a hora da tranquillidade não soaria ainda para o municipio.

Em 1926, na noite de 13 de Novembro, revoltou-se uma das unidades da guarnição de São Gabriel, o 9.º Regimento de Cavallaria Independente, dirigido por diversos sargentos e depois de tirotear até o amanhecer de 14 com os elementos legalistas, seguiu em direcção ao municipio de Caçapava.

No dia 19 revoltou-se a outra unidade da guarnição, o 6.º Grupo de Artilharia a Cavallo, sob o commando do 1.º tenente Vicente Mario de Castro e foi em seguimento do 9.º Regimento, com o qual fez juncção no municipio de Caçapava, ficando ambos aguardando a chegada das forças que se haviam revoltado em Santa Maria, sob a direcção dos 1.os tenentes Alcides Gonçalves Etchegoyen, Iguatemy Graciliano Moreira, Nelson Gonçalves Etchegoyen e Heitor Lobato do Valle.

Estas forças — 7.º Regimento de Infantaria e 5.º Regimento de Artilharia Montada, este composto em grande parte de elementos gabrielenses — haviam combatido na cidade de Santa Maria nos dias 16 e 17 do Novembro com a força da Brigada Militar alli destacada sob o commando do major Annibal Garcia Barão e, com o nome de „Destacamento General Pres-

tes„ e sob o commando em chefe do 1.º tenente Alcides Gonçalves Etchegoyen, penetraram no municipio de São Gabriel pelo banhado de Santa Catharina, luctaram com uma força do chefe legalista Ilo Bica em Santa Bárbara (19) e transpuzeram o rio Vaccacahy no passo do Camisão (20). Em seguida entraram na villa de São Sepé (21) e resistiram a uma primeira investida das forças legalistas, commandadas pelo major Laurindo Ramos, em Seivalzinho, onde commandou o destacamento revolucionario que combateu, o 2.º tenente Candido Gonçalves de Moura.

Reunidas essas quatro unidades revoltosas sob o commando do coronel Favorino Dias dos Santos, occuparam uma posição muito favoravel no 2.º districto de Caçapava, logar denominado Seival e ahi aguardaram o choque das forças legaes que, sob a chefia do tenente coronel Oswaldo Aranha, haviam desembarcado na estação de Bella Vista, junto a São Gabriel, e seguido em sua perseguição.

Feriu-se então o célebre combate de Seival, em 25 de Novembro, que durou 4 horas de terrivel lucta, finda a qual acolheram-se á villa de Lavras as forças legaes, levando o seu valente chefe ferido e deixando no campo de batalha 120 mortos e igual numero de feridos, segundo a descripção da acção feita pelos chefes revolucionarios.

Em 20 de Dezembro um grupo revolucionario tiroteou um trem junto a estação de Frederico von Bock.

As forças insurgentes de Santa Maria e São Gabriel, depois da acção de Seival, proseguiram sua marcha para léste e fizeram juncção em 30 de Novembro com a força do general José Antonio Netto (sobrinho-netto do heroe de 1835„ Antonio de Souza Netto), que viéra do Uruguay assumir o seu commando, passando ellas então a se denominarem „Forças em Operações de Guerra no Centro do Estado do Rio Grande do Sul".

Em 3 de Dezembro combateu a columna revolucionaria em Piquiry com o major Luiz Carlos de Moraes e depois de novos encontros em Irapuá (6), Agua Doce (8), Belchior Dias (10), Passo de Bom Será (13) e Passo da Guarda (15) travou o combate de Passo da Pitangueira com os coroneis João Vargas de Souza, Avelino de Carvalho e Arthur de Rezende (18).

Reforçada com os elementos do coronel Julião Barcellos, voltou a columna do general Netto a penetrar no municipio de São Gabriel, chegando a 4 leguas da cidade, dirigindo-se depois ao de São Sepé, onde occupou a villa desse nome, após breve lucta (24) e chocou-se com as forças legaes, commandadas pelo tenente coronel Emilio Lucio Esteves, dando-se então o renhido combate de Santa Bárbara, a 2 leguas de Caçapava (25).

Depois dessa acção, o general Netto atravessou o municipio de São Gabriel pelo arroio do Salso, Serro do Ouro, rio Vaccacahy, Mina Mata Touro, pontas do Jaguary e Taruman, onde teve um choque com a força legal commandada pelo major Servulo de Souza, no dia 27.

Após um ultimo tiroteio no Passo do Vieira, em 28, foi a columna revolucionaria a Campo Secco e rumou para a fronteira, internando-se afinal na Republica do Uruguay no dia 30 de Dezembro.

Em 15 de Setembro de 1928 houve em São Gabriel uma disputassima eleição intendencial, para a successão de sr. Antonio Candido da Silveira, a ella correndo tres candidatos em resultado da qual foi reconhecido pela maioria dos presidentes das mesas eleitoraes, na falta do Conselho Municipal, e empossado no cargo de Intendente em 15 de Novembro de 1928 o coronel Francisco Hermenegildo da Silva, candidato da maioria do Partido Republicano. Não se conformando com essa decisão da junta apuradora, o Partido Libertador pleiteou a nullidade da eleição junto ao Superior Tribunal do Estado, o qual, em 7 de Dezembro de 1929, data em que se commemorava o 115.º anniversario da fundação da cidade, decretou a annullação do pleito, sem que, entretanto, até o momento de escrevermos estas linhas, tenha sido nomeado um intendente provisorio para o municipio, continuando em exercicio a administração empossada em 15 de Novembro.

São Gabriel, 21 de Abril de 1930.

APPENSOS

(Do Archivo Historico do Estado)

Illmo. Sr. Brigadeiro G.ºr Se o exemplo dos castigos não prevalecessem para muitos moderarem pelo menos a torpeza das suas irregulares conductas seria transtornada toda a ordem da obediencia, e prevertida a fé conceituada do mais importante regimen. V. S. tem na sua mão a balança da justiça e da razão fazendo; a sustentar no equilibrio invariavel da menor mudança, e este conhecimento me anima para relatar as culpas dos Officiaes que tenho prezos cujos escandalosos procedimentos serão contrapezados pela rectidão de V. S.

O Capitão de Auxiliares Manoel Carnero da S.ª he aquele que só influido nos seus peculiares intereces se tem negado a tudo quanto foi R. Serv.º na prezente campanha e guerra, calando em mim outros seguidos motivos capazes da sua perdição, porem cubertos com o meu silencio por hú escandalo directo, e pessoal na soltura das suas palavras.

O Tenente da Companhia de Taquary Felisberto dos Santos Abreu fazendo uzo dos desconcertos da sua frouxidão, pouco valor, e brio não saptisfeito de procurar enganozamente todos os meios de não existir na sua Companhia para com ella operar nos trabalhos da mesma Campanha athe chegou o seu imprudente acordo a querer reduzir os Soldados della a sua imitação de que auzentando-se para os seus domicilios dezamparasem o lugar onde estavão acampadas sem que por este meio tivese o R. Serv.º de contar com elles para o mais limitado emprego, e afectando a queixa de hua suposta molestia o fiz retirar mandando passar Certidão pelo meo Cirurgião Mor que incluza aprezento a V. S. e ainda quando conhecendo eu o frivolo pretesto da sua escandaloza sem razão para a vista della não dever a sentir na sua retirada com tudo a julguei proveitoza para deixar de continuar a fulminar as consequencias referidas em que tinha posto principio o seu ohgulho, o que ficou

muito suavizado com as deligencias, exemplo, bom, agrado, e zelo do benemerito, e prestativo Alferes da mesma Companhia e seu habil Forriel que com muito gosto preencherão todas as obrigações dos seus correspondentes empregos.

O Tenente reformado Mariano Joze Teixeira não teve outro emprego senão de roubar os animaes dos Povos rendidos a obediencia de S. A. R. que mandando-lhes confiscar fiz seguilos a serem restituidos áquelles dos mesmos Povos aquem pertencião por via dos seus Corregedores.

Finalmente o Alferes Joaquim Joze dos Santos Lima sendo quem se me aprezentou na Guarda de S. Francisco com quarenta homens para se empregarem na defeza dos Dominios de S. A. R. fiquei mui saptisfeito com as provas que dava de hú bom Vassalo o que isto mesmo lhe confecei com agradecidas expressõens, e contemplando naquella occazião a necessidade de gente para a Guarda de S. Sebastião o destinei, e mandei para ella com a mesma gente; passado poucos dias da sua estada naquelle destino sahio a correr gados com ad.ª gente sem se lembrar dos ameassos em que estava aquella Guarda de ser atacada pelo inimigo; entrou com os refferidos gados que se lhe quintando para a Fazenda R. no progreço da sua marha foi levando outros gados dos nossos Estancieiros, e alguns cavallos reiunosfurtados pelos pelos seus companheiros da propria Guarda de S. Sebastião que huns, e outros animaes se lhes mandarão tirar, e auzentando-se com a Tropa do seu mencionado gado, ja mais elle nem seus companheiros voltarão a ser uteis ao R. Serv.º

O Tenente Manoel Joze Leão tendo de mim recebido varias ordens para se hir incorporar no Acampamento de Santa Maria em occazião que andava elle tirando gados para xarquear abuzou da minha ordem, e passados tempos escreveu hua carta para se me fazer saber que indo buscar as suas Armas na Freguezia do Triumfo, ou suas imediaçõens ali recebera ordem de V. S. para seguir a Fronteira do Rio Grande onde me consta não aparecera antes fora para a Laguna, e a meu ver penço se valeo da voz de V. S. para aquella dezobediencia, comque cegamente devia ser exacto emprestar-se no R. Serv.º então critica conjuntura.

Dos quatro que tenho prezo disponha V. S. pelo merecimento das suas culpas não sendo dignos de terem, e menos se concervarem em Companhias os dous primeiros, e por fim determinará V. S. o que for servido. D.ª g.ª a V. S. m.ª a.ª Rio Pardo 1.º de Fever.º de 1802.

Illmo. Sr. Brigadeiro G.or Interino deste Continente. Patricio Joze Corr.ª da Camara.

APPENSOS: O Cirurgião Mór de Drag.ª passe certidão das molestias que constar ter o Tenente de Auxiliares Felisberto dos Santos Abreu que me requer a sua impossibilidade para o R. Serv.º, e com ella a sua retirada desta campanha a onde se acha a Tropa de hú, e outro Corpo, sendo a mesma certidão ao pé desta. S. Francisco 12 de outubro de 1801.

Atesto debaixo de juramento, que fui chamado (e no dia 12, do Corrente de tarde) ao Cuartel dos Auxiliares, para ver a enfermidade, que padecia o Tenente do . . . . . asima mencionado, o achei, com hua tenue constipassão (cujo fenomeno, grassou em alguns endividos desta Guarnição) e mandando-lhe applicar os Medicamentos apropriados, quando foi no dia pela manham, que se seguio, hindo eu ao mesmo Quartel apressado, já o não achei o d.º enfermo, e me disserão já tinha montado a cavallo. Passo o referido na Verdade em observancia da Portria asima, Acampamento de S. Francisco, 14 de Outubro de 1801. Antonio de Freitas Santos.

O. G. de Monte Vidio em Officio de 17 domez passado partecipou a S. Ex.ª os Roubos, eassacinos praticados contra os Vassallos de S. M. C. pellos Indios Charruas, e Minuanos, e que tendo mandado para conter, eevitar acontinuação daquelles insultos huma partida de 50 homens Armados acargo dehum Official de Guerra, lheremetera este seis homens que havia prezo correspondentes de 4 Vacarias estabelecidas doutro Lado do Rio Negro para faenas, oufacturas de Couros, cebo, egraxa, cujas Vacarias, segundo os ditos dos Referidos prezos, entre elles trez Portuguezes pertencendo ousendo formados destes, e dos Indios dos Povos de S. Nicolão, S. Borja, e S. Lourenço, era huma dellas mandada pelo Capitão Jozé do Canto, com cem homens tambem Portuguezes, os quaes, pela declaração das referidas testemunhas, dizião haver sahido com acorrespondentes Licenças. E sendo este facto Summamente estranho ao Exmo. Snr. General G.or pelo asiduo cuidado com que deve Subsistir entre os Vassalos dehuma eoutra Potencia dando para este fim as mais pozitivas ordens, determina S. E.ª que V. S.ª immidiatamente receber esta dasua parte ordene ao Sargento Mór Commandante de Missoens, que sem perda de tempo fassa recolher, iconcervar nos Seus respectivos Povos os Indios que existirem fora delles prohibindo-lhes Rigorozamente toda equal quer comunicação com os Charruas, eMinuanos: que remeta prezos para esse Quartel os Portuguezes que forem interessados nas Referidas Vacarias; e que mande Logo expulsar quantos intruzos seacharem estabelecidos fora das nossas ultimas guar-

das por aquella parte sem excepção depessoa alguma. Esta mesma deliberação já determinada emdiferentes occazioenz manda omesmo Snr. General que seobserve restrictamente nas Guardas avansadas dessa Fronteira, renovando V. S.ª as mais apertadas ordens para que sejoã expulços todos os intruzos em terrenos que seacharem fora das mesmas Guardas, eobrigados ademulirem os seus Arranxamentos, e Retirarem-se com os animaes que acada hum pertencer, prendendo os Commandantes das Referidas Guardas, eRemetendo aoCalabouço desse Quartel qual quer que sem Legitimo passaporte intentar exceder, ou passar adiante das Sobre ditas nossas Guardas avanssadas S. Ex.ª finalmente ordena mais a V. S.ª que primeiro que tudo mande recolher prezo para esse Quartel o Capitão Jozé do Canto, etodos osSugeitos que seacharem como elle comprehendidos naqueixa dos Espanhoes, determinando ao Capitão Joaquim Severo, enafalta deste aoutro Official Capaz, eimparcial, que passe atirar sobre esta mesma queixa huma exacta, ebem circunstanciada informação por escripto afim de V. S.ª aremeter a esta Salla, assim como oque deve exigir pela mesma forma do Commandante de Missoens, acrescentando V. S.ª omais que poder alcansar aeste respeito. D.ª G.de a V. S.ª Salla 6 de Agosto de 1804. Jozé Ignacio da Silva. Ajudante das Ordens. Snr. Tenente Coronel Commandante Patricio José Correia da Camara.

Comfirmou-se ser Certa a aprehenção do Capitão de Millicias Jozé Borges do Canto pelos Hespanhoes, que tinhão sahido em Partida contra os Charruas, do Accampamento do Tenente Coronel D. Roque Moura, sitto nos Galhos dos Irápeyz, distante daqui mais de Cem leguas, em frente ás extremidades Meridionais da Fronteira do Rio Grande A dita aprehensão foi feita na Costa dos refferidos Yrápeyz para a parte da Barra no Uruguay, a igual distancia daqui, até onde se rezolveo a seguir o menceonado Capitão, e a Gente do serviço, que o accompanhava, contra as incinuações, e faculdade que eu lhe havia dado, as quais só se limitavão até as Cabeceiras do Jaráo. Sete legoas ao Sul do Ibicuy, e a distancia de coiza de Sincoenta legoas, deste Povo, porem somente vinte e duas do de S. Borga.

Não houve Rezistencia alguma da parte dos nossos, que forão surprendidos de dia, e no meio do campo, estando no maior descuido; intentarão escapar-se depois de Sinco dias de viagem, e com effeito sempre fogirão de noite para hum pequeno Capão, porem sendo cercados pelos Hespanhoes os tornarão aprender, menos dois que de tal sorte se esconderão pelos vãos

ôccos de humas Rayzes de Arvores, que os deixarão; e estes são os que vierão contar este facto. Tracto agora de vêr se osliberto por meios amigaveis, e politicos, pois que sendo aprehendidos em tais alturas, se reputarião por Vagabundos, e Gauchos do Campo, comboiados com os Infieis; por via do Reverendissimo Cura, que foi de S. Loirenço Fr. Bernardino Montahêz, quese Regressou estes dias, e passa a Buenos Ayres faço praticar este assumpto, para o qual elle mesmo se offercêo, pelo afecto, e obrigações, que devia ao dito Capitão Canto. Hé o que se me offereçê participar a V. M. para o fazer siente na Prezensa do Illmo. e Exmo. Snr. General Governador. Deus gd.ª aV. M.ce m.s a.s S. Luiz 16 d'Agosto de 1804. Snr. Sargento Mor, ajudante das ordens. Jozé Ignacio da Silva. José de Saldanha, Major, e Commandante de Missões.

Sr. Major Jozé Ignacio da Silva. Fico entregues dos Officios de 25 de Junho, e16 de Julho ejuntamente dos Requerimentos que acompanharão ao pr.º os quaes informei e Remeti fixados aopoder das partes aquem pertencem, comforme asua insinuação.

Depois que partecipei a Vm. aindispensavel precizão que tive de asistir nam.ª Fazenda, por alguns mezes, pedindo para isto mesmo aconcesão de S. Ex.ª pela qual não pude esperar, para ser nos dias de sua partida para o Rio Grande, eseguir-se á minha demora notavel perjuizo; ainda menão pude regresar para cauza demolestia, eporisso não tenho dado aconta Respeito alinhasa, tambem para que nam.ª saida não estava delodo pronta acolheita: esa que já mais sefará progreciva sem que para ela aja hú Castigo exemplar, naqueles que arecebem eadeixão perder mesmos para desprezo; mas ao Tenente dam.ª Comp.ª Jozé Lourenço da Silva aquem deixei emcarregado do Comandante do meu Destrito eaquem moni de todas as ordens consernentes ao mesmo, ordenei que logo que o linho estivesse pronto, dese hua p.te circonstanciada sobre os moradores que o semeárão, eagora o torno adevertir, hua vez que menão he pocivel recolherme tam depresa, pela caoza já expresada. Ao d.º Tenente . . . . . aordem Respeito aos Penachos eque afasa por empratica. D.s g.e a Vm. m.s a.s Vacacay 1.º de Agosto de 1804. Jozé Pinto da Fontoura.

Pela auzencia domeu Capitão Jozé Pinho da Fontoura fui entregue do officio que V. Merce aomesmo dirigio comdata de 14 do passado sobre o seu asunto já detreminei pelo Destrito todas as providencias para ser ezicutada aordem que com-

preende omesmo oficio. Tratei de saber aotodo da plantasão dos linhos e na realidade devem ser dignos de compaixão os moradores do mesmo porque alem de serem indigentes noultimo ponto, efaltos de escravos são diariamente empregados no Serviço já em condusoens de far.as para as goardas avanssadas em madr.as emetriaes para o Serviço economico deste quartel . . . . muitas operasoes do Serviço. Nestes Termos V.M. como amante da pobreza ede ter hum inteiro conhecimento daneccecidade que he dotado de pobreza aquele Destritofora em ocazião propria ver a sua Ex.a isto mesmo ficando eu pronto emtudo epara tudo aexecutar tudo quanto me foi detremiado. D.s g.e avm. m.s a.s R.o Pardo 17 de Agosto de 1804. Sr. Sarg. Mór Ajudante das ordens Jozé Ignacio da Silva. Jozé Lourenço da S.a

---

Nadistancia detres legoas deste Povo recebi o Officio que vm. mederegio nadata de 2 doprezente decujo asumpto serefere as queixas que S. Ex.a teve doCommandante esp.ol D. Francisco Xavier de Vianna arguidas deCorridas de gados pella Partida do Tenente Manoel dos Santos cuja averiguação tenho feito, enada acho que deprezente respire asim.e respeito, esó sim de ser elle incluido na quelle mesmo procedimento do qual tirou oCapitão Joaquim Severo as precizas endagaçõens, quando atempos o G.or de Monte Vedio formalizou esta queixa aS. Ex.a, não continuando haver des-de aquella cauza outras com que modernamente sejustifique od.o Vianna nas suas instancias.

Tudo quanto aprezente occazião metem offerecido comonico deOff.o aS. Ex.a restando-me remeter avm. aminuta incluza para que se providencie aremesa mais oportuna dos generos deque amesma trata.

Damesma sorte vay afiliação dehú habel Ferreiro que aqui encontrei muito suficiente para Armeiro do Regimento em lugar do que o he aquem S. Ex.a pode mandar dar baixa porque he indigno Official noseu Officio etanto que nem hú parafuzo capas-mente sabe fazer.

Nodia 30 marcho para a Guarda do Rozario, invocada com o titulo de N. S.a da Conceição, aprezenciar pesoal olugar dasua cituação secorresponde ap.te que me dá oCapitão Manoel Carneiro que damesma seacha encarregado athe oprezente, edali sigo a Correr os mais Postos da Fronteira do Rio Pardo, demorando-me emqualquer delles que conheça serme precizo apezar deque o estado daminha saude sevê atenuada com o rigor daEstação calorosa, e Deus queira que acontinuação das noticias de alguns Faustinos sejão mais moderadas aquelas praças

que com tanto cuidado penetrou asidéas mais p.ars dastençõens, eprogectos dos Hespanhoes oque menão tem dado omenor abalo athe agora por ainda ver Resguardado o flanco direito da Guarda de S. Martinho, eoutros territorios que diverças atençõens tanto seempenhão na sua segurança.

Nesta occazião mando vir os 40 Boys que ficarão no Rincão para estarem emS. Martinho aservirem como de hú piqueno adjutorio as condutas das far.as etambem detremino igualmente avinda de 60 Cavallos para estarem oucomo de Rezerva na Partida do Jaráo, ou lhe servir de Remonta aos incapazes. Deus g.e avm. Rio Pardo digo Povo de S. Borg.s 25-de Janeiro de 1805.

S. Ajudante das Ordens Jozé Ignacio da S.a Patricio Jozé Corr.a da Camara.

Neste instante acabão dechegar os individuos pedidos para oConselho de Guerra do Alf.s Francisco Barreto que todos são pertencentes ao Regimento de Dragonas suposto que com estes viessem 16 Naturaes incluzos os Officiaes destes, os quaes imediatamente fiz voltar por ter sentado nessa V.a com o Auditor não sefazerem elles precizos pois que nem os seus depoimentos devião ser respondidos por intrepete visto não saberem elles alingoa, enaverdade farião confuzão, outranstorno ao d.o Concelho. Com S. Ex.a dereminou selhefizese avizo logo que chegasem os ditos individuos asim o pratico, para ordenar oque for Servido. Deus g.e avm. Rio Pardo 25 de Setembro de 1805. Sr. Ajud. das Ordens Jozé Ignacio da S.a Patricio Jozé Cror.a da Camara.

Snr. Joze Ignacio da Silva. Meu a. do C. O. Tenente Sebastião Barreto Certificoume que o Tenente Coronel Vianna, ficára de me escrever para que eu Suplicasse a S. Ex.a não sefazer Concelho de Guerra a o Alfferes Francisco Barreto. Visto que tãobem Senão fez ao Tenente Rondeau o qual por Ordem delle Vianna seachava prezentemente empregado na Villa de Bellem. Estou a espera add.a Carta q. Será natural ter Sua demora pela grande inundação emque Seacha tudo.

Se S. Ex.a houver por bem demandar Sustar Omesmo Con.do athe aVinda da Referida Carta, eu aporei na Sua prezença para comforme a Suplica della praticar aequidade que for Servido, e Neste Cazo me gr.a avizar para Comter arremessa dos Officiaes e Soldados destinados ao dito Commando fa-

zendo Vm. retirar os que já ahi Seachão para o dito fim, quando torno arepetir S. Ex.ª Comvenha no exposto, fico para Servir vm. q. D.s g.e Rio Pardo 0 de8br.º 1805. Devm. Amo. muito obrigado. Patricio Jozé Corr.ª da Camara.

Constame que o Tenente Coronel Vianna he mudado, vindo asuceder-lhe oSargento Mór Arelhano para executar com melhor vivacidade de promtidão as Ordens eplanos deque está encarregado odito Vianna. Aser certo, veremos se aomenos será mais quieto nas suas contextaçõens, atempo que melhor nos inquietará com os seus movimentos. Tambem consta que o Sr. Vice Rey de Buenos Aires vive anciozo por respostas de S. Ex.ª, oque tudo se ouvio aoproprio Vianna.

Como anecessidade das providencias talvez sevenhão aestreitar cada vez mais, comforme aurgencia de motivos que o tempo aprezentar parecia-me que poderia S. Ex.ª se fosse doseu agrado rezolver aq. senão fassa por ora o Concelho de Guerra ao Alferes Barreto athe ver emque Limite se proporciona oestado das couzas, enão tanto por isto como pella Suma precizão de serecolherem aMissõens onde tem todos os seus Armamentos as praças que vierão para oreferido oncelho.

Necessito muito que vm. meremeta hua carta com aquelle aperto que S. Ex.ª for Servido impor aos Auxiliares (principalmente Officiaes) afim de que se aprezentem elles sem demora, logo que forem chamados, deixando de abuzarem das ordens comque sempre tanto atempo são dellas prevenidose antecipados.

O Sold. condutor daprez. parada deve esperar por todas as decizõens deque fico anciozo. Deus g.e avm. Rio Pardo 24 deDzembro de 1805. Sr. Ajudante das Ordens Jozé Ignacio da S.ª Patricio Jozé Corr.a da Camara.

Senhor Sargento Mayor Ajudante das Ordens Jozé Ignacio da Silva.

Quando eu nã oesperava já pellos individuos que na Fronteira de Missõens forão apriendidos pellos Hespanhoes, andando na Partida dofalecido Capitão Canto, acabão de chegar doze restituidos; econduzidos pellos mesmos Hespanhoes até agd.ª do Albardão. Aestes mesmos indeviduos foi forçozo mandar municiar de farinha eCarne.

Penso que o Illmo. e Exmo. Snr. General G.or, e a Junta daReal Fazenda, aprovarão esta deliberação. No n.º daqueles individuos, vierão incluidos dois dezertores do Regimento de Estremóz daqueles que estavão destacados em Missõens; os quaes conservo naprizão, para remeter a Porto Alegre.

Neste Berg.m do M.l Joze Ignacio da Silveira fasso embarcar quatro daqueles mesmos individuos para Serem aprezentados naSalla; eSeguirem a Ordem do Illmo. e Exmo. Snr. General Governador; os mais hirei remetendo avendo transporte. Todo oexpressado espero que V. M. terá abondade partecipar a S. Ex.ª D.s Gd.e aVM. Rio Grande 5 de Dbr.º de 1805. De VM. Souaffectuoso eobrigadissimo Am.º M.el Marques de Sousa.

Minuta dos individuos apriendidos pellos Hespanhoes na Fronteira de Missoens, eforão restituidos, e emtregues na guarda do Albardão. Cabo de Esquadra deMilicias M.el Caetano da Almd.ª Soldados D.os Monoel Oer.ª de Escovar Joze Ant.º Ribr.º Joze Antonio. Cujos individuos vão moniciados de far.ª e Carne para quinze dias: Rio Grande 5 de 8br.º de 1805. M.el Marques de Souza.

Senhor Sargento Mayor Ajudante das Ordens — Joze Ignacio da S.ª O Mestre Bernardino de Souza Castelhano hade aprezentar nessa Salla a Ordem de S. Ex.ª os Milicianos, da Fronteira do Rio Pardo, prezionados, erestituidos, pellos Hespahoes, Gabriel Dom.os e João Ant.º de Castilhos; osquaes forão aqui moniciado defar.ª e Carne, até 26 de 8br.º que rege. Os mais ficão aembarcar. Queira Vm. partecipar isto mesmo a S. Ex.ª D.s g.de a Vm. Rio Grande 10 de 8br.º de 1805. De Vm. Sou m.to c.to venerador e Amigo Marechal Marques de Souza.

Senhor Sargento Mayor Ajudante das Ordens Joze Ignacio da Silva. O Mestre da Sumaca Boa Sorte, Joze Antonio da Costa, hade emtregar nessa Salla a Ordem de S. Ex. os Milicianos da Fronteira do Rio Pardo, prezionados, erestituidos, pellos Hespanhoes, Francisco daS.ª Paz, Manoel Ribr.º da Silva, e Ant.º Roiz de Mattos; os quaes forão aqui oniciados de far.ª e Carne, até 27 de 8br.º que rege. Deus G.de aVm. Rio Grande 11 de 8br.º de 1805. de V. Mce. Sou omais obrigadissimo Amigo Marechal Marques de Souza.

Senhor Sargento Mayor Ajudante das Ordens Joze Ignacio da Silva. Expesso esta parada, extraordinaria, afim de partecipar ao Illmo. e Exmo. Snr. General Governador oque acabo de saber, mais formalmente, pello Hespanhol Dom Prodensio de Lascano, Deputado daJunta Soperior da mortização de Chi-

les; que aqui chega por terra, vindo pella Ilha de Santa Catharina, eLaguna, um Passaporte de S. A. Real; cujo Passaporte diz trazer oTenente Governador de Mendonsa, eacessor da Provincia de Cusco Dom Pedro de Segovia; o-Ouvidor de Buenos Ayres Dom Marechal Joze do Reys, eDom Joze, deTal, Sobrinho do Ouvidor; Dom Joaquim Leano; Official da RealFazenda de Mendonsa, com sinco creados. Todos estes Hespanhoes vem vindo da dita Laguna em-carretados, sem lembrar da-obrigação demandarem aprezentar odito Passaporte a S. Ex.ª persuadidos de que aqui deverião só fazer. Portanto não me-agradando estes hospedes; adonde nem Caza há para os-recolher; vou adiantar esta participação para S.Ex.me-Ordenar oque devo executar quando aprezentarem o Passaporte Regio; que será para estes Oito dias; segundo dizoSobre dito que se adiantou, Espero que o Illmo. e Exmo. Snr. General Governador dê as-ordens percizas para hirem sahindo taes hospedes. Do n.º dosprezioneiros da Partida dofalecido Cap. Canto, Chegarão aqui trez, vindos pella Campanha, sendo Soltos por empenho, em Monte Vedio, de donde sahirão amenos dias que os-outros, vindos pelo Forte de Santa Thereza.

Todos elles dizem, que apouco mais, ou-menos, demez, passarão 200 Dragonas de Buenos Ayres para aColonia; e 400 Millicianos de-Cavallo, tinhão baixado de Córdova a Buenos Ayres. Hum dostrez prizioneiros hé P. Est.e dehua dasCompanhias doRio Pardo; os-quaes Seguirão por terra para aquela Fronteira.

OSobre d.º Hespanhol Dom Prodencio, aSevera que os Inglezes nos terão já deClarado Guerra, pelo motivo de terem feito sahir do Porto de L.ª, sobre avela, hum Comboy que os Inglezes medião; enão seter permetido ahua Fragata conduzir viveres para hua das suas Esquadras, areprezentaçõens do Embaixador de França. D.s G.de aV. M. Rio Grande 11de 8bro. de 1805. De V. M. Sou muito certo Amigo emais obrigadissimo Marechal Marques deSouza.

ANNO 1806.

Mui Senõr mio demi maior respecto: la Sinceridad. de mi caracter que anunciê aVS. en mi confidencial de 29-de Octubre, el previo conocimiento de la conducta armoniosa que procura seguir constantemente el Comandante de la Guardia dela Concepcion Don Sebastiao Barreto Pereira P.ª y la persuasion de las virtudes que Caracterizan aVS. me impelen ahacerle la

mas reverente Suplica á fin deque se tenga con Don Francisco Barreto las consideraciones posibles, y ultimamente arogar le sedeclave por sú Proctetor, y Padrino poniendole en liverdad. del arresto que sufre hace tanto tiempo: atan grande favor tributará aVS. mi gratitud. las mas cumplidas gracias, hallandose siempre dispuesto a emplear-se en su obsequio la voluntad. desu afectismo apasionado, seguro Servidor, y amigo Q. B. S. M.—Francisco Xavier de Vianna. — S.or D.n Patricio Joze Corr.ª da Camara. Patricio Joze Corr.ª Camara. Taquarembó chico 18 de Diciembre de1805. Esta comforme —

ANNO 1806.

Ainda que onatural aserto das Providencias de S. Ex.ª tenhão sido efetivas sobre as Ordens dadas aos Capp.t dos Destritos tendente as emsino das suas Companhias emandado eu hum Official Infrior a quelas que julguei mais percizo, Com tudo pouco Ou nenhum fruto tem resultado das ditas providencias desorte que Os Considero no mesmo estado, porque se aparesem aterça ou quarta parte de alguma das Referidas Companhias há outras que apenas se aprezentão de dés a quize homens, epor semelhante Cauza meparecia muito propio que S. Ex.ª determinasse aos mesmos Capp.ts emtempo que nem perjudicassem as Plantaçõens, enem as Colheitas para passarem deBaixo do meu avizo Circular deste Quartel todas Aquelas de mais perto, pois deseis aoito Dias eu propriamente os exercitaria naquelas Manobras propias aos Ataques de Cavalaria: Aquelas demais longe Como são ade Vacacáhy, S. Rafael, Camacúam hiriam a Cassapava Unindose a deste Destricto eas qual passaria ademorar-me Os mesmos dias Com odito fim: Ade Cámamham Freguezia Nova destinaria paragem aonde tãobem meaprezentaria.

As Rezultas destas Cir Cunstancias paresseme serem fundadas nobem do R. Serviço por que quando as necessidades deste nessecitem dosocorro para quaes quer fim, Ou Suscessos em taes OCazions não será possivel por em pratica omesmo emsino, Conhecendo S.Ex.ª que a Tropa de Linha da Guarnição desta Capitania he limitada eo maior he dos Millicianos Com os quaee Unicamente nos aChamos; finalmente quando S. Ex.ª se sirva anuir Com Oproposto, seá Necessario que nesses poucos Dias se de a Munição de Boia as Mencionadas Companhias pois que Vem para hum Objecto do V. Serviço: Damesma sorte será nesseçario que S.Ex.ª mefaça Remeter Oito ar-

robas de Polvora, dessa que houver inutil para se fazer as Comtenladas Companhias Exercicio de fogo, eisto mesmo tão bem já pedi para omeu Regimento. Deus guarde avm. Rio Pardo 9 de Julho de1806. Snr. Ajudante das Ordens Joze Ignacio daSilva.

ANNO 1806.

Aordem de S. Ex.ª tendente ao Alferes Francsico Barreto mepareceo condecional por restrengir somente de que omesmo Official não destacase; a pezar disto mesmo não concedi amenor Licença, mais estando elle ompetente de doente em sua caza, quando daqui seguio para o destino de Guarda da Conceipção oTenente seu irmão dizem-me o fará acompanhar athe aCaxoeira edali foi com elle athe aEstancia do Capitão Antonio P.te onde omandei prender, porem consta que se acha tão emfermo aoponto de encarangado, ou tolhido das pernas; logo que se apresente oheide mandar recolher aesta prizão. Detudo emais que contem os Off. devm. fico muito certo. Deus g.e avm. Rio Pardo 30 de Julho de 1806. Snr. Ajudante das ordens Joze Ignacio daS.ª Patricio Jozé daCamara.

Sobrada razão parece que acompanha no Sucessivo clamor dosEsp.es pella inormidade dos factos aque já mais sequerem conter huns barbaros, aquem todos os meios deprovidencias se aprezentão inuteis, pela dificuldade de vencer-se o Sistema apropriado aocostume inreparavel das suas vidas, epor isto mesmo he que desprezão todos os directos fins de quaesquer Partidos que sefassão reguiares aomodo deviverem socegados, por ser toda anutrição, des-de oprimeiro instante dos seus conhecimentos outra couza senão, acrueldade de matarem, eroubarem: Aexperiencia dos repetidos sucessos ovai mostrando, emostrará, fornecendo sempre cauzas a Nasção confinante por supor, ou contemplar danossa parte abrigo, efavor nas suas desolaçoens praticadas pellos ditos Infieis, quando os mesmos confinantes tem solicitado todo onosso amparo para protegermos asorte dos seus infortunios: Resta-me Somente que S. Ex.ª se Silva decedirme o Art.º ou Artigos que respeitozamente pondero: A Classe dos Infieis se acha reduzida ahú limitado ponto, porem animado por elles para os seus errantes, edesoladores costumes na reunião dos Indios Catholicos, emais alguns individuos desta natureza desmembrados huns dos Povos de Missõens principalmente do de S. Francisco de Borja, e outros que no estado de vagabundos tranzitão no Comercio de roubar dehú, aoutro Reyno.

Se os furtosverificados pellos taes Infieis devem ser-lhes tomados, erestetuidos ap.te Lezada, eque procedimento sepoderá praticar quando aquelles se levantem na obstinação de os não quererem entregar; isto he bem entendido pellas cauzas reputadas deserem prezentemente comtemplados no nosso procurado abrigo, eamizade. Finalmente remeto as Copias inclu-zas que mederigio o Capitão Espanhol eo Commandante de Missõens para serem prezentes a S. Ex.ª Deus g.e avm. Rio Pardo 5 de Agosto de 1806. Snr. Ajudante das ordens Joze Ignacio da S.ª Patricio Joze Corr.ª da Camara.

Illmo. Snr. Brigadeiro Commandante Patricio Joze Corr.ª daCamara.

Neste instante acabo dereceber hú Officio do Capitão Espanhol, eCommandante da Companhia daquella p.te D. Jorge Pacheco, eoutro que vem derigido a VS. oqual fasso seguir, eigualmente aCopia do queme veio, eme chegou amão comhua demora concideravel por se acharem os Rios, e Arroyos desta Fronteira nomaior crescimento.

Não háduvida que os Espanhoes tem toda arazão, e urgentes queixas contra os Infieis pois tendo eu posto lhe os maiores preceitos aque senão aredasem dos seus Toldos omenos the que chegasem as respostas de V. S. eavinda dos seus Cassiques, nada quizerão obedecer, eme consta logo sahirão para aCampanha para as p.tes dosterrenos deS.M.C., em virtude do que, e do seus pesimos costumes medetremine VS. o que sedeve praticar, pondo asua atenção aos meus Officiaes, que anterior tenho posto nas mãos de VS: Agora corre not.ª que supoto as sescondão os Espanhoes não deixa deSuar, que está tomado pellos Inglezes Boenos Aires, esefaz provavel pello Alvoroto do Lado Occidental, einda mesmo nos seus tractos odão aperceber: Não tenho tido resposta dos meus Officiaes e alguns pontos de insinuaçõens abem do meu Comando, mefazem falta as ordens. Deus g.e aVS. m. an. Povo de S. Nicoláo 25 de Julho de 1806. — João de Deus Menna Barreto — Está comforme. Patricio Joze Corr.ª da Camara.

Ill.mo Señor — Hacia mi viage a la apital de Boenos Ayres lleno de satisfacion por creer que las soables providencias de VS. y mis eficaces deligencias haviam contenido ya por algun tiempo los incendios, robos, y desbastaciones que frequentemente executan los Indios Infieles: asi melo pronosticaba el oficio de VS: que con fecha de 8 de Mayo proximo passado se Sirvio dirijirme, e asi melo persuadieron ciertos pactos, ó tratados que con ellos celebré en la Costa del Quirancay, y apresencia de un Destacamento Portugués que alle encontré Campado; pero conq. dolor y amargura miro ilusorias todas estas lisonjeras esperanzas, quando noto en mi llegada aesta Villa el desasosiego desu Vecindario por la repeticion de los ataques que ya han sofrido. Des de mi retirada de laCampaña experimentaren siete acomitimientos y en el ultimo que fué la noche del 28 de Junio anterior hicieron los enemigos Sú irrupcion por tres distintos puntos: asaber: en el diario dellavalada digo de la Cavalada del Rey de donde se llebaron noventa y seis; en la Estancia de Joze Antonio Villacorta aquiem nó dejaron animal alguno, y en la Poblacion de Marcos Martines, delaque nó sacaron ventaja, pues aun que hirieron de un flechazo a Joze Cecillio Sanches, perdieron ellos un hombre, y escaparon al monte los nueve restantes, dejandose los Caballos que montaban, y una Lanza, por haver acudido asus alaridos todos los circumvecinos á Socorrer el acatado Martines.

Já nó me quedan otros recurços que los declamar áV.S. suplicandole se digne hacerles intimar las mas terribles amenazas para ver si deeste modo se contienen en lo Successibo pues aun que tengo tendidos dos cientes hombres sobre las margens del Arroyo Quarey en distintas Partidas; con todo nó me son suficientes aponer acubierto de tan barbaras dejolaciones aestos Vassalos demi Augusto Soberano.

Será posible, Illmo. Señor, que ciento cinquenta y siete libertinos que és el todo deesta Gavilla desoladora venga aser la piedra del escandalo entre dos Naciones politicas, y aliadas estrechamente por los vinculos de la Sangre, eque para tal indisposicion que se anima en los Corazones de los perseguidos nó haga ótro pretexto que ese mui futil delderecho de Gentes el qual nó presisaba ser violado para cortar las advitrariedades de estos monstruos de la humanidad. pues con preceptuarles aun establecimiento fixo yó pretendi semiraria exterminado de Raiz eldesorden, haviendo aun mas afavor demis reflexiones por que una crecida parte deesta errante Gente son Vassallos de S.M.F. como profugados de los Siete Pueblos Guaranis Orientales del Uruguay, los q. recojidos segun devidamente corresponde a las Leys Sociales, y a lá Religion de que

apostatado, aniquilarian elCuerpo, easi quedaria mas desalentada la Osadia desus operaciones: Mayores sacrificios q..... de mi propuesta estan acostunbradas ahacer mutuamente las Cortes de Lisboa y Madrid. por la concervacion de la Paz, y mayores Sacrificios repito hace todos los dias el Ex.mo Senor Marqués de Sobre Monte p.a mantener labuena armonia q. deseamos pues sabe V.S. claram.a la moderacion conq. sehá conportado quando la Sorpreza q. la intrusa Baqueria del Portuguez Jose Corr.a hizo ala Partida del Alferes Sebastian Pizarro en las Islas deVera aSolão quatro legoas distante del Campamento deAranrunguá; quando el ataque del Alf.s Barreto al Theniente Rondeau; y por ultimo quando há visto afines del año de 1804 la ocupacion de los Campos que con tenson reclamamos por haverlos las Tropas de S.A.R. guarnecido con Destacamentos tres años despues depublicada la Paz: Este Xefe que pudiera haver pretendido un despojo violento sehá contentado y se contenta sollo con instar y recombenir quasi suplicando se le debuelba degracia q. le es devido dejusticia: Hago aV.S. estas discusiones con el animo de mover el generoso Corazon de V.S. enfavor deestes afligidos Colónos que vá llegan agoviados dela miseria atocar enlas puertas dela mendicidad. por las quales les hará entrar sin duda alguna el frequente Saqueo que las audaces manos executan en sus propriedades sin intermision. Asi lo espero de la conocida bondad. de V.S. Dios g.e aVS. muchos años Villa de Belen 4 de Julio de 1806. Jorge Pacheco Snr. Brigadier Patricio Joze Corr.a de laCamara Está comforme. Patricio Joze Corr.a da Camara.

Snr. Joze Ignacio da Silva Meu amigo daminha Veneração. Queira Vm. daminha parte Render à S. Ex.a os meus devidos agradecimentos pela benigna desizão que deu a pertenção dos Irmãos da Ordem Pereira.

Já fica debaixo deprizão o Alferes Francisco Barreto O qual Com efeito Chegou bastantemente emfermo pois deresulte as suas boas Obras sea prezentou Com perna esquerda emColhida: eremeto a Cerdidão da sua emfermidade Fico para Servir a vm. que Deos g.e Rio Pardo 19 d'7br. d'1806. devm. Amigo muito obrigado Patricio Joze Corr.a daCamara.

Atesto, efaso Serto, que Oalferes deDragões, Francisco Barreto Perr.a Pinto, Seacha gravamente emfermo, para Cuja Cauza Ihebe necessario Medicarce, e por Ser isto Verdade Ihe

passei Apresente dem.ª Letra, eSinal debaixo de Juramento Sendo necessario. Quartel doRio pardo 15 de 7br.º de1806. Antonio de Freitas Santos.

Remeto avm. os Mappas domes passado para serem presentes a S.Ex.ª Damesma sorte vão as filhiasoens inCluzas para sobre ellas sepassar a Competente Portaria. Em Consequencia do Officio de 3 do Corrente foi Solto o Furr.el Joaquim eo Alferes Francisco Barreto e emConsequencia de outro damesma data já expedi as Ordens para retirada doCapitão Vitorino Pereira. Nesta O Cazião Vão para ojuramento dadevassa do Capitão Adolfo as Prassas que estavão Destacadas na Guarda da Conceição eas quaes desejarei que Vm. fassa Com que Sejão abreviadas para voltarem ao seu destino por quanto aquela P.da está no meio de ahúa Campanha Solitaria, esem abrigo exposta ao insulto dos Infieis os quaes já estiverão aponto de quererem matar ahum Soldado nosso Destacado na Guarda de Inanduy, seacazo outras prassas damesma Guarda onão aCudissem. Mais testemunhas não ha, porque huns forão para Sima da Serra, outros estão pelo Rio Grande efinalmente Outros estão nos Hespanhoes. Deos Guarde avm. Rio Pardo 16 de 8br.º de1806. Snr. Ajudante das Ordens Joze Ignacio da Silva. Patricio Joze daCamara.

Em reverencia ao Respeitavel Officio de Vossa Ex.ª de 22, do passado mandei emmediatamente por em marcha o Capitão Bento Joze Correia da Camara acompanhado de hua sofeciente Partida afim de executar a deligencia invertida no citado Officio, dando ao ditto Capitão as instruçoens que comprehende a Copia incluza, e orezultado da ditta deligencia terei a honra por na Respeitavel Prezença de Vossa Ex.ª que Deos guarde muitos annos. Rio Pardo 7 de Março de 1809. Illmo. e Ex.mo Senhor General Governador desta Capitania. Patricio Joze Correa daCamara.

Illmo. e Exmo. Snr. — Em consequencia da Ordem de V. Ex.ª de 20 de Janeiro do Corrente anno em que me determina, que debaixo do maior segredo, e cautela se examinasse o Sitio em que se diligenceia tirar oiro, e os Sugeitos que trabalhão nesta deligencia fazendo-os prender na mesma acção se fosse

possivel, dando-selhes então rigoroza busca, não só nos Corpos. mas tambem nas Cazas, aprehendendo-se-lhe o Oiro, ferramenta, e tudo o mais que em caza se lhes achar, remetendo os Criminozos a Captura dessa Villa com os Instrumentos de tirar ditto Oiro, e hua parte circunstanciada para serem entregues a Juiz competente, e processados conforme a Ley: Passei a nomear o Tenente do meu Regimento Antonio Vicente de Siqueira encarregando-o desta deligencia; o qual em execução da ditta Ordem me remeteo os individuos ferramenta, e tudo mais que consta das partes que invio a Prezença de V. Ex.ª pelo Official Inferior portador desta, que juntamente conduz os referidos individuos para entregar na Captura dessa Villa a Ordem de V. Ex.ª a quem protesto continuo a mandar fazer as mais efficazes deligencias, tanto pela prizão do Guarda Mor que se auzentou, como por quaes quer outros Sugeitos que se acharem comprehendidos no mesmo dilito.. Deos guarde a V. Ex.ª muitos annos. Rio Pardo 7 de Março d'1809. Illmo. e Exmo. Snr. General Governador desta Capitania. — Patricio Jozé Correa da Camara. Está conforme. Francisco Jozé de Freitas.

Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor — Remetto á prezença de Vossa Excellencia as Partes que me dêo o Official encarregado da deligencia, e investigação dos individuos, que andavão tirando ouro, de cuja rezulta produzio a prizão de tres, e aprehensão de outros tantos escravos pertencentes a hum Guarda Mor, que por auzente não foi prezo na occazião, em que se avançou ao Rancho. Tudo quanto se achou neste consta das rellaçoens assignadas pelo mesmo Official, e vai entregue ao Arvorado portador desta a fim de Vossa Excellencia determinar o que for servido. O dito Guarda Mor será provavel procure por si, ou por outrem a arrecadação dos seus trastes e escravos. Outros dois escravos contemplados na dita Parte, delles determinou seu senhor, que he hum Miguel Jozé de Faria, que se Vossa Excellencia julgar devem comparecer na prizão dessa Capital os ditos escravos, está responsavel a fazer entrega delles o dito Miguel Jozé de Faria. — Deus Guarde a Vossa Excellencia muitos annos. — Rio Pardo sete de Março de mil oitocentos e nove. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor General Governador desta Capitania. — Patricio Jozé Corrêa da Camara. Está conforme. Francisco José de Freitas.

Faço seguir pelo Alvorado Francisco Jozé Dias, ao Negro Domingos Escravo do Guarda Mór Bernardino de tal, e igualmente ao que consta na relação incluza; e não vai o mesmo Guarda Mór por que athé agora não apareçeo, e eu tenho feito deligenciar por elle e igualmente tenho indagado se haverá mais alguma parte, a onde se tire Ouro, como partecipei a V. S. em o Officio que lhe derigi no dia 21 do corrente, e igualmente tinha partecipado a V. S.ª no mesmo Officio de 21 do Corrente que eu tinha deixado o sobredito Escravo no rancho a tomar cuidado nos trastes do Senhor, e que não fiz seguir tudo immediatamente por não ter Cargueiro, e afim de ver se se apanhava o dito Guarda Mór. Tambem partecipo a V. S.ª, que mandei o Cabo Joze Joaquim da Cruz, athe Vacacahy a indagar se havia naquelle arroio alguma pessoa, que tirasse Oro, e em que parage, pois me dicerão, que o mão de luva, tinha ali tirado, ou estava tirando Ouro, e logo que eu souber a certeza de sim, ou de não, finalizo a minha deligencia, pois hé a unica couza, que me falta saber, o que tudo partecipo a V. S.ª que mandará, o que for servido.

Deos Guarde a V. S.ª muitos annos. Cassapava 24, de Fevereiro de 1809. — Illmo. Snr. Marechal Commandante da Fronteira do Rio Pardo. Patricio Jozé Corrêa da Camara. — Antonio Vicente de Siqr.ª Pereira Leitão. Está conforme. Francisco Jozé de Freitas.

Em consequencia — das Ordens de V. S.ª de 30 de Janeiro proximo passado, sahi do Rio Pardo, como V. S.ª me ordenou, no dia 13 do corrente a fazer com todo o sigilo a indagação das minas do ouro; e achei em um galho do Salso junto ao Serro do Ouro, Campo do Cabo Bernardino do Canto, que hé nas devizas do Campo do Adjudante de Dragoens Jozé Maria Correa Vasques, vertentes do Salso os homens seguintes — Miguel Jozé de Faria, Antonio Roiz de Almeida, e Antonio Alz. de Oliveira, a os quaes fiz aprehensão em tudo, e não lhes encontrei coiza alguma mais do que fasso menção na relação incluza, e igualmente os Escravos seguintes — Mulato João da Luz, e o negro Pedro, que são do sobredito Miguel Jozé de Faria; aos quaes tenho dado Licença para cuidarem nos trastes, e animaes do Snr.

Tambem remeto debaixo de prizão os negros Miguel, e Xavier, que são de Bernardino de tal Guarda Mór de Sima da Serra, o qual não vai prezo, porque quando lhe dei o assalto não se achava no rancho, e tinha hido para São Sebastião; porem agora novamente vou mandar fazer toda a deligencia possivel se se acha para seguir a Captura desse Quartel, pois julgo que este Guarda Mór hé quem tem tirado algum ouro; mas os que fasso seguir ainda a pouco tempo tinhão chegado aquelle lugar, e não vi que elles podessem ter já deligenciado ouro pois apenas tinhão acabado de fazer o seu rancho e estavão principiando a cavar a terra. Tambem partecipo a V. S.ª que eu deixei hum Escravo do sobredito Guarda Mór naquelle lugar do ouro para ter cuidado nos trastes do seu Snr. e não fiz conduzir tudo porque não tinha cargueiro, e tambem por que dezejava ver se encontrava o sobredito Guarda Mór naquelle mesmo lugar a onde agora mando conduzir tudo se inda lá se achar e o mesmo Escravo. Tambem pertendo nesta Capella de Cassapava fazer huma indagação exacta como V. S.ª me ordenou, a inda que julgo já não encontrarei coiza algua pois sei que os Senhores dos Campos a onde se achavão semelhantes homens tirando Ouro, os fizerão despejar, e queimarão os ranchos. Deos Guarde a V. S.ª Capella de Cassapava a 20 de Fevereiro de 1809. — Illmo. Marechal Commandante da Fronteira do Rio Pardo Patricio Jozé Corr.ª da Camara. — Antonio Vicente de Siqueira. Está conforme. Francisco Jozé de Freitas.

Em consequencia das Ordens de Vossa Senhoria de trinta de Janeiro proximo passado, sahi do Rio Pardo, como Vossa Senhoria me ordenou no dia treze de Fevereiro proximo, a fazer com todo o sigillo a indagação das Minas do oiro, e achei em hum galho do Salso, junto ao Serro do oiro, Campo do Cabo Bernardo do Canto, que hé nas divisas do Campo do Ajudante de Dragoens Jozé Maria Correa Vasques, Vertentes do mesmo Salso, os homens seguintes, Miguel Jozé de Faria estabelecido com Loge de ferreiro na Freguezia do Bom Jezus do Triunfo, Antonio Rodrigues de Almeida, e Antonio Alz de Oliveira, e estes dois de Sima da Serra, e a todos fiz aprehensão em tudo; e não lhes encontrei couza alguma mais do que remetti em a primeira, e segunda remessa, que enviei de Cassapava a Vossa Senhoria, como consta das Rellaçoens, que dirigi incluzas nos Officios, que mandei a Vossa Senhoria em vinte e hum, e vinte e quatro de Fevereiro proximo, quando fiz as sobreditas remessas: e igualmente os escravos, que eu fazia menção em os mesmos Officios, os quaes novamente refiro, que são os seguintes — Mulato João da Luz, e o negro Pedro, que são do sobredito Miguel Jozé de Faria, os quaes não remetti debaixo de prizão; porem ordenei, que se entregassem na prizão deste Quartel athe Vossa Senhoria ordenar o que lhe

parecesse justo: mas remetti prezos os negros Miguel, Xavier, e Domingos, todos tres escravos de hum Bernardino de tal, que dizem ser Guarda Mór de Sima da Serra, o qual se achava para o Destricto de São Sebastião, ou do Rio Grande, quando lhe dei o assalto, e lhe fiz aprehensão em todos trastes, e escravos, que remetti em as duas remessas; por cuja cauza não veio tambem á Captura deste Quartel; pois julgo que o ditto Guarda Mór he quem tem tirado algum oiro; pois me disserão, que elle se achava ja ha muito tempo naquella deligencia, e eu vi que o seu trabalho não era de poucos dias, ainda que elle não tinha oiro algum em huma petáca, e duas broacas, que vierão nas sobreditas remessas, que se achavão abertas; mas pode ser que haja algum na Canastra, que veio fechada, cuja chave me disserão os escravos do mesmo Guarda Mór, que elle tinha levado: e eu, Illustrissimo Senhor, julgo, que os tres, que vierão prezos, ainda não tinhão tirado oiro algum; pois me disserão, que tinhão principiado a cavar a terra no dia quinze de Fevereiro proximo, e eu assim o julgo por vêr, que o rancho estava acabado de fresco, e estavão principiando a cavar a terra. Tambem fiz depois desta deligencia, huma indagação exacta, como Vossa Senhoria me ordenou, em a Capella de Cassapava, e nos seus suburbios, e não pude encontrar homem algum tirando oiro, e soube, que alguns Estancieiros, logo que virão semelhante deligencia, erão necessarias mais Partidas, e darem todas ao mesmo tempo nos differentes Campos, a onde se diz que se tem tirado oiro, que julgo que desde São Lourenço (pelas informaçoens, que tive) athé Vacacahy, e por todo o Camaquam se tem tirado oiro; mas isto já tem sucedido em outros tempos. — Hé Illustrissimo Senhor o que pude indagar, que tudo partecipo a Vossa Senhoria, que mandará o que fôr servido. — Deos guarde a Vossa Senhoria muitos annos. — Quartel do Rio Pardo a dois de Março de mil oitocentos, e nove. — Illustrissimo Senhor Marechal Comandante da Fronteira do Rio Pardo. Patricio Jozé Correa da Camara. — Antonio Vicente de Siqueira Pereira Leitão. Está conforme. Francisco Jozé de Freitas.

Na conformidade das Ordens que acabo de receber do Ex.mo Snr. General Governador passará vm. acorrer todos os lemites desta Fronteira a prezenciar o cularmente se há algum individo Portuguez que esteja estabelecido nos terrenos de S. Majestade Catholica dos quaes fará retirar emmediatamente fazendo demulir qualquer Rancho que incontre em sem.e lugar, destroindo Corraes, ou mangueiras fazendo finalmente Recolher toda aClace de animaes que incontre nos Referidos estabelecimentos. Advirto avm. que como os Espanhoes tem sempre sustentado a disputa dos territorios privactivos ao nosso direito de conquista não hajão elles de arrogar assuas Reclamaçoens os terrenos emque se achão os povoadores Portuguezes. Aderrota de vm. deve ser pela Guarda do Boqueirão, passar ao lugar das Ondas, deste cortar para a lagoa de Ponche Verde, e desta para as cabeceiras de Opacaray, de Bacayquá, e de Opamaroti, e continuando athe o estabelecimento de An.to Glz. chegar as Cabeceiras de Hirapuitã; evoltar pelo interior da Serra de Bacayquá, epelas cahidas Orientaes para odito Hirapuitã; informando-se nessa altura se já há alguns Portuguezes que setenhão a diantados athe a Caxa dos Serros de Santa Anna que a hevelos devem ser prezos, e recolhidos praticando vm. com elles oque fica nesta detreminado. Do Hirapuitã para diante pertençe ao Commando de Missoens que mepersuado S. Ex.a derigirá áquele Commandante as mesmas Ordens deque me incumbio.

Terá vm. toda a circunspeção, evigilante cuidado de indagar sobre os roubos de animaes que se tenhão introduzido para os nossos lemites Confiscando, e prendendo aos que nelle se acharem culpados, cuja auctoridade lhe confiro, assim como asua responsabilidade por qual quer falta desta execução, que confio do zello devm., como espero da sua honra. Deos guarde avm. Rio Pardo 8 deMarço 1809. Patricio Joze Correa da Camara.

Remeto a Respeitavel Prezença de V. Ex.a a parte, e mais rezultados da deligencia que mandei proceder pello Tenente do meu Regimento Antonio Vicente de Siqueira relativo ao Capitão de Melicias Manoel Carnr.o da Silva. V. Ex.a mandará o que for Servido. Rio Pardo 29 de Dezem.o de 1809. Patricio Joze Correa daCamara.

Conceituando no zello de vm. enasua imparcialidade o incarrego de hua deligencia em que deve ser atentas as circunstancias do seu cuidado, e da sua intereza com aqual pode resplandecer a innocencia, ou ser castigado com justiça a acuzação dos delictos. Passará vm. acapela de Santa Maria e aly endagará como maior escrupulo das acçoens, e procedimento do Capitão Carnr.o da Sil.a por pessoas em quem se conheça, o Caracter de dizer, enão dos dizer-se ao mesmo tem-

po, de que formará a semilhança de hum Acto de inquerição de Testemunhas a Signadas, enunca juramentadas por não pertencer ao nosso Foro Militar se não nos cazos que nos Auctorização as Leis. Depois de ser ezecutado este Artigo passará a informar-se com a mesma individuação de todos os objectos concernentes a contenda do campo, porem isto separadamente. Para todo o contheudo lhe deve servir de governo os Documentos que incluo nesta. Antes porem que vm. ponha nomenor movimento qualquer das indicadas circumstancias, mandará estregar a carta incluza ao dito Capitão na qual lhe ordeno sevá aprezentar a Guarda da Conceição álhe segunda Ordem m.ª e isto para provedenciar toda, equalquer ocazião da menor Suspeita. e Arezulta de sem.ª Comição será posta na Respeitavel prezença do Exmo. Snr. Capitão General, com aqual reportarei o estado da informação que de mim exige S. Ex.ª Para este fim não lemito avm. tempo certo antes lhe recommendo se sirva de todo aquele que lhe for precizo para desempenhar com acerto, emadureza a mencionada Comição de que vai encarregado. Ja mais se separará do seu poder os predictos Documentos pelos quaes meserá responçavel. Deos guarde avm. Rio Pardo 28 de 9br.º de 1809. Patricio Joze Corr.ª daCamara. Snr. Tenente de Drag.ª Ant.º Vicente de Siqueira. Está Conforme. Patricio Joze Correa daCamara.

Inquerição de Testemunhas tirada nesta Capela de Santa Maria Sobre a conducta do Capitão Manoel Garneiro da Silva e Fontoura, cujas Testemunhas são humas destas mesma Capela e, outras do Districto de Vacacahy pertencente a esta mesma Capela; as quaes são as seguintes:

Primeira Testemunha.

Joze Feles Correya, Casado, chacareiro, morador junto a Restinga Secca, dice que assiste naquelle lugar haverão dois annos pouco mais ou menos, e que de nada sabe sobre o que foi perguntado; me foi seodito Capitão se valia de sua autoridade para flagelar os moradores da Capela do Districto, e que se por esta cauza se tinha auzentado alguem para Hespanha; ou para outro qualquer Districto, e a tudo responden que nada sabia, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Joze Teles Corr.ª

Segunda Testemunha.

Joaquim Joze de Cancio, casado e chacareiro nessa Capela, dice que não sabe sobre o que foi perguntado, cujas perguntas forão as mesma que se fizerão a primeira Testemunha, e so sabe que se tem ausentado alguns moradores para Missoens, que são Francisco Fernandes, e Agostinho Soares, os quaes não sabe se forão violentados, ou se forão por sua propria vontade acuidarem dos seos interesses, e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Joaquim Joze Cancio de Ferreira.

Terceira Testemunha.

Vitoriano Antunes de Oliveira, Solteiro, laverneiro, morador nesta mesma Capela, dice que de nada sabe sobre o que foi perguntado cujas perguntas são as mesmas que se fizerão áprimeira Testemunha: dice mais que sabe que se auzentaram para Missoens o Alferes de Milicias Manoel Marques, e o paizano Joze de Siqueira, o paizano Joze Machado, porem que não sabe se o Fur.ª de Milicias Joze do Canto, que foi tão bem para Missoens foi violentado, ou se foi acuidar dos seus interesses; e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Vitoriano Antunes de Oliveira.

Quarta Testemunha.

Joaquim Glis Dias, casado, Ferreiro, e morador nesta Capela dice quede nada sabe sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemunha, e so sabe que se tem auzentado muitas para varios Districto, e que não sabe bem os nomes delles, e que tão bem vindo hum homem dice que lhe parece ser de Sima da Serra, o qual era casado, e tinha filhos, e que vindo a por huma Olaria, que servia de beneficio ao povo, o vio aumentar no fim de quinze dias, e que ouvio dizer ao povo que elle se auzentara por cauza do Capitão assim como tão bem ouvia dizer que os mais se auzentarão pela mesma cauza, porem que elle nada sabe de certo, e nada mais dice, e asignou commigo, e fes o seu sinal, que hé huma cruz. Antonio Vicente de Siqueira. Joaquim Glis Deos.

Quinta Testemunha.

André Ribeiro de Cordova, Furriel, de Milicias, Casado, e morador nesta mesma Capela, dice, sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas que se fizerão a primeira Testemunha, que hé verdade que se tem auzentado alguns moradores para varios Districtos, porem que se auzentarão a fim de cuidar dos seus interesses, como a estabelecerem-se em Campos que estão povoando, e nada mais dice, e asignou commigo. Antonio Vicente de Siqueira. André Ribeiro de Cordova.

Sesta Testemunha.

Vicente Nunes da Silva, casado, e chacareiro, morador nesta mesma Capella, dice sobre o que foi perguntado, cujas são as mesmas que se fizerão a primeira Testemunha, que elle de nada sabe; e nada mais dice, e commigo asignou Antonio Vicente de Siqueira. Vicente Nunes da S.ª

Setima Testemunha.

Francisco Gonçalves Chaves, Soldado Miliciano, casado estabelecido nesta mesma Capella, dice sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemunha que elle de nada sabe, e nada mais dice; e commigo asignou com o seu sinal que hé huma Cruz. Antonio Vicente de Siqueira. Francisco Gonçalves Chaves.

Oitava Testemuha.

Ignacio Luiz Gonçalves, Soldado Melliciano casado, chacareiro, morador nesta mesma Capela, dice que de nada sabe sobre o que foi perguntado e cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemunha; e dice mais que sabe que hum cabo da mesma Companhia, chamado Fulano de Tal, Teixeira, que se modou do Districto, e que isto por ouvir dizer, que não sabe os motivos porque: e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Ignacio Luiz Gonçalves.

Nona Testemunha.

Joze P.ª Chaves, Furriel de Melicias estabelecido nesta mesma Capela, e casado, dice que de nada sabe sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemunha e dice que só sabe que se tem auzentado alguns moradores para Varios Districtos porém que não sabe os motivos porque: e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Joze P.ª Chaves.

Decima Testemunha.

Manoel da Costa Luiz, casado e chacareiro, morador nesta mesma Capela, dice que de nada sabe sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesma que se fizerão a primeira Testemunha: e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Manoel da Costa Luiz.

Undecima Testemunha.

Domingos Barboza Coito, Casado, morador na Restinga, dice que nada sabe sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas que se fizerão, a primeira Testemunha: e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira Domingos Barboza Coito.

Doudecima Testemunha.

Antunes Martins, Paizano casado, chacareiro, morador nesta mesma Capela dice que sabe sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas que se fizerão a primeira Testemunha que os que tem sahido desta Capela tem sahido por violencias que o Capitão tem usado com elles e sabe que os sarcedotes, que aqui tem vindo todos se tem auzentado pelas violencias que lhe fes o mesmo Capitão, e que por esta Causa se estão muitos sem terem comprido com os preceitos da Igreja como hé o desobrigo; e nada mais dice e asignou commigo, e fes o seu sinal, que Seé uma cruz. Antonio Vicente de Siqueira. Sinal de Antonio (cruz) Martins.

Decima Terceira Testemunha.

João Rodrigues Cabral, Paizano, casado morador nesta mesma Capela, dice que sabe sobre o que foi perguntado cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemu-

nha, que os que se tem auzentado desta Capela tem sido pelos incomodo, que o dito Capitão lhes dava e nada mais dice, asignou commigo, e fes o seu sinal que hé uma cruz. Antonio Vicente de Siqueira sinal de João (cruz) Rodrigues Cabral.

Decima quarta Testemunha.

João Ignacio, paizano casado e morador na estancia de Monoel Paiva junto a esta Capela dice sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemunha: que houvera tres annos, que asiste no seu citio, e que neste tempo nunca ouvio dizer bem do Capitão a pessoa alguma: e que Agostinho Soares, e outro sugeito; que hia com o mesmo Augostinho, que estivesse na sua casa, e igualmente o Padre Joaquim Clemente, Capelão desta mesma, que todos lhe dicerão que se auzenta vão pellas violencias com que o capitão usara com elle: e nada mais dice, e como asignou. Antonio Vicente de Siqueira. João Ignacio.

Decima quinta Testemunha.

Joaquim Joze Cesar Soldado Meliciano, Casado, e morador nesta mesma Caela dice sobre o que foi erguntado, cujas perguntas são as mesmas, que se fizerão a primeira Testemunha, que elle de nada sabe enada dice e asignou Commigo. Antonio Vicente de Siqueira. Joaquim Joze Cezar.

Decima Sesta Testemunha.

Antonio Joze de Araujo, Casado, negociante, e morador nesta mesma Capela, dice sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesma, que se fizerão á primeira Testemunha, que elle de nada sabe: e nada mais disse e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Antonio Joze de Araujo.

Decima Setima Testemunha.

Manoel Paim de Arruda, casado, estancieiro junto desta Capela, dice sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas que se fizerão a primeira Testemunha, que sabe que todos os que se tem auzentado tem sido por violencias,

que o Capitão usara com elles, como tãobem outros conservadores forão auzentos das partes, hum anno, e dois, sem o imformes nem tão pouco os das partes que os requerera emfim usara de violencia com os moradores do mesmo Districto, que elle ouve queixaram-se todos; e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Manoel Paim.

Decima Oitava Testemunha.

Joze Pinheiro da Silva, Casado, estancieiro morador na Coxilha do mesmo Districto, e Capela: dice sobre o que foi perguntado, cujas perguntas são as mesmas que se fizerão a primeira Testemunha que elle de nada sabe; e nada mais dice, e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. Joze Pin.º da S.ª

Decima Nona Testemunha.

Antonio Pompeo, Soldado Meliciano, Casado chacareiro, morador junto a Boca do Monte: dice sobre o que foi perguntado, que elle de nada sabe e nada mais dice; e commigo asignou. Antonio Vicente de Siqueira. An.º Pompeo.

E sendo as sobre ditas Testemunhas as principaes pessoas, que eu achei nesta Capela, e immediaçõoens da mesma não entrando algumas pessoas, que eu conheci serem parentes do Capitão Manoel Carneiro da Silva, e se aqui vai alguma hé porque eu não tenho conhecimento se hé ou não parente; Como tão bem não vão aqui algumas pessoas, que se queixarão do dito Capitão, porem não ter autoridade para isso e igualmente não vai aqui algumas pessoas das principaes por se acharem em outros Districtos, e outros doentes. Capela de Santa Maria á 18 de Dezembro de 1809. Antonio Vicente de Siqueira.

Em consequencia do Officio, que recebi de V. S.ª em 2 do corrente mes datado a 30 de Novembro proximo passado, Sahi deste Quartel, como V.ª S.ª me ordenou, em 3 domesmo Corrente; e fui a Capela de Santa Maria a executar aimportante deligencia, que V. S.ª me ordenou em omesmo Officio: á Cuja

Capella de que em o dia 7 do Corrente, já tarde; enodia seguinte, que secontavão 8, mandei entregar o Officio, que V. S.ª mandou entregar ao capitão Manoel Carneiro da Silva, no qual V. S.ª Me ordenava se fosse apresentar á Guarda da Conceição, o qual Capitão Senhor de Santa Maria no dia 12 do Corrente pela manhan, em detarde escrevi officialmente de ordem de V. S.ª ao Cabo de Milicia Jeronimo Dorneles, que assiste junto apicada da Restinga Seca que fizesse a vir a Joze Joaquim, a Joze Rodrigues, a Domingos Barboza, a Joze Teles, a Antonio Dias, e a Manoel Paym, que se achassem no dia 15, eigualmente elle na Capella de Santa Maria, os quaes se acharão no mesmo dia nadita Capela, menos aquelles que Se achavão então em outros Destrictos, oudoentes Principiei a enquirição nomesmo dia 15 áthe ao dia 18; então só inquiri aquellas pessoas, que mandei chamar, Como igualmente as damesma Capella, e estas forão as que eu achei mais Capazes não entrando neste numero pessoas, que eu Soubesse que lhe erão parentes dodito Capitão, ou que lhe erão partes; porque Sendo chamadas algumas, edizendo-me que não Sabião de Coiza alguma, que dicesse respeito aos outros, mas sim aelles mesmos, eu então não os ouvia porver que V. S.ª no seu Officio não me autorizava para isso, nem tão pouco nas cauzas Crimes as partes jamais São chamadas para testemunhas: eentão lhe dera que fossem emmediatamente reprezentar a V.ª S.ª como Commandante, que era desta Fronteira, ou reprezentasse as suas cauzas ao Illustrissimo, e Exm.º Senhor Governador, eCapitão General desta Capitania, que hé quem lhes havia defazer justiça, e não eu pois que não tinha alguma autoridade. No dia 16 escrevi hum Officio ao Furriel de Milicias Balthazar Pinto de Aguiar, que se acha Commandando interinamente o districto de Vacacahy cuja copia dirijo a V.ª S.ª para V.ª S.ª ver o seu conteúdo: as pessoas que eu dispensei de hirem a dita estancia e hirem sim a Capela, foi por hirem pessoas, que assistem mais perto damesma Capella, e não da dita estancia; e e cauza, Illmo. Snr., porque mandei hir as pessoas estabelecidas na Coxilha, e suas emmediaçoens, a estancia do Tenente Felipe Carvalho, foi porque julguei Ser ali bem como hum ponto Central, e a onde todas podião hir sem maior encomodo, enão faze-las hir á Capella de Santa Maria, que seria necessario a algumas andarem vinte, e mais leguas. Depois de feita ainquirição na Capella de Santa Maria das testemunhas Sobre oprocedimento, e Conduta do Capitão Manoel Carneiro da Silva, cuja inquerição Conclui no dia 18 athé ao meio dia, e de tarde segui para a Coxilha aonde chegui no dia19, e emmidiatamente principiei outra inquerição de testemunhas a respeito da contenda do campo de Joaquim Joze Domingues,

como dito Capitão Manoel Carneiro da Silva, aqual inquerição finalisei no dia 21, eno mesmo dia fui eu pessoalmente Com algumas das mesmas terestemunhas ver omarco, e egualmente oposto, e este achei no chão Causado dos temporaes, e aquelle achei afincado junto aomesmo ponto no Campo, que odito Joaquim Joze Domingues, comprou á Joze Pereira da Roza, para dentro das divizas, que declara aSismaria Hespanhola huma boa legua, de que odito Capitão Se chama aposse, o que partecipo á V.l S.ª Como igualmente lhe dirijo encluzæ não Somente aCopia do Officio, que mandei aodito Furriel de Melicias, mas tãobem dirijo incluza aInquerição de testemunhas tirados sobre aComduta, eprocedimento do Capitão Manoel Carneiro daSilva e a Inquerição de testemunhas tiradas Sobre oConteudo do Campo de Joaquim Joze Domingues ao Illmo. e Exmo. Snr. Governador, Capitão General desta Capitania, noqual Se queixa do Capitão Manoel Carneiro, cujo requerimento V.ª S.ª me mandou incluzo no seu Officio e neste V.ª S.ª me aviza que hépara eu melhor me Saber deliberar arespeito da Commissão, de que V.ª S.ª me encarregou cujo requerimento trazia incluzo papel devenda, que fez Joze Pereira da Roza ao dito Joaquim Joze Domingues, e igualmente huma Sesmaria Hespanhola, e huma pastaria do Sargento Mor Francisco Barreto oque tudo áqui remeto á V.ª S.ª no dia 22 parti da Coxilha, e cheguei aeste Quartel nodia 28, aque tudo partecipo á V.ª S.ª que mandará o que for Servido. Deos guarde á V.ª S.ª muitos annos. Rio Pardo á 29 de Dezembro de 1809. Illmo. Marechal Commandante Patricio Joze Corr.ª daCamara. Antonio Vicente deSiqueira.

O ponto principal, edevantagem segundo alcança os meus conhecimentos para o estabelecimento da Guarda progectada, he nas cabeceiras do Rincão do Salço, aonde houve hua extinta Guarda deste nome. A sua pozitura na quella cituação pode discorrer sobre as Terras auriferas procedentes dos Arroyos que vão notados no papel junto desde o N.º hu, athe sete. O seu completo estado pode comprehender vinte praças de Soldados quatro Cabos, ehum Official. Aquelles ditos Officias inferiores sedevem conservar emhuma atternativa de Patrulhas, que girem desde aorigem athe os prencipaes Passos, e ainda os que ha exquisitos pellos indicados Arroyos, ou paragem emque se encontre noticias de haverem empregadosno trabalho da acquisição de qualquer metal. Este he omeu mo-

do de pensar sugeito ao Sabio decernimento de V. Ex.ª que Deus g.e m.s a.s Porto Alegre 13 de Março de1810. Illmo. e Exmo. Snr. Capitão General, e Governador desta Cappitania. Patricio Joze Correa da Camara.

Detalhe para os Destacamentos seguintes — Guarda de Santa Maria do Boqueirão distante do Quartel do Rio Pardo 50 leguas pouco mais ou menos, deverá compour-se dehu Capitão hú Subalterno, trez inferiores, destes hu arvorado, evinte Soldados decuja Guarda destacará para o Rio Negro hú Inferior, eoito praças de Soldados.

Guarda da Conceipção que dista do mesmo Guartel 60 leguas pouco mais, ou menos secomporá das mesmas praças, destacando hu Inferior, equatro praças de Soldados para Pamorotim. Porto Alegre 13 de Março de 1810. Patricio Joze Correa da Camara. Marechal Xefe.

N.os — 1 Arroyo S. Sepé—Estancia de S. João —
2 D.o de S. Rafael —
3 D.o do Salço —
4 Cabeceiras de Vacacahy —
5 Arroyo Taquary —
6 Taquarembó —
7 Icabaquá —

Rio Ibirapuitan
Cerros do Iaráo
Arroyo Issacá
} Nenhua destas p.tes se tem descoberto mineral algum.

Illmo. Exmo. Snr.

Em resposta aofficio que a cabo ter ahonra receber de VEx.ª com data de 11 do prezente Semeoferece contestar o Seguinte. Mandei imediatamente o Escripturario deste Almox.o a companhado de hú Inferior fazer aprehenção pellas Lojes deste Quartel em todas as Espadas, efolhas das mesmas que encomtrace conceguindo-se apenas achar-se onze Espadas que já forão recolhidas nestes Armazens, e expedi hú Official nesta mesma deligencia para a Incruzilhada, Caxoeira, eCasapava, afim de trazer-me quantas Ouver, que penço muito poucas achará para séremédiar aspraças do meu Regimento desta Arma da pr.ª e mais enteressante necessidade. No que respeita ao desgraçado estado das Armas, efalta de Pistolas, tenho feito conhecer a V. Ex.ª Já escrevi ao Coronel Commandante de Missoens pendindo-lhe todas as praças invalidas para seus nomes, e Companhias que existem naquella Provincia para as empregar no destacamento do Salço, aonde não hé possivel Compor-se Somente desta qualidade degente porser tambem perciza algua com actividade para girar na hapreeenção dos que Clandestinamente Seacharem empregados na extração do Ouro, e a inda mesmo entre asditas praças concidero alguas absolutamente dignas de serem demetidas do Real Servisso. O Destacamento de Santa Victoria hé guarnecido pellas praças do meu Regimento que Seachão nessa Capital emamdando V. Ex.ª reduzir ao N.o de dez Soldados, dous Inferiores, e hú Official não se comtemplando com amuda do Furriel da Ligião Francisco deoLiveira devo pençar que todo omais excesso de praças que haja na quelle destino V. Ex.ª terá detreminado asua retirada do Regimento dignando-se aclararme Seo Official devo mandar deste Quartel. Já expedi Ordem do Capitão Germano Severiano da S.ª para com aspraças do seu Regimento marcharem para Missoens em cujo lugar seacha logo depois que veio de sua Capital, o Capitão Gabriel Ribeiro, e insinuei ao refferido Capitão Germano remetese a Real Intendencia os Armamentos que tivesse desconcertados. Pella Junta da Fazenda mefoi partecipado as Ordens que vinhão deste Almox.e para suprimento das quantias que em concequencia das minhas Portarias, eu exigice para os empregos do Real Servisso, e nesta comformidade já mandei vir hua porção detecido de Lan para Sefazerem emxergas para os Cavallos, asim como mandei fazer Secenta freios para cuja aplicação fiz sahir do Armazem hua porsão de ferro velho do consumo por ser muito pouco o que havia novo em barra. Sendo justo para mim Ofeitio de Cada hú para quatro Sentos Reiz, etambem dod.o ferro velho vou mandar fazer alguns pares de Estribos.

Semefaz perciso mandar vir alguns pelegos para montaria e pode V. Ex.ª persuadir-se que me heide limitar quanto mefor possivel ao que não conheça da mais pura percizão, e que o preço das obras, edo mais hadeser o mais Restricto que me for possivel. Vou já mandar fazer alguns lombilhos e caronas pois não existindo nestes Armazens Senão Sem poderão Chegar para as duas Companhias que hão de marchar com o meu Tenente Coronel.

Digni-se V. Ex.ª mandar-me fardamento para Sento e Setenta eCinco praças Regulando-se atrez Cov.os emeio de pano para que com alguas Sobra do fardamento que Sedeo, e de outros que tem desertado conceguir mandar apromptar vinte e Sinco praças: Opedido hé limitando-me ao menos para que pode V. Ex.ª Supor o estado emque veria a recruta que tem entrado, eóchalá visse eu remediada anecessidade de botas, para bem apezar meu ver hua grande p.e deles, e dos antigos com opê no chão, ea the expostos a Clamidades do tempo que aliaz tem sido rigorozo, Sem terem hua Coberta em que se embrulhem pois não ha Commerciante que deles queirão fiar nada pella longa falta dos pagamentos. Fico serto em que pelo Tenente Antonio Vicente vem diferentes Armamentos emuniçoens, a sim como já acoldei com os auxilios que me pedio Omeu Tenente Coronel para acomprar des mil, etanto Cavallos. Mandei vir o Capitão João Max.do para de novo recomendar-lhe apromptidão da abertura da picada, ejá estou pensando na sua negativa bem formal, pella rigoroza estação de frios, e Chuvas que constantemente tem havido, eainda quando estivesse a tal picada aberta Seria de vantagem entrar para ella ossocorros para Missoens, mais não para Se acantonar qualquer corpo de tropas, naquelles campos indomitos, efaltas de quantos seja aplicavel ao socorro davida humana para que não existindo nelles o menor estabelecimento. Só Sesujeitarião a Cassa, ou ao gado que Selhemetese, o qual infalivel Setornaria ahu estado demagreza que mais cooperaria para molestias do que para alimento por serpercizo tello em pastoreio afim deseacustumar aos pastos que por novos estranhão. Estou prezentemente na detreminação de V. Ex.ª para auxiliar aosmoradores de Batobi nasua pertenção de erigirem ou reedificarem a Capella que havia na quelle lugar no tempo dos Hespanhoes, porem sefaz demuita percizão que V. Ex.ª lhesmande de senhor o terreno afim de Requererem os estabelecimentos das suas Chacaras ecazas. Deos Guarde a V. Ex.ª muitos annos. Rio Pardo 21 de Julho de 1810. Illmo. e Exmo. Snr. Capitão General Governador desta Capitania. Patricio Joze Correa da Camara.

Illmo. e Exmo. Senhor. Acuzo o recebimento do Officio de V. Ex.ª de 31 dopassado, acujo asumpto seme oferece responder oseguinte. Derezulta a Carta que invieia á Prezença de V. Ex.ª do Coronel Francisco das Chagas Santos, consultei com o Marechal Joaquim Xavier Curado adesmembração das 50 Praças de Dragoens, pertencentes á Partida do meo Tenente Coronel Thomaz da Costa Corrêa, por estarem estas promptas amarchar, eque logo que elle Marechal estancionasse o campo . . . . as poderia mandar reunir aelle pois não tinha providencia mais prompta de que lançasse mão, senão está porver que o dito Coronel manifestava deque o Capitão Manoel da Roxa, resciava ser surprendido; pois para fazer apromptar quarenta, ou secenta praças com que a veria Soccorrer aquella Guarda, occorreria hua delonga pela falta detodo o percizo, enão ser compativel ao momento, com aquelle indicado receio, eparece-me que em vista da Ciptada Conferencia, não poderia rezultar aV. Ex.ª amais minima Reprezentação sobre este objecto, etanto assim, que vendo desvanecidas aquellas consequencias, mandei suspender um . . . . do Sargento Mor Manoel dos Santos, apezar de que ja não contava com este Soccorro deprompto, pelo motivo, que o mesmo me faz saber — naCarta, que tenho a honra de depozitar nas Mãos de V. Ex.ª Seguio pelo Rio assima namesma Canoa em que veio as quatro Pessas de C.e3 com tudo o que veio pertencente á estas, recebendo destes Armazens omais, que lhe faltava: e mandei conservar na Freguezia da Cachoeira, pornão haver hua só Carreta na quelle Destricto, no de S. Rafael, e deCaçapava, que não fossem impregadas na Expedição do Marechal Joaquim Xavier Curado, podendo V. Ex.ª como tanto lhe feito conhecer, que se deve contar longe com esta providencia das mesmas Carretas tão depreça, pelo estado do tempo continuar acorrer tão critico para aredução do estado damaior incapacidade atoda aqualidade de animaes. Se V. Ex.ª como me avizou, que athe o mais tardar, no meiado deste mez, fazia seguir o resto da Legião; devo segurar-lhe, que não ha transporte para a sua marcha; porem comtudo se a necessidade permitir, mandarei vir as Carretas do Destrito de Vacacay, que pelo longe deste Destricto, quando cá chegarem se fará . . . . . mais deficultuoza será volta. A Cavalhada Reyuna, forão empregados perto de mil, incluindo aquelles 600 que partecipei a V. Ex.ª; e assim mesmo vai aquella Expedição quazi apé de montaria, em namortificante lida de experçar Soldados na Recrutação de semelhantes animaes, ordenando-lhes parem nos lugares em que forem achados, afim de evitar ao maior perjuizo, demorrer hua grande parte. Estou prompto, como V. Ex.ª memanda, para seguir no primeiro

dofucturo a primeira, Ordem com orestante das praças do meo Regimento os quaes com lastima do meo Coração as vejo reduzidas ahú desgraçado estado, portestalmente se acham huns núS, eamaior parte desvalidos. Da Rellação incluza verá V. Ex.ª, o que semefaz percizo. Já seguio o Tenente Engenheiro Guilherme Christiano, a quem prestei hu Soldado para oacompanhar, com seo regimento fica amarchar o Cirurgião Vicente para o fim de lhemostrar as Minas do Carvão. O Cabo Candido Victor, já mandei publicar asua baixa desta praça, ficando nade Soldado.

Este individuo aprezentou-se hu dia neste Quartel, eno mesmo voltou pençando eu, achar-se nessa Capital; epor tanto digne-se V. Ex.ª Ordenar a remessa da Parte . . . . falta . . . . na forma da Ley ser Classificado dezertor. Deos guarde a V. Ex.ª muitos annos. Rio Pardo 18 de 7br.º de 1810. Illmo. e Exmo. Senhor Capitão General, e Governador desta Capitania. Patricio Jozé Corr.ª da Camara.

Illmo. e Exmo. Senhor. O Cabo d'Esquadra domeo Regimento, João Miz de Andrade, vai entregar á Ordem de V. Ex.ª o Oiro que elle mesmo foi conduzir da Guarda do Salço, e hé remetido pelos Directores Mineiros.

O dito Cabo sem mais Companhia alguma, eu o julgo muito Capáz de dezempenhar esta Comissão; porem nella vai com quatro Soldados portodos elles serem obrigados pelos ditos Directores, aasignarem o recibo que omesmo Cabo passou do dito Oiro. Leva tão bem hum escravo de S. A. que aqui deixou o Tenente Guilherme Christiano Fildner, para entregar igualmente á Ordem de V. Ex.ª que Deos guarde muitos annos. Rio Pardo 30 de 7br.º de 1810.

Illmo. e Exmo. Snr. Capitão General, e Governador desta Capitania. Patricio Jozé Corr.ª da Camara.

Illmo. e Exmo. Snr. Cheguei ao Tenente Ricardo: e na Curta distancia de dez Legoas Cançarão mais de trezentos Boys, entre os quaes morrerão muitos: fazendo-se-me mais Sencivel

esta falta, pelo degosto, que tive, de ver desvanessidas, as minhas esperanças, sobre o melhoramento de transporte: bem persuadido pela experiencia, que em qualquer parte Se conhessem egualmente, e diferença os mesmos efeitos das chuvas, e do inverno.

Foime, necessario falhar, tanto para esperar pela Segunda e terceira Seção de Carretas, que chegarão depois de dous dias, Continuando a ficar a quarta, que consta de farinhas, na distancia de Sinco Leguas, por falta de Bois.; como por que choveo tres dias Sucessivos; do que rezultou a grande enchente do rio Santa Barbara, onde existe hua So, e insignificante Canoa, e por Concequencia inutil.

Todas estas circunstancias me persuadem, que Será muito vagaroza a minha marcha, a tempo que as noticias Cumunicadas pelo Coronel Chagas ao Commando da Guarda do Inhandui anuncião, que o Governador do Paraguay marchava com 400 homens a reforçar o Coronel Rocamoura, que já se achava munido de Artr.ª e muita gente Armada: e Suposto que me parece muito mal fundada a Supozição de ser dirigida esta força contra os Portuguezes de qualquer modo, que Se pense, não so por que o ponto indicado para reunião das Tropas he na margem ocidental do Uruguai e no interior do Paiz, como porque não existem força Hespanhoes nesta margem oriental; com tudo o meo espirito inquieto com estas mesmas noticias me insinua, que devo tomaralgum expediente: este não pode ser outro mais, que adiantar-me com a Tropa Somente Supostas as actuaes Circunstancias em que me acho, por falta de meyos, deixando Barracas, Porque, suas muniçoens e doentes entregues ao Cuidado de hua Goarda de 54 Soldados tres Oficiaes Inferiores, e tres Oficiaes, e Seguir com a mais Tropa pelo Caminho mais curto, conduzindo em Carregueiros alguns Cartuchos de Pistolas, Clavinas e Armas dos Cassadores, te chegar a Guarda da Conceição, para esperar ali a equipagem, que deixo, e tomar as Competentes medidas, e expedir espias, afim de entrar no Conhecimento das verdadeiras dispoziçoens dos Hespanhoes, e não ser nesta distancia o jogo de novidades Comentadas talvez pela imaginação esquentada de alguns, que custumados a pensar o peor pronosticão sempre funesto acontecimentos.

Amanhã 21 do Corrente pertendo dar principio a minha marcha Ligeira, dirigindo-me por Cassapaba para evitar a passagem do Rio Santa Barbara, tendo dado as providencias, que ficão ao meu alcance, para seguirem imediatamente as Carretas pelo Caminho proprio á este enfadonho, o unico meio de transporte, e deixando ao cuidado do Alferes de Milicias deste

Districto Florencio Antonio, prestar os auxilios, que se poderem precizar té a Estancia do Freire, onde me proponho solicitar mais meios para adiantar os transportes com a possivel brevidade.

A Exma. Pessoa de V. Ex.ª Guarde Deus muitos annos. Campamento na Estancia do Ricardo 20 de Setembro de 1810. Illmo. e Exmo. Snr. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

Illmo. e Exmo. Snr. Tenho a honra de receber o Oficio de V. Ex.ª na data de 21 de Agosto, sentindo muito não ter V. Ex.ª recebido a minha resposta a outro de V. Ex.ª de 18; a tempo que foi expedida do Campamento de S. Lourenço, com data de 31 do referido mez. Entro agora na desconfiança, se já chegarão a Prezença de V. Ex.ª diverços Oficios datados do 1.º de 10, e 20 do Corrente mez.

Fico persuadido das Ordens de V. Ex.ª incluzas na Copia do Oficio dirigido ao Marechal Patricio Jozé Correa, que tambem me deve Servir de instrução; recomendando-me V. Ex.ª novamente que estabelessa o Campo com as condiçoens indicados nas Ordens de 4 de Agosto, não concentindo, que se reforsem as Goardas da Fronteira do Rio Pardo, nem se erijão novos ranchos, em quanto os Hespanhoes não violarem os limites especificados; pois que as forças do meo Comando são destinadas a rebater qualquer agreção, e não para enovar mudanças, que motivem desconfiança aos nossos vizinhos.

A respeito dos esforços, que devo fazer para chegar sem delonga ao meo destino, V. Ex.ª se dignará ver no meo oficio de 20 a rezolução que tomei e as providencias por mim adoptadas a esse mesmo fim; sendo aquele o unico expediente, a que me podia deliberar. V. Ex.ª notou que a relação nominal das duas Companhias de Dragoens, que devião marchar debaixo de minhas ordens, fosse asenada pelo Tenente Coronel Thomas da Costa no dia 16. Espero que V. Ex.ª se dignará trazer a memoria os meus oficios de 20, 23, e 26 de Agosto: deles conhesérá V. Ex.ª que o referido Tenente Coronel se não deverá entrometer em dar conta das Companhias, té então so mente destinadas, não tendo en ainda me encarregado delas, por não estarem prontas. Sobre os Oficiaes Destacados, e em deligencias incluidas nas ditas Companhias, devo dizer com ingenuidade a V. Ex.ª que ainda sendo muito contraria esta dispozição ao meo modo de entender as ordens de V. Ex.ª com tudo era necessario, ou anuir a ela, ou esbarrar pozetivamente.

Recebo a copia do oficio do Commandante de Missoens, ordenando-me V. Ex.ª que com ele concerte, e disponha os Socorros para a defeza daquele Territorio, que tambem me fica incumbido.

Fico assas persuadido de partecipar a V. Ex.ª tudo quanto a ocurrencia de circunstancias fizer necessario: e que não paresse justo, que se mandem por agora Sair dos seos Destrictos os Milicianos do Rio Pardo, sendo bastante que estejão prontos ao primeiro avizo.

Sinto muito os incomodos que a V. Ex.ª tem Cauzado o deploravel estado dos Armamentos da Legião. Seja-me licito dizer a V. Ex.ª que antes de passar o Mez de Outubro talvez seja ja impossivel, que essa Tropa possa marchar, pela falta de transportes; segundo a experiencia propria, adquerida bem a meo pezar. AExma. Pessoa de V. Ex.ª Guarde Deus muitos annos. Cassapava 23 de Setembro de 1810. Illmo. e Exmo. Snor. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

Illmo. Exmo. Snr. Agora, que me dispunha a marchar, principia a chuva esta pertinaz, e constante inimiga da marcha desta Tropa, e principal cauza da ruina da Boyada, Cavalhada, e das enchentes dos Rios, e por Concequencia das muitas falhas, que tenho tido. Ademora que tenho neste lugar permite-me ocazião de Ler, e esaminar com refleção a copia do oficio, que a V. Ex.ª dirigio o Commandante de Missoens, do Povo de S. Luiz com data de 27 de Julho. Observo, que este Commandante pertende estabelecer huma Guarda no passo da Cruz, de hum oficial, e 20 Soldados, para Patrulharem 14 Leguas. Pertende mais outra Goarda no passo de S. Francisco de Borga de hum oficial, e 25 Soldados com a obrigação de Patrulharem 10 Leguas. Continua a pertender mais outras de 20 homens, nos tres passos do Uruguai, S. Marcos, Mercês, e S. Lucas, e com o destino de Patrulharem 14 Legoas. Prosegue a pertender outra Goarda de 25 homens, no passo de Santo Izidro, que devem Patulhar mais de 6 Legoas: Concequentemente pertende 100 homens para goarnecer os referidos passos. Preciza mais 100 em distancia proporcionada para a Cudir onde for precizo. Exaqui 200 homens, de que necessita este Commandante que não podem ser de Infantaria por não lhe ser possivel Pa-

trulhar distancias tão Largas; Logo devem ser Dragoens: ignoro onde os eide hir buscar. Ainda continua a dispozição do mesmo Commandante preciza de 40 ou 50 homens para o Serviço do corpo da Goarda, e caza da Polvora. Estes poderão ser talvez de Infantaria. Pertende mais huma Escolta para o acompanhar a diverzos pontos da Fronteira; eque naturalmente devem ser Dragoens. Permita-me V. Ex.ª Licença para dizer o que sinto. Não pode haver mais extravagante, e vaidoza pertenção. Projeta finalmente hum Corpo rezerva, atendendo as Goardas, que podem os Hespanhoes aumentar; em frente das quaes Será precizo estabelecer outras. São precizos ultimamente 300 homens para o serviço ordinario daquele Paiz: 250 de Cavalaria, e 50 de Infantaria. V. Ex.ª foi servido ordenarme, que avista do que expoem aquele Commandante eu com ele, e disponha os socorros da defeza daquele Territorio. Prezentemente nada posso dizer sobre este assunto: bem que me sinto desde ja prevenido Contra a extravagancia dos Seos projectos, que me paressem mais pompozos, que uteis.

Agora reflito dizer-me V. Ex.ª no oficio de 31 de Agosto, que té o fim do corrente mez de Setembro terá V. Ex.ª noticias do Lugar, onde me acho Campado. Passo desde agora asseverar a V. Ex.ª que me será impossivel vencer tão grandes destancias em tão curto tempo, inda apezar da marcha Ligeira, aque me tenho reduzido, Otempo a Estação, qualidade, e quantidade de transportes tem sido a peor possivel. A.Ex.ª Pessoa deV.Ex.ª Guarde Deus muitos annos. Cassapava 24 de Setembro de 1810. Illmo. e Exmo. Snr. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

Illmo. Exmo. Snr. Depois de ter a honra de dirigir a V. Ex.ª o meo oficio de 1.º do corrente, no qual anunciava a necessaria mudança de Campo pelo mao terreno, que foi precizo ocupar na margem ocidental do Rio Jacuhy, por não ter sido possivel conduzir a passagem do Rio, se não pelas oito oras da noite, continuarão as chuvas de sorte, que tem a Tropa Sofrido muitos incomodos inevitaveis, inda depois de ter passado felismente ainfernal varje do Jacuhy, que não tendo mais que meia Legoa, não poderão as Carretas de transporte vencer este deficultozo passo em menos de quatro dias, ocazionando muitos bois cansados, e alguns mortos, tirantes arrebatados, Carretas empantanadas de forma, que ainda depois de descarregar com dificuldade se dezembaraçarão da lama,

que de instante a instante se aumentava, se tornava mais deficil de tranzitar. Livre de tão inopinado incomodo procurei hum Lugar elevado com as possiveis Comodidades para campar, e esperar os transportes, porem a Tropa molhada, sem Barracas, sem farinha, por que se molhou aquela, que havia nas mochilas, principiou a sentir os efeitos do rigor da estação, sofrendo os incomodos que cauzão asdesenterias de Sangue, e pleurizes.

Chegarão finalmente as Carretas ao novo Campo precizando da reforma, que indica a parte, que me dirige Superintendente dos transportes, aqual sobe a Prezencia de V. Ex.ª obrigando-me a falhar os dias necessarios para se remedearem semelhantes faltas. Quando parti do Quartel do Rio Pardo me conciderei persuadido, que ja me tinha precedido a condução de algumas farinhas, e que se achavão estas depozitadas, ou em Santa Maria, ou nos Vacacahys, por Serem estes os lugares indicados pelo Marechal Patricio Joze Correa na primeira conferencia, que entre nos houve Sobre os Armazens de depozito. Nesta supozição forão-me ao principio menos Senciveis os transtornos da chuva, e da varje; bem persuadido que me seria possivel adiantar a marcha da Tropa, segurando-me de sorte, que so o Parque, e Munições de Guerra fizessem oprincipal objecto dos meos cuidados: mas agora, que oCap.ªm do Destricto, encarregado do transporte das farinhas, me Certifica, que esta, que me deve acompanhar, hé aprimeira condução: e vezivalmente conheço, que os bois são poucos, fraços, e maos, e que a Cavalhada particular dos moradores padesse os mesmos inconvenientes, e que osReiunos só existem na imaginação, como se ve na parte do Superintendente, estou cabalmente persuadido, que Semelhantes preludios anuncião muito vagaroza a marcha desta Divizão.

No primeiro dia de bom tempo, depois de passados nove Sucessivos de chuvas, me propuz a examinar as muniçoens, que felismente escaparão da inundação: mas não se livrarão do efeito das madeiras verdes dos Caixoens, que umedecerão os Cartuxos, e reuinarão muitos.

Achei de menos hum Caixão, que segundo a relação, que se me remeteo trazia facas, tintas, e espoletas de Obuzes. O Cap.ªm Pita dis, que o não recebeo: o Tenente Joze Olinto afirma, que dele se não encarregou: finalmente falta hum caixão de espoletas, e o peor hé que os Artificis de fogo, indicados nesta Expedição, dos quaes me poderia Servir para remedear Semelhante falta, São dous meninos Filhos do Major Dr. Elboux, que forão baptizados (julgo eu) Arificis de fogo na ocazião da marcha.

No dia 3 dezertou hum Soldado de Artr.ª logo depois dezertavão tres de Dragoens e tres de Infantaria.

Depois de dez dias de falha pertendo a manhã Continuar a marcha, Levando com migo tres Carretas de farinha, por que não posso esperar pela tardinha Condução das Carretas, que devem conduzir toda quanta se acha destinada, eja Livre da infernal varje do Jacuhy, ou passo de S. Lourenço, Segundo me dis o Cap.am do Destricto, aquem deixo nimiamente recomendada huma tão importante remessa, no entanto que procuro adiantar-me a chegar ao Tenente Ricardo, para me desembaraçar da confuzão de tantas Carretas, tão mal Servidas; e abilitar-me talvez de Cavalhada, e boiada, que por estes Destrictos está totalmente extinta: por que vejo que aqui te me faltão os piaens que fogem aos pares, e se inutilizão todas as minhas deligencias, elá ao menos me anima a esperança de achar meios, de melhorar de transporte.

Tomo o expediente de deixar os Cavalos Reiunos na Estancia do Major Joze Ferr.ª entregues ao Capataz, para os Livrar do desgraçado destino, a que estão Sugeitos todos quantos canção, que são degolados pelos Cavaleiros, para lhes Contar as orelhas; persuadidos que aprezentando-as, se tirão da responsabilidade: como aconteceo aos Cabos de Dragoens Jozé Joaquim, e Bernardino Gomes; hum napassagem ao Rio Pardo, e outro no passo da Ferreira, Segundo me informa o Tenente Coronel Thomas da Costa.

Incluzo Sobe a Prezença de V. Ex.ª o Mapa da Divizão com as novidades te a data nelle indicada. A. Exma. Pessoa de V. Ex.ª Guarde Deus muitos annos. Campamento 10de Setembro de 1810. Illmo. e Exmo. Snor. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

Illmo. e Exmo. Snr. No oficio de 4 de Agosto foi V. Ex.ª Servido incluir o Cap.º Seguinte nas minhas instruçoens. Que as duas Companhias do Regimento de Dragoens Com as Goardas da Fronteira, que tambem ficarão as minhas ordens, e as meias Companhias dos Indios, terei por agora Suficiente cavalaria etc. etc. etc. Com a certeza de que devo Lançar mão da Tropa, de que se compoem as referidas Goardas, refleti de passagem na quellas, que me ficavão em caminho: e procurei informar-me de outras, que por ora estão Longe do meu alcance; por que inda me não sobra tempo para as examinar pessoalmente sendo de apetecer, que estejão apta para qual quer serviço, e conheça eu a sua força, para poder dispor dela. Na Goarda do Salso, Comandada por hum oficial notei 7 Soldados no Quartel: e soube, que se concervavão quatro, e hum Cabo, em Companhia dos Mineiros: e que existem 37 Cavalos Reiunos. Na Goarda da Conceição, tambem Composta de hum oficial, concervão-se 13 Soldados, e 118 Cavalos; como consta do Mapa incluzo: as suas obrigaçoens se conhessem na observação do mesmo Mapa: porem as Patrulhas, de que fas menção, não existem. A Goarda de S. Sebastião, segundo me informa o Cap.am Sebastião Barreto, que della se retira agora, por ter sido mudado, Consta de 16 Soldados, 3 Cabos dous oficiaes, e 82 Cavalos. Pela informação do Tenente Coronel Thomas da Costa deve qualquer destas tres Goardas concervar a Lotação de 25 Soldados.

Nada posso dizer a respeito da Goarda do Salso, porque ignoro as Circunstancias sobre as terras auriferas: porem sobre as outras deve informar a V. Ex.ª, que a Goarda da Conceição paresse inutil, depois de estabelecido o novo Campamento, por se achar distante 12 Legoas da Fronteira, e por esta razão Ser mais facil sahirem do Campo Patrulhas a revistar, e a examinar a Cochilha Provizional, que fica distante delle 6 Legoas: e que a Goarda de S. Sebastião paresse tambem inutil, pela mesma razão de se achar Centrificada: a tempo que as Goardas de Santa Maria, e Rio Negro, devem existir sem a menor duvida, por serem Postos Fronteiros ás Goardas Hespanhoes.

Finalmente ou devão retirar-se, ou devão existir, Seja-me Licito Lembrar a V. Ex.ª aquellas mesmas circunstancias, e que V. Ex.ª não ignora: que os Destacamentos efeitivos Cooperão muito para relaxar o Serviço, e a Tropa. Paresse pois mais conveniente, que estes Destacamentos, ou Patrulhas sejão mudadas todos os mezes, ou no fim destes mezes, conforme as distancias; para que possão todos aprender os seus deveres, como Soldados, e se abelitem a Ser uteis, o no exercicio da sua arma, ou no uzo da sua Espada, conduzindo destramente o seu Cavalo.

V. Ex.ª se dignará mandar o que parecer mais justo.

Ao Sargento Mor de Dragoens, que mandei vir a este Campamento comuniquei de viva voz a ordem de V. Ex.ª, para se reunir a Tropa, que marcha debaxo das minhas ordens, dirigindo-se ao novo Campamento com aquela, que pertence a esta expedição, trazendo juntamente a Companhia de Indios existente na Goarda de Inhanduy, para se poder cuidar no seo fardamento, pois já escrevi ao Coronel Chagas sobre

este asunto: devendo ali ficar unicamente os 26 Dragoens, que existião; por que neles me não fala V. Ex.ª: bem que me paressem desnecessarios, depois de estabelecido o novo Campamento, que fica mais próximo a Fronteira, do que a referida Goarda de Inhanduy. A Ex.ª Pessoa de V. Ex.ª Guarde Deus muitos annos. Campamento Na Guarda da Conceição 17 de Outubro de 1810. Illmo. e Exmo. Snr. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

Illmo. e Exmo. Snr. Em consequencia das Ordens de V. Ex.ª de 18 de Outubro devo averiguar os motivos, por que o Alferes de Dragoens Francisco de Borja Corte Real, Destacado na Conceição, faltou a execução das Ordens, para a pronteficação das Canoas no Passo de S. Borja.

Desta averiguação encarreguei ao Tenente Coronel Thomas da Costa, que foi o mesmo oficial, que de Cassapaba escreveo ao dito Alferes dando-lhe Ordem de prontificar os auxilios necessarios, para a passagem da Tropa: Cuja recepção não nega o Alferes afirmando que o Padre Leitão prestará auxilios, por efeito das suas deligencias. Pareceo necessario ouvir ao Padre, aquem se mandou perguntar, se os auxilios, que deo a Tropa, forão produçoens da sua benevolencia, como tinha feito ver na sua resposta, dirigida ao Tenente Coronel João de Deos, ou das deligencias, e Cuidado do Alferes Corte Real. Respondeo como V. Ex.ª se dignará ver, N.º 1.º, que os auxilios, que prestou a Tropa, forão em rezulta das providencias do Alferes. A volubelidade deste Clerigo o fazem indigno de Credito; e não se pode saber, quando fala verdade; se agora respondendo ao Tenente Coronel Thomaz da Costa, ou se então, quando respondeo ao Tenente Coronel João de Deos. Mas inda supondo ser verdade o que dis agora, e que pertendeo na outra ocazião ornar-se do merecimento do Alferes, com tudo não se livra este da culpa de negligente: por que julgo, que devia responder ao Seo Tenente Coronel; dando-lhe conta da Ordem, que recebeo, e dirigir-lhe com antecipação a necessaria parte á Margem do Rio; para que se soubesse quando, e como se receberião os auxilios, de que se precizava: de cuja falta rezultou procurar eu outras providencias, e Constituir-se elle desde então reo da falta de execução de Ordem; dando ocazião que entrasse na Scena este Clerigo, para reprezentar o Caracter ou de falçario, ou de condecendente Por tanto me paresse, que Suposto Seja debil, e insignificante a prova, que se colhe da Confizção de hum homem voluvel, e incoherente, hé com tudo admissivel, e muito capaz para ozentar o Alferes da Culpa de omissão na execução da Ordem, acreditando-se que as providencias, que se receberão, forão efeitos dos cuidados do Alferes e não do Padre; mas insuficiente, etotalmente incapaz, para o livrar da Culpa de negligente, por não anticipar parte de haver recebido a Ordem, e da sua execução.

Em taes circunstancias, eu me veria nimiamente embaraçado para julgar, se este official era, ou não digno de punição, e duvidaria meter em pratica, o que V. Ex.ª determina, se elle mesmo não desse Logo Suficiente prova do seo Carater, Constituindo-se hum homem absoluto, e insultante e por concequencia reo, e digno do Castigo, que V. Ex.ª foi servido arbitralhe; como V. Ex.ª melhor conhecerâ das provas do Seguinte Cazo, e sobem á Prezença de V. Ex.ª de N.º 2.º a N.º 4.º.

Continuando a estar a Tropa Barracada nas vizinhanças da Goarda da Conceição, na margem oriental do galho do Ibicuy, esperando que chegassem as tres Seçoens dos transportes, chegarão estes finalmente e disposta a marcha para o dia seguinte, recebi, parte do Capataz da 1.ª Seção João de Brum que o Alferes Francisco de Borga Corte Real passara a outro lado do Ibicuy, onde se achava o gado, e dirigindo-se aos Piaens, que estavão de ronda, despedira absolutamente dous Indios, mandando-os para a sua Estancia: do que tinha rezultado dispersaremse os Bois. Mandei dizer a este oficial, que me era necessario saber com que autoridade, e por que motivo se rezolveo elle a hum semelhante prosedimento. Veio responder-me mas ora negando, ora querendo desculpar-se com o Tenente Joze Olinto, nada mais fes, do que montoar razoens frivolas. Rezolvi ultimamente, que continuava a existir a mesma falta, repeti segundo recado pelo Tenente Joze Olinto, mandando dizer ao mencionado Alferes que não tinhão aparecido nem Bois, Piaens. Parti com efeito no dia seguinte persuadido, de que afalta estava remediada, e que este oficial não quereria continuar a insultar-me, procurando sem a menor cauza comprometer a minha responsabilidade, objetanto a marcha das Carretas; cujos Bois, e Piaens ja erão poucos, e cansados.

Quando cheguei ao novo Campo tive o cuidado de indagar se forão restituidos os Piaens e se tinhão aparecido os Bois.

Soube que existia a mesma falta; a excessão de alguns Bois, que aparecerão por deligencia do Capataz, e que o Alferes não tinha cumprido á sua palavra, para sanar o seo excesso.

Com dificuldade tolerei o insultante comportamento deste oficial; unico homem que na minha marcha encontrei com semelhante conduta: por não querer dar a menor demonstração de que abuzava da autoridade, que V. Ex.ª se tinha dignado confiar-me, à respeito das Goardas da Fronteira, a qual so se deve entender nas ocazioens de se reunirem as Forças, quando fosse necessario o projeto pois de representar a V. Ex.ª e esperar sobre este asumto as determinaçõens de V. Ex.ª mandei, que se reduzissem a partes escritas aquellas mesma, que tinhão sido vocais, que incluzas Levo á Prezença de V. Ex.ª

Logo depois recebi as providentes ordens de V. Ex.ª de 18 de Outubro, a respeito deste oficial, permetindo-me Liberdade para o mandar relevar, e Conduzir prezo a este Campamento; quando eu o julgasse Culpado. Portanto assim o mandei executar, na Concideração de que esta Culpa realmente qualificada, bemque diversa, não he menos grave, do que a outra, que se não provou talvez pela volubelidade, e condecendencia do Padre. A Exma. Pessoa de V. Exa. Guarde Deus muitos annos. Campamento de Ibirapuitan a 3 de Novembro de 1810. Illmo. e Exmo. Snor. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

N.º 1

Illmo. Snr. Thomas daCosta Cor.ta Rib.º eSilva. Em virtude do Officio que V. S. me derigio com data de 28 doCorrente para ordem do Illmo. Snr. Marechal Commandante dasta Expedição, passo aresponder a V. S. Quem oAlferes Comandante da Guarda da Conceição me havia entemado Ordem em odia 27 de Setembro dopresente anno para fazer conduzir as canoas do Paço do Rozario para os de S. Borja dq.e fis em dia 28 por ser intimada já tarde, e indo am.ª Carreta e gente ahi se demorão odia 28 por não acharem as canoas em lugar que podessem receber, em odia 29 ja se achava: em marcha ad.ª carreta quando recebi o avizo do Tenente Coronel João de D.s Sobre os cavallos neste mesmo dia assima dito me pedio supresse igualmente como aos de mais estancieiros, eja então se achavão nesta Guarda 40 cavallos com cemSoldados.

Anterior aesta ordem tive outra para cavallos e condusir a canoa do passo de S. Borje para odo Rozario, que ficou revogada pela Segunda Avista doque affirmo a V. S. que tudo o mais fis como vassalo, e não reservou Coiza algua que possa percizar para apassagem da Tropa de S. A. R. Com toda apromtidão e Zelo, por me foi possivel.

He oque posso dizer a V. S. por ser am.ma verdade, enada mais sei Desejo ter occasião de me empregar no Serviço de V. S. emostrar que sou DeVS De Hum Cap.tam Fran.º Teo.º Leitão. Santa Cruz 29 de 8br.º de 1810.

N.º 2

Dou parte aV. M. que hoje me avizarão os dois peaens Boieros desta sesão, que oSr. Tenente Joze Olinto, tinha concedido ao Alferes Corte Real olevalos, eindo eu emformar-me didito Sor. Olinto elle me disse, que tinha sim concidido, mas com acondição depôr primeiramente outro em seu lugar, e voltando eu para aseção achei aboiada toda espalhada e preguntando pello boiero soube que od.º Alferes Corte Real os tinha mandado embora. Fui dar parte aoSr. Marechal, que ordenou ao d.º Alferes tornasse logo a mandar os peaens, os quaes até agora não vierão. A boiada logo amandei ajuntar, e faltarão dez bois, dos quaes somente aparecerão depois dois. Hoje 26 de Outubro de 1810. João de Brum Texeira.

N.º 3

Illmo. Snr. Marechal Commandante. Levo a prezença de V. S. aparticipação incluza do Capataz desta Secção de Carretas João de Brun, para V. S. colligir adezordem occazionada pella falta dos Peaens, que seforão, sem euser sabedor, emidizem os levara o Alferes de Dragoens Corte Real talvez para concesão do2.º Tenente J.º Olinto comodiz o Capataz. Averdade hé que houve disperção na boiada, e faltarão dez, dos quaes 10 tem aparecido dous: assim como partisipo a V. S. não terem os Peaens regressado te oprezente segundo aordem de V. S.

Deos goarde a V. S. Estancia de Joaquim Luiz 26 de 8br.º de 1810. Fran.º dePaula Soares. 2.º Tenente Coronel da 1.ª Seção.

N.º 4.º

Illmo. Senhor Marexal Comandante. He certo que o Alferes de Dragroens Corte Real, foi procurar-me, e propoz-me o regresso dos seus dois piaens, que eu tinha pegado para as carretas nopasso de S. Borje entregue ao Patrão João de Brum; aoque respondi nem huma auctoridade tinha para ofazer, sem que miviessem outros, inda quando elles seaxarão na 1.ª Sesão, e eu só era Commandante da 2.ª com aminha resposta partio, dizendo-me hia ver outros; nomesmo instante soube adezordem acontecida na boiada da 1.ª Seção, occazionada pelo dispotismo daquelle Official, que ja tinha mandado os Piaens embora, eque naprezença de V. S. disse onão tivera feito, esim que elles onão tinhão percebido por serem rusticos, eque setinhão auzentado. OSerto he que elles não voltarão, e tem feito falta immensa.

Isto hé oque posso responder a V. S. que Deos Guarde. Passo de Guaraputan Mirim 27 de Oitubro de 1810. De V. S. Umilde Subdito Joze Olinto de Cand.º e S.ª 2.º Tenente Commandante da Sesão.

Illmo. e Exmo. Snr. Em consequencia das Ordens de V. Ex.ª fis ver ao Tenente Coronel Thomaz da Costa as Valentes expreçoens, com que V. Ex.ª Se explica a Seo respeito, e o perigo a que Se expoem pella Sua indiferença, na execução das Ordens, e Compra dos Cavalos, Cujo retardamento lhe hé tanto mais operozo, quando foi voluntaria a sua oferta no desempenho desta obrigação.

Fico assas persuadido das Ordens de V. Ex.ª sobre a insubordinação, ignorancia, e prencipios recalcitrantes do Regimento de Dragoens.

Devo afirmar a V. Ex.ª que não Só por ser obrigação minha Servir fielmente a S. A. R. como pella particular Satisfação, que me rezulta de obedecer prontamente as Ordens de V. Ex.ª trabalho assiduamente em aplicar aquelles meios, que me parecem mais aptos, para Cumprir com as determinaçoens de V. Ex.ª porem V. Ex.ª conhece muito bem, que os males inveterados na Tropa So com tempo, e vagar Se podem Sanar. Estou inteligenciado das Ordens de V. Ex.ª á respeito do que devo praticar com o Capitão Joaquim Severo, eo Capataz, pella demora dos transportes, e distração das farinhas.

Em observancia das Ordens de V. Ex.ª Continua prezo o Alferes Francisco de Borja Corte Real, fazendo o Serviço neste Campamento. Já determinei ao queixozo Jozé Silveira Gularte, que produzisse as testemunhas, que Comprovassem o Conteudo no requerimento, que fes Subir a Prezença de V. Ex.ª Contra este Oficial: a inda não voltou, mas sendo-lhe pormim Lido o Seo proprio requerimento negou aquelles principaes asunto; que podião fazer mais grave a culpa do Alferes dizendo-me, que foi comento de quem escreveo: finalmente continúo a esperar a prova do queixozo; Logo que chegue informarei a V. Ex.ª

Ja escrevi ao Marechal Patricio Jozé Correa Cumunicando-lhe as Ordens de V. Ex.ª a respeito do Alferes Francisco de Paula Bersane; recomendando-lhe juntamente que estabeleça aGoarda do Salso, conforme elle propoz, eV. Ex.ª Se dignou conformar.

Recebo por copia as instruçoens dadas ao Marechal Manoel Marques de Souza, e fico siente da marcha, e colocação da Tropa, que elle vai Comandar, e de que devo estabelecer as Paradas Cumunicação entre ambos os Campamentos.

Espero anciozamente pella chegada de V. Ex.ª a este Campamento nesse feliz instante se completarão todos os meos mais ardentes dezejos.

A Exma. Pessoa de V. Ex.ª Guarde Deos muitos annos. Campamento de S. Diogo 5 de Dezembro de 1810. Illmo. e Exmo. Snor. D. Diogo de Souza. Joaquim Xavier Curado.

Proposta para o Provimento dos Postos Vagos do Regimento de Dragoens, e dos que devem vagar em consequencia dos Propostos em reforma, na conformidade da Lei e que não se achão em estado de continuar o Real Serviso, pelas suas idades ou molestias feita em consequencia do Officio de 20 de Junho do Illmo. Exmo. Sr. Capitão General e General em Chefe do Exercito.

P.ª Capitão da 3.ª Comp.ª em Lugar do Capitão Francisco Barreto Per.ª Pinto proposto em reforma.

O Ajudante Francisco de Borja d'Almeida Corte Real por sêr o primeiro dos Tenentes na ordem da antiguidade.

Reformando no Posto de Capitão com o Soldo de 16$000 ametade do Soldo que actualmente vence: O capitão Francis-

co Barreto Pereira Pinto: Este Official serve a S. A. R. a 20 anos. e 8 mezes tendo-se empregado com muita actividade e prestimo em differentes deligencias e destacamentos arriscados de que foi encarregado; fez a Campanha de 1801 com louvor e pouco depois comandando húa Partida que patrulhava na altura do Jarão, foi atacado por húa Partida Espanhola de muito maior força; a qual foi completamente destrosada, ficando ele quaze mortalmente ferido. Em consequencia do Serviço activo da Campanha actual se lhe agravou consideravelmente o efeito d'aquela ferida, e se acha incapaz de continuar o Real Serviso; e por tanto ainda que na conformidade da Lei a sua reforma se limite á metade dos Soldo persuado-me que em consequencia dos seus Servisos, elle se faz recomendavel a Inata Piedade de S. A. R.

Jorge Godofredo Felizardo

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DE ANTONIO SIMÕES PIRES

1766—1856

ESBOÇO BIOGRAPHICO
DE ANTONIO SIMÕES PIRES
1766—1856

„Felizes os que nunca virão a fumaça das festas do estrang.°, nem asistirão a outros festins sinão aos de seus pays!"

(Chateaubriand — Atala).

„Porque deixais perder no esquecimento a vida dos que vivem bem e honradamente para a patria?

„Porque não escreveis seu nome com respeito sobre o marco millenario das recordações das éras?

„Aos cataclysmas que açoutam a triste humanidade lhes consagrareis memorias; aos homens máos que vos enviam as iras do Todo-Poderoso, lhes conservais a lembrança nas lagrimas de sangue que vos arrancarão; ao homem bom e justo, a esse deixais-lo passar desapercebido; e sobre a pedra que cobre o seu sepulchro apenas desabrocha, como uma saudade, a lagrima cansada e solitaria da piedade filial!"

Taes palavras, preludiando um hymno á memoria do Sargento-mór Antonio Simões Pires, foram proferidas á beira do seu tumulo, logo após a sua morte.

Antonio Simões Pires foi sem duvida um dos varões mais illustres do Rio Pardo, que viveram no seculo passado. Sua existencia modesta e obscura foi, para seus contemporaneos, um formoso exemplo de trabalho e honestidade e para a patria um grande thesouro pelos seus inestimaveis serviços.

Nasceu Antonio Simões Pires na Freguezia do Rio Pardo aos 12 de outubro de 1766. Era filho de Matheus Simões que tambem concorreu para o engrandecimento da nossa terra, e de Catharina Ignacia da Purificação sendo neto, pela parte materna, de Manoel Gonçalves e Agueda Maria.

Rio Pardo daquella época, creado freguezia em 15 de dezembro de 1763, medrava num ambiente bellico sob os canhões da altiva fortaleza de Jesus, Maria, José, que coroava o Jacuhy e da qual já não se encontram nem ruinas que fallem do passado nem vestigios para a sua demarcação no presente. Suas casas, em pequeno numero e quasi todas de palhiças, eram na maioria habitadas por valentes soldados que davam á pequena povoação um ambiente marcial.

Sob o claro rutilante do sol ou sob a luz dubia da noite, era o ruflo surdo dos tambores e o rumor aspero das armas, que enchiam de vida e movimento a nascente povoação do Rio Grande colonial.

Em 1773 foi Antonio Simões Pires despertado na adolescencia dos seus sete annos, pelo ruflar de tambores e toques marciaes de clarins que convidavam cada camponez ou miliciano o trazer o prestimo de „sua ferrenha espada de evasados copos", para defesa das terras pertencentes a El-rei de Portugal. Organisou-se assim um grande batalhão que foi ajuntado aos valorosos dragões de Francisco Barreto e marcharam sob o commando da primeira espada do seculo XVIII, que foi o grande guerreiro gaúcho Raphael Pinto Bandeira.

Da sua terra natal, via Simões Pires, collegial ainda, as forças invasoras de D. Juan José de Vertiz y Salcedo, governador de Buenos Aires, se desdobrarem garbosamente em vistosos e colorados uniformes, de altos capacetes, bem proximos aos muros do Rio Pardo. Viu partir com garbo varonil e destemida bravura, a columna de Raphael Pinto Bandeira que

foi colher o louro da victoria no Capão da Catana trazendo, quando de retorno, muitos prisioneiros e algumas boccas de fogo. Viu recolherem-se sob as palmas da victoria os bravos vencedores do Tabatingahy que em pequeno numero, conseguiram pela estrategia do combate, chafurdar em lodaçaes, grande parte da columna espanhola e ouviu de seus maiores a narração do estratagema de José Marcellino que fez crer a chegada ficticia do commandante do forte de Rio Pardo, fazendo soar, com os poucos canhões recolhidos da ultima victoria, uma salva em unisono, dando impressão aos invasores de que o forte estava esplendidamente guarnecido. E tempos depois ainda viu a retirada da força inimiga que, sob o commando do seu orgulhoso general, viera de Buenos Aires mostrar a sua impotencia e reconhecer o valor da espada rio-grandense, a serviço de El-rei.

Bem poucos, como Simões Pires, tiveram a ventura de conhecer a estrategia militar de além seculo, numa terra tão grande e de tantos heroes.

Antonio Simões Pires estudou suas primeiras letras em Rio Pardo, com um mestre-escola que por occasião da invasão dos espanhoes, fechou sua aula para pegar na velha alabarda em defesa da sua patria, ultrajada pela insolencia do governador de Buenos Aires.

Havendo seu pai o destinado para a vida de commercio, resolveu levá-lo para o Rio de Janeiro, com o fim de dar maior illustração ao seu espirito, e em 1777, menino ainda, de onze annos, fez a sua viajem por terra, tendo atravessado os sertões do Rio Grande e as duas provincias de Santa Catharina e São Paulo, por cima da serra.

Após uma pratica de onze annos voltou da Corte do Rio de Janeiro, tendo continuado o trafico mercantil, já iniciado por seu pae.

Em 17 de janeiro de 1789 casou-se Antonio Simões Pires com D.ª Maria do Carmo Violante de Vasconcellos filha de Alexandre Luiz de Queiroz e Vasconcellos e D.ª Maria Eulalia Pereira Pinto.

Era D.ª Maria do Carmo Violante, pelo lado materno, neta

do Coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, commandante do Regimento de Dragões do Rio Pardo e de D.ª Francisca Velloso da Fontoura que se entronca nos Carneiros da Fontoura, uns dos primeiros habitantes, aqui installados no Presidio do Rio Grande.

Pouco depois de casado Simões Pires, aborrecendo a vida commercial, resolveu fazer-se fazendeiro, havendo installado fazendas de criação na costa do Quarahy, Sarandy, Camaquam, Dom Pedrito e etc., por concessões de terras requeridas.

As suas fazendas, onde se criavam em larga escala gados bovinos e cavallares, não raro eram visitadas por compradores de cavallos para remonta das forças de El-rei. Dellas foram muitas vezes requeridos animaes vaccuns para alimentação das tropas, contando-se entre os requerentes o alferes João Fernandes de Camargo [1]), o major-commandante Belchior da Costa Rabello Correa da Silva [2]), e capitão Joaquim Teixeira da Silveira. [3])

Da sua criação de cavallos fez, como seu pai, exellentes donativos no tempo das guerras com os espanhoes, apesar do prejuizo que soffreu em suas fazendas na costa do Quarahy e Sarandy, que foram por duas vezes dspovoadas pelas hostes inimigas. Muito poucos cavallos foram por elle vendidos sendo a maioria doados, apezar de andarem encarregados especiaes pela campanha, em viajem de compra. Os documentos assignados pelo porta estandarte de dragões Domingos José Gonçalves [4]), pelo furriel João da Silva Tavares [5]), pelo major Albano Machado de Oliveira [6]), pelo Alferes Antonio Castro da Silveira [7]), e pelo tenente Bento Correa de Mello [8]), attestam a benevolencia do grande criador.

Recebeu por vezes, tambem, a incumbencia de sahir em viajem pelas fazendas comprando cavallos para o serviço das tropas, recebendo, para isso, uma apresentação official do capitão José Cesario de Abreu [9]), tendo anteriormente recebido o necessario numerario, por ordem do então presidente da Provincia, Salvador José Maciel. [10])

1) Vide documentos á pg. 461.

Em officio de 28 de maio de 1827 o sargento-mór José da Silva Brandão accusava o recebimento dos documentos necessarios á comprovação da compra da cavalhada por elle feita [11]), passando de tudo o competente recibo. [12])

Já no anno de 1825 recebera identica incumbencia, havendo o mesmo sargento-mór José da Silva Brandão attestado a sua boa conducta na execução deste mistér [13]), fazendo com que muitos fazendeiros prezenteassem os cavallos, elevando-se a offerta em cento e seis animaes, entrando nesse numero os doados por elle proprio.

Apesar de ser amante do retiro e socego da vida rural prestou por vezes o seu concurso á Capitania, exercendo cargos publicos que serviu com dedicação e carinho, taes como o de Almoxarife dos Armazens Reaes da Fronteira do Rio Pardo, que foi constrangido a servir desde 1.º de março de 1795 até 4 de agosto de 1796, tendo, em 1802, prestado contas dos dinheiros e generos que recebeu e despendeu.

A Junta da Administração da Real Fazenda fez então a necessaria declaração de quitação de contas [14]), assim como em seguida, por ordem do Principe Regente, o membro da Junta D. Fernando José de Portugal mandava levantar o sequestro que havia sobre seus bens [15]) que por praxe se fazia antes das prestações de contas.

Exerceu tambem cargos de justiça e vereança, por eleição, havendo sempre procedido com elevação de caracter conquistando, assim, a estima e respeito dos seus contemporaneos.

Como soldado da patria serviu até sargento-mór das ordenanças tendo obtido a confirmação do posto de tenente, pelo Principe Regente D. João VI, em 9 de janeiro de 1810 [16]); a confirmação do posto de capitão, pelo nosso primeiro Imperador, D. Pedro I, em 20 de abril de 1825 [17]) e finalmente, quatro annos depois, em 12 de dezembro de 1829, recebia do mesmo D. Pedro I, o titulo de sargento-mór das ordenanças [18]), titulo este que conservou até morrer.

Pelos seus muitos prestimos e meritos foi tambem Antonio Simões Pires agraciado com um habito que nunca procurou.

Em 1824 requereu ao tabellião Duarte da Silveira Gama uma attestação a seu favor [19]), onde ficaram perfeitamente documentados, sua conducta, honestidade, meios de vida, comprovando ser elle um cidadão util á sociedade e á patria.

Do seu matrimonio com D.ª Maria do Carmo Violante de Vasconcellos, nasceram sete casaes de filhos, havendo uma filha fallecido em pequena.

Por occasião da sua morte dada em 4 de março de 1856, já viuvo, deixava Antonio Simões Pires sete varões casados com numerosa descendencia, e seis filhas sendo duas viuvas, tres casadas e uma solteira que sempre o acompanhou até a sua morte.

Da sua descendencia, em segunda geração, deixou 92 netos e em terceira 103 bisnetos perfazendo um total de 208 descendentes, que formavam 42 familias.

Tal é, em ligeiros traços, o perfil deste illustre varão que, pela sua conducta, conquistou a estima dos seus contemporanos, a veneração dos seus posteriores e a gratidão da sua patria.

NOTAS

1) Recebi do Capataz do Sñr. Cappm. Antonio Simão Pires, oitenta Novilhas e trinta e quatro Vacas, por ordem do Exmo. Sñr. General em Chêfe Marquez de Barbacena, para Municio do Exercito que se acha Acampado nas Palmas, e para constar aonde lhe convenha, lhe passei este q. vai por mim feito e assignado. Est.ª das Palmas 30 de Janer.º de 1827.

José Fernandes de Camargo
Alff.es

---

2) Regimento de Cav.ª de 2.ª linha N. 25.

Receby do Snr. Capm. Antonio Simoens Pires a Carne de seis Novilhas e a Carne de quatro Vacas tudo para fornecimento das Praças do supraditto Regimento para os dias 8 athe 9 do Cor.e mez e para que possa haver o seu pagam.to da Fazenda Nacional mandei passar o prezente que asignei. Acampam.to. em Camaquam 9 de Fevereir.º de 1828.

Belchior da Costa Rebelo Cor.ª da S.ª
Major Comd.e

---

3) Recebi do Senhor Antonio José Simoens Pires cecenta Novilhas e hoitenta e nove Vacas para o Conçumo do Exercito estacionado em Sta. Anna e para o d..º Sñr poder aver o Seu importe da Junta da Fazenda paço a presente Clareza, ficando sem efeito houtro de igual quantia que se perdeu.

Campo no Arroio Grande 28 de 7bro. de 1828.

Joaquim Teixeira de Campos
Cappm.

---

4) Em virtude da Ordem de S. Ex.ca o Sr. Ten.e Pedro Fag.es pasará o Competente recibo ao sr. T.e Ant.o Simoens Pires de Oito Cav.os q. na sua Faz.da r.co p.r da Real Faz.da Passo dos Infor.cos 17 de Junho de 1808.

a saber quatro escuros e quatro Tord.os dam.ca seg.e

O P Est.r de Drag.es Dom.os J.e Glz.

---

5) Em Observancia da Ordem do Illmo. Sr. Brigad.ro Bento Correa da Camara tirei para S. Magestade Fidelicima da Faz.da do Sr. Cap.m Anto. Simõenz Catorze Caloz. Costa de Camacoam 26 de abril de 1819.

João da Silva Tavares
Fur.el

---

6) R.co do Sñr. Camp. Antonio Simoens Pires vinte cavallos mansos q. offereceo gratuitam.e p.a remonta do Nosso Exercito de q. he General Em chefe o Exmo. Sñr Marques de Barbacena, p.r ordem de Quem fui authorisado p.a juntar o maior n.o de Cavallos em Portaria de 23 do passado e serem pagos pela fazenda publica. P.r verd.e do referido fiz passar o pres.e que assignei. Capela da Encruz.a 4 de Fev.o de 1827.

Albano Maxado de Oliveira
Major Commisionado.

---

7) Indo em Carregado pello Illmo. Exmo. Senhor Conde da Figuira Gor. e Capm. Gal. desta Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul para seguir em Delig.ca a Sertos pontos da Fronteira da d.a Capitania a Comprar Cavallos para o Serviço de S. Me. e xegando a Fazenda do Cap.am Antonio Simoins Pires na m.ma Delij.ca me foram ofrecidos pelo mesmo fazendeiro dez Cavallos manços gratuitam. para o Serviço do m.mo Soberano, e para que Conste onde lhe convenha paço opres.e p.r mim feito e asignado. Capivari 17 de 9br.o de 1819.

O Alfs. *Antonio Cast.o da Sr.a*

---

8) Em vertude das Ordens do Exmo. Sr. General e governador das Armas desta Provincia com data de vinte e nove de junho proximo pasado. Recebi do Sr. Capitão Antonio Pires Cartoze Cavalos mansos q. deo gratuitamente p.a o serviso danasão e p.a Verdade pasei o presente p.r mim somente asinado. Estansia das palmas 8 de Agosto de 1826.

Bento Coreia de Melo
Tente. em Carregado.

---

9) Segue pelos Districtos desta Fronteira Encarregado da Compra de Cavalhadas para o Exercito por Ordem do Exmo. Sñr Marechal Commdte. dom.mo o Sñr. Capitão Antonio Simoens Pires, áquem os Sñres. Commandantes dos ditos Distrit.os lhes prestaráo todos os auxilios necessarios para este fim, ficando p.r tt.o Responsavel todo aquelle que a isso senegar aom.mo Exm.o Sñr. General, levando em sua comp.a empregado na referida deligencia um Soldado particular do B.am N.o 46 Matheus José Ferr.a de Farias, aquem senão porá embaraço algum Quartel da V.a do Rio Pardo 12 de Novembro de 1827.

José Cezario de Abreu
Capm. Adjudt.e d'Ord. e Com.e Interino

---

10) O Sñr. Capm. Antonio Simoens Pires, Encarregado da Compra de Cavalos para a Nação, receberá do Sarg.mor José Joaquim de Figueiredo Neves, o dinheiro que este tem em seu poder destinado para estas compras, passando de tudo os recibos necessarios depois do que participará a Junta da Fazenda Nacional.

Qel. da Villa do Rio Pardo 26 de Fevereiro de 1827.

Maciel.

---

11) Illm.o Sñr. — Accuzo o recebimento do seo officio dactado de 23 de Maio do corrte. ãno, e incluzas as Relaçoens, e recibos da Cavalhada q. V. S. promptificou, bem como o saldo afavor da Junta da Fazenda Nacional q. me foi entregue por mão do Snr. João Pedro de Medeiros, Rs. quarenta e hum mil e oitocentos.

Não remeto a V. S. os recibos do dinheiro q. recebeo, porq. estes entrarão para a Junta da Fazenda, acompanhando a conta da Cavalhada q. apresentei no dia 22 do corrente, fazendo ver q. logo q. me chegassem as rellaçoens inviadas por V. S., as apresentaria; e como na Relação dos Animaes comprados não tem o recibo da importancia e sim Attestado, só me cumpre fazer visto ter recebido o Saldo dito assima, do qual remeto igualmente o recibo incluso.

Novamente agradeço a V. S. o bem desempenho deste Com.mo, do q. já fiz ciente ao Exmo. Snr. Presidente o qual por conhecimento que já tem dos seus meritos, não Sessa de lhe fazer os elogios q. são proprios da sua rectidão e justiça.

Deus Guarde a V. S. Porto Alegre, 28 de Maio de 1827.

Illm.º Sñr. Capam. Antonio Simoens Pires.

José da Silva Brandão
Sargmor. adido ao Est.º Mr. do Exercito

---

12) Recebi do Illmo. Sñr. Capam. Antonio Simoeñs Pires a quantia de quarenta e hum mil e oito centos, Rs. por Saldo da quantia de quatro contos seiscentos e trinta mil Rs. q. eu lhe havia entregado pertencente a Fazenda Nacional, para despender na compra da Cavalhada para Remonta do Exercito, conforme as Rellaçoens e recibos q. me enviou, cuja quantia dita asima de 41$800 Rs. me foi entregue por mão do Sñr. João Pereira de Medeiros; para clareza passo o prez.e por mim asignado.

Jozé da Silva Brandão
Sargmor. adido ao Est. Mr. do Exercito.

---

13) José da Silva Brandão da Ordem de S. Bento de Aviz. Condecorado com a Medalha das Campas. do Uruguay, Major do Estado Maior do Exercito Imperial do Brasil Ajud. das Ordens do Exm.º Snr. Marechal de Campo Governador das Armas desta Prov.a por S. M. I. q. Deus Guarde.

Attesto q. em concequencia das Ordens do mesmo Exm.º Sñr. Gove.or das Armas de q. me acho munido, tendo encarregado ao Sñr. Capm. Antonio Simoens Pires, a Commissão de promptificar a Cavalhada preciza para transporte das Tropas q. marcharão para a Fronteira, que na Conformidade das Ordens de S. Excia. o Sñr. Prezidente da Prov.a, devia ser tirada aos Estancieiros por conta da Fazenda Nacional o dito Capam. desempenhou completamente a Commissão de que o encarreguei, prestandose a este importante Serviço com toda a actividade, cooperando quanto lhe foi possivel para conseguir, não só a compra de trinta e oito Cavallos bons, mas muito particularm.te a offerta gratuita de cento e seis Cavallos, por diversos Estancieros, o q. tudo se deve aos Seos desvellos, e boas maneiras, com que soube persuadir aos mesmos Estancieiros, a se prestarem por Semelhante maneira, a bem da Causa Publica; não se eximindo o referido Capam. de dar da sua Fazenda dez Cavallos para o mesmo fim q. vão incluidos no numero dos ditos cento e seis offerecidos gratuitamente, testemunhando desta maneira o seo Patriotismo, e o m.to que se interessa pelo Serviço Imperial e Nacional.

O referido he verdade e para constar aonde lhe convenha, passei a presente por mim assignada. Villa do Rio Pardo, 24 de julho de 1825.

José da Silva Brandão

---

14) A Junta d'Administração da Real Fazenda desta Cidade do Rio de Janeiro. Faz saber aos que a presente virem, que no mesmo tribunal se aprezentou a Informação do exame, e liquidação, que na Contadoria da mesma Junta fes o Escripturario Contador Antonio Marianno de Azevedo, da Conta de Dinheiro, e Generos, que recebeu e despendeu Antonio Simoens Pires, Almoxarife que foi dos Armazens Reaes da Fronteira do Rio Pardo, desde o primeiro de Março de mil setecentos e noventa e tres, até quatro de Agosto de mil setecentos e noventa e tres, até quatro de Agosto de mil setecentos e noventa e seis, da qual Informação se verificava importar a sua Receita de Dinheiro oito contos trinta e dois mil, quatro centos e dezenove reis, e a Despesa sete contos sessenta e cinco mil, quinhentos sessenta e nove reis, digo, sete contos sessenta e cinco mil, oito centos cincoenta reis, e o Saldo sessenta e seis mil, quinhentos sessenta nove reis, que entregou a seu Successor Bento José Martins, como constou do Conhecimento em forma, que se achava junto á sua Conta; e pelo que pertencia a Conta de Generos sobrar oito Estribos de ferro, dez varas e uma terça de linhagem, os quaes generos se lhe não satisfizerão por não haver faltas de outros identicos, ou quase identicos, que pela sua natureza se podesem compensar huns com outros conforme determina o Regimento das Contas. De cuja Informação sendo ouvido o Escrivão Deputado, com o qual se conformou o Dezembargador Procurador da Real Fazenda, a quem se deu vista; resolveu a mesma Junta por Despacho de quatro de Fevereiro deste corrente anno mandar passar a presente Quitação por duas Vias ambas de um mesmo theor, para que no Real Erario possa o dito Almoxarife requerer a sua Quitação geral.

Manoel Joaquim de Oliveira Leão, Escripturario da Contadoria da mesma Junta a fês nesta Cidade do Rio de Janeiro aos sete de Setembro de mil oitocentos e dous. Francisco Lopes da Silva, Contador que serve de Escrivão da dita Junta por impedimento do Escrivão Deputado a fiz escrever.

D. Fernando José de Portugal
Luiz Beltrão de Gonz.a de Almd.a
José Caetano de Lima
Franc.º de Souza Guerra V. Godinho
Joaquim Franc.º de Seixas Sottom.or

---

15) Dom João por Graça de Deos, Principe Regente de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem Mar, em Africa de Guiné etc. Faço saber a vós Intendente da Marinha do Continente do Rio Grande de Sam Pedro, ou quem seu Cargo servir, que pelo Tribunal da Junta da Minha Real Fazenda desta Cidade do Rio de Janeiro requereo Antonio Simoens Pires, Almoxarife que foi dos Armazens Reaes da Fronteira do Rio Pardo, que na conformidade da sua Quitação da Conta que na Contadoria Geral da mesma Junta se lhe tomou desde o primeiro de Março de mil sete centos noventa e tres até quatro de Agosto de mil setecentos noventa e seis, em que servio o dito Almoxarifado, pela qual se mostrava não ter ficado alcançado, e por isso lhe fizesse Eu mercê de mandar levantar o Sequestro, á que se procedeu nos seus bens; e attendendo a todo o referido: Sou Servido Ordenarvos, como por esta vos Ordeno, que sem perda de tempo mandeis levantar o Sequestro, e pôr livres os bens do Suplicante, visto não ter alcance na sua Conta. O Principe Regente Nosso Senhor o Mandou por Dom Fernando José de Portugal, do Seu Concelho, Vice Rey e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brazil, e Prezidente da Junta da Real Fazenda. Manoel Joaquim de Oliveira Leão Escripturario da Contadoria da mesma Junta a fez nesta Cidade do Rio de Janeiro a treze de Outubro de mil oitocentos e dous. Francisco Lopes da Silva, Contador que sirvo de Escrivão da dita Junta por impedimento do Escrivão Deputado a fiz escrever.

D. Fernando José de Portugal

---

16) Dom João, por Graça de Deos, Principe, Regente de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'alem, Mar em Africa, de Guiné, e da Conquista, Navegação, Commercio de Ethyopia, Arabia, Persia, e da India etc.

Faço saber aos que esta Minha Carta Patente de Confirmação virem: Que tendo Consideração a Antonio Simoens Pires se achar provido por Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, sendo Governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro, no Posto de Tenente de Ordenanças effectivo da Quarta Companhia do Rio Pardo, de que he Capitão Manoel Thomaz do Nascimento, e concorrerem nelle os requisitos necessarios para bem o exercer, e desempenhar as suas obrigações com prompta satisfação, e zelo. Hei por bem Fazer-lhe Merce de o Confirmar, como por esta carta confirmo, no mencionado Posto que servirá enquanto Eu o Houver por bem e com elle não haverá Soldo algum da Minha Real Fazenda, mas gozará de todas as honras, previlegios, liberdades, izempções e franquezas, que direitamente lhe pertencerem. Pelo que Mando ao Governador e Capitão General da Companhia do Rio Grande de São Pedro que por tal o reconheça, honre, estime, deixe servir, e exercitar o referido Posto,

de baxo da posse, e juramento que já prestou; e ao Capitão-Mör e mais Officiaes Maiores das mesmas Ordenanças, o tenhão e conheção por tal; e aos Officiaes e Soldados, que lhe forem subordinados, lhe obedeção, cumprão, e guardem suas ordens, em tudo, o que tocar ao Meu Serviço tão inteiramente como devem e são obrigados. Em firmeza do que, lhe Mandei passar esta Carta por Mim Assignada, e Sellada com o Sello Grande de Minhas, Armas. Dada nesta Cidade do Rio de Janeiro aos nove dias do mez de Janeiro, Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e dez.

o Principe

Patente, por que V. A. R. Ha por bem Fazer Merce a Antonio Simoens Pires de o Confirmar no Posto de Tenente das Ordenanças effectivas da Quarta Companhia do Rio Pardo, no qual o provéo Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Camara, sendo Governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro como acima se declara.

Para V. A. Real Ver

Nota — Em baixo á esquerda via-se o sello grande, de côr branca de bordos recortados, tendo as armas da coroa em alto relevo encimando as rubricas de Franc.º An.º da Veiga Cabral e Rodrigo Pinto Guedes.

---

17) Dom Pedro pela Graça de Deos, e unanime aclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brasil. Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem: Que Tendo Consideração a Antonio Simoens Pires, Tenente da Primeira Companhia do Districto da Encruzilhada do Terço das Ordenanças da Villa do Rio Pardo na Provincia de São Pedro, no Posto de Capitão da mesma Companhia; e Esperar delle que em tudo o de que for encarregado se haverá como convem ao Serviço Nacional e Imperial; por todos estes respeitos: Hey por bem de o Confirmar como por esta Confirmo, no mencionado Posto de Capitão; que servirá enquanto Eu o Houver por bem, e com elle gozará de todas as honras, previlegios, liberdades, izençoens, e franquezas que direitamente lhe pertencerem Pelo que: Mando ao Presidente d'aquella Provincia, que mandando-lhe dar a posse deste Posto, jurando primeiro de cumprir suas obrigaçoens, o deixe servir e exercitar; e o Commandante das ditas Ordenanças; Officiaes maiores e mais Cabos de Guerra, o tenhão e conheção por tal, honrem, e estimem, e os Officiaes, e Soldados seus subordinados lhe obedeção e guardem suas ordens, em tudo que tocar ao Serviço Nacional, e Impe-

rial, tão inteiramente como devem e são obrigados. Em firmeza do que lhe Mandei passar a prezente carta por mim Assignada, e Sellada com o Sello Grande das Armas do Imperio.

Dada na Cidade do Rio de Janeiro aos vinte dias do mez de Abril do Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e vinte e cinco. Quarto da Independencia, e do Imperio.

Imperador

Patente, por que V. Mag.ᵉ Imperial Ha por bem Confirmar a Antonio Simoens Pires, Tenente da primeira Companhia do Districto da Encruzilhada do Terço das Ordenanças da Villa do Rio Pardo, Provincia de São Pedro, no Posto de Capitão da mesma Companhia, no qual o provêo o Conde da Figueira, Governador e Capitão General que então era d'aquella Provincia, como acima se declara.

Para V. Mag.ᵉ Imperial vêr.

(Nota. — Em baixo, á esquerda, via-se o sello branco com as armas imperiaes em alto relevo, encimando as assignaturas de Alexandre Eloy Porteli e Joaquim de Oliveira Alvares).

---

18) Dom Pedro, pela Graça de Deos, e Unanime Acclamação dos Povos, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil. Faço saber aos que esta Minha Carta Patente virem, que tendo consideração a Antonio Simoens Pires, achar-se provido por Salvador José Maciel, sendo Prezidente da Provincia do Rio Grande de São Pedro, no Posto de Sargento mór das Ordenanças do Terço da Villa do Rio Pardo, sendo Capitão da Primeira Companhia; Hei por bem de o confirmar como por esta o Confirmo, no dito Posto de Sargento Mor e gozará de todas as honras, graças, previlegios, liberdades, exempções, e franquezas que direitamente lhe pertencerem. Pelo que: Mando ao Prezidente da referida Provincia que mandando-lhe dar a posse jurando primeiro cumprir suas obrigações, o deixeis servir e exercitar; e ao Commandante das ditas ordenanças, Officiaes Maiores, e mais Cabos de Guerra o tenhão e conheção por tal, honrem e estimem, e os officiaes, e soldados que lhe forem subordinados, cumpram suas ordens como devem e são obrigados. Em firmeza do que mandei passar o presente Carta por Mim Assignada, e sellada com o sello grande das Armas do Imperio. Dada nesta Cidade do Rio de Janeiro, aos doze

dias do mez de Dezembro, anno do Nascimento do Nosso Senhor Jezus Christo, de mil oitocentos e vinte e nove, oitavo da Independencia e do Imperio.

Imperador

Patente por que V. Mag.ᵈᵉ Imperial Ha por bem confirmar a Antonio Simoens Pires no Posto de Sargento Mor das Ordenanças da Villa do Rio Pardo, em que o proveo Salvador José Maciel, sendo Prezidente da Provincia do Rio Grande de São Pedro, como acima se declara.

Para V. Mag.ᵉ Imperial ver.

Nota — Em baixo á esquerda, via-se o sello grande com as armas imperiaes em alto relevo, encimando a rubrica do Barão do Passeio Publico e Miguel José de Oliveira Pinto.

---

19) Publica forma de huma Attestação passada ao Capitão Ant.º Sim.ˢ Pires como abaixo se declara.

O Vereador mais velho, Juis de Fora pella ley Prezidente, e mais Officiaes da Camara desta Villa do Rio Pardo na Provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul. Attestamos, e fazemos certo que o Capitão Antonio Simoens Pires do Termo desta Villa he assás estabellecido, e afazendado com criação de animaes, e culturas e possue numero de Escravos empregados na mesma; em cujas producções a Fazenda Nacional percebe grande interesse: he amante de Sua Magestade Imperial, a quem tem jurado amor, fidelidade e obediencia ás leiz por elle Sancionadas. Adherido com aferro á sagrada cauza do Brazil para cujas urgencias sempre se tem prestado liberalmente já com donativos grandes, já sustentando (como he constante) tres filhos nas campanhas de mil oito sentos e onze e mil oito sentos e doze, e nestas ultimas onde se conservam a seis annos: Tem servido nesta Villa com exactidão e Justiça os cargos da Governança e nelles tem merecido a opinião publica asim como em todas as Elleiçoens tem riunido a maioria de Vottos para Eleitor:

Finalmente he um daquelles Cidadãos digno do nome Brazileiro, Religioso, pacifico, e amante da boa ordem. E por nos ter pedido a prezente attestação a mandamos passar aqual vai por nos assignada, e sellada com o Sello das Armas Imperiais, Rio Pardo em Vereança de Treze de novembro de mil oito sentos e vinte e quatro = eu Feliciano José Coelho Escrivão da Camara o escrevi = Thomaz de Aquino

de Figueiredo Neves = Manoel de Campos Ribeiro Porto = Manoel Pereira Guimaraens — Antonio Simoens Pereira = Estava o Sello das Armas Imperiaes = Reconheço verdadeiras as assignaturas rectro do que dou fé Rio Pardo treze de Novembro de 1824 = Em testemunho da verdade estava o signal publico e razo o Tabellião Duarte da Silveira Gomes = Nada mais se contem em dita Attestação que eu Tabellião aqui bem e fielmente copiei da propria aqual me reporto e com Seu theor, este li conferi, escrevi e asignei em publico e razo nesta Villa de Nossa Senhora do Rosario do Rio Pardo Provincia do Rio Grande de São Pedro do Sul aos treze dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito sentos e vinte e quatro Terceiro da Independencia e do Imperio do Brasil. Eu Duarte Silveira Gomez Tabellião a escrevi conferi e asignei em publico e razo.

Em test. de Verd.

O Tabellião *Duarte Silveira Gomez.*

— F I M —

SIMÕES PIRES

(Notas genealogicas)

Por **AURELIO PORTO**

Nada se ha feito, no Rio Grande, sobre as nossas origens. E estamos, assim, até hoje no desconhecimento completo desse veio opulento da historia, que é a genealogia. São Paulo, graças á grande figura de Pedro Taques e de seu illustre continuador dr. Silva Leme, tem hoje um trabalho admiravel, estudando, através de successivas gerações, o esforço bandeirante e os fastos mais notaveis de sua historia. No Paraná, Francisco Negrão, já publicou quatro volumes de interessante estudo genealogico. Minas e Pernambuco tem tambem os seus ensaios, esperando pela paciencia benedictina de um continuador.

O Rio Grande nada tem. Não sabemos donde vieram os nossos avós. Numa eterna controversia uns, simpatisando mais com os paulistas, dão-nos como principaes fautores da nossa génese, outros apontam os açoritas com grandes propulsores da nossa raça. Mas, sem uma determinação precisa, sem a consulta exhaustiva e fatigante aos archivos, só visitados pelas traças, tudo quanto temos feito não passa de méra literatura historica. Ha muito erro, muita mentira, muita cousa falseada na phase inicial da nossa historia, que é preciso destruir com a verdade. E essa só pode transparecer seleccionando esse cabedal enorme que existe ainda relegado ao pó dos archivos. Para reconstituir a historia das multidões, e mostral-a isenta de érros, precisamos conhecer o homem, no seu meio, como conductor, através das gerações, do fio dos grandes acontecimentos.

E' o que desejamos fazer. Não que sejamos um novo messias, mas, com a paciencia evangelica de quem espera chegar ao termo, iremos amontoando, pedra a pedra, o material de que um dia se servirá o historiador. E que material! Não ha, em parte alguma, terra que mais se possa orgulhar

das suas primitivas gerações, que mais se possa envaidecer do nobre sangue que lhe corre nas veias. Tradições homericas, quasi lendarias, illustram a nossa estirpe, glorificam os nossos avós. Cada titulo genealogico é um capitulo da historia do Rio Grande, escripto nos seus primórdios com o sangue dos heróes. Somos a gente assignalada por epopéas de bravura, por actos de grandeza moral. Fazer resurgir esses grandes exercitos de gerações valorosas, mostrar aos descendentes o que foram seus avós, pôr sobre os hombros das gerações actuaes o acervo de glorias de seus maiores, — eis o fito que nos impõe este trabalho.

As notas genealogicas que se seguem, incompletas ainda, e que são publicadas com o intuito de chamar a attenção de todos afim de que nos auxiliem neste penoso esforço, foram, em sua maior parte, conseguidas por informações. Para a feitura deste esboço prestaram-nos valiosissimo concurso o nosso illustre collaborador dr. Jorge Godofredo Felizardo, um grande enthusiasta destes estudos, (que publica neste numero da Revista um trabalho sobre Antonio Simões Pires), os srs. drs. Antão de Faria e Antonio Simões Pires, e o sr. Marcos A. Alves de Azambuja. Fomos, apenas, o coordenador deste trabalho, manda a verdade que o diga. Isto quer dizer que, com o auxilio de todos, poderemos fazer uma obra digna do Rio Grande e dos nossos avós. Depende só das informações que todos nos possam remetter para um trabalho consciencioso e exacto.

Devem conter estas notas algumas inexactidões, muitas lacunas, e larga deficiencia de dados. Sendo, porém, um esboço de trabalho de mais vulto, que terá o contrôle dos inventarios, testamentos e assentos ecclesiasticos, que vamos consultando, poderá em sua publicação definitiva ser mais completo. Pódem tambem sanal-as as rectificações que nos queiram mandar.

Temos já em estudo, cuja publicação será brevemente iniciada, perto de cincoenta troncos primitivos do Rio Grande. No trabalho definitivo destacaremos, um por um, fazendo-lhes a biographia, os vultos mais notaveis de nossa terra, bem como os acontecimentos de que foram parte. E' um trabalho exhaustivo. Compensa-o porém a certeza de que alguma cousa faremos para que os homens de hoje conheçam os gestos de nobresa de seus antepassados e possam nelles beber inspirações, mais alento, e mais força, redobrando energias afim de que o Rio Grande de hoje não desdoure aquella velha terra pela qual seus avós derramaram a ultima gotta de sangue, engrandecendo-a e honrando-a.

TITULO SIMÕES PIRES

Matheus Simões Pires, tronco no Rio Grande do Sul dessa familia, é um dos primeiros povoadores do Rio Pardo. Oriundo de São Miguel, Ilha Terceira, Açores, deve ter vindo com a léva de açoritas que aportaram ao Continente, vindos de Santa Catharina em 1765, mais ou menos. A filha mais velha Vicencia Joaquina casou em 1778, no Rio Pardo, tendo nascido no Desterro; e Antonio, segundo e ultimo filho, nasceu no Rio Pardo em 1766. A data, pois, da vinda de Matheus Simões deve mediar entre 1763 ou 64, casando a filha com 14 ou 15 annos, e 1766, nascimento de Antonio. Não será, como muitos outros, vindos na mesma época, retirantes da Colonia do Sacramento, que foram, com o assédio de d. Miguel de Salcedo, repatriados para Santa Catharina? Nada podemos ainda dizer de definitivo, mas ha uma circumstancia que induz a crer nessa possibilidade: a existencia de uma irmã de Matheus Simões, por nome Luciana, casada e fallecida na Colonia, de que temos conhecimento.

Matheus Simões casou-se em Santa Catharina com Catharina Ignacia, natural tambem dos Açores, de São Miguel Archanjo, Ilha Terceira, e filha de Manoel Gonçalves e Agueda Maria. Descobrimos já um irmão de Catharina, tambem residente no Rio Pardo, José Gonçalves Dias, que ali falleceu com testamento em 4-XII-1816, sendo casado com Maria Xavier de Freitas, que deixou de seu consorcio 6 filhos.

Não encontrámos, infelizmente, o inventario de Matheus Simões. Faltam centenas de feitos do Rio Pardo que ficaram em poder de particulares, entravando assim as nossas pesquizas. Não nos foi dado tambem, ainda, por accumulo de trabalho, consultar o livro de obitos e, assim, só sabemos que Matheus falleceu depois de 1816, no Rio Pardo, com 96 annos de idade. Catharina falleceu com testamento em 16 de Janeiro de 1817, tambem no Rio Pardo.

Teve o casal de Matheus Simões dois filhos:

Cap. I Vicencia Joaquina de Almeida

Cap. II Antonio Simões Pires

CAPITULO I

1-1 Vicencia Joaquina de Almeida nasceu no Desterro, em Santa Catharina, possivelmente em 1763 ou 64, como vimos acima. Vindo com seus paes para Rio Pardo ahi casou com João de Souza Pimentel, natural da Ilha de São Miguel, filho de Francisco de Souza e Vicencia Josefa, naturaes da mesma Ilha. Teve lugar o casamento em 16-V-1778 (Bisp. S. Maria). Falleceu com testamento 1835. Não deixou descendencia.

CAPITULO II

1-2 Antonio Simões Pires nasceu no Rio Pardo em 12-X-1766 e falleceu nessa cidade em 4-III-1856. Casou em 17-I-1789 com Maria do Carmo Violante de Queiróz e Vasconcellos, filha do tenente de dragões Alexandre Luiz de Queiróz e Vasconcellos e sua mulher d. Maria Eulalia Pereira Pinto. Era neta paterna de Manoel de Oliveira Luiz e Josefa Maria de Queiróz, da nobre casa dos Queiróz e Amarantes, de Portugal. Pelo lado materno era neta do coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, fundador do Rio Pardo, f.º do capitão-mór da Terra de Feira, Portugal, Manoel dos Santos Barreto e d. Magdalena Maria Pereira Pinto e de d. Francisca Velloso da Fontoura, natural de Congonhas do Campo, Minas Geraes, e por esta bisneta de João Carneiro da Fontoura, primitivo povoador do Rio Grande e sua mulher d. Izabel da Silva, e por estes terneta paterna de Antonio Carneiro da Fontoura e d. Francisca Velloso e materna de Ignacio da Costa e Mariana de Souza, todos naturaes e fallecidos em Portugal. Foi d. Maria do Carmo Violante irmã do sargento mór Alexandre Luiz de Queiróz e Vasconcellos, o *Quebra* de alcunha, cuja vida lendaria e feitos valorosos enchem largo periodo da vida historica do Rio Grande.

Maria do Carmo falleceu no Rio Pardo em 5-VIII-1847. Teve 14 filhos, sendo sete casaes, dos quaes uma filha fallecida menor, de que não descobrimos o nome:

§	1.º	Alexandre Simões Pires.....	2- 1
§	2.º	Januario Simões Pires.....	2- 2
§	3.º	Anna Eulalia de Vasconcellos.....	2- 3
§	4.º	Antonio Simões Pires.....	2- 4
§	5.º	Rosa Violante de Vasconcellos.....	2- 5
§	6.º	Joaquim Simões Pires	2- 6
§	7.º	Luciana Prudencia S. Pires.....	2- 7
§	8.º	Gaspar Simões Pires.....	2- 8
§	9.º	Vicente de Paula Simões Pires.....	2- 9
§	10	Manoel Simões Pires.....	2-10
§	11	Maria Esmeria Simões Pires.....	2-11
§	12	Agueda Francellina S. Pires.....	2-12
§	13	Francisca Fortunata S. Pires.....	2-13
§	14	.....	2-14

§ 1.º

2-1 Alexandre Simões Pires nasceu no Rio Pardo em 1793, e consorciou-se 1.º com Clara Regina da Fontoura, por morte da qual casou, segunda vez, no Rio Pardo, em 3-XI-1838, com Thereza Gonçalves da Conceição Cassão. Em 1849 residia em Bagé (Invs. 1849 e 1856).

Teve do 1.º matrimonio:

3-1 Alexandrina Simões Pires
3-2 Antonio Simões Pires
3-3 Francisco Jorge Simões Pires
3-4 Maria do Carmo Simões Pires

Teve do 2.º matrimonio:

3-5 Alexandre Simões Pires
3-6 Luciana Simões Pires
3-7 Balbina Simões Pires
3-8 Januario Gonçalves Simões Pires
3-9 José Alexandre Simões Pires

3-1 Alexandrina Simões Pires foi casada com Alexandre Teixeira Brasil, tendo o casal os seguintes filhos:

4-1 Clara Brasil casada com Jeronymo Teixeira Brasil de que são filhos:

5-1 Julia Brasil, casada com Ataliba Lopes dos Santos.
5-2 Arthur Brasil, casado.
5-3 Universina Brasil, casada
5-4 Severina Brasil casada com Thomaz Osorio Rodrigues.

4-2 Severina Brasil, casada com Severino Coelho Brasil. Filhos:
5-1 José Alexandre Brasil, casado
5-2 Odilon Brasil, casado
5-3 Ottilia Brasil, casada com José Teixeira Brasil.

4-3 Castorina Brasil, casada com Custodio Teixeira Brasil, teve os filhos seguintes:
5-1 Alexandre Brasil,casado
5-2 Jandyra Brasil, casada com João Pereira Ramos.
5-3 José Joaquim Brasil.

4-4 Edeltrudes Brasil, casada com seu tio José Alexandre Simões Pires, com descendencia em 3-9 deste §.

4-5 José Brasil, casado com Adelia Tavares. Filhos:
5-1 Olinda Brasil, casada com João Carlos Ximenes.
5-2 Hilda Brasil, solteira.

4-6 Maria Gertrudes Brasil, casada com Pedro Fontoura de Almeida, com os seguintes filhos:
5-1 Lafayette Almeida, casado
5-2 Dr.Alvaro Almeida, casado
5-3 Olavo Almeida, casado
5-4 Viterbo Almeida, falleceu solteiro
5-5 Mario Almeida, casado
5-6 Oscarina Almeida, casada com Benjamim Jacintho Pereira
5-7 Aida Almeida, casada com o dr. José Tude de Godoy
5-8 Adalia Almeida, casada com José Thomaz de Brum Sobrinho
5-9 Nilda Almeida, casada com João Thomaz de Brum.

4-7 Silvana Brasil, casada com Eugenio Machado de Souza com os seguintes filhos:
5-1 Alexandrina Souza, casado com Pedro Maria Marques
5-2 Alice Souza, casada com o capitão Ascendino José Jorge
5-3 Carlota Souza, casada
5-4 Maria Souza, solteira

5-5 Gabriel Souza, casado
5-6 José Souza, casado
5-7 D. Marino Souza

3-2 Antonio Simões Pires, casado com Maria Francisca Salgado. Tiveram os filhos:
4-1 Deoclecio Simões Pires, casado com Celina Rodrigues
4-2 Sizinio Simões Pires, solteiro
4-3 Antonio Candido Simões Pires, falleceu solteiro
4-4 Alexandrino Simões Pires, falleceu solteiro
4-5 Clara Simões Pires, casada com Pedro Machado da Fontoura
4-6 Gliceria Simões Pires, casada com Manoel Assis e Mattos Barreto
4-7 Marcia Simões Pires, casada com Ignacio Rodrigues Barcellos
4-8 Maria Francisca Simões Pires, casada com Fernando Cantalino
4-9 Euphraim Simões Pires, casado com Adelaide Barreto Gonçalves
4-10 Menassés Simões Pires, casado com Esther Gomes Castanho
4-11 Judá Simões Pires, casado com Percilia Barreto Gonçalves
4-12 Lydia Simões Pires, casada com Favorino da Rosa Garcia
4-13 Ananisia Simões Pires, casada com José Torres
4-14 Candida Simões Pires, casada com Luiz Cantera. Teve:
5-1 Dr. Antonio Simões Cantera
4-15 Florisbella Simões Pires, casada com Geraldino José da Rosa.

3-3 Tenente coronel Francisco Jorge Simões Pires, foi casado duas vezes: 1.º com Iria de Lima Pires (3-2 do § 8.º) e 2.º com Leopoldina Corrêa:

Teve do 1.º matrimonio:

4-1 Gasparina Simões Pires, casada com José Maria de Quadros
4-2 Clara Simões Pires, casada com Joaquim Manoel de Quadros
4-3 Alexandre Simões Pires, que falleceu solteiro
4-4 Floriano Simões Pires, casado com Hercilia do Couto Pires.

Teve do 2.º matrimonio:

4-5 Francisco Simões Pires, falleceu solteiro
4-6 Deodato Simões Pires, casado com Maria Thereza Simões Pires
4-7 Affonso Simões Pires, casado com Candida Corrêa Pires
4-8 Leopoldina Simões Pires, falleceu solteira
4-9 Firmina Simões Pires, casada com Candido Carrion Barcellos
4-10 Alverina Simões Pires, casada com Adauto Simões Pires

3-4 Maria do Carmo Simões Pires, ultima filha do 1.º matrimonio do § 1.º, foi casada com João Pereira Franco. Teve a seguinte geração:

4-1 Francisca Simões Franco, casada com José Furtado Silveira, com os filhos:

5-1 Taylor Silveira, casado.
5-2 Waldemar Silveira, casado
5-3 Maria José Silveira, solteira
5-4 Diva Silveira, casada
5-5 Armandina Silveira, casada
5-6 Maria do Carmo Silveira, solteira
5-7 Amaury Silveira, casado
5-8 Daurilia Silveira, casada
5-9 Lauro Silveira, casado
5-10 Uldemar Silveira, casado
5-11 Alexandrino Silveira, casado
5-12 Gloria Silveira, casada com Archimino Siedler
5-13 Alda Silveira, solteira.

4-2 Clara Simões Franco, casada com seu tio Januario Simões Pires, com descendencia em 3-8 do § 1.º.
4-3 Severino Simões Franco, casado
4-4 Alexandrino Simões Franco, casado
4-5 Antonia Simões Franco, casada com Francisca Collares da Silva, com os seguintes filhos:

5-1 João Collares, casado
5-2 Oswaldo Colares, solteiro
5-3 Dulcidia Collares, casada
5-4 Setembrina Collares, solteira
5-5 Maria do Carmo Collares, solteira
5-6 Severino Collares, solteiro
5-7 Francisca Collares, casada.

4-6 Cecilia Simões Franco, casada com Felisberto Cassão, com filhos:

5-1 João Cassão,solteiro
5-2 Maria Cassão, casada com Julio G. da Luz

4-7 Jeronymo Simões Franco
4-8 Feliciano Simões Franco
4-9 Honorina Simões Franco.

3-5 Alexandre Simões Pires, 1.º filho de Alexandre do § 1.º e 2.ª mulher, casado com Amelia Pinto Barreto. Teve os seguintes filhos:

4-1 Octaviano Simões Pires, casado com Maria Amelia de Menezes
4-2 Carlota Simões Pires, casada com Salvador Carneiro da Fontoura
4-3 Amelia Simões Pires, casada com Alvaro Mattos Barreto
4-4 Adauto Simões Pires, casado com Alverina Corrêa Pires, n.º 4-10 do 3-3 deste §
4-5 Manoel Celso Simões Pires, casado com Delfina Vieira Munhoz
4-6 Epaminondas Simões Pires, casado com Almedorina Carneiro da Fontoura
4-7 Abrilino Simões Pires, casado com Ozoriolina Machado da Silveira
4-8 Maria Thereza Simões Pires, casada com Deodato Corrêa Simões Pires (4-6 do 3-3 deste §)
4-9 Eulina Simões Pires, casada com João Coll Leite
4-10 Universina Simões Pires, casada com Florencio Santillon Bueno.

3-6 Luciana Simões Pires, casada com seu primo Feliciano Simões Franco, com descendencia no 4-1, 3-2 § 2.º
3-7 Balbina Simões Pires, casada com François Pierre Belfort
3-8 Capitão Januario Gonçalves Simões Pires, casado com sua sobrinha Clara F. Simões Pires do 4-2, 3-4 do § 1.º com os filhos:

4-1 Lullo Simões Pires, casado
4-2 Jeronymo Simões Pires, casado
4-3 Claro Simões Pires, solteiro
4-4 Alcidia Simões Pires, casada
4-5 Thereza Simões Pires
4-6 Maria do Carmo Simões Pires.

3-9 José Alexandre Simões Pires, casado com sua sobrinha Edeltrudes Fontoura Brasil, 4-4 do 3-1 do § 1.º. Teve o casal os filhos:

4-1 Alexandrina Simões Pires, casada com Canuto Osorio Rodrigues
4-2 Luciana Simões Pires, casada com Juvenal Osorio Rodrigues
4-3 Tulia Simões Pires, casada com Pedro Osorio Rodrigues
4-4 Lila Simões Pires, casada
4-5 Americo Simões Pires, solteiro
4-6 Getulio Simões Pires.

§ 2.º

2-2 Januario Simões Pires, em 1856, data do inventario de seu pae, era residente em Bagé, sendo casado com Antonia Bento Franco. Teve o casal os 14 filhos seguintes:

3-1 Feliciano Simões Franco
3-2 Antonio Simões Franco
3-3 Idalina Simões Franco
3-4 Maria do Carmo Simões Franco
3-5 Januaria Simões Franco
3-6 Zenobio Simões Franco
3-7 Francisco de Salles Simões Franco
3-8 Candido Simões Pires
3-9 Placido Simões Pires
3-10 Cecilia Simões Pires
3-11 Flaubino Simões Pires
3-12 Jeronymo Simões Pires
3-13 Agueda Simões Pires
3-14 Antonia Simões Pires.

3-1 Feliciano Simões Franco, foi casado com Luciana Simões Pires, já descripta em 3-6 do § 1.º. Teve o casal dois filhos:

4-1 Antonio Candido Simões Franco casado com Outubrina Lopes dos Santos com a seguinte descendencia:

5-1 Luciana Franco, fallecida
5-2 Sylvia Franco
5-3 Homero Franco
5-4 Genesio Franco
5-5 Marieta Franco
5-6 Djanira Franco
5-7 Alayde Franco
5-8 Oscarina Franco
5-9 Francisco Franco
5-10 Dalva Franco

5-11 Decio Franco
5-12 Nair Franco
5-13 Honorina Franco

4-2 Alexandre Simões Franco,solteiro.

3-2 Antonio Simões Franco, casado com Zeferina Simões Pires. Teve o casal:

4-1 Joaquim Simões Franco, casado com Maria Pontes
4-2 Julio Simões Franco, solteiro
4-3 Alvaro Simões Franco, casado
4-4 Odorico Simões Franco, casado com Luciana Barcellos
4-5 Maria do Carmo Simões Franco, que falleceu solteira
4-6 Virissimo Simões Franco,casado.

3-3 Idalina Simões Franco, casada com Vicente Bento de Miranda, com 4 filhos:

4-1 Antonia B. de Miranda, casada com Affonso Collares. Filhos:

5-1 Laurindo Collares
5-2 Luciana Collares
5-3 Vicente Collares
5-4 Lydia Collares
5-5 Ivo Collares
5-6 Honorina Collares
5-7 Hugo Collares
5-8 Ernestina Collares
5-9 Idalina Collares
5-10 Leonardo Collares
5-11 Affonso Collares.

4-2 Joanna B. de Miranda, casada com Gomercindo Bastos, sem descendencia
4-3 Leonardo B. de Miranda, falleceu solteiro
4-4 Aristotelina B. de Miranda, casada com Manoel Simões Franco. Teve:

5-1 Ruy Simões Franco.

3-4 Maria do Carmo Simões Franco, casada com Feliciano Silveira Santos, com 12 filhos:

4-1 Antonia Silveira Santos, casada com João Marques da Silva, com 6 filhos:

5-1 Maria José Marques
5-2 Pedro Marques
5-3 Jeronymo Marques

5-4 Dario Marques, fallecido
5-5 Joanna Marques,fallecida
5-6 Feliciano Marques, fallecido.

4-2 João Francisco da Silveira Santos, casado com Anna Feliciano Barcellos. Filhos:

5-1 Maria Leocadia Santos
5-2 Antonio Candido Santos
5-3 João Feliciano Santos
5-4 Branca Dorvalina Santos
5-5 Medora Santos
5-6 Joaquim Santos
5-7 Gabriella Santos
5-8 Ignez Santos
5-9 Romeu Santos
5-10 Aristides Santos.

4-3 Januario S. Santos, casado com Rosa Barcellos, com 11 filhos:

5-1 Anna Candida Santos
5-2 Honorina Santos
5-3 Acrisio Santos
5-4 Maria Olympia Santos
5-5 Rosa Amelia Santos
5-6 Brandina Santos
5-7 Julia Santos
5-8 Athanasio Santos,fallecido
5-9 João Francisco Santos
5-10 Olivia Santos
5-11 Anecy Santos

4-4 Zeferina S. Santos, casada com Placido Franco, sem geração.

4-5 Tolentina S. Santos, casada com José Augusto de Lima, com 9 filhos:

5-1 Setembrina Lima
5-2 Dezembrina Lima
5-3 Ramiro Lima
5-4 Waldomiro Lima
5-5 Julia Lima
5-6 Aurelia Lima
5-7 Mauricio Lima
5-8 Dalmiro Lima
5-9 Candido Lima.

4-6 Carolina S. Santos, casada com José Feliciano de Oliveira Lima, com os seguintes filhos:

5-1 Olinda Lima
5-2 Ozorio Lima
5-3 Octavio Lima
5-4 Generoso Lima
5-5 Oscar Lima.

4-7 Manoel Silveira Santos, casado em primeiras nupcias com Aristotelina Miranda, sem descendencia e em segundas com Marcellina Costa. Teve do 2.º matrimonio:

5-1 Felicia Costa Santos
5-2 Manoel Costa Santos
5-3 João Feliciano Costa Santos
5-4 Maria do Carmo Costa Santos.

4-8 Octacilio S. Santos, casado com Antonia Bento do Nascimento, com os filhos:

5-1 Maria Santos
5-2 Antonia Santos
5-3 Jenny Santos
5-4 Agueda Santos
5-5 Marino Santos
5-6 Marina Santos
5-7 Anecy Santos.

4-9 Maria de Deus S. Santos, casada com Epaminondas Simões Pires, com descendencia em 4-1 do 3-6 deste paragrapho.

4-10 Alexandrino Silveira Santos, casado com sua sobrinha Joanna Santos, com os seguintes filhos:

5-1 João Feliciano Silveira Santos
5-2 Zeferina S. Santos.

4-11 Agueda Silveira Santos, casada com Biba Bandeira.

4-12 Candido Silveira Santos.

3-5 Januaria Simões Pires, casada com José Gonçalves Simões Pires, com descendencia em 3-7 do § 6.º.

3-6 Zenobio Simões Franco, casado com Joaquina Bento de Miranda, com 9 filhos:

4-1 Epaminondas Simões Pires, casado com Maria de Deus Silveira Santos, 4-9 do 3-4 deste paragrapho. Teve:

5-1 Aracy Simões Pires
5-2 Erabydes Simões Pires
5-3 Heraclydes Simões Pires

4-2 Juvenal Simões Pires, casado

4-3 Edmundo Simões Pires, casado duas vezes: a 1.ª com Emerentina Simões Pires e a 2.ª com Firmina de Souza Pires, 4-3 do 3-9 deste §.

Teve do 1.º matrimonio dois filhos:

5-1 Candido Simões Pires
5-2 Zenobio Simões Pires

Teve do 2.º matrimonio

5-3 Cely Simões Pires.

4-4 Severino Simões Pires, falleceu solteiro
4-5 Januario Simões Pires, solteiro
4-6 João Simões Pires, casado
4-7 Dina Simões Pires, casada com Julio Bastos
4-8 Rosalvo Simões Pires
4-9 Antonio Simões Pires

3-7 Francisco de Salles Simões Pires, casado com Amelia de Oliveira Pinto. Teve 8 filhos, mas só descobrimos os nomes de 5:

4-1 Antonia Simões Pires, casada com Rafael Rodrigues Filho
4-2 Agueda Simões Pires
4-3 Estevão Simões Pires
4-4 Antolina Simões Pires
4-5 Miguel Simões Pires

3-8 Candido Simões Pires, casado em primeiras nupcias com Felicana da Fontoura Franco e em segundas com Honorina de Freitas.

Filhos do 1.º matrimonio:

4-1 Maria Candida Simões Pires, casada com Jeronymo de Azambuja Franco, com 4 filhos:
5-1 Antonio Candido Franco
5-2 Olga Franco
5-3 Jeronymo Franco
5-4 Feliciano Franco

4-2 Antonia Simões Pires, casada com Feliciano Azambuja Franco. Filhos: 11, mas só descobrimos os nomes de 8:
5-1 Marcos Franco
5-2 Omar Franco
5-3 Antonio Candido Franco
5-4 Walther Franco

5-5 Jeronymo Franco
5-6 Nilo Franco
5-7 Carlota Franco
5-8 Suelly Franco.

4-3 Emerentina Simões Pires, casada com Edmundo Simões Pires

4-4 Edeltrudes Simões Pires, casada com Amado Saraiva Lopes, com os filhos:
5-1 Denner Lopes
5-2 Feliciana Lopes
5-3 Wagner Lopes

Filhos do 2.º matrimonio de Candido Simões Pires:

4-5 Serapião Simões Pires, solteiro
4-6 Leonor Simões Pires, casada com Manoel Cassão Lima
4-7 Januario Simões Pires, solteiro.

3-9 Placido Simões Pires, casado com Firmina de Souza, com a seguinte descendencia:
4-1 Onelia Simões Pires, casada com João Carlos Estrazulas
4-2 Januario Simões Pires, solteiro
4-3 Firmina de Souza Pires, casada com Edmundo Simões Pires, 4-3 do 3-6 do § 1.º, com descendencia ali.

3-10 Cecilia Simões Pires, casada com Paulino Antonio de Lima, sem descendencia.

3-11 Flaubino Simões Pires, casado em primeiras nupcias com Honorina da Fontoura Franco e em segundas com Antonia Monteiro, com descendencia. Filhos do 1.º matrimonio:
4-1 Severiano Simões Pires, casado com Rolinha Faria
4-2 João Simões Pires, casado com ..... Collares
4-3 Eduardo Simões Pires, casado
4-4 Antonia Simões Pires, casada com Ivo Collares, 5-5 do 4-1, 3-3 do § 2.º.
4-5 Maria do Carmo Simões Pires, solteira.

3-12 Jeronymo Simões Pires, solteiro.

3-13 Agueda Simões Pires, casada com Matheus José Collares. Filhos:
4-1 José Collares
4-2 Laurindo Collares, casado com Mimosa Montan Collares. Teve:

5-1 Laudares Collares
5-2 Parrahasio Collares
5-3 Zeuxis Collares
5-4 Moema Collares
5-5 Mauro Collares
5-6 Edith Collares

3-14 Antonia Simões Pires, casada com Rafael Bento Pereira, sem descendecia.

§ 3.º

2-3 Anna Eulalia de Vasconcellos nasceu no Rio Pardo a 27-VI-1791 e falleceu com test. em 17-XI-1845. Casou em 18-V-1818 com Antonio Alves de Azambuja, nascido em 14-II-1778 e fallecido em 18-XI-1865. Era Antonio Alves, que residia no Rio Pardo, f.º do capitão Antonio Alves Guimarães e de Mariana de Jesus, n. p. de Antonio Melleiro e Maria Gomes, naturaes, como aquelle, de São Lourenço do Prado, termo de Melgaço, arcb. de Braga. Pela parte materna era neto do capitão Francisco Xavier de Azambuja, natural de São Paulo, f.º de Manoel Azambuja e de Francisca Leite, e de d. Rita de Menezes, que falleceu em Santo Amaro em 7-II-1801, filha de Jeronymo de Ornellas de Menezes e Vasconcellos, primitivo povoador do Rio Grande do Sul, e de sua mulher Lucrecia Leme Barbosa. (Tit. Azambuja — Menezes e Vasconcellos). Teve o casal de Anna Eulalia 10 filhos:

3-1 Mariana Azambuja
3-2 Dr. Antonio Alves de Azambuja
3-3 Zeferino Alves de Azambuja
3-4 Mariana Eulalia de Azambuja
3-5 Manoel Alves de Azambuja
3-6 Maria do Carmo Azambuja
3-7 Zeferino Alves de Azambuja
3-8 Anna Gertrudes de Azambuja
3-9 Francisco de Paula Azambuja
3-10 Manoel Alves Pires de Azambuja

3-1 Mariana Azambuja, nasceu em 2-VI-1819 e falleceu 5-IV-1823.

3-2 Dr. Antonio Alves de Azambuja nasceu em 24-IX-1820 e falleceu em 1857. Foi casado com sua tia Agueda Francellina Simões Pires (§ 12) sem descendencia.

3-3 Zeferino Alves de Azambuja nasceu em 15-II-1822 e falleceu em 13-IV-1823.

3-4 Mariana Eulalia de Azambuja, nasceu em 3-VI-1823 e falleceu em 15-XII-1903. Casou em 4-V-1838 com o subdito francez Marcos Pradel, sendo em 1866 residente em Marselha. Teve o casal os seguintes filhos:

4-1 Emilia Pradel
4-2 Antonio Pradel, fallecido em 1899 foi casado com Marilie Saint Charles Peregallo. Teve:

5-1 Marie Antoniette Pradel, casada com Jules Pelissot
5-2 Maria Honorina José Pradel, casada com Louis Marie Elie Pelissot
5-3 Carlos Maria Marcos Antonio Pradel

4-3 Honorina Pradel, fallecida em 1867
4-4 Marcos Pradel, frade dominicano, falleceu em 1917.

3-5 Manoel Alves de Azambuja, nasceu em 19-XII-1824, falleceu em 25-V-1825.

3-6 Maria do Carmo Azambuja, nasceu em 15-V-1826 e falleceu em 14-IX-1888. Casou em 12-I-1842 com Frederico Pradel que, em 1866, residia em Montpellier, França. Teve a seguinte descendencia:

4-1 Honorato Pradel, casado com Rosa Martins Garcia (4-3 do 3-6 do § 5.º), com os filhos:

5-1 Maria do Carmo Pradel, casada com Henrique Sievert. Sem descendencia
5-2 Gemina Pradel, casada com João Silvestre Feijó. Sem descendencia
5-3 Anna Pradel, casada com João Rist. Sem descendencia
5-4 Frederico Pradel, casado com Manoela Pinto em primeiras nupcias e em segundas com Virginia Moreira. Filhos do 1.º matrimonio:

6-1 Honorato Pradel, casado com Lucilia Pradel. Filhos:

7-1 Frederico Pradel
7-2 José Carlos Pradel

6-2 Frederico Pradel, falleceu solteiro
6-3 Carlos Pradel, falleceu solteiro
6-4 Ida Pradel, casada com Luiz Vianna de Oliveira.

Filhos do 2.º matrimonio:

6-5 Candida Pradel, casada com Waldemar Bastos. Tem:

7-1 Clovis Pradel Bastos

6-6 Annita Pradel, casada com Delemar Azevedo. Filho:

7-1 Wlademir Azevedo.

5-5 Honorina Pradel, casada com Trajano Mostardeiro. Sem descendencia.

5-6 Rosa Pradel, casada com o desembargador Gomercindo Taborda Ribas. Filha unica:

6-1 Maria Ribas Gama, casada com o dr. Octavio Gama, advogado, residente no Rio de Janeiro.

5-7 Dr. Antonio Pradel, casado com Georgina Gundlach. Filhos:

6-1 Adolfo Pradel
6-2 Lucia Pradel
6-3 Frida Pradel.

5-8 Leopoldina Pradel, casada com Plinio Furtado. Teve:

6-1 Bruno Furtado, falleceu solteiro
6-2 Jayme Furtado, falleceu solteiro
6-3 Marina Furtado, casada com Felippe Rahde, com um filho:

7-1 Alberto Furtado Rahde

6-4 Noemia Furtado, casada com Jorge Soares, Filha:

7-1 Nessy Furtado Soares

6-5 Heitor Furtado
6-6 Gilda Furtado
6-7 Rosa Furtado.

4-2 Leopoldina Pradel, filha do 3-6, religiosa dominicana, falleceu em 26-XII-1907.

4-3 Anna Pradel, casada com François Blanc com 2 filhos:

5-1 Gabriel Frederico Balthazar Maria José Blanc
5-2 Maria Luiza Thereza Josefina Blanc

4-4 Maria Luisa Pradel, religiosa, falleceu em 1923

4-5 Magdalena Pradel, falleceu em 10-IX-1916. Foi casada com Casemir Puy, de quem ficaram os filhos:

5-1 Maria Luisa Puy
5-2 Henriqueta Puy

3-7 Zeferino Alves de Azambuja, nasceu em 29-VI-1827 e falleceu em 1884. Foi casado com Cecilia Soares, deixando os filhos:

4-1 Dr. Antonio Soares de Azambuja, falleceu solteiro em 1914.

4-2 Emilia Soares de Azambuja, casada com Hans Richard Marck. Sem descendencia.

3-8 Anna Gertrudes de Azambuja, nasceu em 8-X-1828 e falleceu em 26-VII-1915 solteira.

3-9 Francisco de Paula Azambuja nasceu em 7-III-1830 e falleceu em 7-III-1879. Casou com Maria Salles, deixando a seguinte descendencia:

4-1 Carlos Azambuja
4-2 Gabriel Azambuja
4-3 Anna Azambuja d'Olce casada com F. d'Olce.
4-4 Maria Azambuja, religiosa.

3-10 Manoel Alves Pires de Azambuja, ultimo filho do § 3.º, nasceu em 9-IX-1833 e falleceu em 22-VII-1903. Casou em 15-VIII-1859 com Marfisa Amalia de Azambuja, nascida em 5-VIII-1837 e fallecida em 7-VIII-1922. Era Marfisa Amalia filha de Manoel Alves de Azambuja e Ignacia Vieira de Azambuja, n. p. do tenente coronel Manoel Alves Guimarães e sua mulher Leonor Clara de Oliveira, por aquelle bisneta do capitão Antonio Alves Guimarães e Mariana de Jesus, e por Leonor Clara, de capitão Custodio Ferreira de Oliveira Guimarães e sua mulher d. Desideria Maria Bandeira, filha do coronel Francisco Pinto Bandeira e de Clara Mathilde de Oliveira, povoadores primitivos do Rio Grande do Sul. Teve o casal 11 filhos:

4-1 Anna Eulalia de Azambuja nasceu em 30-XII-1860 e falleceu solteira em 4-XII-1876.

4-2 Maria do Carmo de Azambuja, nasceu em 17-XI-1862, solteira.

4-3 Marechal José Rafael Alves de Azambuja, nasceu em 24-III-1864 e falleceu em 22-VI-1928, nesta capital, sendo lente do Collegio Militar. Casou com Antonia Carolina de Abreu e Silva, filha de Romualdo de Abreu e Silva e de Laurinda de Abreu e Silva, tendo nascido em 7-V-1875. Teve os filhos:

5-1 Laurinda de Abreu Azambuja,nascida em 18-IV-1912 e fallecida solteira em 28-VII-1930.
5-2 Marfisa de Abreu Azambuja, nascida em 2-VI-1903.
5-3 Tenente Manoel Alves Pires de Azambuja, nascido em 4-IV-1905 e casado em 8-X-1928 com Beatriz Cavalcanti de Carvalho, filha do general Antonio Carlos Cavalcanti de Carvalho e de Ismenia Caxambú de Carvalho. Filho:
6-1 Vera Maria Cavalcanti de Azambuja, nascida em 6-IX-1929.
5-4 Anna Gertrudes de Abreu Azambuja, nascida em 15-VII-1909.
5-5 José Rafael Alves de Azambuja, nascido em 21-V-1913.

4-4 Antonio Manoel Alves de Azambuja, solteiro, nascido em 1-X-1868.
4-5 Marcos Antonio Alves de Azambuja, nasceu em 28-IX-1870 e casou em 28-III-1897 com Francisca de Paula e Silva, filha de Francisco de Paula e Silva e Praxedes Pereira da Silva, nascida em 23-VI-1876. Com os filhos:
5-1 Francisco de Paula Azambuja, nascido em 2-VI-1898 e casado com Altair de Souza Soares, nascida em 4-II-1904, filha do general dr. Erasmo Ferreira Soares e Ambrozina de Souza Soares. Com um filho:
6-1 Marcos Antonio Soares de Azambuja.
5-2 Maria de Paula Azambuja, nasc. em 18-III-1900 e casada em 23-II-1927 com o engenheiro agronomo dr. Jorge Godofredo Felizardo, nascido em 9-XI-1901, filho do dr. Joaquim José Felizardo Junior e Anna Christina Schell Felizardo, a quem devemos, em sua maior parte, este trabalho. Filho:
6-1 Luiz Paulo de Azambuja Felizardo, nascido em 18-III-1929.
5-3 Antonio Alves de Paula Azambuja, nascido em 12-IV-1914.
4-6 Mariana Honorina de Azambuja, nasc. em 1-V-1872 e fallecida em 21-VI-1872.
4-7 Manoel Alves de Azambuja, nascido em 6-VI-1873 e falleceu em 25-I-1874.

4-8 Marfisa Eulalia de Azambuja, nasceu em 12-II-1875 e casou em 15-VIII-1894 com Manoel da Silva Pereira, nascido em 23-VI-1869, filho de Francisco da Silva Pereira e Antonia Joaquina Braga Pereira. Sem descendencia.
4-9 Zeferino Alves de Azambuja, nasceu em 10-IV-1877 e falleceu em 20-VI-1877.
4-10 Dr. Gabriel de Azambuja Fortuna, nasc. em 21-V-1878 e casado em 8-XIII-1902 com Alice Pereira de la Grange, nascida em 24-XI-1881, filha de Carlos de la Grange e Antonia Pereira de la Grange. Tem os seguintes filhos:
5-1 Carlinda de Azambuja Fortuna, nasceu em 23-I-1904 e casou em 11-IX-1929 com Luiz Pinto Chaves de Barcellos, filho do commendador Antonio Chaves de Barcellos e de Marieta Pinto Chaves de Barcellos, nascido em 1-V-1901.
5-2 Carlos Azambuja Fortuna, nasc. em 15-IV-1905 e casado em 5-II-1929 com Elvira Smith, nascida em 24-XII-1908, filha de Oswaldo Brochado Smith e Mercedes Coelho Smith. Com um filho:
6-1 Luiz Carlos de Azambuja Fortuna, nasceu em 24-XII-1908.
5-3 Antonia Heloisa de Azambuja Fortuna, nasceu em 20-VIII-1906 e casou em 28-V-1929 com Felix Eugenio Kessler, nascido em 16-III-1903, filho de Felix Christiano Kessler e de Amanda Dexheimer Kessler. Filho:
6-1 Felix Antonio de Azambuja Kessler, nascido em 8-IV-1930.
5-4 Gil Gabriel de Azambuja Fortuna, nasceu em 5-I-1910.
5-5 Alice Maria de Azambuja Fortuna, nasceu em 16-IV-1912.
5-6 Carolina Beatris de Azambuja Fortuna, nascida em 4-X-1920.

4-11 Anna Eulalia de Azambuja, ultima filha do 3-10, nasceu em 24-I-1881 e casou em 4-II-1905 com o tenente coronel Raul Poggi de Figueiredo, nascido em 4-IV-1881, filho do dr. João Francisco Poggi de Figueiredo e de Amelia Poggi de Figueiredo. Teve os seguintes filhos:

5-1 Amelia Azambuja Poggi de Figueiredo, nasceu em 8-II-1906

5-2 Marfisa Azambuja Poggi de Figueiredo, nascida em 27-VIII-1907 e casada em 24-V-1928 com Carlos Quixadá Aragão, nascido em 4-XI-1896 e filho de Augusto de Souza Aragão e Amanda Quixáda Aragão. Tem:

6-1 Sergio Augusto Poggi de Aragão, nasceu em 1-VIII-1929.

5-3 Anna Azambuja Poggi de Figueiredo, nasceu em 31-VII-1909.

5-4 Nirá Azambuja Poggi de Figueiredo, nascida em 28-XI-1920 e fallecida em 27-XII-1921.

§ 4.º

2-4 Antonio Simões Pires residia em Alegrete em 1848, tendo fallecido em 1863 com 60 annos de idade, em consequencia de um cancer. Foi casado com Eusebia Maria de Vargas, fallecida em Novembro de 1898 e filha de Albano José de Vargas e Anna Ilha de Vargas. Teve 3 filhos, que descobrimos:

3-1 Maria do Carmo Pires da Rocha
3-2 Antonio Simões Pires
3-3 José Antonio Simões Pires.

3-1 Maria do Carmo Pires da Rocha foi casada com Manoel Borges da Rocha, com os seguintes filhos:

4-1 Antonio Borges da Rocha
4-2 Mariana Borges dos Santos
4-3 Leonor Borges Grané
4-4 Joaquim Borges da Rocha.

3-2 Antonio Simões Pires, casado com Candida de Freitas Pires, falleceu no Quarahy, deixando, entre outros os filhos:

4-1 Rosa Pires Vidal, casada com Hermogenes Vidal, já fallecido. Filhos:

5-1 Antoninha Vidal, casada com Alcides Pouey, Tem:

6-1 Léa
6-2 Rosa
6-3

5-2 Major dr. Cyro Vidal, de artilharia, residente no Rio de Janeiro, casado com ..... Canteiro, com descendencia.

5-3 Noemia Vidal, solteira

5-4 Rachel Vidal, casada

5-5 Euclydes Vidal, casado com Luiza Gallo, natural de Artigas, R. O. U., com uma filha:

6-1

5-6 Nelson Vidal, casado com Rénée Callo. Filha:

6-1 Renée

5-7 Hermogenes Vidal, falecido em 1930, casado com Zizica Torroucoo, sem descendencia

5-8 Ruth Vidal, casada

5-9 Candida Vidal, casada

5-10 Rosa Vidal, casada com o major ..... Maia, residente em Uruguayana, com descendencia

5-11 Luiz Vidal, solteiro.

4-2 Alberto Simões Pires, residiu no Quarahy, já fallecido e casado que foi com Semiramis Córa, com 2 filhos:

5-1 Semiramis
5-2

4-3 Rachel Pires Rangel, casada com Nascimento Rangel, fallecido no Quarahy, onde residia. Filhos:

5-1 Deolinda Rangel, casada com Tito Guerra, filho de José Guerra, com descendencia
5-2 Canuta Rangel, solteira
5-3 Rachel Rangel, professora, solteira
5-4 Rosa Rangel, casada com o dr. Miguel Balvé Filho, que faz parte do corpo diplomatico, com dois filhos
5-5 Conceição Rangel, solteira
5-6 Izaura Rangel, casada com ..... Baptista, residente no Quarahy, com um filho
5-7 Yara Rangel, solteira.

4-4 Troyano Simões Pires, casado com Chininha Acauan, filha do dr. Manoel Marques Acauan e Adelaide Acauan. Com filhos.

3-3 José Antonio Simões Pires (Juca Ventania) casado com Eusebia Ilha. Filhos:

4-1 Maria do Carmo Simões Pires
4-2 Dr. Pedro Simões Pires, casado com Margarida de Abreu Salgado, 4-2, 3-1 do § 12
4-3 Frederico Simões Pires.

§ 5.º

2-5 Rosa Violante de Vasconcellos foi casada com o coronel José Antonio Martins (Mingote Martins) que residiu no Alegrete, e teve accentuada actuação nas luctas platinas e depois nos acontecimentos revolucionarios de 1835. Chefe legalista de innegavel prestigio foi, na fronteira do Alegrete, o organisador de forças imperiaes, sendo respeitado pelos farrapos que nelle reconheciam um combatente audaz e valoroso. Falleceu no Alegrete em Novembro de 1855, tendo nascido em 1786. Asentou voluntariamente praça no Regimento de Milicias do Rio Pardo em 10-I-1808, sendo pelos serviços prestados ao paiz promovido até o posto de coronel, em que falleceu. Deixou Rosa Violante 7 filhos:

3-1 Ubaldina Martins
3-2 Ursula Martins
3-3 Maria do Carmo Martins
3-4 Antonio Thomaz Martins
3-5 José Antonio Martins
3-6 Gemina Martins
3-7 Lucrecia Martins

3-1 Ubaldina Martins, foi casada com João Carvalho. Teve os filhos:

4-1 Francisco Martins de Carvalho, casado com Palmira Caldeira
4-2 Rosa de Carvalho, casada com Francisco Pennaforte
4-3 Custodio Martins de Carvalho, casado e com descendencia
4-4 João Baptista Martins de Carvalho, casado com descendencia.
4-5 Antonio Martins de Carvalho, casado com Senhorinha Portugal
4-6 Manoel Martins de Carvalho, casado com Elvira Nine
4-7 Lucrecia de Carvalho, casada com Felisberto Fagundes
4-8 Genuina de Carvalho, casada com Edmundo Mendes
4-9 Florinda de Carvalho, casada com Manoel Paulino Ribeiro.

3-2 Ursula Martins, casada com Miguel Luiz da Cunha n. em Porto Alegre em 28-VIII-1800, filho de Joaquim Luiz da Cunha, natural do Porto, e Anna Maria de Jesus, doViamão. N. p. de José Luiz da Cunha, do Porto e Thereza Ignacia de Jesus, da Ilha do Fayal, Açores, e n. m. do major Florencio Braz Lopes, n. do Viamão, e de Felicia Antonia. Bisneto, por este, de Manoel Braz Lopes e Francisca Moreira, e terneto de João Braz e Maria Lopes, povoadores primitivos do Viamão e elle um dos companheiros de João de Magalhães, primeiro povoador do Rio Grande do Sul. (Tit. Braz Lopes) Teve:

4-1 José Horacio Martins da Cunha, casado com Valentina Fernandes
4-2 Miguel Luiz da Cunha, casado com Evarista Flores, filha de Francisco Flores de Oliveira, do Rio dos Sinos, e de sua mulher Anacleta Corrêa, filha de Bento Corrêa de Mello Filho e Maria Leonarda Gomes. Teve a seguinte geração:

5-1 Coronel Francisco Flores da Cunha, fazendeiro, residente em Livramento e deputado federal pelo Rio Grande do Sul, casado com Francisca Flores da Cunha, natural de Minas Geraes, com descendencia
5-2 General José Antonio Flores da Cunha, senador da Republica, pelo Rio Grande do Sul, casado com Irene Guerra, filha de Antonio Guerra e Graciana Guerra. Com filhos
5-3 Coronel João Flores da Cunha, residente em São Paulo e ali casado, com descendencia.
5-4 Angelo Flores da Cunha, residente em Porto Alegre, casado, com descendencia
5-5 Sinhá Flores da Cunha
5-6 Guilherme Flores da Cunha, morto heroicamente na ponte do Ibirapuytan, na revolução de 23, solteiro
5-7 Chatinha Flores, casada com Aristides Guerra
5-8 Doninha Flores, casada com José da Cunha Corrêa.

4-3 Josefina Martins da Cunha, casada com Antonio Thomaz Martins com descendencia em 3-4 deste paragrapho
4-4 Ubaldina Martins da Cunha, casada com Alexandre José Ribeiro
4-5 Guilhermina Martins da Cunha, casada com Pedro Chaves de Vargas

4-6 Candida Martins da Cunha, casada com Manoel Adolpho da Fontoura
4-7 Gemina Martins da Cunha, casada com Guilherme Dias
4-8 Maria do Carmo Martins da Cunha, casada com Manoel Cavalheiro
4-9 Rosa Martins da Cunha, casada com Attilano Cavalheiro
4-10 Lucrecia Martins da Cunha, casada com o major Frazão Gomes de Carvalho
4-11 Anna Martins da Cunha, casada 1.º com José Bento Corrêa e 2.º com o coronel Francisco Corrêa de Mello.
4-12 Eleufrida Martins da Cunha, casada com Antonio Candido de Mello, barão de Torupy.

3-3 Maria do Carmo Martins, casada em primeiras nupcias com José Falcão e em segundas com Marques Torres. Teve do 1.º marido:

4-1 José Martins Falcão, casado
4-2 Candida Martins Falcão, casada com José Rabello
4-3 Joaquina Martins Falcão, falleceu solteira.
Filhos do 2.º matrimonio:
4-4 Capitão Alvaro Martins Marques, fallecido
4-5 Miguel Martins Marques, fallecido
4-6 Regina Martins Marques que foi casada com o general Olavo Ottoni Barreto Vianna, já fallecido, natural de Taquary, filho de Antonio José Vianna e Maria de Assumpção Barreto. (Tit. Pereira Pinto) com os filhos:

5-1 Adyles Marques Barreto Vianna, casada com Luiz Lopes da Rosa
5-2 Regina Marques Barreto Vianna, casada com o dr. em medicina Luiz José Guedes. Tem:

6-1 Nylda Guedes
6-2 Olavo Guedes
6-3 Paulo Guedes
6-4 Fernando Guedes
6-5 Vera Guedes

5-3 Maria Marques Barreto Vianna, casada com o dr. em medicina Luiz Guerra Blessmann. Filhos:

6-1 Julia Blessmann
6-2 Gelsa Blessmann
6-3 Jorge Blessmann

5-4 Dr Antonio Marques Barreto Vianna
5-5 Alda Marques Barreto Vianna, falleceu solteira.

5-6 Alba Marques Barreto Vianna, casada com o dr. Nestor Barbosa, filho de Tito Livio da Costa Barbosa e Djanira de Oliveira Barbosa. Com os seguintes filhos:

6-1 Lygia Barbosa
6-2 Maria Barbosa

5-7 Luiz Marques Barreto Vianna.

3-4 Antonio Thomaz Martins, casado com sua sobrinha Josefina Martins da Cunha, 4-3 do 3-2 deste paragrapho. Teve:

4-1 Rosa Martins, casada com Serafim Prates Pacheco
4-2 Livia Martins, casada com João Antonio Muniz
4-3 Antonio Thomaz Martins Filho, casado com Mariana Muniz
4-4 José Martins, casado com Maria José da Cunha
4-5 Lucilia Martins, falleceu solteira
4-6 Virginia Martins, casada com Claudino José Lucas
4-7 Coronel Miguel da Cunha Martins, casado com Guilhermina Martins
4-8 Major Sebastião da Cunha Martins, casado com Maria Abreu
4-9 General Floduardo da Cunha Martins
4-10 Maria do Carmo da Cunha Martins, já fallecida, casada com Pedro de Abreu Maya. Com dois filhos:

5-1 Leoncio de Abreu Maya, casado com Elmonda Maya
5-2 Waldemar de Abreu Maya.

4-11 Francisco da Cunha Martins, falleceu solteiro.

3-5 José Antonio Martins (Cosséca Martins) foi casado com Virginia Pereira. Teve a seguinte geração:

4-1 Antonio Virginio Martins, casado com Maria Pavão
4-2 Rosa Martins, casada com o dr. Manoel Pacheco Prates, residindo actualmente em São Paulo
4-3 Eleufrida Martins que foi casada com o dr. Alcides de Mendonça Lima, residente em Rio Grande.
4-4 Clotilde Martins, casada em primeiras nupcias com o capitão João Carlos Galhardo e em segundas com seu cunhado dr. Alcides de Mendonça Lima do n.º 4-3 acima.
4-5 Josefina Martins, casada com o dr. Moysés Pereira Vianna
4-6 Maria do Carmo Martins, casada com o coronel Ataliba José Gomes

4-7 Izolina Martins casada com o 1.º tenente Paulo Emilio da Silva Souto e em segundas nupcias com Manoel Gomes Cabello

4-8 Francisca Martins, casada com José Macedo dos Santos. (Tit. Brum da Silveira). Filhos:

5-1 Virginia, casada com o dr. Luis Pacheco Prates
5-2

4-9 Regina Martins, casada com Arthur Nunes

4-10 José Virginio Martins

4-11 Dr. engenheiro Pedro Virginio Martins, casado com Francisca Bina.

3-6 Gemina Martins, casada com Joaquim Francisco Garcia. Filhos:

4-1 Coronel Urbano Martins Garcia, casado com ..... Nascimento

4-2 Joaquim Martins Garcia, casado 1.º com ..... Rist e 2.º com ..... Nascimento.

4-3 Rosa Martins Garcia, casada com Honorato Pradel com descendencia em 4-1 do 3-6 do § 3.º.

3-7 Lucrecia Martins, casada com Antonio M. de Freitas. Teve:

4-1 Candida Martins Freitas, casada com Antonio Simões Pires, 3-2 do § 4.º, com descendencia ahi.

§ 6.º

2-6 Joaquim Simões Pires estava já em 1830 residindo em São Sepé, onde, pelo recenseamento ali procedido, nessa data, tinha campos de criação, sete escravos e varios aggregados e peães, ao todo 26 pessôas. Era casado com Zeferina Gonçalves de Freitas (Zeferina Maria do Carmo, dá o recens.) e estava com o casal a filha Maria do Carmo. Falleceu Joaquim Simões em 1864 com 62 annos. Teve a seguinte geração:

3-1 Manoel Virissimo Simões Pires
3-2 Maria do Carmo Simões Pires
3-3 Bento Simões Pires
3-4 Joaquim Simões Pires
3-5 Zeferina Simões Pires
3-6 Rita Simões Pires
3-7 Umbellina Simões Pires
3-8 José Gonçalves Simões Pires
3-9 Elisbella Simões Pires

3-1 Manoel Verissimo Simões Pires foi casado com Maria do Carmo Ferreira Neves. Teve o casal os seguintes filhos:

4-1 Maria Julia Simões Pires, casada com Catão Vicente Coelho. Filhos:

5-1 Maria do Carmo Pires Coelho, solteira
5-2 Eurico Pires Coelho, casado com
Tem:

6-1 Maria Pires Coelho
6-2 Marieta Pires Coelho
6-3 Marina Pires Coelho
6-4 Mario Pires Coelho, casado
6-5 Heraclydes Pires Coelho
6-6 Riograndino Pires Coelho, casado

4-2 José Virissimo Simões Pires, casado com Anna Barbosa Borges, (4-3 do 3-9 do § 9.º). Teve os filhos:

5-1 Maria do Carmo Borges Pires, casada com o dr. José Luis Ferreira, já fallecido. Sem descendencia

5-2 João Antonio Borges Pires, casado com Gilda Saldanha, 4-1 do 3-1 do § 7.º. Filhos:

6-1 José Simões Pires
6-2 Adelina Simões Pires
6-3 Jocina Simões Pires
6-4 Maria Simões Pires

5-3 Maria Xavier Borges, casada com Pedro Carvalho Pedroso. Teve:

6-1 Fructuoso Pires Pedroso
6-2 João Pires Pedroso

5-4 Innocencio Borges Pires, casado com
Filhos:

6-1 Maria Borges Pires
6-2 José Borges Pires
6-3 Julia Borges Pires
6-4 Arminda Borges Pires
6-5 Jacinto Borges Pires

5-5 Agueda Borges Pires, casada com Fernando Brum. Teve:

6-1 Marina Pires Brum
6-2 Fernando Pires Brum

5-6 Vicente Borges Pires
5-7 Antonio Borges Pires

5-8 Clelia Borges Pires, casada com Francisco de Lima Corrêa. Com a filha:

6-1 Ecila Pires Corrêa

5-9 Ecilda Borges Pires, casada com Lucrecio Freitas de Faria (6-1 do 5-3, 4-4 do § 9.º) com uma filha:

6-1 Lenita Pires Faria

5-10 Julia Borges Pires, casada com José Luiz Barreto. Teve:

6-1 José Pires Barreto
6-2 Ignez Pires Barreto

5-11 Vicentina Borges Pires, casada com Camerino Corrêa. Com dois filhos:

6-1 Ney Pires Corrêa
6-2 Nice Pires Corrêa

5-12 Joanna Borges Pires
5-13 Manoel Virissimo Borges Pires

4-3 Mercedes Simões Pires, casada com Valentim Pereira de Macedo (4-1 do 3-2 do § 6.º e Tit. Brum da Silveira). Com 10 filhos:

5-1 Manoel Virissimo Pires de Macedo, casado com Gregoria Pedroso. Filhos:

6-1 Nila Macedo
6-2 Estella Macedo
6-3 Maria do Carmo Macedo
6-4 Maria da Conceição Macedo

5-2 Heitor Pires de Macedo
5-3 Estella Pires de Macedo, casada com Innocencio Borges da Motta (5-1 do 4-2, 3-7 do § 1.º). Teve:

6-1 José Macedo Motta
6-2 João Baptista Macedo Motta
6-3 Wilma Macedo Motta
6-4 Mauro Macedo Motta

5-4 Anna Pires de Macedo
5-5 Maria Pires de Macedo
5-6 Evilasio Pires de Macedo, casado com Rosa Simões Pires. Filho:

6-1 Ney Pires de Macedo.

5-7 Priamos Pires de Macedo, casado com Hilda Azambuja Saldanha (4-1 do 3-3 do § 7.º) com os filhos:

6-1 Virissimo Saldanha de Macedo
6-2 Valentim Saldanha de Macedo
6-3 Wilson Saldanha de Macedo
6-4 Cloé Saldanha de Macedo
6-5 Clody Saldanha de Macedo

5-8 Decio Pires de Macedo, casado com Celita Carneiro. Teve:

6-1 Enio Carneiro de Macedo
6-2 Er Carneiro Macedo
6-3 Edgard Carneiro de Macedo

5-9 Antão Pires de Macedo
5-10 Cora Pires de Macedo, casada com o dr. Enio Pinto da Silva. Filha:

6-1 Nóra Macedo Silva.

4-4 Dr. Antonio Augusto Simões Pires, casado com Agueda Francellina Borges com 9 filhos:

5-1 Iriêma Simões Pires, casada com o dr. Francisco Mariano da Rocha com 11 filhos:

6-1 Luis Gonzaga Pires da Rocha
6-2 Agueda Pires da Rocha
6-3 Anna Eulina Pires da Rocha
6-4 Ignez Pires da Rocha
6-5 Therezinha de Jesus Pires da Rocha
6-6 Joaquim Pires da Rocha
6-7 Francisco de Assis Pires da Rocha
6-8 Francisco Xavier Pires da Rocha
6-9 Antonio Augusto Pires da Rocha
6-10 Clara Elisabeth Pires da Rocha
6-11 Maria José Pires da Rocha

5-2 Dr. Antonio Augusto Simões Pires, casado com Antonieta Magalhães, com os seguintes filhos:

6-1 Cecy Simões Pires
6-2 Jarbas Pitaguary Simões Pires
6-3 Cleci Simões Pires
6-4 Paulo de Tarso Simões Pires
6-5 Jacy Simões Pires
6-6 Augusto Cezar Simões Pires

5-3 Iracema Simões Pires
5-4 Manoel Virissimo Simões Pires, casado com Mary Fernandes com a geração:

6-1 Francisco de Assis Simões Pires
6-2 Carmen Simões Pires

5-5 Inah Simões Pires
5-6 Innocencia Simões Pires
5-7 Isis Simões Pires
5-8 Irura Simões Pires, casado com Eugenia Saldanha Reuter. Tem uma filha:

6-1 Palmira Reuter Simões Pires

5-9 Dr. Itá Simões Pires.
4-5 Rita Estelita Simões Pires, solteira.

4-6 Affonso Simões Pires, casado em primeiras nupcias com Virgilina Simões Pires (4-6 do 3-1 do § 9.º) e em segundas com Celia Galvão Costa. Com 12 filhos:

5-1 João Baptista Simões Pires, casado com ..... Teve:

6-1 Affonso Simões Pires
6-2 Celso Simões Pires
6-3 Nilo Simões Pires
6-4 Carmen Simões Pires
6-5 Olga Simões Pires
6-6 Virgilina Simões Pires
6-7 Maria Simões Pires

5-2 Maria do Carmo Simões Pires, casada com Heitor Pires de Macedo. Filhos:

6-1 Helida Pires de Macedo
6-2 Helena Pires de Macedo
6-3 Heloisa Pires de Macedo
6-4 Helio Pires de Macedo
6-5 Heloina Pires de Macedo
6-6 Heitor Pires de Macedo

5-3 Marieta Simões Pires, casada com Antonio Gonçalves dos Santos, com os filhos:

6-1 Luiz Gonzaga dos Santos
6-2 Maria de Lourdes dos Santos
6-3 Maria Margarida dos Santos

6-4 Thereza dos Santos
6-5 Affonso dos Santos
6-6 João Baptista dos Santos

5-4 Sylvia Simões Pires, casada com Deoclecio Magalhães Ferreira. Com dois filhos:

6-1 Lilia Pires Ferreira
6-2 Luis Pires Ferreira

5-5 Inah Simões Pires, casada com Antão Pires de Macedo (5-9, 4-3 do § 6.º). Tem:

6-1 Vinicio Pires de Macedo
6-2 José Pires de Macedo

5-6 José Antonio Simões Pires, casado com Regina Macedo. Filhos:

6-1 Maria de Lourdes Macedo Pires
6-2 Martha Macedo Pires
6-3 Therezinha Macedo Pires

5-7 Carlos Simões Pires
5-8 Dally Simões Pires
5-9 Francisca Simões Pires
5-10 Helena de Lourdes Simões Pires
5-11 Affonso Simões Pires
5-12 Maria Simões Pires.

4-7 Corina Simões Pires, casada com Edmundo Pires da Motta, com 14 filhos:

5-1 Olavo Pires da Motta
5-2 Eloá Pires da Motta
5-3 Ivetta Pires da Motta
5-4 Corina Pires da Motta
5-5 Maria Pires da Motta
5-6 Antonio Pires da Motta
5-7 Manoel Virissimo Pires da Motta
5-8 Carlos Pires da Motta
5-9 Rita Pires da Motta
5-10 Branca Pires da Motta, casada com Antão Ferreira de Magalhães, com dois filhos:

6-1 Assis Henrique de Magalhães
6-2 Julia Magalhães.

5-11 Umbellina Pires da Motta, casada com Custodio Simões Neubauer (5-1 do 4-7 do 3-1 do § 9.º). Teve:

6-1 José Neubauer
6-2 Ernesto Neubauer

6-3 Elmira Neubauer
6-4 Corina Neubauer
6-5 Maria Neubauer
6-6 Custodio Neubauer
6-7 Maximiliano Neubauer

5-12 Arthur Pires da Motta, casado com Alayde Gonçalves dos Santos. Teve:

6-1 Benome Santos Motta
6-2 Ruth Santos Motta
6-3 Ilka Santos Motta
6-4 Moysés Santos Motta
6-5 Lara Santos Motta
6-6 Yone Santos Motta

5-13 Affonso Pires da Motta, casado com Mauricia Gonçalves dos Santos, com os seguintes filhos:

6-1 Leda Santos Motta
6-2 Lires Santos Motta
6-3 Luis Santos Motta
6-4 Leonino Santos Motta
6-5 Licinio Santos Motta

5-14 Sebastião Pires da Motta, casado com Margarida Freitas Simões. Tem:

6-1 José Simões Motta:

4-8 Anna Simões Pires, casada com João Chrisostomo Pedroso, com tres filhos:

5-1 Francisca Pedroso, casada com Bento Azambuja Villanova (Tit. Azambuja). Filhos:

6-1 José Villanova
6-2 Edú Villanova
6-3 Plinio Villanova
6-4 Edena Villanova
6-5 Elida Villanova

5-2 Maria Pedroso, casada com o dr. Armando Xavier (Tit. Fontoura) com 3 filhos:

6-1 Paulo Juarez Xavier
6-2 Glede Xavier
6-3 Edith Xavier

5-3 Emery Pedroso, casada com Adão Gastão Duarte.

4-9 João Simões Pires, casado com Mercedes Valença Appel com

5-1 Ernani Simões Pires
5-2 Nestor Simões Pires
5-3 Diva Simões Pires, casada com Elpidio Almeida. Filhos:

6-1 Thereza Pires Almeida
6-2 Maria de Lourdes Pires Almeida

4-10 Josefina Simões Pires, casada com Percival Brenner.
4-11 Francisco Simões Pires, casado com Aurelio Taborda com os filhos:

5-1 Aracy Taborda Pires, casada 1.º com Gabriel Silva e 2.º com Mauricio Pereira dos Santos Cezimbra

5-2 Ary Simões Pires
5-3 Irajá Simões Pires
5-4 Yara Simões Pires
5-5 Aray Simões Pires

3-2 Maria do Carmo Simões Pires, segunda filha do § 6.º, foi casada com o dr. Vasco Wenceslau Pereira de Macedo que deve ser filho do tenente Vasco Pereira de Macedo do § 7.º, teve de seu consorcio:

4-1 Valentim Pereira de Macedo, casado com Mercedes Simões Pires com descendencia no 4-3 do 3-1 deste paragrapho.

4-2 Leonor Pires de Macedo
4-3 José Augusto Pereira de Macedo, casado com Anna Freitas
4-4 Rufino Vasco Pereira de Macedo, casado com Adelaide Neves. Teve os seguintes filhos:

5-1 Octavio Pereira de Macedo
5-2 Herculano Pereira de Macedo
5-3 Antonio Pereira de Macedo
5-4 José Pereira de Macedo
5-5 Julio Pereira de Macedo
5-6 Ondina Pereira de Macedo
5-7 Amarilde Pereira de Macedo
5-8 Maria da Gloria Pereira de Macedo
5-9 Maria do Carmo Pereira de Macedo

4-5 Maria Joaquina Pereira de Macedo, casada com Lydio da Costa Oliveira. Filhos:

5-1 Isidoro Macedo de Oliveira
5-2 Vasco Macedo de Oliveira
5-3 Eduardo Macedo de Oliveira, casado com..... Teve:

6-1 José Macedo de Oliveira
6-2 Maria Macedo de Oliveira

3-3 Benta Simões Pires, casada com João da Motta e Silva. Filhos:

4-1 Antonio José da Motta, casado com Consolação Estulano de Brittes com os filhos:

5-1 Octavio Motta
5-2 Octacilio Motta
5-3 Izaura Motta
5-4 Dulce Motta
5-5 Maria Motta

4-2 Rodolfo Pires da Motta, casado com Josefina Neves da Fontoura (Tit. Fontoura). Filhos:

5-1 João da Fontoura Motta
5-2 Benta da Fontoura Motta
5-3 Maria da Gloria Motta
5-4 Julia Motta
5-5 Olga Motta
5-6 José da Fontoura Motta
5-7 Clara Josefina Motta
5-8 Isidoro Motta
5-9 Olinda Motta

4-3 Edmundo Dantas da Motta, casado com Herminia Corrêa Cavalheiro, com a seguinte descendencia:

5-1 Ondina Motta
5-2 Miguelina Motta
5-3 Benta Motta
5-4 Maria Motta, casada com Lucresio Pires de Freitas, (5-2, 4-10, 3-1 do § 9.º).
5-5 Ely Motta
5-6 João Motta
5-7 Edmundo Motta

4-4 Ambrosina Simões Pires Motta
4-5 Zeferina Pires da Motta

4-6 Mercedes Pires da Motta
4-7 Amanda Pires da Motta
4-8 João Pires da Motta

3-4 Joaquim Simões Pires, casado com Joanna de Deus Pires, 3-6 do § 9.º. Teve:

4-1 Palmyra Simões Pires, casada com Emilio Partichelli com os filhos:

5-1 Joaquim Partichelli
5-2 Vicentina Partichelli
5-3 Aura Partichelli, casada com o dr. Francisco de Paula Soares, com 4 filhos:

6-1 Francisco de Paula Soares
6-2 Raymundo Soares
6-3 Helena Soares
6-4 Aura Soares

3-5 Zeferina Simões Pires, casada com Antonio Simões Franco, 3-2 do § 2.º. Teve 6 filhos:

4-1 Joaquim Simões Pires
4-2 Julio Simões Pires
4-3 Alvaro Simões Pires, casado com Constança Simões Pires. Filhos:

5-1 Djanira Simões Pires
5-2 Aristotelina Simões Pires
5-3 Alcebiades Simões Pires
5-4 Maria Simões Pires

4-4 Odorico Simões Pires, casado com ..... Filho:

5-1 Enio Simões Pires

4-5 Virissimo Simões Pires
4-6 Maria do Carmo Simões Pires

3-6 Rita Simões Pires, casada com João Pacheco de Moraes e Castro. Teve os seguintes filhos:

4-1 General Ildefonso Pires de Moraes e Castro, casado com Branca Taroco. Filhos:

5-1 Helio Castro
5-2 Nestor Castro
5-3 Alena Castro
5-4 Clotilde Castro

4-2 Maria Eulalia Pires de Castro
4-3 Januario Pires de Castro
4-4 Vicentina Pires de Castro, casada com Adolfo Carneiro da Fontoura (Tit. Fontoura)
4-5 Maximiliano Pires de Castro, casado com..... Teve:

5-1 Dauro Pires de Castro
5-2 Alvaro Pires de Castro
5-3 Pery Pires de Castro
5-4 Alicina Pires de Castro
5-5 Rita Pires de Castro

4-6 General João Luis Pires de Castro, casado com Laura Praia, com 11 filhos:

5-1 Fernandina Pires de Castro
5-2 Alvaro Pires de Castro, casado com Octacilia Canto. Teve:

6-1 Juracy Pires de Castro
6-2 Suely Pires de Castro
6-3 Jacy Pires de Castro
6-4 Glacy Pires de Castro
6-5 Ney Pires de Castro

5-3 Edgard Pires de Castro
5-4 Juremyr Pires de Castro, casado com Nair Fernandes, com dois filhos:

6-1 Jaul Pires de Castro
6-2 Leda Zulina Pires de Castro

5-5 Jaul Pires de Castro
5-6 Oscar Pires de Castro
5-7 Yvone Pires de Castro
5-8 Olga Pires de Castro, casada com Emilia Mantelli com os seguintes filhos:

6-1 Clovis Mantelli
6-2 Yone Mantelli
6-3 Celia Mantelli
6-4 Eunice Mantelli
6-5 Lygia Mantelli

5-9 Judith Pires de Castro
5-10 Odette Pires de Castro, casada com Brenno Mariante Costa, com um filho:

6-1 Rubem

5-11 Lauro Pires de Castro, casado com Elvira Hasperoy. Tem:

6-1 Gecy Pires de Castro
6-2 Laura Pires de Castro
6-3 Norma Pires de Castro
6-4 Lourdes Pires de Castro

3-7 Umbellina Simões Pires, casada com Raymundo José da Motta com 6 filhos:

4-1 Brasilina Pires da Motta, casada com Silverio José dos Santos.
4-2 Trajano Pires da Motta, casado com Vicentina Borges (4-5, 3-9 do § 9.º), com a descendencia:

5-1 Innocencio Borges da Motta, casado com Estella Pires de Macedo com descendencia em 5-3 do 4-3, 3-1 deste paragrapho
5-2 Umbellina Borges da Motta, casada com Adolfo Kierling, com os seguintes filhos:

6-1 Walther Kierling
6-2 Odette Kierling
6-3 Nilza Kierling
6-4 Victor Kierling
6-5 Irajá Kierling
6-6 Estella Kierling

5-3 Arthidor Borges da Motta
5-4 Godofredo Borges da Motta, casado com Francisca Simões Corrêa. Filhos:

6-1 Cléo Corrêa da Motta
6-2 Cleono Corrêa da Motta
6-3 Clovis Corrêa da Motta

5-5 Antão Borges da Motta
5-6 Raymundo Borges da Motta, casado com Emilia Simões Corrêa, com os seguintes filhos:

6-1 Walmor Corrêa Motta
6-2 Iracema Corrêa Motta

4-3 Augusto Pires da Motta, casado com Luciana Ribeiro Saldanha, com os filhos seguintes:

5-1 Trajano Motta
5-2 Addy Motta
5-3 Umbellina Motta
5-4 Palmyra Motta
5-5 Godofredo Motta

4-4 Edmundo Pires da Motta, casado com Corina Simões Pires
4-5 Arthur Pires da Motta, casado com Josefina Fontoura Santos. Filhos:

6-1 Rubem Santos Motta
6-2 José Santos Motta
6-3 Galeno Santos Motta
6-4 Jacy Santos Motta

4-6 Gabriella Pires da Motta.

3-8 José Gonçalves Simões Pires, casado com Januaria Simões Pires (3-5 do § 2.º). Teve o casal:

4-1 Zeferino de Paula Simões Pires
4-2 Julio Simões Pires
4-3 Lydio Simões Pires
4-4 Alzira Simões Pires
4-5 Maria do Carmo Simões Pires, casada com Manoel Barcellos. Filhos:

5-1 Ida Pires de Barcellos
5-2 Maria José Pires de Barcellos
5-3 Alzira Pires de Barcellos
5-4 Medora Pires de Barcellos

3-9 Elisbella Simões Pires, ultima filha de Joaquim Simões Pires, § 6.º, foi casada com José Gonçalves de Faria, com descendencia em 4-2 do 3-1 do § 11.º

§ 7.º

2-7 Luciana Prudencia Simões Pires, nasceu em 1816 e casou em 1840 com José Saldanha Pereira de Macedo, filho do tenente Vasco Pereira de Macedo e Leonor Quirina de Saldanha. Neto paterno do alferes Manoel de Macedo e de Maria dos Santos Ferreira, naturaes do Rio Pardo e n. m. do coronel engenheiro José de Saldanha e Anna Thomazia de Andrade. Por estes, bisneto do dr. Duarte Rebello de Saldanha e Leonor Thereza da Silva, naturaes de Lisbôa e do tenente de dragões Joaquim Thomaz de Andrade e Maria Joaquina de Assumpção, que residiram em Rio Pardo. Teve o casal 7 filhos:

3-1 José Daniel Saldanha
3-2 Vicente Saldanha
3-3 Vasco Saldanha
3-4 Anna Saldanha

3-5 Maria do Carmo Saldanha
3-6 Francisca Saldanha
3-7 Leonor Saldanha

3-1 José Daniel Saldanha foi casado com Adelina Ribeiro de Andrade e teve, entre outros filhos:

4-1 Gilda Saldanha, casada com João Antonio Simões Pires, com geração em 5-2, 4-2, 3-1 do § 6.º.

3-2 Vicente Saldanha, foi casado com Palmyra de Oliveira Valle
3-3 Vasco Saldanha, casado com Izaltina Azambuja (Tit. Azambuja) teve, entre outros filhos:

4-1 Hilda Azambuja Saldanha, casada com Priamos Pires de Macedo, com descendencia em 5-7, 4-3, 3-1 do § 6.º.

3-4 Anna Saldanha, casada com Henrique Marcolino de Figueiredo Moreira, filho de Rodrigo José de Figueiredo Moreira, natural de Minas Geraes, e Henriqueta Emilia de Figueiredo Moreira, natural do Rio de Janeiro.

3-5 Maria do Carmo Saldanha, solteira.
3-6 Francisca Saldanha, casada com Franco Rodrigues Ferreira
3-7 Leonor Saldanha

§ 8.º

2-8 Gaspar Simões Pires, nasceu em 1795 e residia em 1849 na Encruzilhada, onde estava casado com Florinda de Lima. Teve dez filhos:

3-1 Julia Simões Pires
3-2 Iria de Lima Pires
3-3 Innocencia Simões Pires
3-4 Florindo de Lima Simões Pires
3-5 José de Lima Simões Pires
3-6 Gaspar de Lima Simões Pires
3-7 Florinda de Lima Simões Pires Santos
3-8 Francisca de Lima Simões Pires
3-9 Placido de Lima Simões Pires
3-10 Maria do Carmo Simões Pires

3-1 Julia Simões Pires foi casada com Felippe Noronha. Teve entre outros filhos:

4-1 General dr. Oscar Noronha, casado com Ercilia Bello Barbedo. Filhos:

5-1 Dr. Oscar Noronha, advogado
5-2 Noemia Noronha, casada com Setembrino Cigaran.

3-2 Iria de Lima Pires, que foi a primeira mulher do tenente coronel Francisco Jorge Simões Pires, com descendencia em 3-3 do § 1.º.
3-3 Innocencia Simões Pires, solteira.
3-4 Florindo de Lima Simões Pires
3-5 José de Lima Simões Pires
3-6 Gaspar de Lima Simões Pires
3-7 Florinda de Lima Simões Pires
3-8 Francisco de Lima Simões Pires
3-9 Placido de Lima Simões Pires
3-10 Maria do Carmo Simões Pires, foi casada com..... Moreira e teve, entre outros filhos:

4-1 Gonçalina Pires Moreira, casada em primeiras nupcias com o senador Florencio Carlos de Abreu e Silva e em segundas com o general Carlos Rezin Filho. Era o senador Florencio filho de João Luis de Abreu e Silva, natural da Bahia e de Antonia Carolina Ribeiro Lima, filha do tenente João da Silva Ribeiro Lima e Ursula Maria. Bisneto, pelo tenente João Ribeiro, de Manoel da Silva Duraens e de Maria Josefa, e por Ursula, de Antonio Alves Guimarães e Mariana de Jesus, esta filha de Francisco Xavier de Azambuja e sua mulher Rita Menezes. Foi em primeiras nupcias casado com Maria José de Abreu e Silva, com descendencia em Tit. Azambuja. Teve o casal as seguintes filhos

5-1 Lavinia de Abreu e Silva casada com Otto Schilling. Filhos:

6-1 Margarida Schilling, falleceu solteira
6-2 Luis Schilling, falleceu solteiro
6-3 Lavinia Schilling, casada com o major aviador do Exercito Nacional Bento Ribeiro Carneiro Monteiro, filho do marechal Bento Manoel Carneiro Monteiro e Izabel Machado, neto paterno do marechal Victorino José Carneiro Monteiro, Barão de São Borja e de sua mulher Benevenuta Ribeiro Carneiro Monteiro, filha do marechal Bento Manoel Ribeiro e sua mulher Maria Mancio da Conceição (Tit. Ribeiro de Almeida). Tem o casal a filha:

7-1 Regina Izabel Bento Monteiro, menor

6-4 Beatriz Schilling, casada
6-5 Florencio Carlos Schilling, casado
6-6 Gonçalina Schilling, casada
6-7 Jorge Schilling, solteiro

5-2 Dr. em engenharia Felix de Abreu e Silva, fiscal federal da Viação Ferrea do Rio Grande do Sul, casado com Edelvira Leyraud, com tres filhos:

6-1 Paulo de Abreu e Silva, fallecido solteiro
6-2 Adelina de Abreu e Silva
6-3 Maria de Lourdes de Abreu e Silva

5-3 Desembargador Florencio Carlos de Abreu e Silva, Chefe de Policia do Estado e Presidente do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, casado com Wanda Sarmanho. Filhos:

6-1 Alzira de Abreu e Silva
6-2 Ruth de Abreu e Silva
6-3 Lavinia de Abreu e Silva
6-4 Antonio Carlos de Abreu e Silva

§ 9.º

2-9 Vicente de Paula Simões Pires em 1849 residia na Cachoeira, sendo casado com Barbara Xavier de Freitas. Falleceu entre 1880 a 1885 com 76 annos de idade. Teve de seu matrimonio os 9 filhos:

3-1 Custodio Simões Pires
3-2 José Simões Pires
3-3 Vicente Simões Pires
3-4 Rafael Simões Pires
3-5 João Carlos Simões Pires
3-6 Joanna de Deus Simões Pires
3-7 Sergio Simões Pires
3-8 Francisca Simões Pires
3-9 Maria Xavier Simões Pires

3-1 Custodio Simões Pires, casado com Francisca Martins. Teve:

4-1 Felix Simões Pires, casado com Amelia Freitas com 13 filhos:

5-1 Francisca Simões Pires, casada com João Baptista Simões Pires
5-2 Pulsiana Simões Pires
5-3 Amelia Simões Pires
5-4 Innocencio Simes Pires
5-5 Custodio Simões Pires
5-6 Barbara Ricarda Simões Pires
5-7 Pedro Simões Pires
5-8 Lucrecio Simões Pires
5-9 João Vicente Simões Pires
5-10 Margarida Simões Pires
5-11 Maria do Carmo Simões Pires
5-12 Antonio Simões Pires
5-13 Felix Simões Pires

4-2 João Vicente Simões Pires, casado com Virginia Barreto. Com:

5-1 Romeu Simões Pires
5-2 Celina Simões Pires, casada com Arthur Jaeger. Filho:

6-1 Iria Simões Pires Jaeger

5-3 Eugenia Simões Pires

4-3 Octavio Simões Pires, casado com Marfisa Freitas. Com 11 filhos:

5-1 Florindo Simões Pires
5-2 Pedro Simões Pires
5-3 Margarida Simões Pires, casada com Sebastião Pires da Motta. Tem:

6-1 Caio Simões Pires

5-4 Custodio Simões, casado com Iracema Carvalho. Tem:

6-1 José Carlos Pires da Motta
6-2 Liz Helena Pires da Motta
6-3 Noemio Simões Pires

5-5 Calixto Simões Pires

5-6 Pulsiana Simões Pires, casada com Adhemar Magalhães Ferreira, com dois filhos:

6-1 Victor Hugo Magalhães Ferreira
6-2 Maria Thereza Magalhães Ferreira

5-7 Felix Simões Pires
5-8 Felicio Simões Pires
5-9 Maria do Carmo Simões Pires, casada com José Lucas da Costa. Filhos:

6-1 Nize Maria Costa
6-2 Lourdes Costa
6-3 Marfisa Costa
6-4 Ilka Costa
6-5 Ilo Costa

5-10 Silvana Simões Pires
5-11 Francisca Simões Pires

4-4 Calixto Simões Pires, casado com Edelmira Simões Pires 4-1 do 3-4 do § 9.º. Filhos:

5-1 Virginia Simões Pires
5-2 Cezarina Simões Pires
5-3 Natalia Simões Pires

4-5 Vicente de Paula Simões Pires, casado com Ondina Simões Pires (4-2 do 3-4 do § 9.º) em primeiras nupcias e em segundas com Olga Brum

4-6 Virgilina Simões Pires, casada com Affonso Simões Pires, (4-6 do 3-1 do § 6.º).

4-7 Elmira Simões Pires, casada com Maximiliano Neubauer. Filhos:

5-1 Custodio Neubauer, casado com Umbellina Pires da Motta, com descendencia no 5-12, 4-7 do 3-1 do § 6.º.

5-2 Docelina Neubaeuer, casada com José Joaquim Ferreira de Magalhães. Com a seguinte descendencia:

6-1 Otto Magalhães
6-2 Joaquim Magalhães

6-3 Maximiliano Magalhães
6-4 Assis Magalhães
6-5 Elmira Magalhães
6-6 Julia Magalhães
6-7 Cecilia Magalhães

5-3 Octavio Neubauer, casado com Nondinha Vargas. Filho:

6-1 Elmiro Neubauer

4-8 Gasparina Simões Pires, casada com Affonso Faria Corrêa. Com 4 filhos:

5-1 Affonso Faria Corrêa
5-2 Feliciano Faria Corrêa
5-3 Francisca Faria Corrêa, casada com Godofredo Borges Motta, com descendencia em 5-4, 4-2, 3-7 do § 6.º.

5-4 Maria do Carmo Faria Corrêa, casada com Rafael Simões Pires. Teve:

6-1 Ubirajara Simões Pires
6-2 Gasparina Simões Pires
6-3 Maria Simões Pires

4-9 Natalia Simões Pires, casada com Belchior Netto de Canto e Bem. Tem:

5-1 Indio Pires do Canto
5-2 Emma Pires do Canto, casada com o dr. José Felix Garcia, medico, residente em Cachoeira

4-10 Almerinda Simões Pires, casada com João Rodrigues de Freitas. Filhos:

5-1 Custodio Pires de Freitas
5-2 Lucrecio Pires de Freitas, casado com Maria Motta, 5-4, 4-3, 3-3 do § 6.º.

4-11 Maria do Carmo Simões Pires, casada com Liberato Rodrigues de Freitas. Sem descendencia.

3-2 José Simões Pires, o Juca de S. Gregorio de alcunha, casado com Leonida Canabarro, viuva do general David Canabarro. Sem descendencia.

3-3 Vicente Simões Pires, solteiro.

3-4 Rafael Simões Pires, casado com Cezarina Fernandes, com 4 filhos:

4-1 Edelmira Simões Pires, casada com Calixto Simões Pires, com descendencia no 4-4 do 3-1 deste paragrapho.
4-2 Ondina Simões Pires, casada com Vicente de Padua Simões Pires, 4-5 do 3-1 do § 9.º.
4-3 Rafael Simões Pires
4-4 Fructuoso Simões Pires.

3-5 João Carlos Simões Pires, casado com Leonidia Simões Pires.

3-6 Joanna de Deus Simões Pires, casada com Joaquim Simões Pires, já descripto e com descendencia em 3-4 do § 6.º.

3-7 Sergio Simões Pires, casado com Umbellina Simões Pires. Sem descendencia.

3-8 Francisca Simões Pires, casada com João Corrêa da Silva. Teve:

4-1 Vicente de Paula Pires Corrêa, casado com Almerinda Virissimo da Fonseca. Com a geração:

5-1 Albery Fonseca da Silva
5-2 Celeste Fonseca da Silva
5-3 Clary Fonseca da Silva, casada com o dr. Custodio de Moraes Chaves

4-2 Ondina Pires Corrêa, casada com Antonio da Costa Ribeiro. Filhos:

5-1 João da Silva Ribeiro
5-2 Antonio da Silva Ribeiro
5-3 Regina da Silva Ribeiro

4-3 Regina Pires Corrêa, casada com Florencio Travassos. Filha:

5-1 Gemina Corrêa Travassos

4-4 Castorina Pires Corrêa, casada com o tenente F. Evangelho

4-5 Arthur Pires Corrêa, casado com Alzira Brum. Teve:

5-1 João Corrêa
5-2 Francisco Corrêa
5-3 Oride Corrêa
5-4 Hygino Corrêa

4-6 Theodosio Pires Corrêa
4-7 Gemina Pires Corrêa, casada com o dr. Thomaz Rocha.

3-9 Maria Xavier Simões Pires, ultima filha de Vicente de Paula Simões Pires, casada com Innocencio Antonio Borges (Tit. Fortes). Teve os 6 seguintes filhos:

4-1 Carlos Antonio Borges, casado com Julia Neves da Fontoura (Tit. Fontoura). Teve:

5-1 Vicentina Fontoura Borges, que foi casada com Garibaldino Soares de Almeida, fallecido com 71 annos, na Cachoeira, em 11-VI-1930 (Tit. Fortes). Deixou os filhos:

6-1 Hugo Borges Soares
6-2 Menandro Borges Soares
6-3 Maria Borges Soares, casada com o tenente Ernani Mazzini Freire

5-2 Ophelia da Fontoura Borges, casada com o dr. Benjamim Camozatto, residente em Porto Alegre. Filhos:

6-1 Walmor Camozatto
6-2 Wanda Camozatto
6-3 Weimar Camozatto

5-3 Maria Xavier da Fontoura Borges, casada com Luis Almada. Tem:

6-1 Jorge Borges Almada
6-2 Clara Borges Almada

5-4 Coriolano da Fontoura Borges, solteiro
5-5 Isidoro da Fontoura Borges, solteiro
5-6 João da Fontoura Borges, casado com Amalia Virissimo da Fonseca. Com tres filhos:

6-1 Carlos da Fonseca Borges
6-2 João da Fonseca Borges
6-3 Ruy da Fonseca Borges

5-7 Innocencio da Fontoura Borges casado 1.º com Doralice Lorentz e 2.º com Leocadia Rossi. Filhos: do 1.º matrimonio:

6-1 Doralice Lorentz Borges
Do 2.º matrimonio:
6-2 Lysandro Rossi Borges
6-3 Noemia Rossi Borges
6-4 Noemy Rossi Borges
6-5 Iria Rossi Borges

5-8 Antonio da Fontoura Borges, casado com Inalda Costa. Tem:

6-1 Celso Costa Borges
6-2 Carlos Costa Borges
6-3 Fernando Costa Borges

5-9 Clara da Fontoura Borges, solteira.

4-2 Innocencia Pires Borges, casada com Ramão Lopes da Rosa. Filhos:

5-1 Dr. Innocencio Borges da Rosa, viuvo de Amelia Mello. Sem descendencia
5-2 Theodorico Borges da Rosa
5-3 Rita Borges da Rosa

4-3 Anna Barbara Pires Borges, casada com José Virissimo Simões Pires, com descendencia já descripta em 4-2, 3-1 do § 6.º.

4-4 Maria Joaquina Pires Borges, casada com Affonso Gonçalves de Faria, com descendencia em 4-3, 3-1 do § 11.º.

4-5 Vicentina Pires Borges, casada com Trajano Motta, com descendencia em 4-2, 3-7 do § 6.º.

4-6 Agueda Francellina Pires Borges, casada com o dr. Antonio Augusto Simões Pires, com descendencia já descripta em 4-4, 3-1 do § 6.º.

§ 10.º

2-10 Manoel Simões Pires, nasceu em 1792 e estava em 1849 residindo eem Encruzilhada e casado com Rosa Agueda de Mattos. Teve o casal 10 filhos; sobre os quaes pouco descobrimos:

3-1 Catharina Simões Pires Franco
3-2 Ignez Carolina Pires
3-3 Emerenciana Marcolina Pires
3-4 Umbellina Simões Pires
3-5 Maria Eulalia Simões Pires
3-6 Anna Eulalia Simões Pires
3-7 Antonio Manoel Simões Pires
3-8 Israel Simões Pires
3-9 Ezequiel Simões Pires
3-10 Manoel Simões Pires

3-1 Catharina Simões Pires Franco, foi casada com.....
3-2 Ignez Carolina Pires, falleceu solteira, com testamento, na Encruzilhada, a 14-VIII-1910.
3-3 Emerenciana Marcolina Pires, falleceu tambem em estado de solteira, na Encruzilhada, com testamento, em 16-VII-1907
3-4 Umbellina Simões Pires
3-5 Maria Eulalia Simões Pires, gemea com a seguinte:
3-6 Anna Eulalia Simões Pires
3-7 Antonio Manoel Simões Pires
3-8 Israel Simões Pires
3-9 Ezequiel Simões Pires
3-10 Manoel Simões Pires .

§ 11.º

2-11 Maria Esmeria Simões Pires foi casada com Manoel José Ferreira de Faria, tendo o casal os 11 filhos seguintes:

3-1 Matheus José Ferreira de Faria
3-2 Antonio Ferreira de Faria
3-3 Manoel Ferreira de Faria
3-4 José Ferreira de Faria
3-5 Zeferino Ferreira de Faria
3-6 João Pires de Faria
3-7 Anna Ubaldina de Faria
3-8 Flora Belisa de Faria
3-9 Cecilia Pires de Faria
3-10 Maria Emilia de Faria
3-11 Rita Ferreira de Faria

3-1 Matheus José Ferreira de Faria foi casado com Umbelina Gonçalves de Freitas, filha de José Gonçalves de Freitas, Teve 7 filhos:

4-1 Delfino Faria, fallecido em 1854 com 16 annos.

4-2 José Gonçalves de Faria, casado com Elisbella Simões Pires, descripta em 3-9 do § 6.º. Teve o casal a seguinte descendencia de 24 filhos dos quaes só se sabe os nomes de 18:

5-1 Arnaldo Pires de Faria
5-2 José Pires de Faria
5-3 Luis Pires de Faria
5-4 Clodomiro Pires de Faria
5-5 Zeferino Pires de Faria
5-6 João Pires de Faria
5-7 Octaviano Pires de Faria
5-8 Pedro Pires de Faria
5-9 Rita Pires de Faria
5-10 Rosina Pires de Faria
5-11 Julia Pires de Faria

5-12 Eulina Pires de Faria
5-13 Appolinea Pires de Faria
5-14 Leonor Pires de Faria
5-15 Maria do Carmo Pires de Faria
5-16 Placides Pires de Faria
5-17 Aracy Pires de Faria
5-18 Matheus Pires de Faria

4-3 Affonso Gonçalves de Faria, casado com Maria Joaquina Pires Borges, descripta em 4-4, 3-9 do § 9.º. Filhos:

5-1 Antonio Borges de Faria, casado com Astrogilda de Freitas. Filhos:

6-1 Vicentina Faria, casada com o dr. Cicero Brenner

6-2 Pulciana Faria, casada com Darcy Lorentz

6-3 Maria Faria, solteira

6-4 Lucrecio Freitas Faria, casado com Ecilda Borges Pires, 5-9, 4-2, 3-1 do § 6.º. Filha:

7-1 Lenita Pires Faria

6-5 Liberato Freitas Faria, solteiro
6-6 Darcy Freitas Faria, solteiro
6-7 Antão Freitas Faria, solteiro
6-8 Eugenio Freitas Faria, solteiro
6-9 Affonso Freitas Faria, solteiro.

5-2 João Baptista Borges de Faria, casado
5-3 Umbellina Borges de Faria, casada com Pedro Maria da Conceição
5-4 Corina Borges de Faria, casada com Felicio Rodrigues de Freitas

5-5 Assumpção Borges de Faria, casada com Laureano Aldanaz. Filhos:

6-1 Affonso de Faria Aldanaz
6-2 Nicolau de Faria Aldanaz
6-3 Maria Antonia de Faria Aldanaz
6-4 Miguel de Faria Aldanaz

5-6 Anna Borges de Faria, casada com o dr. João Henrique
5-7 Herandina Borges de Faria, casada com Zeferino Pires de Faria
5-8 Affonsina Borges de Faria, casada com o dr. Severiano Simões Franco
5-9 Maria Xavier Borges de Faria, solteira.

4-4 Pedro Alexandrino Gonçalves de Faria, falleceu solteiro.

4-5 Dr. Antão Gonçalves de Faria, propagandista da Republica, engenheiro residente em Porto Alegre, casado em primeiras nupcias com Januaria de Magalhães, fallecida em 1894 e em segundas com Malvina Leseigneur em 1898. Filhos do 2.º consorcio:

5-1 Dr. Luis Leseigneur de Faria, casado em 1926 com Juracy de Castro. Tem:

6-1 Jorge Alberto de Faria
6-2 Gladys Maria de Faria
6-3 Maria Alice de Faria

5-2 Maria do Carmo Leseigneur de Faria, solteira
5-3 Lucilia Leseigneur de Faria, solteira
5-4 Esther Leseigneur de Faria, solteira
5-5 Margarida Leseigneur de Faria, solteira.

4-6 Delfina Ubaldina de Faria, casada com Isidro Corrêa Pinto, sem descendencia.
4-7 Maria do Carmo Faria, casada com Feliciano Corrêa da Silva com a descendencia:

5-1 Alzira Corrêa, casada com Ignacio de Quadros Loureiro

5-2 Umbellina Corrêa, casada com Turibio Brum
5-3 Joanna Corrêa, casada com Francisco Carvalho
5-4 Maria do Carmo Corrêa, casada com Francisco Fontoura Santos
5-5 Affonso de Faria Corrêa, casado
5-6 Feliciano de Faria Corrêa, casado.

3-2 Antonio Ferreira de Faria, casado com ..... e residente no Rio de Janeiro. Com os filhos:

4-1 Antonio Ferreira de Faria
4-2 Guilherme Ferreira de Faria.

3-3 Manoel Ferreira de Faria, casado com Luiza Faria. Teve:

4-1 Luiza Faria, casada e sem descendencia
4-2 Elisa de Faria
4-3 Eduardo de Faria, casado, com descendencia.

3-4 José Ferreira de Faria, casado na familia Baeta Neves, de Queluz, Minas Geraes, onde deixou descendencia.

3-5 Zeferino Ferreira de Faria, casado com America Celestina de Faria. Teve:

4-1 Dr. Zeferino de Faria, casado e com descendencia
4-2 Dr. Francklin de Faria, casado, com ..... Tem:

5-1 Maria Esmeria de Faria.

3-6 João Pires de Faria, casado com Anna Candida Teixeira. Filhos:

4-1 America Faria
4-2 Honorina Faria
4-3 Corina Faria
4-4 Adelaide Faria
4-5 Maria Joaquina Faria

3-7 Anna Ubaldina de Faria, casada com o capitão Alexandrino de Mello e Alencar. Teve os seguintes filhos:

4-1 Almirante Alexandrino Faria de Alencar, casado com Amelia Alencar, com os filhos:

5-1 Dr Armando de Alencar, casado
5-2 Amalia de Alencar, casada
5-3 Evangelina de Alencar, casada.

4-2 Maria Analia de Faria Alencar, falleceu solteira.
4-3 Evangelina de Faria Alencar, casada com o dr. João Carlos Leitão da Rocha, com descendencia.

3-8 Flora Belisa de Faria, casada com o major Manoel Leonel Alencar. Teve os seguintes filhos:

4-1 Manoel Leonel Alencar, fallecido
4-2 Maria Cecilia Alencar, casada com Affonso Coelho Borges. Filhos:

5-1 Manoel Borges, falleceu solteiro
5-2 Francisco Coelho Borges, casado com Alice Canteiro, filha de Manoel Alves Canteiro. Teve:

6-1 Dr. Affonso Coelho Borges, casado com Maria Berta, filha de José Berta e Nenê Berta. Sem descendencia.
6-2 Armando Coelho Borges, casado
6-3 Dr. Arthur Coelho Borges, solteiro
6-4 Alvaro Coelho Borges, solteiro

5-3 Affonso Coelho Borges
5-4 Helena Coelho Borges, que foi casada com o general Lino Carneiro da Fontoura (Tit. Fontoura). Tem:

6-1 Dadinha, casada com ..... Bocayuva. Filhos:

7-1 Annita
7-2 Geraldo
7-3 Jorge

6-2 Tenente Manoel Carneiro da Fontoura, solteiro
6-3 Regina Carneiro da Fontoura, solteira
6-4 Maria Carneiro da Fontoura, solteira
6-5 Esther Carneiro da Fontoura, casada com Augusto Romulo. Tem:

7-1 Zilah

6-6 Tenente Lino Carneiro da Fontoura, solteiro
6-7 Clotilde Carneiro da Fontoura, solteira
6-8 Helena Carneiro da Fontoura

5-5 Flora Coelho Borges, casada com Pedro Affonso de Leão, filho de José Manoel de Leão e Maria Emilia de Carvalho Leão, n. p. de Manoel José de Leão e de Clara Carvalho de Leão, este filho do tenente Manoel José de Leão, natural da Laguna e sua mulher Maria Antonia de Jesus, e Clara filha de José Carvalho da Silva e Anacleta Faustino de Santanna, (Tit. Carvalho). Teve:

6-1 Maria Cecilia de Leão, casada com o jornalista e deputado estadual Othelo Rosa. Filhos:

7-1 Zuleika
7-2 Zilah

6-2 Dr. José Borges de Leão, casado
6-3 Martha de Leão, casada com dr. Paulo Franco dos Reis, filho de Boaventura dos Reis e Ermelinda Franco dos Reis. Tem:

7-1 Carlos Alberto dos Reis

6-4 Mario de Leão, casado com Genny Ramos, filha de Luis Ramos e Izabel Ramos. Sem descendencia.
6-5 Sebastião Affonso de Leão, solteiro.

5-6 Anna de Alencar, casada com Francisco Pinto de Azambuja
5-7 Praxedes de Alencar, falleceu solteira.

3-9 Cecilia Pires de Faria, casada com Joaquim José de Oliveira Lima. Com a seguinte geração:

4-1 Capitão João Faria de Oliveira Lima, casado, tendo, entre outros filhos:

5-1 Dr. João Faria de Oliveira Lima

4-2 Antonio Silvestre de Oliveira Lima, casado.
4-3 Affonso de Oliveira Lima, falleceu solteiro
4-4 Cecilia de Faria Lima, falleceu solteira
4-5 Adelaide de Faria Lima, solteira
4-6 Joaquim de Oliveira Lima, casado

3-10 Maria Emilia de Faria foi casada com Joaquim Antonio Corrêa. Teve de seu matrimonio os 6 filhos que seguem:

4-1 Mariana Corrêa, casada com Antonio da Rocha Quebrada. Filhos:

5-1 Eurico da Rocha
5-2 Leovegildo da Rocha, fallecido
5-3 José Octavio da Rocha, casado com Julieta Silva. Tem:

6-1 Nancy Rocha
6-2 Alba Rocha
6-3 Sybilla Rocha, fallecida solteira
6-4 Pedro Paulo da Rocha, casado com Yolanda Alvares, com dois filhos:

7-1 Rodney Rocha
7-2 Norma Rocha

6-5 Nilo Rocha, casado com Maria Marsiaj filha de Eduardo Marsiaj e Aura Marsiaj. Com um filho:

7-1 Sergio Marsiaj Rocha.

6-6 Heitor Rocha, solteiro
6-7 Clovis Rocha, solteiro

5-4 Maria Emilia da Rocha, solteira.

4-2 Major Joaquim Faria, casado em primeiras nupcias em Minas Geraes onde deixou descendencia e em segundas em Matto Grosso, com Anna de Campos, com os seguintes filhos, do 2.º matrimonio:

5-1 Octaviano Faria, fallecido
5-2 Antonia Faria, casada com Henrique Laranjeira Schultz. Filhos:

6-1 Othilia de Faria Schultz
6-2 Oscar de Faria Schultz

5-3 Maria Emilia de Faria, falleceu solteira
5-4 Othilia de Faria, solteira
5-5 Odorico Ferreira de Faria, casado com Maria Elisa Fernandes. Filha:

6-1 Maria Faria

5-6 Oscar Corrêa de Faria, casado com Constança Guimarães. Filhos:

6-1 Anna Faria
6-2 Dagoberto Guimarães de Faria
6-3 Delmar Guimarães de Faria
6-4 Dyocildes Guimarães de Faria

5-7 Clelia de Faria, casada com o dr. Oscar Rodrigues Dornelles, com dois filhos:

6-1 Nelson de Faria Dornelles
6-2 Suelly de Faria Dornelles

5-8 Agenor Corrêa de Faria, casado com Gasparina Palmeiro. Tem:

6-1 Esther Palmeiro de Faria
6-2 Judith Palmeiro de Faria
6-3 Rachel Palmeiro de Faria

5-9 Wanda de Faria, casada com o capitão, dr. Jeronymo Teixeira Braga com cinco filhos:

6-1 Celia de Faria Braga
6-2 Clelia de Faria Braga
6-3 Annita de Faria Braga
6-4 Clovis de Faria Braga
6-5 Agenor de Faria Braga

5-10 Debora de Faria, falleceu solteira
5-11 Maria de Faria, falleceu solteira.
5-12 Aura Corrêa Faria, solteira.

3-11 Rita Ferreira de Faria, ultima filha de Maria Esmeria, § 11.º, foi casada com Vicente Ferreira Guimarães e teve 8 filhos:

4-1 José Guimarães, falleceu solteiro
4-2 Antonio Guimarães, falleceu solteiro
4-3 Manoel Guimarães, existe ainda solteiro
4-4 Joaquina Guimarães, falleceu solteira
4-5 Rita Guimarães, falleceu solteira
4-6 Maria do Carmo Guimarães, falleceu solteira
4-7 Vicencia Guimarães, falleceu solteira
4-8 Propicia Gnimarães, casada com Marcellino Eduardo da Costa, teve, entre outros filhos:

5-1 João de Faria Costa, casado e com descendencia.

§ 12.º

2-12 Agueda Francellina Simões Pires, foi casada duas vezes: a primeira com José Thomé Salgado e a segunda com seu sobrinho dr. Antonio Alves de Azambuja, sem descendencia deste. José Thomé Salgado era filho do sargento-mór Joaquim Pedro Salgado, natural de São Silvestre do Gradil, Patriarchado de Lisbôa, filho de José Rodrigues Salgado e Anna Rita do Carmo, e de sua mulher Joaquina Rita de Andrade, filha do tenente de dragões Joaquim Thomaz de Andrade e sua mulher Maria Joaquina de Assumpção. Foi José Thomé casado em primeiras nupcias com Maria José de Abreu, com descendencia e era irmão do coronel Joaquim Pedro Salgado. Teve Agueda Francellina do 1.º matrimonio:

3-1 General Joaquim Sabino Pires Salgado, casado com Gertrudes Idalina de Abreu, filha do capitão de fragata José Ricardo de Abreu teve os seguintes filhos:

4-1 Carlos, fallecido em 20-IX-1876
4-2 Agueda de Abreu Salgado, casada com ..... Guilhon

4-3 Margarida de Abreu Salgado, casada com o dr. Pedro Simões Pires, filho de José Antonio Simões Pires, e Euzebia Ilha (4-2, 3-4 do § 9.º).

4-4 José Ricardo de Abreu Salgado, casado duas vezes

4-5 Antonio Alves de Abreu Salgado, falleceu solteiro

4-6 Joaquim Sabino de Abreu Salgado

4-7 Gertrudes de Abreu Salgado, casada com o general Claudino Freire, com descendencia.

§ 13.º

2-13 Francisca Fortunata Simões Pires. Era demente e falleceu solteira.

§ 14.º

2-14 ..... Não descobrimos o nome, tendo fallecido menor e sendo do sexo feminino.

VOCABULOS INDIGENAS NA GEOGRAPHIA RIOGRANDENSE

Lendo o tomo dos I e II trimestres, do anno V da Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul e vendo um exhaustivo e bem elaborado trabalho do coronel Souza Docca com o titulo que encima estas linhas, senti-me desvanecido por ver que no trabalho do mesmo illustrado escriptor, servio tambem de consulta, um pequeno trabalho meu: „Monographia do Municipio de São Jeronymo"; conforme lá está mencionado na bibliographia consultada.

Mas, vendo no trabalho do mesmo coronel Souza Docca, uma serie de incorrecções, quasi todas vindo dos autores citados no mesmo trabalho, inclusive o meu, cuja culpa das incorrecções foram as fontes de que lancei mão para sua confecção: venho, pedir venia, para fazer algumas rectificações, as quaes, relevem-me dizer, oriundas de verificações por mim feitas *in loco* e, portanto, julgo-as a expressão da verdade.

Não é meu intento, querer emendar o illustrado escriptor coronel Souza Docca, no seu bello trabalho que publicou, na pagina 91 do tomo citado, da Revista do Instituto.

A intenção que me leva, é exclusivamente, cooperar um pouco a suppressão de enganos ou erros que, commettidos por um, vão os mesmos passando de escriptor a escriptor, muita vez, sendo citados alguns destes, como merecedor de toda a fé, quando os erros vêm successivamente de um a outro, chegando-se a um ponto, que não se pode saber quem foi o primeiro.

Vem appello dizer como o P. Geraldo José Pauwels em seu trabalho: „Contribuição para o estudo dos conceitos de LIMITE e FRONTEIRA", exarado na mesma revista, a pagina 89: — „...que os cultores da nossa geographia abandonem, em quanto fôr possivel, o costume de fazer geographia de gabinete, e estudem, na medida das suas forças, os accidentes na propria natureza, ou pelo menos tratem de basear-se nos resultados das explorações modernas, quer nacionaes quer estrangeiras, em lugar de escrever uma obra nova pela compilação de outras já existentes, as quaes por sua vez se originaram da mesma maneira. Do geito que isso em grande parte tem ido até ágora, não raras vezes as proprias erratas se perpetuaram de um autor para outro." — E achando toda a razão nesse ennunciado, sinto-me forte em fazer as rectificações que ora faço e offereço.

Se nas citações erradas de qualquer municipio, cidade, lugar, rio, lagoa e etc., fosse por alguem que, tendo profundo conhecimento do assumpto, devidamente rectificado, creio que finalisar-se-ia por se obter, muita cousa, senão mathematicamente certa, mas, muitissimo approximada da verdade, cousa que, em muitos casos, estamos muito apartados.

Estas considerações as faço para que o illustre coronel Souza Docca, a quem admiro pela sua proficiente erudição sobre a nossa historia e geographia; não pense que pretendo emendar o seu trabalho, mas, para apontar que os enganos, são mais dos illustres autores que cita no mesmo, que rectificados, corrige muitos futuros enganos em citações de outros.

Rectificando algumas citações do distincto coronel, o faço tambem a mim proprio, no pequeno trabalho já citado: „Monographia do Municipio de S. Jeronymo", onde, quando o fiz, como já disse, consultando diversos autores, elaborei em erros involuntarios, mais tarde constatados *in loco*. Posteriormente, collaborando a pedido em um trabalho do Dr. Euclides de Castro Carvalho: „O Estado Sanitario do Rio Grande do Sul", sobre a „Hydrographia do Estado do Rio Grande doSul", já fiz algumas rectificações, mas, é um outro trabalho que ainda está eivado de erros, tirados de autores que consultei.

Assim, pedindo antecipadamente mil desculpas, vou fazer algumas rectificações, sobre cousas que estou perfeitamente certo, por trabalhos pessoalmente feitos, em levantamento de plantas de diversas zonas no municipio de S. Jeronymo, e tambem por já ter feito um esboço da planta deste Municipio.

O illustrado coronel Souza Docca, no trabalho citado, diz a pagina 103 da referida revista:

> 21) D. Marcos, arroio, nasce no mun. da Encrusilhada, no Rincão dos Job, a O. do cerro da Gabriela, e corre para NNE., até o ponto em que penetra no mun. de Rio Pardo, o qual limita com o de S. Jeronymo em um percurso de 5 klms. approximadamente, correndo para N. até sua barra. Seu curso total é de 30 klms. segundo Jannasch, DOP. e Cunha Lopes. Nos relatorios das turmas da C. C. G. B., porem, figura com o dobro, isto é: 60 klms. W. e Men. calculam em 27; Coi. e Nie. em 33 e o C. Eng. em 40.

Sobre o acima citado, ha uma cousa que impugno, como não sendo a expressão da verdade, e é, quando diz que: o arroio D. Marcos, *limita o municipio de Rio Pardo com o de S. Jeronymo em um percurso de 5 kilometros approximadamente*. Esse arroio nasce, incontestavelmente, no Municipio da Encrusilhada, penetrando no de Rio Pardo, indo desaguar no Jacuhy, mas, fica muito longe das divisas do Municipio de S. Jeronymo. Octavio de Faria não diz que elle limita S. Jeronymo e Rio Pardo e eu isto confirmo, porque, esse arroio, depois de penetrar neste ultimo municipio, delle não sahe até desaguar no Jacuhy, proximo ao passo chamado das Pederneiras. Fique pois devidamente annotada esta rectificação.

A pag. 178 diz:

> TABATINGAHY — c. taba-tinga-y, o rio da aldeia ou do barro branco. Arroio tributario do Jacuhy, no mun. de Rio Pardo; nasce por 2 galhos ao N. do cerro Agudo, do lado occidental da estrada que liga Rio Pardo á Encrusilhada e corre para NNO., em leito estreito e barrancoso, margeado de matto pelos dois lados, até sua foz, depois de um curso que DOP. e Jannasch calculam em 17 klms.; Cunha Lopes em 11; Selbach, em 26; o C. Eng. em 35 e nos trabalhos da C. C. G. B. figura com 58 klms. e tendo como tributarios a Sanga do Fernandes, com 5 klms. a do Pantano Grande, com 8 e a Funda, com 3. DAS. o menciona como tributario do Jaguarão e DOP. o localisa no mun. de S. Jeronymo, por determinar erradamente as divisas desse mun. com o de Rio Pardo.

E' um crasso erro da DOP. localisar esse arroio no municipio de S. Jeronymo e o coronel Souza Docca, merece to-

dos os encomios, quando diz que a mesma DOP isto o faz: *por determinar erradamente as divisas do mun. de S. Jeronymo com o de Rio Pardo.*

A pagina 103 diz:

> 25) Palmeira, arroio, no mun. de S. Jeronymo; corre de S. para N. em um percurso de 15 klms., até sua barra, segundo DOP. Jannasch calcula esse curso em 20 klms.

Existe no municipio de S. Jeronymo, nessa zona, uma sanga que nasce na Fazenda do Curral Alto, com o nome de Sanga da Palmeira, nome que logo adeante de suas nascentes perde para o de Sanga das Capivaras e depois de um percurso de cerca de 20 klms. desagua, com este nome, no rio Jacuhy. Esta sanga é conhecida por todos da zona, com o nome de Sanga das Capivaras, e todas as fazendas que banha, como sejam: Curral Alto, Fazenda do Meio, S. José, S. Thereza e Figueira, é conhecida por Sanga das Capivaras. Octavio de Faria elabora tambem no mesmo engano dizendo: Palmeira, arroio no mun. de S. Jeronymo.

Não ha, portanto, arroio da Palmeira.

Logo em seguida a mesma pag. diz:

> 26) Cavalhada, este arroio, como o recem mencionado corre no mun. de S. Jeronymo.

Outro engano capital. Entre o arroio Francisquinho, divisa do municipio, e o Arroio Conde; o rio Jacuhy tem por affluentes tres sangas. A primeira, descripta acima, nasce com o nome de Palmeira, tomando immediatamente o de Sanga das Capivaras e com este desagua no Jacuhy; a segunda é a Sanga do Jacaré que nasce na fazenda dos Primeiros Campos, proximo a Lagoa do mesmo nome, e vem lançar-se no rio Jacuhy depois de cortar as fazendas: Novilho, S. José e Figueira, e a terceira: a do Gallego, a menor de todas, que nasce em terras da fazenda S. Thereza e depois de banhar esta fazenda e cortar a fazenda da Figueira, lança-se no Jacuhy.

Nenhuma dessa sangas são mencionadas por Octavio de Faria em seu Diccionario, e são os unicos cursos dagua existentes no Municipio de S. Jeronymo, que desaguam no rio Jacuhy, pela margem direita, entre o arroio Francisquinho e o arroio Conde.

Em 1922, fiz um trabalho que denominei: „Esboço da Planta do Municipio de S. Jeronymo"; feito e publicado por ordem do então Intendente Municipal; e nelle mencionei as tres sangas, mas considerando-as secundarias não mencionei os nomes. Posteriormente notei que a localisação na planta, das referidas sangas, estava errada, pois verifiquei que nem todas desaguam em frente a Ilha do Curral Alto, existinte no rio Jacuhy, como acha-se na mesma planta.

Assim pois fica rectificado que: o arroio da Palmeira é a Sanga das Capivaras; que não existe o arroio Cavalhada e finalmente da existencia de mais duas sangas, naquelle trecho do rio Jacuhy, com os nomes de: Sanga do Jararé e Sanga do Gallego.

Ainda diz à pagina 103:

> 27) Conde, arroio, tem suas vertentes na encosta setentrional da serra do Herval, no mun. de S. Jeronymo e corre na direcção SSO-NNE até sua foz, em um percurso de cerca de 37 klms., segundo DOP e o C. Eng. Cunha Lopes, o calcula em 50 klms. e Jannasch em cerca de 40.

Sobre esse arroio peço venia para fazer a seguinte rectificação.

O arroio Conde nasce no Serro do Roque, em terras pertencentes hoje a Donario de Almeida Leite, no 6.º districto, toma a direcção SSO NNE até a Fazenda do Leão, dahi toma a direcção N. e depois de uma larga curva, inflete novamente para a primitiva direcção e depois de banhar as fazendas: Boa Vista, Leão, Curral Alto, S. José, Espigão, Conde, S. Thereza e Flor do Conde, lança-se no rio Jacuhy, com um curso muito approximado a 55 kilometros. Este arroio é navegavel em um pequeno trecho de sua foz, tendo proximo a esta o Porto Coronel Carvalho, por onde se faz o embarque do carvão mineral extrahido das minas Butiá e Recreio.

Fica assim rectificada a descripção do arroio Conde.

Mais adeante a mesma pagina, diz:

> 28) Porteirinha, como o precedente, desce do Curral Alto e corre na mesma direcção até sua embocadura em frente a barra do Taquary. Seu curso é para DOP de 12 klms.; Cunha Lopes, calcula em 30 e o C. Eng. em cerca de 90! W. e Men. em 22 approximadamente e o figura como desaguando a L. da villa de S. Jeronymo, nas Xarqueadas: Coi. e Nic. e Jannasch em 24., tendo, porem, a foz a O. da villa referida.

Esta descripção tem uma serie de absurdos e necessario se torna uma severa rectificação. A sua nascente é diametralmente opposta a mencionada, e a sua foz fica muito distante da foz do Taquary, assim como não fica a L. da villa, nem fica em Xarqueadas, ficando tambem, em lado completamente opposto.

O arroio Porteirinha tem suas nascentes no 5.º districto, no Serro do Raposo, por dois galhos, os quaes unidos descem em direcção N. e banha diversos terrenos de pequenos proprietarios no mesmo districto e penetra na Fazenda de Jaiminho Chagastelles e na de Antonio Custodio no 1.º districto, divide a Fazenda da Lagoa da Fazenda Flor do Conde e lança-se no Jacuhy um pouco acima do porto Pereira Cabral, a O. da villa de S. Jeronymo e a cerca de tres kilometros acima da mesma villa; tendo de curso muito approximadamente 22 kilometros.

Esta é a verdade sobre o arroio Porteirinha, arroio affluente do Jacuhy.

Mais adeante diz:

> 29) Ratos, arroio, tem suas vertentes no cerro do Roque, na serra do Herval, no mun. de S. Jeronymo; corre para NE. até receber o arroio Grande. Ahi inflete para N. até sua barra, depois de um curso de 40 klms. segundo DOP; Jannasch, em 75; o C. Eng. em 60; Coi e Nie e Cunha Lopes em cerca de 50. Tem como tributarios o arroio dos Cachorros, que recebe as aguas do da Josephina; o Grande avolumado pelo Fachinal; Divisa, Sepultura e Santa Cruz, proximos á sua foz. O Divisa nasce no morro de Santa Anna, no mun. de Porto Alegre e corre na direcção geral de N. até sua barra, depois de um curso de 22 klms. approximadamente. O arroio dos Ratos que é navegavel por pequenas embarcações, serve de limite entre os municipios de S. Jeronymo e Porto Alegre, em um percurso de 22 klms. mais ou menos. Em sua margem esquerda, no primeiro dos municipios citados, existem importantes minas de carvão de pedra em franca exploração com apreciavel rendimento.

Alguma cousa ha a rectificar na descripção acima, a bem da verdade.

As suas nascentes são muito longe do Serro do Roque e os affluentes citados são muito longe de sua foz; assim, a sua

descripção veridica deve ser a seguinte: o arroio dos Ratos nasce no 4.º districto de S. Jeronymo, na encosta da serra do Herval que divide as aguas das bacias dos rios Jacuhy e Camaquam, no lugar denominado Estancia Velha, correndo de S. para N. depois para L. recebe nesse districto os arroios: Quiteria e dos Martins, e cortando o 6.º districto onde recebe pela margem esquerda o Ludovica, penetra no 3.º districto, onde recebe pela margem direita o Divisa, o Sepultura, o Areal e o dos Cachorros; depois de receber este arroio penetra no 5.º districto onde recebe o arroio Grande que divide o municipio de S. Jeronymo com o de Guahyba (antigo Porto Alegre), continuando essa divisa pelo arroio dos Ratos que corre para o N. até sua foz, recebendo antes desta, pelo territorio do Guahyba o arroio Divisa (não confundir com o já citado) que nasce neste municipio. Desagua no Jacuhy a L. da villa de S. Jeronymo a uma distancia de cerca de 18 klms. dessa villa. O seu curso deve ser computado em mais de 100 klms. sendo navegavel por pequenas embracações a uns 20 klms. da sua foz. Demoram em sua margem esquerda, depois de receber pela margem direita o arroio dos Cachorros, as minas de carvão, pertencentes a Companhia Estrada de Ferro e Minas de S. Jeronymo, minas em franca e proveitosa exploração. Este arroio é o mais importante do municipio, por ser o maior e o mais volumoso, exceptuando, logicamente, o rio Jacuhy que banha toda a sua frente N.

Na pagina 108 diz:

> 80) Ponte, arroio, corre de N. para S. até sua embocadura, em frente á barra do Arroio dos Ratos; é engrossado pelo Gil, que por sua vez tem como tributario o Biscouto. Pertence ao mun. de S. Jeronymo; seu curso é de 15 klms. approximadamente.

E' um verdadeiro absurdo em se dizer que o arroio Ponte, tendo a sua embocadura em frente á barra do Arroio dos Ratos, — *pertence ao mun. de S. Jeronymo* — e penso que, antes tenha sido lapso de revisão; porque, é notorio que o territorio do Municipio de S. Jeronymo não atravessa o rio Jacuhy e demora todo elle na margem direita do mesmo rio, e, desaguando o Ponte em frente ao Arroio dos Ratos, está logicamente na margem esquerda e portanto em outro municipio que não o de S. Jeronymo.

E fica assim tambem rectificado mais este engano sobre o arroio Ponte.

Eis ahi as rectificações que julgo serem necessarias, a bem da geographia do Estado, e as faço baseado em estudos e trabalhos executados no exercicio da minha profissão, crendo com isto apenas fazer um bem.

Que me relevem aquelles que impugno naquillo que tenho certeza que elaboram em erro.

A. D. Pinto

Socio effectivo do
Club de Engenharia
do Rio de Janeiro

A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE RIO-GRANDENSE

O Rio Grande do Sul surgiu no instante em que o mundo, rompendo as grandes barreiras da ordem catholico-feudal, iniciava o surto da Idade Contemporanea.

A humanidade, que tanto tempo vivera sob o ambiente limitado da tradição, na observancia e na disciplina dos preceitos religiosos e morais, dentro do bloco inconcusso de uma doutrina harmonica e cerrada, tão bem representada no apogeu e no esplendor da Escolastica, a humanidade, trabalhada pelo espirito critico da Reforma, alcançava o apice da mentalidade libertaria com os movimentos philosophicos, que prepararam o advento do encyclopedismo.

Estava-se em pleno florescimento de idéas completamente contrarias ás que predominavam nos seculos medievaes: em vez da autoridade, a liberdade; no lugar da hierarchia social e do zelo das aristocracias no trato do bem publico, o advento da democracia; no plano em que figurava um systema completo de deveres do individuo, cresceu a nova concepção dos direitos do homem, um dos tantos aspectos juridicos que o triumpho absorvente do individualismo acarretava.

O scepticismo e o racionalismo, de mãos dadas, iam preparando o grande combate contra a Religião, substituindo-a por philosophias antropocentricas, idealistas umas, materialistas outras.

Quando se lançavam os fundamentos da sociedade riograndense, o mundo entrava no periodo de apogeu do individualismo que assignala a nova phase da Historia Universal.

O homem que nos colonizava libertava-se aos poucos das cadeias que o ligavam a um systema de vida cheio de preceitos e de regras de conducta.

Em contacto com a natureza ampla e exhuberante do Novo Mundo, num ambiente em que a sociedade, por incipien-

te e rarefeita, não exercia nem uma coacção sobre o individuo, realizou-se a completa libertação do homem branco, cujas paixões se assanhavam na Europa, com o puro amor das fórmas, com a magnificencia da vida capitosa e bella que o Renascimento incutia na humanidade, num retorno ao paganismo.

A colonisação americana levou ao auge o sentimento do commercialismo, de individualismo extremado, de genio aventureiro, de espirito de ambição, de poderio illimitado, de dominação sem freios, que já se ensaiava no Occidente e que seria mais tarde o aspecto mais forte e mais impressionante da civilisação moderna, em luta com os valores, espirituaes da tradição, da moral, da religião e da arte, entretidos outrora pelo poder mystico do internacionalismo christão.

O commercialismo extenso desmembrou a economia antiga do artesanato, principiando primeiro por arrebatar do artifice a acquisição em larga escala da materia prima e preparando a futura dissociação do capital e do trabalho que substituiu a antiga economia fechada pela economia livre e extensa dos seculos modernos.

Esse commercialismo desenvolveu-se prodigiosamente quando o anseio aventureiro dos descobridores, erguido na cordoalha das naus e no alvacento trén das latipas onde se esmaltava a fulgurante Cruz de Christo rasgou os mares em busca de novos continentes.

A humanidade entrava na clarinada e nos augurios apotheoticos da maior das epopéas, em pleno desenvolvimento da Idade Moderna.

A' antiga civilisação, cheia de limitações e de entraves, succedia agora um ardor indominavel para a conquista e dominação do globo.

A ancia das riquezas que já se ia formando na Europa do Renascimento, parallelamente á magia dos sentidos e á magnificencia das formas e das côres, que illuminavam a palêta dos pintores a Miguel Angelo accendeu na America o delirio e a ambição dos aventureiros com o brilho lendario dos eldorados e das lagoas encantadas.

No Norte, a inquietude dos Orellanas enredados num mundo infernal de surpresas e imprevistos; no Rio Grande do Sul o bruxoleio das lendas do ouro em fulgurações de thesouros orientaes, no fundo das Salamancas, no alto dos Cerros Bravos, no concavo das Lagoas Bravas, em cujos reflexos tremeluziam facetas de ouro e prata, guardadas pela phophorescencia de cobras de fogo ou pela omniscencia dos zahoris e dos tynyaguás.

O ouro, que constituira para os prégadores da Escolastica o symbolo daquella „immodica possidenti libido" tão censurada pelos moralistas da época, na America foi a maior preoccupação.

Nesse momento historico em que o espirito critico, o egoismo, a iniciativa mercantil iam predominando, foram justamente os individuos que possuiam mais, accentuadamente taes qualidades os que emigraram para o Novo-Mundo e iniciaram a exploração intensa das novas terras conquistadas.

Começou, então, o desenfreio do bandeirismo em relampagos de audacia no interior da terra virgem, em busca de riqueza e de indigenas para escravizar.

Se folhearmos a historia do Brasil encontraremos nella os quadros desse delirante movimento collectivo: o sonho allucinante das Gerais.

Em Portugal havia penetrado mais fortemente do que na Espanha o novo espirito da época, o movimento incoercivel do humanismo.

Se é verdade que na Espanha brilhou o pensamento de Luis Vives e de outros reformistas, prolonga-se entretanto alli a Idade Media, syntetizada na obra do jesuita, de Francisco Suarez, de sentido amplamente tomista. Portugal mostra-se mais aberto ás novas idéas européas.

Os estudos nauticos e cosmographicos attraem grande numero de sabios estrangeiros, plenos de sentimento de humanismo.

Para avaliar até que ponto Portugal se integrára no surto amplo e luminoso da Nova Idade, basta dizer que André de Gouveia é mestre dessa grande e admiravel intelligencia da Renascença, Rabellais.

Ao celebre Damião de Goes, outro genio renascentista, Erasmo, dedica o seu „Compendium Rhetorices".

Completamente libertos os colonizadores em pleno deserto, em relação apenas com as raças dominadas, nas quaes cevavam tantas vezes a luxuria e a cobiça e aguçavam o sentimento de dominio, o seu pensamento não foi mais do que um só: conquistar e dominar a terra.

Em vez do individuo introspectivo, reflexivo, voltado para dentro de si mesmo, debruçado sobre a sua propria alma, procurando encontrar a força coercitiva das leis no seu fôro intimo, pelo exame de consciencia, pela abstenção e pela penitencia, depara-se-nos o homem vivendo á flor da pélle ao léo dos sentidos, procurando projectar-se sobre as largas extensões de teritorio virgem, cuja colonização reclamava toda a sua audacia e toda a sua tenacidade.

Um homem inteiramente novo: lançado em extensão e não em profundidade, contando muito mais com a rigidez dos

seus musculos, a impassividade dos seus nervos, a saude quente do seu sangue do que com a perfeição da sua alma.

E fosse o tangedor de rebanhos, ou o explorador de minas, o preador de bugres ou o minerador e o traficante era sempre um bello, admiravel e sadio animal, vivendo uma vida semelhante áquella que Nietzsche propugna, na plena liberdade das paixões e dos instinctos.

Um exemplar typico dessa collectividade, que realizava a grande obra da conquista, é a figura suggestiva de D. Alvaro da Costa, esse homem turbulento, estravagante, ambicioso e sensual, reprehendido publicamente do alto do pulpito pelo nosso primeiro bispo.

E' facil imaginar as difficuldades dos evangelizadores, com Anchieta, Nobre e Vieira á frente, afim de realizar os fundamentos da Moral e da Religião e por estas o advento das verdadeiras bases da sociedade.

Attestam-no as lutas constantes, ferrozes, por vezes sangrentas dos jesuitas contra os colonos, na defesa do indio, em quem o padre se esforçava por encontrar uma alma de origem divina, susceptivel, portanto, de elevação e de aperfeiçoamento, emquanto o colono considerava isento de razão, um ser igual aos animaes domesticaveis, cujo trabalho era reclamado pela exploração da terra.

A destruição das missões jesuiticas do Paraná pelas hordas amoraes de Antonio Raposo e a resistencia tenaz dos sacerdotes á cobiça e á ganancia dos preadores, oppondo o sentimento de caridade, de compaixão, de ternura humilde á arrogancia, á insensibilidade do sertanista, é uma pagina impressionante da nossa historia.

Mas foi no Rio Grande do Sul onde se deu o choque violento, a collisão dramatica das duas correntes que na Europa se succediam normalmente, mas que entre nós se enfrentavam como inimigas.

A collisão do espirito medieval, theocratico, limitado, introspectivo, com o espirito moderno, altamente americano, illimitado, dominador, libertario deu-se quando os indios, adestrados em exercicios e manejos de armas pelos jesuitas, resistiram pela violencia ao impulso bandeirista que vinha do Norte. Essa victoria foi precaria.

Não poderia a organização theocratica, de sentido tomista, repleta de prescripções, regras e ceremonias religiosas e moraes, baseada numa estreita e forte disciplina em que se argamassavam as Missões do Uruguay, resistir a essa outra organisação completamente differente, provida da ansia de poderio material, de sentimentos illimitados, de espirito commercial e de mentalidade libertaria que se projectava sobre a superficie da terra inexplorada em bandeiras e partidas de exploradores, em guardas avançadas e em exercitos de conquista.

E cedeu fragorosamente, entre carnificinas e incendios, quando as tropas de Gomes Freire de Andrade, dizimados os contingentes mal armados de Sepé, entraram victoriosamente nos Sete Povos Missioneiros, varejando altares e igrejas, em busca do ouro que a eterna cobiça colonizadora julgava escondido pelos maioraes da Catechese.

Convem lembrar que no Rio Grande do Sul a exploração não reveste aspectos tão crus e tão duros, como os que se desenrolaram no resto do paiz.

Contribuiu sem duvida para isso a ausencia de metaes nobres e de pedras preciosas.

Os desejos dos povoadores nesse sentido limitaram-se aos cyclos das lendas de ouro do Uruguay.

Explorado em épocas mais recentes, quando já estava mais bem organizada a restante sociedade brasileira e o apparelhamento complexo do governo mais estavel e imperioso, muitos factores de liberdade exagerada desappareceram ou se attenuaram consideravelmente, permittindo tambem o estabelecimento aqui das familias fixas de açorianos e algumas lagunenses movidas de uma sincera mentalidade christã.

Entretanto, nas suas linhas geraes o phenomeno aqui se reproduzia.

Era a conquista e dominação da terra que se impunha pelo povoamento e pela libertação do territorio dos conquistadores castelhanos.

Essas guerras foram em grande parte determinadas pela posse das terras e pela conquista de rebanhos de gado.

As chamadas californias, isto é, a presa do gado em territorio estrangeiro, foram motivo constante de discordia das nossas com as populações castelhanas.

Todo soldado que aqui se alistasse nas fileiras tinha direito ao soldo e ao saque.

Era o nosso, pois, na formação rio-grandense, não um ideal de aperfeiçoamento de alma, mas de dominação, de poderio.

Não temos por isso, nem espirito, nem tradição artistica ou religiosa, como não possuimos arte nem religião apreciavel, a não ser manifestações animicas mescladas a escasso sentimento catholico.

Tivemos, é verdade, uma tradição, mas puramente militar, isto é, uma tradição de mando.

Familias inteiras deram militares de grande relevo durante dois seculos de guerras.

Que admira, pois, que se imitem no Brasil como no Rio Grande os movimentos artisticos e litterarios da Europa, os quaes possuem ha longos seculos essa tradição que jámais tivemos, mas indispensavel á criação de toda obra superior de espirito?

Surgido o Rio Grande do Sul quasi ás portas da revolução franceza, esses sentimentos de individualismo, de liberdade, de declaração de direitos, de democracia que se exaggeraram consideravelmente, como já vimos, com a criação do Novo-Mundo, têm que influir predominantemente na nossa collectividade.

Por isso, o florescimento exhuberante das doutrinas do encyclopedismo na Revolução de 35, do libertarismo de Rosseau, Mably e da „Joven Italia"; do liberalismo economico de Quesnay.

Certo, a disciplina do exercito, refreou os excessos desse espirito liberal e individualista.

Mas é inilludivel que o aspecto geral da formação da mentalidade rio-grandense recebe uma illuminação preciosa á luz desses estudos que plasmam a nossa physionomia historica no meio das grandes correntes da evolução humana.

Jorge Salis Goulart.

Um episodio da guerra dos „Farrapos"

O assalto á S. José do Norte

A 16 de julho transcorrem 90 annos que se deu o assalto a S. José do Norte, pelas forças „farroupilhas" e que constituiu, para estas, um serio revez, igual ao do „Taquary".

O acontecimento já é de sobejo conhecido pelos estudiosos. No entretanto, nunca é demais repetil-o e o fazemos, hoje, para aproveitar a publicação de copias de documentos que se referem a esse facto historico.

Do assalto a S. José do Norte, o proprio Garibaldi diz nas suas „Memorias" das razões de ordem militar e economica que o ditaram:

„Esta praça (S. José do Norte), situada na margem septentrional da embocadura da lagoa dos Patos, era uma das chaves da provincia não só commercialmente, mas politicamente: a sua posse teria mudado completamente a nossa posição, que nesta occasião era bem aterradora; a sua tomada tornava-se, pois, mais que util, era necessaria. A villa encerrava objectivos de toda a qualidade, indispensaveis para o vestuario dos soldados, que do nosso lado estavam no mais deploravel estado. Não só por esta razão, mas tambem por dominar o unico porto da provincia, S. José do Norte merecia que fizessemos todos os esforços para nos apoderarmos delle, mas tambem porque deste lado se encontrava a „atalaia", isto é, o mastro dos signaes dos navios, que servia para lhes indicar a profundeza das aguas da embocadura. A sorte das armas,

porem, não lhes foi favoravel, apezar de, no começo, sorrir-lhes a victoria.

Iniciado o ataque a 1 ½ horas da madrugada, ás duas estavam os assaltantes de posse das trincheiras e de tres ou quatro fortes que as guarneciam e que foram tomados a bayoneta.

„Uma vez dentro dos muros — continúa Garibaldi —, uma vez nas ruas de S. José do Norte, os nossos soldados julgaram que tudo estava acabado, e a maior parte se dispersou, arrastada pelo appetite da pilhagem. Durante este tempo os imperiaes voltando a si da sua surpresa, reuniram-se num bairro que se achava fortificado. Ahi os fomos atacar, mas repelliram-nos. Os chefes procuravam por todos os lados os soldados para continuar no ataque, mas era inutil, porque si se encontravam alguns eram carregados de despojos ou bebados, ou tendo quebrado os fuzis á força de despedaçar as portas das casas. O inimigo do seu lado não perdia o tempo; muitos navios de guerra que se achavam no porto tomaram posição, varrendo com o fogo dos seus canhões as ruas, onde nos achavamos. Pediu-se soccorro no Rio Grande, cidade situada na margem opposta da embocadura dos Patos, emquanto um unico forte que haviamos desprezado, servia de refugio ao inimigo. O primeiro destes fortes, o do Imperador, do qual a tomada nos tinha custado um glorioso e mortifero assalto, foi destruido por uma explosão terrivel de polvora, e nos matou bom numero de soldados. Emfim, o mais glorioso dos triumphos estava mudado, ao meio dia, na mais vergonhosa retirada, e os verdadeiros amigos da liberdade choravam de desesperação".

Esse o acontecimento que se commemora no dia 16 de julho. Mas, o facto de escolhel-o para as festas que vamos descrever, não se refere apenas a elle e sim a um episodio de alta significação moral, em que se evidencia a nobresa do grande „libertador" italiano.

Passemos, porem, a explicar o motivo deste nosso artigo.

Logo depois da morte de Garibaldi, occorrida em 1882, o povo do Rio Grande e S. José do Norte resolveu homenagear a sua memoria, erigindo, em S. José do Norte, um monumento.

E, para isso, foi escolhido o dia 16 de julho, então no anno de 1882, quarenta e dois annos depois daquelle facto.

Quizeram com elle commemorar a memoria do generoso revolucionario que, pelo seu coração, evitou uma verdadeira hecatombe, naquelle dia memoravel.

Ha cousa de dois annos, fui convidado para ser orador official das festas que se deviam realisar naquella villa, em commemoração daquelle facto.

Para melhor orientar o meu discurso, o meu particular amigo, major Adolpho Gonçalves da Silva, me fez entrega das copias dos jornaes da época. Por motivos varios não se realisou a projectada homenagem, ficando em meu poder aquelles papeis.

Como são de interesse publico, resolvi, depois de aconselhar-me com este amigo, publical-os, aproveitando a passagem no dia 16 de julho, daquella data, que completa 90 annos.

Outro não é o meu intuito, sinão o de evitar qualquer extravio desses documentos. Por isso, repito, os entrego á publicidade.

A 17 de junho de 1882, na cidade do Rio Grande, se constituia uma commissão para o fim especial de realisar essa commemoração. Na circular que se segue vão as razões desse acto.

Illmos. srs.

O facto que queremos commemorar é o seguinte, que nos foi relatado por diversos e participado por escripto pelo já fallecido sr. Carlos dos Santos Burlamaque.

Esperava-se um assalto á villa de S. José do Norte pelos rebeldes e a população valida do lugar tinha ordem de estar de sobre-aviso devendo reunir-se no forte Imperial logo que ouvisse tiros em signal de alarme.

Pela uma hora da madrugada do dia 16 de julho de 1840 a população da villa acordou-se sobresallada ao estampido

dos tiros e acto continuo os seus habitantes accudirão ao forte indicado suppondo ir defender ainda a villa contra o inimigo. O escuro da noite não lhes permittiu reconhecer que já circulavam patrulhas inimigas na povoação e essas poderão aprisionar aos que accudiam á defesa e os levarão para o forte imperial.

Essa bateria era commandada por officiaes rebeldes, entre elles o então capitão Garibaldi: Referio mais o sr. Burlamaque que quem lhe deu voz de prisão fora o proprio Garibaldi, que passeava de braços crusados junto ao forte e ao aproximar-se o sr. Carlos Burlamaque com seu irmão Augusto e outros companheiros, posara-lhe a mão sobre o hombro dizendo: VOCE ESTA' AQUI DE DENTRO? com a sua affirmativa Garibaldi dera-lhe voz de prisão.

Então aproximaram-se uns vultos que querião arrebatar-lhes as armas e roupa ameaçando degolal-os e que a pedido de Burlamaque, Garibaldi reprehendeo severamente os homens dizendo-lhe que não consentia que se maltratasse ou se tocasse em cousa alguma dos prisioneiros.

Garibaldi ainda dirigio a palavra a Burlamaque, perguntando quanta gente havia na villa mandando-o depois recolher-se ao forte, quando vio que elle ainda conservava as armas pedio-lh'as urbanamente. O sr. Burlamaque disse-nos tambem de quanto era grato a esse cavalheiro a quem desde então ficou querendo bem. Que Garibaldi vendo a imprudencia de seus artilheiros que atiravam para traz o morrão acceso, depois de fazerem a descarga dera ordem ao official que estava sobre o forte de fazer sair os prisioneiros que nelle se achavão e ainda o ultimo não estava embaixo quando o forte saltou com a guarnição rebelde.

Esses factos forão-nos confirmados, como dissemos, por varios prisioneiros do forte e diversos cavalheiros testemunhas occulares desse memoravel dia.

Presando-nos ter esclarecido o ponto principal do motivo da commemoração nos subscrevemos

A Commissão

Henrique Schutel Ambauir
A. Cademartori
Giuseppe Vignoli
Dr. Fernando Suzini.

Rio Grande, 17 de Junho de 1882.

Em consequencia, a commissão se dirigia, em petição, á Camara Municipal de S. José do Norte, solicitando a concessão de um terreno, sobre o qual seria levantado o monumento.

CAMARA MUNICIPAL DE S. JOSE' DO NORTE

Illmos. Srs.

(Sessão de 28 de Junho de 1882)

A infausta morte do inclito General José Garibaldi, geralmente lamentada em todo o mundo, impressionou profundamente a colonia italiana desta cidade a qual votava ao venerando apostolo da unidade italiana um culto de respeito e gratidão. Foi, porem, para ella de intimo conforto as provas de subida consideração manifestadas pela generalidade dos rio-grandenses, penalisados por tão irreparavel perda.

E' que Garibaldi tinha sabido fazer-se amar durante a sua estada na valorosa provincia do Rio Grande do Sul e até seus ultimos momentos guardou sincera saudade de tão generoso povo.

A Colonia Italiana querendo dar um testemunho perenne do affecto que votava ao grande patriota e do reconhecimento ás provas de estima recebidas, resolveo erigir uma lapide commemorativa nessa muito heroica villa. Não é o facto do assalto, pelas forças sob o commando tambem de Garibaldi, no memoravel dia 16 de Julho de 1840, que queremos commemorar, pois o illustre guerreiro teve de retirar-se ante a heroica defesa feita por essa valorosa população; mas sim a dolorosa hecatombe em que sua acção altamente humanitaria evitou, mandando retirar os prisioneiros recolhidos ao forte Imperial que poucos minutos depois voou pelos ares. Esses prisioneiros eram valorosos filhos dessa heroica villa surprehendidos pela inesperada occupação das forças contrarias, — vidas preciosas salvas pelo generoso impulso do magnanimo coração de Garibaldi.

A commissão infrascripta vem, em nome de seus compatriotas residentes nesta cidade, pedir a essa illustrissima Camara a permissão de erigir um monumento commemorativo no lugar que houver por bem designado, pedindo venia para indicar o sitio aonde foi o forte Imperial, tendo a lapide a seguinte inscripção: *„Aqui José Garibaldi preservou de uma hecatombe a população desta heroica villa na memoravel madrugada do dia 16 de Julho de 1840. Tributo de homenagem da*

Colonia Italiana da Cidade do Rio Grande — 16 de Julho de 1882".

O desejo da Colonia Italiana é de erigir essa memoria solennemente na presença da Illustre Edilidade, a quem querem entregar a lapide, no dia 16 de Julho proximo futuro, se benevolamente for por essa Illustre Edilidade acolhida a sua patriotica aspiração.

Com a mais subida consideração e respeito pede a commissão venia para apresentar a VV. SS. seos respeitos a Quem Deos Guarde.

Rio Grande, 18 de Junho de 1882.

Illustrissimo sr. Presidente e mais vereadores da muito heroica villa de S. José do Norte.

(Assignados) Henrique Schutel Ambaur
A. Cademartori
Giuseppe Vignoli
Dr. Fernando Suzini.

O facto da realisação da festa civica demonstra que a petição foi deferida por aquella corporação.

O Diario do Rio Grande, de 16 de Julho de 1882, assim noticiava a

HOMENAGEM

Está marcada para hoje a festa iniciada pela colonia italiana desta cidade, em homenagem a illustre memoria de José Garibaldi.

No consulado italiana, a rua Riachuelo, reunir-se-ão ás onze horas da manhã todas as commissões e convidados para a assistencia da solennidade. D'ahi embarcarão com destino á villa fronteira, onde tem de ser assente a lapide commemorativa no logar onde existio outr'ora o forte „Imperial", commandado no tempo da revolução por Garibaldi.

Nesse acto fazer-se-ha representar a imprensa por uma commissão da qual é relator o sr. Alexandre Bernardino de Moura, o corpo consular aqui residente, diversas corporações, etc., etc.

Foram convidados para á solennidade muitos cavalheiros e fretado para os conduzir, o vapor Mirim. Além desta consta-nos que irão outras embarcações.

A respectiva commissão ha envidado todos os esforços afim de que esse significativo acto corresponda no limite dos recursos d'aquelles que o promoveram, a importancia e elevação do assumpto a que elle se relaciona.

O ARTISTA, jornal que se publicava, na cidade do Rio Grande, de propriedade de Antonio da Cunha Silveira, assim descrevia as festas realisadas, na sua edição de 18 de julho de 1882.

Artista de 18 de Julho de 1882.

Propriedade de Antonio da Cunha Silveira — Redactores diversos.

Descripção da solennidade de 16 do corrente:

A imprensa desta cidade, representada unanimemente na solennidade de 16 do corrente, resolveu declinar o encargo da descripção dessa ceremonia em um só de seus membros, para facilitar o trabalho da coordenação de notas e apontamentos.

Tendo esse encargo recahido no redactor desta folha, por nimia benevolencia dos illustres collegas, desempenhamo-nos desse dever, que, aliás gostosamente cumprimos, em obediencia a uma delegação, que é para nós uma honra e uma prova de confiança, que muito agradecemos.

Muito antes da hora marcada para o embarque das commissões e convidados, estava o littoral, na frente da casa do digno consul Italiano o sr. Angelo Cademartori, apinhado de povo.

Meia hora depois do meio dia largou do nosso porto o vapor „Montevidéo", tendo no mastro de popa os pavilhões italiano e nacional, congraçados a meia aderissa, em signal de luto.

Estava presente o sr. General Commandante da Guarnição, com seu Estado Maior, a Camara Municipal, corpo consular residente, representantes da imprensa desta cidade e do „Correio Mercantil" de Pelotas, tenente-coronel commandante do 17.° batalhão e seu estado maior, diversos membros do corpo commercial e do funccionalismo publico, commissões de

diversas associações, muitas exmas. familias e emfim representantes de todas as classes sociaes.

A musica do 17.º batalhão abrilhantava a ceremonia.

O digno consul francez desta cidade, o sr. Liron, dirigio um cartão á commissão, declarando adherir á homenagem prestada a Garibaldi e pedindo desculpa de não poder comparecer, em consequencia de seus encommodos de saude.

A lapide era condusida em um leito de madeira preta, com quatro argas, as quaes seguraram quatro membros da commissão italiana, quando teve de ser transportada para bordo.

Sobre essa lapide de marmore estava gravada a seguinte inscripção:

„Aqui José Garibaldi preservou de uma hecatombe a população desta muito heroica villa na memoravel madrugada de 16 de Julho de 1840.

Homenagem da Colonia Italiana. Na cidade do Rio Grande, 16 de Julho de 1882".

Pouco depois de uma hora da tarde reunidos na camara do "Montevidéo" todos os srs. convidados, o sr. Schutel, presidente da commissão directora da ceremonia, declarou que, tendo a colonia italiana convidado o sr. Bernardo Taveira Junior, distincto litterato pelotense, para ser o interprete dos seus sentimentos e não podendo esse cavalheiro acceder ao convite que lhe fôra dirigido, mandára uma poesia, que ia a pedido da commissão, ser recitada pelo redactor desta folha.

Com effeito, pelo autor destas linhas, foi lida a seguinte poesia e distribuida em avulsos (Falta a poesia referida nessas notas).

Já em frente do Norte, foi a commissão prevenida de que, em consequencia de se achar muito agitada a bahia não poderia o vapor „Montevidéo" atracar á estacada da villa, sem grave risco de avaria e perigo para os srs. convidados. Então, a commissão, no intuito de evitar qualquer caso lamentavel, resolveu que a solennidade fosse realisada na propria camara do vapor.

Para isso, collocada sobre a mesa principal a lapide commemorativa, tendo aos lados as duas bandeiras, brasileira e italiana, formaram os srs. convidados na seguinte ordem:

A Direita: A Camara Municipal desta cidade; o Corpo Consular, Praça do Commercio, Bibliotheca Rio-Grandense, Beneficencia Portugueza e Santa Casa de Misericordia.

A Esquerda: Autoridades civis e militares officiaes do exercito, empregados publicos, imprensa, colonia italiana, colonia portugueza e commissões diversas.

Tomou então a palavra o sr. Schutel, presidente da commissão italiana, e proferiu algumas palavras indicativas ao fim da reunião, deixando de pronunciar, por não ser a ceremonia no Norte, o seguinte discurso

Illmos. Srs.

Ante a imponencia da demonstração de estima e consideração que acompanha a colonia italiana na manifestação de pesar pelo infausto passamento do inclito general José Garibaldi, teriamos de emmudecer, não podendo exprimir o que sente noss'alma, se não fôra o sentimento de immensa gratidão que nos ficará gravado no coração.

Ao grande heróe José Garibaldi todo o italiano lhe deve uma patria unida, a estima e a consideração do Universo.

Sua grande alma desprendeu-se do envolucro mortal para apparecer na historia da humanidade com mais fulgor.

Os vindouros poderão julgar que fôra um mytho, um ser sobrenatural que a crença popular endeosára, no entanto o seculo XIX, enlutou-se com o seu desapparecimento de sobre a terra.

Poucos guerreiros não deixarão após si sinão o lamento e o sulco de sangue que marca o caminho pelo qual chegaram á gloria; Garibaldi deixou um rasto luminoso e um cantico de bençãos. As lagrimas que acompanham sua memoria, são de profundo pesar por tão irreparavel perda.

Guerreiro magnanimo não sacrificava victimas inutilmente; a sua bravura evitava a effusão de sangue — o amor á humanidade servia de escudo aos seus proprios inimigos.

Nesta muito heroica villa onde vimos erigir um modesto mas eloquente testemunho dos nobres sentimentos do Grande Heróe, por um feito altamente humanitario, não ha um só habitante que não recorde algum facto de civica virtude praticado na memoravel madrugada de 16 de Julho de 1840. Basta-nos mencionar um só cuja magnanimidade não tem exemplos. Surprehendida a villa, as forças rebeldes apoderaram-se de alguns fortes, ficando outros, entre os quaes um que margeava o littoral, em poder dos legaes. Aquelles rocuravam fazer cessar o fogo que este pequeno forte mantinha e foram intimar

a um jovem artilheiro dos poucos que restavam, para que se rendesse. Esse heróe, cujo nome a historia calla, respondeu que emquanto tivesse vida não se renderia. Facil lhes era fazel-o cadaver, tal era o intento dos rebeldes, mas Garibaldi oppoz-se com energia dizendo: „Um bravo como este não deve morrer„, e mandou retroceder a gente que tinha ido fazer a intimação. Pedimos perdão se o nosso enthusiasmo nos fez alongar, esqueciamos que a nossa parte nesta imponente manifestação é bem modesta e deveria limitar-se ao agradecimento.

Agradecer ao Illustre Edilidade desta muito heroica villa e seus valorosos habitantes a generosidade e cavalheirismo com que fomos honrados e que jamais olvidaremos. Agradecer aos illustres senhores que honraram com suas presenças a colonia italiana e com ella a Italia na singela commemoração em homenagem ao benemerito heróe José Garibaldi.

16 de Julho de 1882, pela commissão — Henrique Schutel Ambauir, Presidente.

Em seguida fallaram os senhores L. Preller, vice-consul dos Estados Unidos, nesta cidade; o redactor desta folha; sr. Ravello, em italiano: Francisco Rodrigues de Souza em nome e como representante official da Bibliotheca Rio-Grandense; o cidadão italiano Adolpho Bossano, em idioma patrio; Alexandre Bernardino de Moura, redactor do „Commercio", em nome da imprensa. Terminou a serie de discursos o sr. tenente Soares do 17.º batalhão, que, em nome da classe militar, rememorou a bravura do Garibaldi, em palavras eloquentes.

Ainda mais uma vez usou da palavra o sr. Schutel que em nome da commissão italiana agradeceu a todos os srs. convidados e exmas. familias o concurso que haviam prestado á solennidade.

Depois de dispersada a reunião, foi galhardamente offerecido pelo digno commandante do vapor „Montevidéo", o sr. Laufranco, a todas as pessoas presentes, um esplenddo lunch, durante o qual foram levantados muitos e enthusiasticos brindes.

A Commissão directora, composta dos senhores H. Schutel Ambauir, dr. Suzini, Angelo Cademartori e Giuseppe Vignoli, que por justo impedimento não compareceram, foi incansavel no tratamento dos seus convidados, que todos se retiraram penhoradissimos pelas delicadezas de que foram objecto.

Uma commissão auxiliar, composta dos senhores Biaggio Scaravaglione, Carlos Scotto, Giulio Zappi, e Antonio Sacchi, tambem fez jus, pela sua distincção de maneiras ao reconhecimento geral.

Não terminaremos esta noticia descriptiva sem mencionar uma coincidencia digna de nota:

Na imponente e singular commemoração da generosa bravura de Garibaldi, tomaram os convidados passagem a bordo de um vapor Argentino por nome „Montevidéo", commandado por um Ligúro, em territorio do Brazil, na fóz da famosa Lagoa dos Patos, frente á heroica villa de S José do Norte, lugares todos conhecidos por terem sido theatro das façanhas do legendario heróe, a quem o patriotismo italiano e a gratidão rio-grandense acabam de prestar uma homenagem de eterno respeito e inolvidavel reconhecimento.

O mau tempo reinante prejudicou o desembarque dos convidados, pelo que a commissão italiana expediu um telegramma á Camara Municipal de S. José do Norte, manifestando o seu pesar por esse contratempo.

Telegramma de 16 de julho de 1882 da Colonia Italiana á

MUNICIPALIDADE DO NORTE

„Máo tempo não permittiu desembarque; solennidade feita a bordo com immenso pesar da colonia e convidados que desejavam immensamente realisal-a no proprio lugar do humanitario acontecimento que tanto honra á Garibaldi. Saudamos a Camara de S. José do Norte".

Esta, pelo seu presidente e secretario, respondeu nos seguintes termos:

Norte, 16 de Julho de 1882.

Anciedade geral da população desta villa pelo desembarque da briosa colonia Italiana e distincto cortejo e profundo pesar pela não realisação da solennidade no forte Imperial. Aguardaremos o 16 de Julho futuro para manifestar nossa gratidão á memoria de Garibaldi.

Nossos respeitos á distincta colonia Italiana.

(Assignados) José Pedro da Silva Moreira, presidente.

Antonio de Oliveira Castello, secretario.

Pela leitura desses documentos vemos que a realisação dessa homenagem a um dos heróes da revolução republicana de 1835 tem significação de real valor, por estar o paiz então, sob o regimen monarchico, o mesmo que os „farroupilhas" haviam combatido, durante 10 annos.

O comparecimento das autoridades civis e militares nessa, por assim dizer, glorificação do acto generoso de Garibaldi, vem provar a existencia do espirito republicano rio-grandense.

O discurso do tenente Soares, do 17.º batalhão, rememorando a bravura do heróe dos dois mundos, é mais uma prova desse espirito.

Em plena vigencia do regimen monarchico, uma tal manifestação de admiração civica não podia deixar de ter uma significação politica.

E' que a presença do throno não havia conseguido apagar o fogo do nosso enthusiasmo e da nossa veneração pelos que haviam, de armas na mão, lutado pela independencia do Rio Grande.

DR. VICTOR RUSSOMANO.

Pelotas, julho de 1930.

UM GAUCHO BRASILEIRO

PROMOTOR
DO PROLOGO DA INDEPENDENCIA DO URUGUAY
IRRADIAÇÃO DO GENIO RIO-GRANDENSE NA AMERICA
UMA HOMENAGEM QUE SE IMPÕE

Communicação do Dr. Fernando Osorio
ao Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul

O que desvenda o exame dos archivos sobre o despontar glorioso dessa contenda civica.

E' chegada a occasião de prestar o Rio-Grande, com justo orgulho, uma homenagem do coração da raça a um dos seus filhos cuja gloria parece ter-se eclypsado na memoria dos seus patricios. Agora que nos preparamos para festejar a grande data da independencia do Uruguay, com todo o nosso respeito e leal amizade, não podem permanecer no esquecimento os feitos rutilantes do gaucho brasileiro, romanesco e glorioso, que cingiu armas, capitaneando tambem gauchos, e num rasgo de fraternidade ardente, foi, no prologo dessa sagrada campanha civica, o activo collaborador, o iniciador primitivo, o verdadeiro promotor do movimento insurreccional em que, galhardamente, elle se fez, no territorio visinho, o braço direito que armou e equipou a columna do norte libertadora do Uruguay, para exclamar: — Faço isto por puro amor á liberdade, sem deixar de ser rio-grandense!

Foi tal o seu papel na vantagem inicial desse magno evento, que, „segundo informes imparcialissimos", correntes na capital do Vice-reinado hespanhol do Rio da Prata, elle „era

o primeiro cabeça da revolução uruguaya". (Carta de 22 de abril de 1811 a Dom Rodrigo de Souza Coutinho, correspondencia inédita, de inestimavel valor, de um contemporaneo dos factos, Possidonio da Costa, „honrado observador do que no Prata occorre em torno de si", como o chama Varella, no livro „Duas grandes intrigas".)

Compulsando, carinhosamente, autores platinos, encontrámos referencias ao seu nome, entre os escassos revéis de que elle foi o segundo chefe e que, em breve, sob seu commando, ascendiam a 400 batalhadores, dando-se as mãos num rasgo de espontanea solidariedade; e, do confronto com o exame de seguros dados historicos, esparsos mesmo em trabalhos brasileiros, pudemos reconstituir, em suas grandes linhas, a vida do admiravel, do seductor personagem que, antes de Artigas correr os riscos de definir a sua attitude, quando este se achava auzente da Banda Oriental, e antes, um mez, de pronunciar-se o paiz, inteiro pela sua emancipação, foi o gaucho rio-grandense que deu o famoso *grito de gloria,* — brado libertador de *Asencio,* — á beira desse arroio, a 28 de fevereiro de 1811, o qual „atravesó con la prisa del rayo el pais", na phrase de Carlos Roxlo.

Trata-se de um simples compatricio nosso, do glorioso *Pedro Vieira,* filho de Viamão e domiiliado no valle do rio Negro, como se verifica na „Historia de la dominacion española en el Uruguay", III tomo, de Francisco Bauzá.

Elle irradiou o espirito rio-grandense na America, a cujo patrimonio commum pertence. („Traços eternos do Rio-Grande", Fernando Osorio). E' uma figura symbolica, eminentemente sympathica, a desse „campesino", como o chama Zorrilla de San Martin („Epopéa de Artigas") que „entre gritos de enthusiasmo y agitar de lanzas primitivas", á frente de um grupo de patriotas, proclamou a independencia da patria e iniciou a luta. „E's una cifra inicial lo que llamamos el Grito de Asencio" (Acevedo Dias, „Grito de Gloria").

Appareceu *Pedro José Vieira* filiado aos trabalhos secretos de Soriano. (Seu officio de 22 de abril de 1840, a Domingos José de Almeida).

Soriano! „base e cimento da nacionalidade oriental", cuja fundação assignalára o surto, no Uruguay, das primeiras estancias, dos primeiros elementos sociaes que formaram a futura colonia, operando dentro das condições pecuarias do meio e que attrahiram portuguezes, brasileiros e argentinos. (Domingo Ordoñana, Conf. Sociales y Economicas). Vitaes condições essas, elaboradoras dos caracteres do gaucho uruguayo, equestre e bravo, que fez o paiz com o seu braço e com

o seu sangue, exercitando as suas actividades estheticas, o seu amor ao canto e á „peleia", o genio do gaucho que, assim formando durante o periodo colonial, confiante em si mesmo, despontou, em 1811, com a revolução, e culminou até á metade do seculo com os seus bandos tradicionaes. O movimento, note-se bem, de emancipação no Prata, não se fez nem com paralelismo, nem com sincronismo absolutos. Emquanto Buenos-Aires se liberta, os hespanhoes concentram-se em Montevidéo, d'onde ameaçam suffocar a revolução argentina, que se propaga. Foi isto assim:

Desde 1810 viu-se Buenos-Aires livre do jugo da metropole e os hespanhoes ficam reduzidos á praça de Montevidéo e ao territorio da Banda Oriental.

A autoridade do governador hespanhol era, ainda, em 1811, reconhecida pelos orientaes e, entre elles, por Artigas, a esse tempo, capitão ao serviço da Hespanha.

Artigas desaviu-se com o chefe de seu corpo, o brigadeiro Muesas, commandante da guarnição da Colonia. Nessa discussão Muesas ameaçou de pôl-o a ferros na ilha de S. Gabriel.

Artigas, desertando, fugou para Buenos Aires, de um Campo onde se refugiára, — „emquanto seus compatricios das comarcas visinhas, entendendo chegada a hora de agir, cingiam as armas e se lançavam aos azares da guerra civil" („Duas Grandes Intrigas", cit.) Em consequencia da referida desavença que tivera com o chefe Muesas, sob quem militava, Artigas livrou-se das mãos do poder hespanhol afastando-se para Buenos-Aires onde os revolucionarios prepararam uma expedição contra os hespanhoes da Banda Oriental, e outra contra o Paraguay que não adherira á revolução da independencia de Buenos Aires (de 25 de maio de 1810).

Quando ahi desembarcou, os membros da Junta lhe deferiram o pedido de auxilios em munições e dinheiro, logo que chegaram as gratas noticias do levante da terra que tinha deixado. (Fregeiro, „Artigas", Bauzá, cit.).

*
* *

Foi, pois, na ausencia de Artigas, que o rio-grandense *Pedro Vieira,* ajudado por Venancio Benavides (cabo das milicias de Soriano e filho de um visinho pobre do districto) apoderou-se de Mercedes, reconhecendo a autoridade do governo de Buenos-Aires (junta governativa creada pela revolução de maio, contra a qual, como se disse, estava em luta o governador de Montevidéo, general hespanhol Elio).

Desde modo começou a revolução dos orientaes contra a metropole.

(Rio Branco, annotações ao livro de L. Schneider, „A Guerra da Triplice Alliança".)

Na terra do pericon e das vidalitas, tinha o nosso heroe romanesco o appellido de *Perico el Bailarin*, porque, personagem modesto da nossa linda fronteiriça, filho da terra do amor e da hospitalidade, que era o antigo Rio Grande das tyrannas e das chimarritas, tomava parte nos bailes „criollos", ao som da guitarra tradicional e romantica, com a sua força de presença, a fascinação da sua irradiante figura (mais conhecida e de mais *gigantesca* estatura ainda do que a de Venancio Benavides) popularisando-se „por su destreza en bailar sobre zancos, lo que le atrajo el mote de *Perico el Bailarin*" (XIII, „Historia Politica y militar de las Republicas del Plata", Antonio Diaz). Pagina attrahente e gloriosa de nossos visinhos! essa a que esteve, primordialmente, associado o genio rio-grandense e a que a manhã de 20 de fevereiro de 1811 „ha entregado a la historia bajo el nombre de *grito de Asencio*" (Bauzá, cit.) ... „al son de los clarines montaraces de Viera" (Carlos Roxlo, „Historia Critica de la Literatura Uruguaya").

... „Viera con su *genial* travesura *se adelantó* hasta el pueblo com algunos gauchos, é intimó al commandante Fernández" etc.... (Santiago Bollo, „Manual de Historia de la Republica O. del Uruguay").

... „Era sublime el espetaculo que presentava la Banda Oriental en los primeros meses del año 1811" ... (Enrique Antuña, „Lecciones de Historia Nacional).

... „En las riberas de Asencio, riachuelo del Departamento de Soriano, Venancio Benavídez, cabo de milicianos y *Pedro Vieira*, capataz de estancia, reunieron el 28 de febrero de 1811 ochenta o cien hombres del pueblo, marcharon con ellos sobre la ciudad de Mercedes, y deponiendo las autoridades constituidas proclamaron la caida del poder español. Un mes depués se habia pronunciado el pais intero en el mismo sentido... La espontaneidad del movimento habia sido indiscutible... Produjo verdadera alegria en el seno de la Junta que enviaba emissarios, felicitaciones y ascensos a los insurrectos... (Bauzá, tomo I) .... „Disponian (Vieira e Benavídez) de un centenar de hombres entre milicianos y vecinos... Apenas rompia el sol, empezaron a aparecer a caballo y en grupos los conjurados, ostentando sus armas... La tradicion asegura que cuando se completó el numero de ochenta, segun algunos, de ciento, segun otros, *Vieira* y Benavídez, dirigiéndose respectivamente a los suyos, empezaron a arengarlos con palabras entusiastas, proclamando la caida del Gobierno español, y señalándoles Mercedes como punto objectivo de un ataque inmediato. Largas y repetidas muestras de asentimento, mezcladas con aclamaciones y vivas, manifestaron la adhesión a lo propuesto, y el éco extendió por los contornos las mil notas confusas de aquel juramento al aire libre. . .

Dirigiéronse los conjurados a Mercedes, donde fraternizaron con la pequeña guarnicion comandada por el teniente Fernández, (nativo de Montevidéo) posesionándose inmediatamente de la ciudad. Allí establecieron su cuartel general, *elegiendo* por jefe al mismo Fernández y *por segundo a Vieira*, en medio del mayor acuerdo de opinones.

Los vecinos más respetables de Mercedes se incorporaran al movimento, arrastrando consigo el pueblo, que siguió el impulso...

Posesionados de Mercedes, los revolucionarios acordaron extenderse hasta Soriano, ocupándolo militarmente.

Al efecto, *fué comisionado Viera*, quien recebió de Fernández *un oficio dirigido al Cabildo del pueblo*... Con este aviso conminatorio y *un buen trozo de caballeria, partió Vieira, apareciendo sobre Soriano* a las tres de la tarde de aquel mismo dia 28.

El Cabildo, apenas recibió la intimacion... ríndió el pueblo, exigiendo la seguridad de vidas y haciendas, que le fué prometida y escrupulosamente otorgada"... (Bauzá, tomo III, cit.)

Termina a acta, então assignada por *Pedro Vieira*, na villa de Santo Domingo de Soriano, nesse dia 28 de fevereiro de 1811, com estas palavras: — „Accedimos a que se posesionase de la Villa *D. Pedro Viera Commandante de Exto* que arriba se expresa con la condicion de asegurarmos lo que en el oficio se contiene"... Figura na „Historia de Belgrano„, por Mitre, o officio de 14 de março de 1811 dirigido á Junta de Buenos-Aires, no qual o general Belgrano (do quartel general de Candelaria) allude á *importancia da insurreição dos primeiros povos uruguayos* e avisa a remessa de reforços.

Em data de 7 de março, a Junta, que mandou Artigas para o theatro dos novos aontecimentos, com alguns soldados, officiára á Belgrano para que *invadisse a Banda Oriental, assumindo o commando em chefe de todas as forças* (Fregeiro, cit.) Em meiados de abril de 1811, chegou Belgrano a Mercedes, e se as operações marchassem ao sabor dos seus desejos, Buenos Aires teria a direcção suprema da campanha e, depois da victoria, o Uruguay ficaria subordinado como estivera antes. (General Tasso Fragoso, „A Batalha do Rosario").

Quando Artigas pisou o solo natal, nos primeiros dias de abril, dirigindo-se a Mercedes, a insurreição estava senhora do

territorio, tendo os campesinos formado nucleos maiores, e elle, nessa hora adequada, realizando-se as suas predicções sobre o Uruguay, veio imprimir unidade e systema nas forças espontaneamente surgidas e donas do territorio, (Ferdinand Denis, „Resumé de l'histoire du Paraguay, de Buenos-Aires et des Provinces de la Plata."), desde os confins do norte até proximo aos do sul, em Minas, e já virtualmente em cerco, Montevidéo, após o desastre hespanhol de 24 de abril. (Padre José Gomes Ribeiro, informe de Montevidéo, mandado a Diogo Duarte Silva, sua carta de 27 de maio de 1811). Maldonado, Minas, Canelones, São Carlos, Durazno, Santa Lucia, emfim toda a campanha se ergue contra os representantes da corôa de Hespanha. O patriotismo accendêra os corações e um generoso e principal concurso, inicialmente, prodigalisára ao Uruguay o espirito rio-grandense que *Pedro Vieira* irradiára, no *prologo da contenda*, em Asencio, levantando a bandeira da emancipação! E, assim, comprehendendo a vantagem de afastar um grande perigo, isto é, a presença do governo da metropole na pessôa de Elio, governador de Montevidéo, fizeram dessa cruzada uma causa sua os estrangeiros domiciliados na terra, os „muitos soldados rio-grandenses (chamados „portuguezes" no Rio da Prata) ao serviço de Buenos Aires, na tropa insurrecta". (Bauzá, III), até á triumphal jornada de San-José, acção memoravel, em que o chefe inimigo confessou que teria resistido se não fossem esses soldados rio-grandenses que „mais vivamente o forçaram" (Bauzá, idem).

De facto, ao lado do Uruguay, participou da santa-cruzada um regimento de trezentos rio-grandenses, de trezentos continentinos, assim como esse velho sentimento da terra americana (Fernando Osorio, „Traços Eternos do Rio Grande" e „Espirito das Armas Brasileiras") despontou irradiando por todos os lados da America, no coração de dois rio-grandenses que, no Estado-Maior do general San-Martin, realizaram, com elle, a celebre proeza que os fez atravessar a cordilheria dos Andes! „Un capitan del cuerpo de Blandengues, de gran prestigio en la campaña, José Gervasio Artigas, fugó a Buenos Aires, de donde regresó poco despues con el grado de teniente coronel y 150 hombres, a proseguir *el movimiento revolucionario que habia estallado em febrero, encabezado por Viera y Benavidez*" („El Uruguay", Dr. D. Celedino Nin y Silva).

* * *

Pertinaz, viril, ardente povo uruguayo na triplice luta contra o hespanhol, contra o argentino e, em breve, contra os luso-brasileiros!

Aberto o conflicto entre Elio e a Junta de Buenos-Aires, D. João VI propôz-se a harmonisal-os como mediador, afim de que cessassem as hostilidades, mas não foi aceito esse seu gesto.

Foi por entre as discordias dos argentinos e orientaes que D. João VI, desde 1817, firmando o seu dominio em Montevidéo, com a espada de Lecór, feriu *a questão internacional mais seria deste continente*, adverte Euclydes da Cunha, porque, dest'arte, lançou as primeiras linhas de uma opposição, — até hoje victoriosa, — *contra o pensamento da reconstituição do Vice-reinado platino*, — fadado a se desunir, — mas que, desde 1811, se planeára na Junta Governativa de Buenos Aires. A essa Junta, participára, em março de 1808, o nosso ministro de extrangeiros, D. Rodrigo de Souza Coutinho, que D. João VI estava resolvido a tomar todo o vice-reinado „sob sua real protecção" e que, se tão amigaveis propostas não fossem aceitas, elle faria „causa commum com seu poderoso alliado o rei da Inglaterra." E, prevía, assim, D. João VI, na America, a politica das nacionalidades, contra a qual antecipava um obstaculo, antes que ella se tornasse na Europa o eixo da politica do seculo dezenove. („Formation historique de la Nacionalité Brésilenne", Oliveira Lima).

Muitos dos pró-homens da revolução, (Belgrano, Peña, Pueyrredón, etc.) temerosos das provaveis represalias de Hespanha e da anarchia interna, de cuja apparição já surgiam os signaes percursores, achavam feliz a solução de collocar á testa do governo uma princeza (a hespanhola Carlota Joaquina, mulher de João VI), irmã do rei Fernando VII que naturalmente mais tarde buscaria reconquistal-os. („Historia da Fundação do Imperio do Brasil", Pereira da Silva.) Um aviso opportuno déra D. Rodrigo Coutinho, felicitando a Junta de Buenos-Aires, que participára ao principe regente a rebellião de 25 de maio de 1810: — Que adoptaria os meios necessarios „para que a chamma da guerra civil se não estendesse aos seus domínios." Um *plano de conquista do Rio-Grande e de todo o Brasil* fôra organisado, em 1810, pelo Dr. Mariano Moreno („La Cultura Argentina", Escriptos politicos e economicos) para introduzir o idioma castelhano, usos, costumes e adhesão ao governo, saquear aldeias e fazendas, aniquillando, em parte, o partido revolucionario brasileiro, etc. (Fernando Osorio, „Espirito das Armas", cit.).

As instrucções dadas ao capitão-general do Rio-Grande para que, promptamente, penetrasse em territorio hespanhol, resavam: Que publicasse, em manifesto, que „as puras e leaes intenções de S. A. R. eram *pacificar* as terras de S. M. Catholica e *não conquistal-as*".

Intervindo na Banda Oriental, á frente de duas divisões brasileiras, ao chegar D. Digoo de Souza, governador do Rio Grande, em julho de 1811, a Maldonado, soube do *armisticio* que o general hespanhol Elio concluira com os independentes. Sem respeitar esse armisticio, Artigas, que se collocára do outro lado do Uruguay, rompeu as *hostilidades*, tendo se retirado as tropas argentinas para Buenos Aires. D. Diogo, então, assumiu attitude altaneira. Foram, por toda parte, victoriosas as tropas brasileiras (Rio Branco, cit.), até que se retiraram para a fronteira pelo armisticio de maio de 1812.

Tornaram os independentes a passar o Uruguay e apoderaram-se de Montevidéo, em 1813. Foi, então, durante este sitio de Montevidéo que o infatigavel Artigas *rompeu definitivamente* com o governo de Buenos Aires, desvairado este da idéa de ficar a todo custo senhor do Uruguay, derrotando as forças argentinas, de 1813 a 1815 e mesmo depois, e expulsando-as da Banda Oriental, de que ficou senhor absoluto, bem como das provincias de Entre-Rios, e influindo até além do Paraná, sobre Santa Fé e Cordova.

No Paraguay não foram mais felizes os argentinos, ficando, com a derrota de Belgrano, *dividido*, logo apóz a independencia, o Vice-reinado do Rio da Prata, (de que dependiam o Uruguay, o Paraguay e a Bolivia, tambem chamada Alto Perú ou Provincia de Charcas.) A victoria ganha aos inglezes invasores déra aos povos do Prata a consciencia de que puderiam governar-se sem tutellas estranhas. E, embora „com as suas fraquezas e até com a sua ignorancia", Artigas salienta-se como „uma personalidade superior". („Historia Argentina", Julio Cobos Daract.) Quiz o Uruguay ser independente desse Vice-reinado, antes de querer ser independente de Hespanha, pois, dando o primeiro exemplo de governo proprio em Sul America, o Cabildo Abierto, em 1808; ao insubordinar-se contratra o Vice-reinado do Prata, embora ainda proclamando seu respeito a Fernando VII, „autonomisou Montevidéo da autoridade de Buenos Aires", (A. Zen Felde, „Procésso Historico del Uruguay"), dando, com essa „autonomia provincial" o primeiro passo para a „autonomia americana".

Buenos Aires não perdeu de vista esse acto de rebeldia e, dahi por diante, tudo fará para submetter de novo Montevidéo á sua acção directa. Desde o primeiro momento, se oppuzeram os interesses economicos de Montevidéo, chave do estuario, e Buenos-Aires, em constante rivalidade até 1808. Na caudilhesca situação do Uruguay até 1830, os orientaes pleiteavam a autonomia regional, dizendo „meu paiz, minha provincia", referindo-se á Banda Oriental, não figurando a palavra *patria* em nenhum escripto e em nenhum discurso (Zelde, cit.) Artigas luta contra o centralismo de Buenos-Aires, como depois Rivera, e não contra as Provincias Unidas. Contrapôz-se, com energia, o caudilho oriental, aos dois projectos que enfrentou a revolução argentina: — o de, pela violencia, manter grupadas sob a chefia de Buenos-Aires, todas as antigas circumscripções do vice-reinado do Prata; e ao projecto de submetter-se ao dominio de um principe ou de uma nação estrangeira, contanto que não fosse a Hespanha. Para salvar a Argentina, cuja situação era insustentavel em principios de 1811, sacrificou-se a Banda Oriental nesse anno e em 1812 e, pela terceira vez, em 1825, (Z. Felde, cit.) ficando de pé as tropas brasileiras que, de setembro de 1816 a janeiro de 1817 desbarataram a flôr das tropas artiguenhas (Rio Branco, cit.).

Golpeáramos de morte o poder militar do desventurado Artigas, na batalha de Catalão, a 4 de janeiro de 1817. E, em 22 de janeiro de 1820, foi Artigas, por nós completamente derrotado, na batalha de Taquarembó, refugiando-se no Paraguay, onde o prendeu o dictador Francia.

Já no projecto de Constituição brasileira, discutido em 1823, os nossos homens politicos, unanimemente, votaram, no art. 1.º, que a Cisplatina comprehender-se-ia no territorio do imperio, *não como provincia* e *sim como Estado* e *por federação*. Quando convenceu-se que era possivel uma *federação democratica* do Rio Grande com o resto do Brasil, Bento Gonçalves se votou a essa obra de transformação, elle, que, por intermedio do Padre Caldas, se approximara das conspirações de Lavalleja.

Por 1829, bradava, no parlamento do Brasil, Hollanda Cavalcanti: — „O genio da liberdade adeja sobre o continente americano, desde o estreito de Bhering até o cabo de Horn."

* * *

Um episodio desagradavel ameaçou trazer a discordia, romper a solidariedade entre os pioneiros da emancipação do Uruguay.

E' o caso que o governador hespanhol Elio gabou-se de contar com um auxilio de quatro mil portuguezes e neste sentido lançou uma proclamação que fez com que se levantassem contra *Pedro Vieira* os naturaes do paiz „por não dever ser *primeiro chefe*, um homem da nação com a qual os ameaçavam de lhes atacar o seu systema". Mas, sensatamente, a Junta expediu ordem, a 7 de abril, *para que fosse restituido* o desacatado *ás suas honras e emprego*, no que foi obedecido. O que se passou com Pedro Vieira lembra o succedido com o seu com-

patricio Bento Gonçalves que, tambem, tendo pelejado algum tempo junto de Artigas, para cujo campo desertára, voltou aos penates, depois de ter servido como furriel de auxiliares, na guerra de 1811, e prestado serviços como „alcalde" subordinado ao lidador oriental.

„Não imagina quanto amo a minha nação" — escreveu, então, o futuro chefe da epopéa de 35.

Envolveu-se *Pedro Vieira* num desses conflictos domesticos do artiguismo.

Foi, realmente, um erro de Artigas, irreparavel, o ter elle, visando augmentar as lévas de voluntarios, incluido nas medidas severas, nas sancções rigorosas, violentas, que decretou, os habitantes de raça portugueza, dos quaes merecera espontaneo apoio. Foi essa inepta guerra, ateiada a ferro e fogo, assolando a fronteira, foi isto que mudou o sentimento dos rio-grandenses, occasionando, em represalia, as expedições vingadoras de Sebastião Barreto e Bento Gonçalves. „Os do Continente vem desgostosos e vão desertando para a sua patria" (Carta de Rivera a Lavalleja, 18 de março de 1816).

Guerra barbara a que Artigas inaugurou contra os visinhos de alem e de aquem da linha, que reagiram, dirigindo Lecór ao Uruguay uma proclamação em que „assegurava que o proposito de seu soberano não era outro que *libertar os orientaes e os rio-grandenses dos* insultos do caudilho Artigas (Berra, „Bosquejo historico de la Republica Oriental"). E' relevante o facto de haverem interferido os rio-grandenses, quasi que ininterruptamente, nas contendas orientaes, em prol da liberdade e da fraternidade americana. E dessa cooperação activa, numa vasta solidariedade, é exemplo, antes do regrésso de Artigas, profugo em Buenos-Aires, a presença, tambem, do nosso patricio Francisco Bicudo na conjura de Paysandú, a qual foi descoberta, escapando elle e sendo encarcerados a maior parte dos compromettidos. („Dominacion española", cit.). Francisco Bicudo resurge, com uma força, em Soriano, tendo parte saliente no combate de 4 de abril, para morrer, bizarramente, defendendo Paysandú, onde se entrincheirára, com 50 homens, sendo atacado por 200, providos de munições.

Assim como a causa do visinho povo foi esposada pelo rio-grandense, de notoria estirpe, Manoel Pinto Carneiro, á frente de 952 homens, tendo, antes, sublevado os visinhos de Belém, como criador bemquisto e influente que era.

Pedro José Vieira, então, aberta a nova luta, figura á testa de 800 milicianos! sem que a intervenção militar do principe regente, no Uruguay, lhe diminuisse o enthusiasmo.

Por dissidencias ulteriores com Artigas, passou *Pedro Vieira* para Buenos-Aires, com outros officiaes, onde serviu com a graduação de *Coronel,* até 1825. Neste anno, deixou o serviço da Confederação, por ter a patria na lembrança, e as autoridades do Brasil, ás quaes se apresentou, lhe deram posto nas linhas de defesa da Colonia do Sacramento, a disputada extremadura, que os portuguezes haviam povoado, estabelecendo um centro activo de faina rural e commercial com inglezes, hollandezes e outras gentes do mar, e onde se concentraram, numa phase dramatica, „as palpitações da incipiente vida nacional."

Ahi, nesse posto avançado, „se recommendou *Pedro Vieira* por sua boa conducta e foi *ferido.* (Relação do official maior da secretaria militar de Montevidéo, 7 de abril de 1825; e Theotonio Meirelles da Silva, „Apontamentos para a historia da marinha de guerra brasileira".)

Não quiz, por ser rio-grandense, permanecer naquella Republica e passou para a provincia Cisplatina, diz a folha „Imperio do Brasil", de 13 de maio de 1826, depois do vexame com que, rompidas as hostilidades, o melindrou a offensiva e deprimente exaltação do povo de Buenos-Aires, intitulando os filhos do Imperio de „portuguezes". („Rev, Cisplat.", Varella).

Já attingindo o cimo da sua velhice veneranda, *Pedro José Vieira,* sem mudar de ideias, em prol da liberdade, vindo habitar a comarca de Piratiny, depois da paz de 1828, entre o Brasil e a Argentina, da qual resultou, definitivamente, a soberania do nobre e sympathico Uruguay, pela qual batalhára, como precursor, — prestou o seu concurso ao governo republicano farroupilha. („O Noticiador", 2 de julho de 1834; e officios de Vieira a Domingos de Almeida, de 22 de abril de 1840; a I. Guimarães, de 10 de abril de 1840 e o deste a C. Campello, de 11 do mencionando mez de abril.) Não foi o glorioso ancião incoherente, nutrindo, ainda, o sentimento intenso que um ex-ministro de Bento Gonçalves, J. da S. Brandão, deixou patente dizendo, nesse mesmo anno de 1840, que a luta rio-grandense não era só uma empreza particularista, „a Causa Santa em que estamos empenhados *é a da liberdade universal do continente americano.*" Consta-me que existem referencias de historiographos do Rio da Prata demonstrativos da posterior influencia do Coronel *Pedro Vieira* (dado o grito de gloria, em Asencio) sobre os primeiros esboços de organisação independente do Uruguay, até ao ponto de procurar prevenir os possiveis e inevitaveis conflictos, alli, entre os elementos caudilhescos, o que se verificou.

Legado de vibração ... legado de sonho ... o destes exemplos generosos que, soberanamente, augmentam a vitalidade da gloria do Rio-Grande! mostrando que, na comprehensão do passado, irradiámos, sem exclusivismos, sem estreitezas, o nosso genio no Continente, em vibrações de harmonia, em largas palpitações renovadoras das duas idéas gemeas de liberdade e de fraternidade na America!

Não esqueça o Rio-Grande a gloria do seu modesto filho, o gaucho *Pedro Vieira*, personagem tão saliente entre os primitivos iniciadores da emancipação do Uruguay!

Aqui fica a suggestão de erguer o Rio-Grande uma columna commemorativa, uma placa que seja, ao emerito lidador, homenagem votiva que bem puderia ser, como traço de união, entre os dois paizes amigos, situada na ponte Mauá do rio Jaguarão cujas aguas beijam as orlas do berço uruguayo da figura homerica de Artigas e da extremecida patria do agigantado vulto de *Pedro Vieira!*

Pelotas, 7 de maio de 1930.

Fernando Luis OSORIO.

O autor dedica este modesto trabalho aos seus nobres amigos o egregio dezembargador Florencio de Abreu, emerito presidente do Instituto Historico rio-grandense, e o preclaro cantor das nossas tradições Alcides Maya, director do Musêo e Archivo Historico do Rio Grande do Sul.

LA EXPANSION IMPERIAL DE HISPANIA

EL SOBERANO CONGRESO. — Los Manifiestos encuadránse es la naturaleza del Congreso de Tucumán, de 1816. El Congreso de Tucumán fué ante todo y sobre todo, para nos otros, una acción rectilínea en pro de la Autoridad, y mas relevante fué esta característica porque lo hizo en pro de una autoridad nueva, es decir naciente, porque requería en su torno la maxima responsabilidad, y el supremo cuidado porque, era una autoridad realmente naciente, y mejor dicho re-naciente, porque surgía a una nueva etapa de su ser: la vida republicana, con la acrecentada experiencia y consolidación que le daban los 3 siglos del Imperio (1492-1810); y por ellos el Congreso rechazó de plano, con la elegancia intrínseca de su energía aristocrática, la baraunda anárquica, niveladora con su carnavalesca actividad, agitada en la acción disolvente de las insurrecciones intestinas.

Además y por ello, el Congreso de Tucumán, siempre en nuestra tierra argentina, representará patricialmente, con inusitado eco y rara vibración, que secretamente impulsará cada día mas allá, al hombre de Estado, hinchendo el ideal velamen de su frontal ambición de mando, — símil marítimo ajustado al surcamiento del universal *mare vitae*, — una real y verdadera afirmación vigorosa del Poder: de su alto anhelo a poseerlo, de su firme voluntad a ejercerlo, de su limpio deseo a dominarlo con privilegio y exclusividad, para asi tornarlo entre sus masculinas manos gubernativas mas fúlgido en su potencialidad, que el fulgente brillo de la Espada, que es su símbolo eterno; tersa y acerada asi la espada, — !glorioso sable granadero en tierra argentina! — es muy breve en su extensión, y hondísima en su eficacia, porque de ella está pendiente, de su proprio filo: la vida y la muerte; la vida, que a la humana criatura dé un relámpago de la Existencia; y la Muerte, que franquea la permanencia en la Inmortalidad . . .

Ellos son la vibración de aquel impulso inicial que Laprida presidiera cuando la Declaración y Acta de la Independencia; poco importa que no los redactara ni los suscribiera, aun-

que en cambio asistió a su deliberatión y sanción, para que en una publicación de estas características, como la nuestra, esos Manifiestos no se recuerden por vez primera asi, en esta forma, y vinculados a él, en homenaje conjunto a su ilustre nombre, y al Soberano Congreso de Tucumán.

LOS MANIFIESTOS. — El Manifiesto del 1 Ag. es la palabra previa a la Declaración de Independencia, el cual es a un mismo tiempo, anterior y posterior a la Declaración misma: anterior, porque se preceptuó antes del 9 de Julio, y es posterior, porque se publicó el 3 de Ag.; mejor dicho solo es posterior, en cuanto a su publicación, ya que no se refiere al Acta del 9; y asi es anterior por su orígen al fijarlo la Nota de trabajos del Congreso, con jerarquia n.º 1; por tanto para la Declaración de Independencia: es su preámbulo, su admonición, y su página liminar.

El Manifiesto del 18 O. tiende a restablecer la autoridad suprema del Estado, vela por el fuero del Congreso, y afianza su ideal jurisdicción territorial, para luego acometer las empresas libertadoras trasandinas; fue un manifiesto interpolado entre el Acta y su Manifiesto a las Naciones, por propia interpolación de las circunstancias, en el afanoso trabajar de las pasiones, que operaban en los núcleos patriotas, tras el manejo del Poder público.

El Manifiesto del 25 O. realiza la alocución preceptuada en el Acta del 9 de Julio, de explicar a las Naciones, la Declaración de Independencia; y lo realiza desde Buenos Aires, transcurrido el 1 aniversario del 9 Jl. y seis meses después de su traslado allí; es decir. lo hizo sin precipitaciones, para demostrar implícitamente la seguridad de su causa, y desde su nueva sede: la capital-puerto del pais, para demostrar aun si cabe la perfecta unidad de su acción.

Estos Manifiestos son relaciones históricas con el tono de su época, que reflejan las pasiones de su tiempo, que como todas tuvieron su vitalidad y su eficacia, y su momento dado, el cual traspuesto ya a un siglo de distancia, — !oh perspectiva del Tiempo en la pendiente... hacia el horizonte inexplorado!, — solo vibran ante nosotros con el recuerdo compatriota o inspiran el respeto por su acción en la lucha desplegada, al ser vehículo y transmisor de las aspiraciones de los hombres de esos dias, que pusieron su fé y su entusiasmo patricio. Y asi ellos en ese molde literario vaciaron su esfuerzo y su ambición, no precavidos de la justeza histórica de todas sus afirmaciones, ni de la exageración literaria en la exaltación documental, que para ese empeño, entendemos, que ellos mismos, los estimaban, con rango de lateralidad; es decir, les

desconocían valor central, porque eran, son y serán, lo que llamaríamos, conceptos de replanteo de límites, donde despues, se fijaría serenamente una frontera humana.

Asi por todo esto no escandaliza, ni es síntoma de animosidad, ni renovamiento de pretéritas polémicas desorbitadas, la recordación de estos Manifiestos, por la conceptuación no-hispanista que contienen, ni por su índice de afirmación hostil para la obra de la antigua Metrópoli, y la calificación para la Guerra de 1810; porque si bien es verdad que la moderna investigación histórica rectifica con abundancia, — que no hemos de precisar aqui, — el esclarecimiento de tantos sucesos allí referidos; hay además un documento oficial del propio Gobierno Argentino, de valor incontrovertible, cual es el Decreto de S. E. el Presidente Yrigoyen, creando el Dia de la Raza, el 4 de O. de 1917, en el cual se muestra el reverso de aquella literatura, que se inspiró en una pasagera tendencialidad a exagerar la des-unión y romper el engranaje espiritual, que ligaba entre sí secularmente a estos paises continentales; y por ello fijó nuevo cauce, con criterio de ecuanimidad y justeza para la multiforme actividad del Imperio (1492-1810), y afirmó los ideales latentes de solidaridad y conciliación que deben crecer para mutua defensa y estabilidad entre nuestros paizes; y por ello debemos recordarlo aqui:

> „Que el Descubrimiento de América, es el acontecimiento de mas trascendencia que haya realizado la Humanidad a traves de los tiempos, pues todas las renovaciones se derivan de este asombroso suceso, que al par que amplió los lindes de la tierra, abrió insospechados horizontes al espíritu.
>
> Que se debió al genio hispano, al — identificarse, con la visión sublime del genio de Colón, — efemérides tan portentosa, cuya obra no quedó circunscripta al prodigio del Descubrimiento, sinó que la consolidó con la Conquista, empresa ésta tan ardua y ciclópea, que no tiene términos posibles de comparación en los anales de todos los Pueblos.
>
> Que la España descubridora y conquistadora volcó sobre el Continente enignático el valor de sus guerreros, el denuedo de sus exploradores, la fé de sus Sacerdotes, el preceptismo de sus sabios, las labores de sus menestrales; y con la aleación de todos estos factores, obró el milagro de conquistar para la Civilización la inmensa heredad, en que hoy florecen las Naciones americanas.

Portanto, siendo eminentemente justo consagrar la festividad de esta fecha en homenaje a España, progenitora de Naciones, a las cuales ha dado, con la levadura de su sangre, y con la armonía de su lengua, una herencia inmortal que debemos de afirmar y de mantener con jubiloso reconocimiento."

EXPANSIÓN IMPERIAL. — Y asi ante la situación adversa, que muestra un emplace deficiente del mirador espiritual, — en aquellos Manifiestos, como en qualquier literatura histórica de cualquier latitud, que desconozca el valor del esfuerzo formidable, — que como humano tiene sus errores no ocultables y permanentes, desplegado entre 1492 a 1810, en esta área transatlántica, debemos evocarlo, e *a coup d'oeil d'ensemble*, y con nuestra subjetividad argentina asi:

Quien podría hoy, y externo, tachar de insuficiencia, mas que la incomprensión mediocre agitada en su esterilidad, o la rivalidad que olvida la espiritual nobleza, o la incultura cebada en la hueca palabrería, a aquella magnífica expansión imperial de Hispania, — !destino divino de su Fé cristiana, empurpurada con la ofrenda! — que se expandió bilingualmente con sus dos riquísimas lenguas peninsulares de Castellanos y Portugueses, sobre el Planisferio, al traves de Mares y de Continentes presentidos por los antiguos amadores de la Sabiduría, o adivinados en la hiperestesia interpretativa de la vigilia, asi de Oriente a Occidente, de Naciente a Poniente, ensanchando el Mundo conocido, como fiel reflejo del simbolismo palpitante y prepotencial de su carolingia Aguila bi-céfala.

Y asi cuando por encima de los Oceános desconocidos, o de las tierras ignotas, nunca holladas, por planta humana, allí donde bajo estos cielos el Sol tiene luminosidad nueva, y guarda atesorando fecundidad, que se releva en la voluptuosidad turbadora de la Naturaleza virgen, las caravanas interminables de nuevos Pobladores, siempre renovadas, — !feliz y dolorosa sangría emigratoria del Solar! — alcanzaron poli-confluencialmente a labrar dia a dia, en el afanoso trabajo, — el fecundante multiplicador, — de sembrar y prosperar la Civilización, y mas en estos Pueblos jóvenes; alto don que recibió nuestra América en retorno a su espléndida dádiva que le ofreció a Hispania, su imponderable plataforma territorial de muchos millones de kilometros cuadrados, con muchos mas millones de Habitantes, que al través de los tiempos se multiplicarán.

Ahi están, sobre las tierras de nuestra América, sobre los territorios de nuestra Civilización, sobre las tierras dequiera

se hable castellano o portugués en el mundo, las pléyadas de Navegantes, Conquistadores, Evangelizadores y Colonizadores, dos brillan perennes: unos, con la prestancia varonil de su heroismo surgente; otros, con su arrojo empenachado de valentía rebelde; estos, con el inflamado — *flama ignis!* — sacrificio de su fé catholica; aquellos, con el civil esfuerzo de sus vidas rurales, o de ciudad; todos, propicios a la juvenil admiración, y a la ovación rumorosa, y a la emoción silenciosa, plena de ágil floración. Y por encima de todos, nombrados y no enumerados, dominando a todos ellos, y a todo, *usque ortus ad occasum*, „desde la aurora al ocaso", — !oh tributo eterno del eterno encantamiento! — con incónsutil mando, visible o intangiblemente, la grácil figura de la Mujer, ora europea, ora indígena, con su carne blanca o su pudor ardiente, con sus ojos de casto fulgor, o su mirada leve indefinible, presente en las Indais o añorada en su casa trasocéanica; ya núbil en el conventual recinto con su plegaria suplicante, ya esposa en el hogar cálido, oculta animadora de la familiar labor; y siempre, !la Amada! femenino faro sin igual, aureolada virginal o ennoblecido con la maternidad, presideiendo con su imagem idealizada, el pensamiento o la realización de la obra masculina, desde su solio, nimbado de ilusión, en el ideal amor o en el amor real; vívidos intensamente, conjuntos o unilaterales, en el firmamento del Ensueño o en el mundo de la Realidad.

Y fué asi, gracias a ese esfuerzo denodado y tesonero, insistentemente humano y heroico a un tiempo, saturado de materialidad unas veces, y otras veces perfumado de idealismo, que los Conquistadores cumplieron su obra de fundar en la América idolátrica la Civilización Occidental, en el correr de los tres siglos del Imperio: XV al XIX, — lentísimo correr de la hora, que se resbala, por el filo imperceptible, inaprensible del Instante, sobre la inmensidad de la llanura despoblada, o en la zozobra de las tierras montañosas con sus bosques impenetrables, — entonces pudiendo Hispania, recien ascender a la magestad del Imperio, que culminó su primario apogeo en el siglo XVI, el cual guarda para las generaciones posteriores, la seducción de su aúrea tradición filtrada cual en alambique medioeval, o el prestigio de su cultura, renacentista, profundamente humana, con su clásica levadura, de oriental paganía, y extático Deísmo.

Córdoba, 21 O. 1929.

Dr. J. Francisco V. Silva.

Manoel de Araujo Porto Alegre

UMA AUTO-BIOGRAPHIA INEDITA

Entre os papeis intimos de Manoel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo, confiados ao fallecido professor João Maximiano Mafra, e por este transmittidos ao seu genro Sr. Dr. Carlos de Laet, que mais tarde crearia na Academia Brasileira de Lettras a cadeira de que é patrono o poeta do „Colombo", encontrava-se o seguinte extenso manuscripto, até hoje inedito e que o actual Presidente da Academia acaba de offerecer para os seus archivos:

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS — Manoel de Araujo Porto Alegre nasceu na cidade do Rio Pardo, na provincia de São Pedro, aos 29 dias de Novembro de 1806, e foi baptisado na matriz de N. S. do Rosario, a 6 de Janeiro de 1807.

Filho legitimo de Francisco José de Araujo, negociante de fazendas e trigo, e de D. Francisca Antonia Vianna, filha do negociante e proprietario Francisco Pereira Vianna.

Na idade de cinco annos perdeu seu pai.

Sua mãi casou-se em segunda nupcias com o negociante Antonio José Teixeira de Macedo, que o mandou educar segundo os recursos do tempo. Começou as primeiras lettras com o mestre Avila, e estando no Rio de Janeiro em 1816, entrou para a escola do mestre Varella, onde esteve alguns mezes, indo acabal-as com o mestre Paraizo.

Já era o primeiro, o mais instruido da escola, e tinha o seu curso findo, quando pela primeira vez gazeou para ir ver pintar a illuminação que a Camara de Porto Alegre mandou fazer pelo nascimento do Principe da Beira: por este motivo foi pela primeira vez castigado por seu mestre.

Na idade de 12 annos perdeu o seu padrasto.

Em Porto Alegre frequentou a aula do muito respeitavel padre mestre conego Thomé Luiz de Souza, professor de latim;

a do muito eloquente e illustre padre mestre fr. João de Santa Barbara, professor de philosophia, e com quem aprendeu geographia, e a do Coronel João Baptista Alves da Silva Porto, lente de geometria e algebra. Aprendeu a lingua franceza com Mr. Gondret.

Desde a sua infancia mostrou sempre muita inclinação para o desenho e as sciencias naturaes, pois passava as horas vagas a pintar e a colher productos da natureza, do que tinha em seu quarto um museuzinho preparado por elle.

Na idade de 16 annos, e tendo feito os estudos que podia fazer em Porto Alegre, quiz ter uma profissão, e começou a de relojoeiro.

Já ajudava seu mestre e trabalhava na confecção de rodas e carreteis, quando chegou a Porto Algre um joven francez, chamado Francisco Ther, que havia estudado alguma cousa e desenho.

Porto Alegre ligou-se de amizade com elle, que era hospede do seu mestre, e começou a pintar; mas em pouco tempo o excedeu, porque Ther era então um curioso. O seu mestre de relojoaria, vendo aquella vocação tão pronunciada foi quem o aconselhou a seguir a pintura, e quem mais lhe avivou o espirito com a narração que lhe fazia das maravilhas de Pariz e da Hespanha, onde tinha servido e batalhado no tempo de Napoleão.

Havia em Porto Alegre então um retratista por nome Manoel Gentil e um pintor de decorações chamado João de Deus; o primeiro não queria ensinar a ninguem, e o segundo era um bom encarnador de imagens.

Pelo que observava nas poucas vezes que era admittido a ver trabalhar estes homens, aprendeu o manejo das tintas a oleo, e começou por si mesmo a fazer alguns paineis.

Mandou buscar no Rio estampas elementares e alguns livros, e divertia-se em copial-as e em pintar paizagens que copiava de algumas estampas e bocetas de Brunswick.

Num theatro particular, onde representava fazia algumas pinturas com os seus amigos Justino Antonio Pinto e José Simeão de Oliveira.

Sem conhecer a menor regra de perspectiva, vivia numa grande afflicção por não saber dar profundidade ás scenas e representar as cousas ao longe, como é precizo. Haviam-lhe emprestado uma gravura, representando o interior dos banhos romanos de Nismes, e elle contemplava aquella perspectiva, procurando estudar o meio de fazer fugir os objectos. De repente começa a notar que certas linhas iam todas convergir a um ponto: põe em cima da estampa duas reguas, examina to-

das as linhas do pavimento e cimalhas, e tão contente se achou daquella descoberta que desmaiou de prazer! Não dormio a espera do dia, e logo que este veio foi para o theatro fazer applicação da sua descoberta, pelo que foi cumprimentado por todos os seus amigos artistas, todos discipulos da natureza.

Seduzido por José Simeão para ajudal-o em umas pinturas que estava fazendo na casa de João Luiz Teixeira, começou a tomar gosto neste trabalho, e a trabalhar por sua conta tambem; e chegou ao ponto de ser convidado pelo orgulhoso João de Deus para ajudal-o nas pinturas que estava fazendo em casa de Joãozinho da Olaria.

Em casa deste honrado e industrioso proprietario vio elle a gravura do desembarque da Imperatriz Leopoldina e soube que o mestre que havia feito aquelle painel estava no Rio de Janeiro e se chamava João Baptista Debret.

Concebeu a idéa de ir ao Rio, mas essa idéa não lhe era possivel realizar, porque não tinha animo de deixar sua mãi sósinha, e nem esta podia ouvir fallar em tal cousa.

Em 1826, Salvador José Maciel, Presidente da Provincia, o incluio no recrutamento cruel que fez, e mandou-lhe assentar praça no regimento de dragões do Rio Pardo.

Esta violencia foi motivada por uma vingança do Capitão-mór João Thomaz Coelho, irritado por haver collocado o joven Porto-Alegre a sua filha mais velha em primeiro lugar no ról das moças feias da cidade, que elle e outros formaram.

No dia em que se tratava de reconhecer-se cadête, encontrou com o visconde de Castro, que o levou ao Presidente, e fez com que Maciel promovesse a sua baixa. O visconde fallou ao Presidente com ar senhoril, e este lhe respondeu com a maior submissão, protestando sua innocencia. O artista admira-se de tudo isto, porque ignorava que a Marqueza de Santos era irmã do Visconde, e muito menos o que se passava na Côrte.

Este desgosto fez com que sua mãi consentisse na sua partida para o Rio, a qual se effectuou em Outubro de 1826 na sumaca „Europa", em companhia dos seus amigos e condiscipulos Amaro José de Araujo Ribeiro e Raphael de Araujo Ribeiro.

Com algumas doblas que havia ganho em retratos e outras pinturas, partio levando cartas de recommendação do desembargador Jupiassú que era então Juiz de Fóra, as quaes de nada lhe serviram.

Chegou ao Rio de Janeiro no dia 14 de Janeiro de 1827, e achou hospitalidade em casa do Senador Antonio Vieira da Soledade, devida esta a uma carta do seu amigo João Evangelista França, actual thesoureiro do Collegio de Pedro II.

No dia 27 do mesmo mez entrou para a aula de Mr. Debret, que o recebeu com afago paternal; e foi nesse dia que começou uma amizade entre o mestre e o discipulo que só a morte embaraçou.

A pedido do joven Porto-Alegre se fez a primeira exposição publica na Academia, bem contra a vontade do Director, inimigo capital de seu mestre, a qual foi em 1830; e por esta occasião ganhou elle tres premios em pintura, architectura e esculptura.

No Rio de Janeiro frequentou os primeiros annos da Escola Militar, a aula de philosophia do padre mestre fr. José Polycarpo e estudou a anatomia e physiologia com o Dr. Claudio Luiz da Costa, a quem deve o gosto que teve pela leitura; e a perspectiva estudou-a com seu mestre e comsigo mesmo.

Dissecou dous annos no Hospital da Santa Casa, e assistio algumas vezes, ás lições dos professores Marques, que ensinava a anatomia e ás do Conselheiro Peixoto.

Tendo feito alguns paineis para o bispo do Rio, o Sr. D. José Caetano de feliz memoria, e tendo merecido as sympathias deste memoravel prelado, foi seu hospede, logo que se retirou para o Rio Grande o Senador Soledade.

No palacio da Conceição teve a fortuna de ter por companheiros e amigos muitos jovens talentosos, entre os quaes se notavam os muitos respeitaveis e illustrados bispos do Maranhão e da Diamantina. O joven artista teve sempre inclinação á sociedade dos homens velhos e talentosos, porque della sempre lucrava. Entre as pessoas notaveis que o admittiam a sua companhia e privação, contam-se Evaristo Ferreira da Veiga, o Dr. Lino Coitinho, o grande orador Sampaio e seu collega Monte Alverne, o Senador Paula Souza, o Barão de Inhomerim, Antonio Carlos, Martim Francisco e o immortal José Bonifacio, por quem elle tinha uma especie de adoração, e outras mais notabilidades.

Tendo-lhe seu mestre, o Dr. Claudio Luiz da Costa, pedido um painel, representando D. Pedro I, entregando o decreto da reforma da Academia de Medicina ao corpo academico, para presentear á mesma escola, o joven artista poz mão á obra, e começou a fazel-a com todo amor e gratidão.

No painel estava além do soberano e seu Ministro todo o corpo academico.

Durante este trabalho, succedeu que o Imperador fosse á Academia das Bellas Artes, e que notasse no painel a perfeita semelhança de todos os retratos, menos de tres, que eram o seu, o do Ministro e o do Conselheiro Peixoto. O joven artista não estava presente, tinha ido esperar a Imperatriz á entrada do palacio para apanhar-lhe as feições.

Mr. Grandjean, que se achava presente, disse isto mesmo ao Imperador, ao que accrescentou o soberano: Bem, pela minha parte não ha duvida, mas pela do Peixoto e do S. Leopoldo é differente por que um está em França e o outro no Rio Grande.

Achava-se o artista na entrada do paço, quando vio parar defronte delle o Imperador, e chamal-o, dizendo: Sobe, e falla-me depois da audiencia.

Acabada esta, chegou-se o Sr. D. Pedro I a elle e ordenou-lhe que fosse a S. Christovão no dia 12 de Outubro de 1830, dia dos seus annos; que fosse cedo, porque lhe daria duas audiencias, uma das 8 ás 10 e outra depois de fardado, porque assim o veria melhor.

No dia 12 de Outubro foi elle e teve as audiencias. No momento em que concluia o seu trabalho em presença da familia imperial, chegou-se ao ouvido do Imperador e a Imperatriz e este lhe respondeu: Não tem duvida, ha de ser servida, minha senhora; e voltando-se para o artista disse-lhe: A Imperatriz quer este retrato, porque o acha o mais perfeito de todos, e logo que o acabares lhe virás entregal-o; depois me has de fazer outro, e o della e de meus filhos, os quaes irás tu mesmo levar á minha sogra, e de lá partirás para a Italia ou onde melhor te convier estudar, e pelo tempo que quizeres, comtanto que lá não fiques.

O artista lhe agradeceu; e dias depois levou-lhe o retrato. Este retrato está em Lisboa na Camara da Sra. D. Amelia, hoje Duqueza de Bragança.

Todas estas esperanças se desvaneceram com a abdicação do Sr. D. Pedro, e com a molestia que soffreu o artista desde Janeiro de 1831 até o dia 6 de Abril.

Uma desgraça nunca vem só. Havia recebido o joven artista, por se haver emancipado, a quantia de cinco mil cruzados, parte da herança paterna, a qual destinava para as despezas de sua viagem á Europa, viagem que lhe parecia indispensavel por dous motivos: por ter empenhado a sua palavra antes da promessa do Imperador, devendo acompanhar á França seu mestre, e porque esta viagem lhe era necessaria, afim de acabar os seus estudos, visto ficar sem mestre no Rio de Janeiro.

E para mais tranquillizar o animo do mestre lhe havia mostrado o dinheiro, precaução necessaria, visto que um de seus collegas acabava de o enganar, dizendo-lhe haver tirado

a sorte grande, o que entristou summamente a Mr. Debret, que era um homem de summa probidade.

Achava-se no Rio de Janeiro um primo irmão do artista, a quem elle amava sobre todos os homens, porque o considerou sempre como irmão desde a mais tenra infancia. Este primo pede-lhe empresfado o dinheiro por alguns dias, emquanto não recebia o que esperava do Rio Grande; confia-lhe generosamente todo o seu thesouro, toda a sua esperança, e este primo, este amigo da infancia o sorprendeu quando o artista leu no *Jornal do Commercio* a sua partida para o Rio Grande, sem lhe haver dado a menor satisfação, sem lhe haver deixado um vintem!

Apparece a abdicação do fundador do Imperio, e com ella todas as consequencias da anarchia. Mr. Dobret apressa a sua viagem, desenganado de que nada poderia fazer em semelhante conjuntura. Porto-Alegre escreve a seu primo, pinta-lhe o seu estado, encarrega sua mãi de obter de seu sobrinho aquelle dinheiro; empenha seus amigos, inclusive o Senador Soledade, e nada obteve. Seu primo maltrata sua tia com palavras e escriptos, e o Senador Soledade, condoido da sua sorte, lhe manda ordem para receber em França 20$ fortes por mez, como dadiva e como signal de sua amizade paternal.

Não tinha dinheiro para a passagem, e sua situação era mais afflictiva: todos os seus sonhos se haviam desvanecido.

Condoidos da sua posição, e scientes do seu bom comportamento, José Bonifacio de Andrade e Silva e Evaristo Ferreira da Veiga, houve do primeiro uma carta para o Almirante Grivel, que lhe deu passagem gratuita a bordo do navio de guerra „Durance", e do segundo a quantia de 400$, por uma subscripção que este fizera, os quaes recebeu da mão do Sr. João Pedro da Veiga, irmão do Deputado Evaristo.

Com este pequeno recurso partio para a Europa em companhia de seu mestre e amigo, e com a esperança de que seu primo se condoeria da sua sorte; mas tudo foi em vão: José Gonçalves, Lopes Ferrugem não tinha coração nem probidade.

No dia 25 de Julho de 1831, partio levando comsigo uma carta do Senador Antonio Carlos para o Conselheiro José Joaquim da Rocha, Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Brasil em França.

Em Setembro desembarcou em Brest; demorou-se oito dias, e partio para Pariz, onde chegou no dia 4 de Outubro.

Entrou logo para a Escola do Barão Gros, que já o havia recebido como alumno por uma carta que escrevera de

Pariz, a 3 de Novembro de 1830, na qual dizia a seu illustre collega o seguinte: „J'aurai bien du plaisir à recevoir dans mon atelier les Elèves Brésiliens qui ont déjà entendu de vous les conseils que nous donnait nôtre illustre maître, car je n'ai d'autre manière d'enseignement que celle que nous fut commune et innefaçable".

O mestre dos dous mestres tinha sido o immortal David; Mr. Gros ficou muito satisfeito dos progressos do seu novo alumno, ao qual exprobava o saber muito bem a anatomia, porque abusava della e tornava os seus estudos por demais seccos na maneira de desenhar, e muitas vezes lhe repetia estas palavras: „Vous savez trop, et c'est un malheur pour vôtre dessin: vôtre figure n'a pas de peau, c'est plutôt un corché".

No anno seguinte concorreu Porto-Alegre á Escola de Bellas Artes e obteve o numero 32 e, no anno seguinte, a terceira medalha no ultimo concurso.

Assistindo uma vez ao curso de anatomia de Mr. Emery, na Escola das Bellas Artes, e não podendo o professor continuar a lição marcada, por não ter vindo o preparador, o artista brasileiro offereceu-se para fazer a preparação, tanto mais que ella era facil por ser dos musculos da coxa. Aceita a offerta, entrou para o recinto e pegou no escalpello e a fez satisfatoriamente.

Este acto no começo de seus estudos e o elogio que recebeu em plena aula do mestre o elevou no conceito de seus collegas e na estima dos professores. Mr. Emery era um medico muito taful, fôra nomeado por protecção de Casimiro Perrier, Presidente do Conselho, e leccionava de luvas brancas.

Em Pariz soffreu Porto-Alegre toda a sorte de privações. Tendo quebrado no Rio de Janeiro o seu correspondente, não só perdeu uns 600$000, que sua mãi lhe mandara, como não recebeu a pequena pensão que lhe ordenara o Senador Soledade. Entregue a seus recursos, depois de uma perigosa enfermidade, vio-se na obrigação de vender seus livros por metade, seu relogio e alfinete de peito e até sua melhor roupa, porque não tinha que comer. Valeu-lhe a generosidade do seu patricio e depois amigo Dr. João Martins Leão, que lhe deu muitas vezes de comer, e alguns retratos que fez e taboletas que pintou, tendo-lhe servido neste officio o exercicio que tivera no Brasil de alguns estudos architectonicos, e o prazer de pintar algumas decorações no Theatro de S. Pedro, quando a pedido do Imperador D. Pedro I fôra seu mestre preparar os espectaculos para as festas do seu segundo casamento com a Sra. D. Amelia.

Para cumulo de desgraça, as cartas que dirigira pela Legação ao Bispo do Rio de Janeiro, foram abertas e ficaram debaixo da mesa da Legação de Londres, onde foram encontradas depois que della se retirou o representante do Brasil que lá estava. Se estivesse então lá um José de Araujo Ribeiro, as suas desgraças não chegariam a tal ponto.

Reduzido á ultima extremidade, viveu do seu trabalho, e deixou de frequentar a Legação por este motivo. Sabendo disto o Conselheiro Rocha, o mandou chamar, e mostrou-se sentido de que o não procurasse, dizendo-lhe que pedisse o dinheiro que precizasse, porque o estimava e apreciava, o que fez com que o joven artista lhe pedisse 140 francos mensaes, os quaes, bastavam para as suas despezas.

Admiraram-se todos da exiguidade, mas o artista não, porque havia aprendido a viver como pobre e economico.

Seu mestre, que lhe dera um quartinho para morar na sua officina, não o podia soccorrer, porque não levou riquezas do Brasil, antes prejuizos, pois tambem havia sido enganado por seus compatriotas: que, annos depois, para se justificarem, lançavam mão da calumnia, que é o recurso de todos os ingratos.

Como não podesse pagar ao Barão Gros a mensalidade exigida dos alumnos e a despeza com o modelo vivo e com a lenha, ficou na aula de architectura de Francisco Debret, que era gratuita, e onde podia trabalhar a toda a hora do dia.

No meio destes infortunios teve elle grandes felicidades. A amizade dos dois sr. Debrets, membros do Instituto, a sociedade destes homens e de seus amigos, e uma magnifica bibliotheca ás suas ordens. A casa de Francisco Debret era um ponto de reunião de grandes notabilidades; e como este architecto era o primeiro mestre na arte de construir theatros, alli se juntavam tambem os memographos mais celebres e os musicos maiores, como Rossini, Auber, Boieldieu, Cherubini e Paer, não fallando nas pleiades de pintores, esculptores e outros homens de primeira plana.

No centro desta sociedade, encycopedia viva, colheu o joven artista idéas geraes de muitas cousas, e sobretudo o gosto pelo estudo; e mais ainda esse respeito devido ao verdadeiro merito e a todas as especialidades; porque no exemplo de tantos grandes homens aprendeu a respeitar os homens.

Em 1833, teve a summa felicidade de conhecer o immortal Garret, que quasi todos os dias o vinha visitar, e a quem elle apresentou aos maiores artistas de Pariz, ufano de recommendar um poeta daquella ordem. Pintou o retrato de Garret no cerco do Porto, e deu-lhe alguns estudos seus Silvestre Pinheiro.

Dias depois de sua chegada a Pariz, em Outubro de 1831, estando no „Boulevard des Capucines“ a vêr umas estampas, sentio uma forte pancada no hombro, olhou e ficou attonito vendo D. Pedro a rir-se para elle!

— O que faz aqui, Sr. Araujo, pois tambem emigrou?

Não senhor, lhe respondeu o artista; vim estudar a minha arte, e vim com Mr. Debret.

— E como está o Debret? Debret é um homem virtuoso. Moro na rua da Pepinière n. 27, e commigo lá está o seu amigo o capitão Bastos.

O artista foi no dia seguinte visitar o Sr. D. Pedro I, que o recebeu alegremente e apresentou-o á Sra. D. Amelia e Rainha de Portugal.

Dias antes da partida do Sr. D. Pedro I, foi despedir-se delle e de seus amigos o artista, e o ex-Imperador lhe disse o seguinte: Parto, e a Europa saberá do meu destino. Se fôr feliz, e se você quizer ir procurar-me, vá; porque encontrará um amigo. As ultimas circunstancias da minha vida me têm feito conhecer a fundo os homens; se eu os conhecesse como os conheço hoje não teria abandonado meus filhos. E as lagrimas lhe vieram aos olhos.

Diga ao Rocha, que elle é um perfeito cavalheiro. E o artista tambem chorou, e disse: Ah! senhor, quem diria naquelle dia em que vi Vossa Majestade no Corcovado que esta scena se passaria em Pariz?! Quiz beijar-lhe a mão, mas D. Pedro não consentio.

Na sessão de 1834, Martim Francisco, propôz uma pensão para o joven artista, e extremamente satisfeito ficou quando vio a sua proposta apoiada e sustendada por Evaristo Ferreira da Veiga, seu contrario politico; mas esta pensão não foi sanccionada. O pobre artista pagou as dissenções politicas entre o Ministro e a Camara, e soffreu mais este golpe, depois de tanto se haverem empenhado por elle o Dr. Claudio Luiz da Costa e o actual Bispo do Maranhão, então o Padre Manoel Joaquim da Silveira.

Por estes mesmos tempos chegaram a Paris Antonio Carlos e Luiz de Menezes, e sabendo este das desgraças do artista e o motivo da recusa da pensão por Aureliano, depois Visconde de Sepetiba, e tendo as melhores informações sobre o comportamento e estudos, de Porto Alegre, Luiz de Menezes o procurou e fez-lhe o offerecimento de 20.000 francos, para acabar seus estudos e ir á Italia, que era o ideal da felicidade do artista. Depois de grande insistencia, acceitou este sómente

4.000 francos, e preparou-se para a viagem; esta pequena quantia lhe bastava porque o Conselheiro Rocha, que havia sido mudado para Roma, assim como seu filho o Sr. Juvencio Maciel da Rocha, lhe offereceram casa e comida em Roma.

No dia 4 de Setembro de 1834 partio Porto Alegre para a Italia, levando em sua companhia o seu amigo Domingos José Gonçalves de Magalhães que se achava, além de doente, sem pensão, e num estado desesperador. O pintor insistio muito para que o poeta recebesse metade do seu pão, e foi talvez á esta viagem que o Brasil deve o possuir os „Suspiros Poeticos", varias tragedias, a „Confederação dos Tamoyos" e outras obras.

O nosso artista diz sempre que é esta a melhor quadra de sua vida: realidade de um sonho, e leitura do grande livro das obras de Deus e dos homens.

Passou por Genebra, subio o Simplão, esteve em Milão, Bolonha, Parma, Placencia, Florença, Pisa, Siena, Liorne Sueca, Pistoia, Prato; vio Arezo, Perugia e demorou-se em Roma, onde foi recebido pelo Conselheiro Rocha com a maior cordialidade. Em Roma estudou.

Quatro mezes depois, separou-se do seu amigo Magalhães, que fora nomeado addido á Legação de França, e um mez depois teve a desgraça de ver demittido o seu protector Rocha; mas achou no seu successor, o Conselheiro Drummond, um igual amparo.

Esgotados os seus recursos, e tendo apenas os meios para ir a Napoles e voltar á França, fez esta nova viagem, passando pelas cidades visinhas ao Adriatico, voltando a Bolonha e Milão, donde subindo novamente o Simplão chegou a Pariz em Novembro de 1835. Este desvio foi causado pelo apparecimento do cholera morbus em Veneza e Turim, e pelas exigencias e vexames da policia italiana com os viajantes.

Em Roma, entre muitos estudos fez um Christo, no momento do Consummatum est, illuminado por um raio que cahia no templo. Este painel tinha a novidade de ser assim illuminado e de ter no fundo a vista de Jerusalem conforme o artista imaginou e segundo os escriptos que consultou, para o que se havia habilitado no curso de Archeologia do celebre Nibby, que frequentava com todo o amor e assiduidade. Ahi lançou elle em caderno todo o seu itinerario, o qual perdeu em uma mala que extraviou-se em Civita-Vecchia, assim como a melhor parte de seus cartões e bosqueijos.

Chegado a Paris, foi convidado por Mr. Michaud, Presidente do Instituto Historico, para ler, no Congresso Europeu, uma memoria em que se comparasse a arte antiga com a moderna. Uma violenta febre o impedio de acabar o trabalho, como consta das actas do Congresso, e do discurso de Mr. Monglava, secretario, no mesmo Congresso, no Palacio Communal ou Hotel de Ville.

Logo que se restabeleceu, o mesmo illustre autor da Historia das Cruzadas, o nomeou com Mr. Caquit e Monvoison para a commissão que devia dar conta da exposição geral do Louvre.

Este trabalho do nosso compatriota foi muito applaudido no Instituto, e citado por Mr. Le Grand no anno posterior, sendo este antiquario o relator da nova exposição do Louvre. No jornal do Instituto Historico se acham estes trabalhos, assim como estes fragmentos repetidos na Minerva Brasileira, quando um artista francez no Rio de Janeiro o atacou violentamente em paga de o haver soccorrido e auxiliado como homem e como artista.

Na companhia de seus amigos Magalhães e Conselheiro Francisco de Salles Torres Homem, muito lucrou o nosso artista, porque do contacto de duas tão altas intelligencias ha sempre que ganhar. Com elles se associou na publicação que fizeram de uma Revista scientifica litteraria e artistica, intitulada Nitherohy, da qual sahiram dous numeros sómente, por se haverem retirado da Legação e de seus empregos estes dous moços, preferindo tudo a supportarem o caracter sombrio, trefego e versatil do Conselheiro Moutinho, Chefe da Legação de França.

Ao chegar a França teve a agradavel sorpreza de saber que a sua pensão tinha sido de novo sanccionada por outro Ministro, e della se aproveitou para comprar alguns livros e visitar as Escolas hollandezas e belga, e ver a cidade de Londres. Nesta ultima viagem o acompanhou o seu amigo Magalhães.

Demorou-se todo o inverno em Bruxellas, morando em companhia do Major Carlos Miguel de Lima, addido á legação belga, e ahi teve occasião de apreciar as maximas virtudes daquelle bravo, que a morte impedio de subir ao mais alto posto da carreira militar.

Em Londres grangeou a affeição do Conselheiro de Estado Manoel Antonio Galvão, de quem foi amigo até o ultimo momento.

Logo que recebeu a noticia da revolta rio-grandense, e concebeu a situação de sua velha mãi, abandonou o projecto de ir á Grecia e ao Egypto, e partio para o Rio de Janeiro, cheio de vida, de enthusiasmo e de esperanças.

Ao entrar-se na barra, no dia 14 de Maio de 1837, recebeu a fatal noticia da morte de Evaristo Ferreira da Veiga, que havia fallecido tres dias antes. O solo da sua patria foi banhado com suas lagrimas e a terra de suas esperanças lhe pareceu um deserto, pois havia nella perdido os seus maiores amigos: o precitado Evaristo, o Senador Soledade e o Bispo do Rio de Janeiro.

Sem recursos, além do seu trabalho manual, e sem amigos que o amparassem, mandou logo chamar sua mãi, e estabeleceu-se. Valeu-lhe o Senador Paula Souza, que numa carta que escreveu ao Ministro Alves Branco, dizia a este que lhe parecia ser favor ao estado a entrada de Porto Alegre para a Academia e não favor do Governo ao artista.

O Director da Academia não o queria, mas fingia-se seu amigo. Porto Alegre, como discipulo grato e amigo de seu mestre Debret herdou e aceitou todas as inimizadas, de seu mestre, e muito se indignava quando via seus devedores e inferiores em tudo atacar com ingratidão um homem que reunia ás mais altas virtudes sociaes, um talento de primeira ordem. Uma polemica havida entre o Director e seu amigo Magalhães o tornou odioso na Academia, e o ciume que tinham delle todos os outros professores, extrangeiros todos, quando o viam constantemente procurado pelas primeiras pessoas do paiz.

Com o producto do seu trabalho, e não com o mesquinho ordenado de 800$ annuaes, estabeleceu-se e casou-se com D. Anna Paulina Delamare, filha do professor Delamare, convidando para testemunhas de seu casamento os seus dous amigos Magalhães e Salles Torres Homem.

No dia immediato ao do seu casamento, 14 de Outubro de 1838, recebeu em sua casa a Commissão Directora da Sociedade Theatral, que queria reformar o theatro e dar um impulso na arte dramatica.

Antes disto elle e seu amigo Magalhães haviam já feito bastante para o theatro, escrevendo peças e dirigindo as boas disposições do actor João Caetano dos Santos.

A Porto-Alegre se devem todas as innovações que hoje se conhecem no scenario, e o uso de se vestirem a caracter as peças do theatro, porque antes delle nada havia.

Delle recebeu lições de mimica e declamação o sobredito actor, as quaes lhe subministrava com muita arte, e á maneira de conversa, para não picar a extraordinaria vaidade de João Caetano.

A este artista e muito principalmente ao Dr. Magalhães deve o nosso primeiro actor muito. Porto-Alegre largava os seus trabalhos para lhe desenhar figurinos, fazer-lhe as composições de scenarios, e muitas vezes pintal-os, como aconteceu no dia em que se devia representar Antonio José, que ás 3 horas da tarde não havia ainda humida. E tudo isto gratuitamente, e só pelo prazer de ver a arte progredir.

João Caetano não lhe foi grato, e nem ao Dr. Magalhães.

Em 1839 abrio-se o theatro, e o publico do Rio de Janeiro admirou aquellas pinturas e decorações que ainda não foram igualadas.

Homem desinteressado e de uma grande lealdade, tratou de palavra varias obras que executou, e qual não foi a sua admiração vendo a administração da sociedade faltar-lhe com o maior cynismo aos pagamentos, e dando por motivo não haver contrato por escripto! Foi ahi que elle disse a dous commendadores da directoria: Cuidei que essas commendas cobriam o peito de cavalheiros, mas vejo agora que ellas mascaram homens estanhados; sou mais rico que os srs. Passem bem, e nós um dia nos encontraremos. Pagou todos esses trabalhos e ficou exhausto, doente e amofinado.

Neste triste estado, tendo abandonado a pintura a oleo, e sem trabalho, soffreu tudo o que um homem sensivel podia soffrer, tendo-se-lhe augmentado a familia e as despezas.

Foi neste momento doloroso que José Clemente lhe encommendou um painel representando a Ceia para o refeitorio das recolhidas da misericordia, trabalho que lhe veio do céo, e com o qual pôde fazer face ás despezas.

O que mais lhe penalizou o coração nesta occasião foi uma carta insolente que recebeu do seu discipulo e protegido Joaquim Lopes de Barros Cabral exigindo-lhe uma somma que lh'a não devia.

A este Barros Cabral, que tinha a casa de Porto-Alegre como sua, fez elle os maiores obsequios que póde fazer um pobre. Por duas vezes tirou da sua gaveta o ultimo vintem que tinha, para elle poder enterrar sua mulher e seu filho, e foi vender os seus ordenados a um cambista afim de poder comer no dia seguinte; procurava-lhe obras, compunha-lhe paineis, pintava-os mesmo, e o protegia como a amigo e como elle em sua consciencia o sabe.

Tudo foi pouco, pois deste ingrato recebeu as maiores affrontas possiveis, pois até o pintou em caricatura na praça publica, e nunca cessou de calumnial-o.

Proclamada a maioridade, foi chamado Porto-Alegre para fazer o figurino das vestes imperiaes, e executou a Varanda que devia servir na Acclamação do Sr. D. Pedro II.

No dia 28 de Julho de 1840, logo que foi approvado o seu desenho, por conselho do mordomo da Casa Imperial, Sua Majestade o Imperador o nomeou Pintor da sua Camara, o que lhe foi alli communicado pelo mordomo. O Marquez de Palma, que estava presente e que era o Mordomo-Mór, disse ao Imperador: Vossa Majestade acaba de fazer uma grande justiça: o Sr. Porto-Alegre, quando não tivesse outros titulos artisticos para merecer esta honra, bastava-lhe aquella magnifica pintura do theatro.

Encarregado por Antonio Carlos, Ministro do Imperio de todas as festas imperiaes, e pelo mordomo o Conselheiro Paulo Barbosa, dos trabalhos do Paço Imperial, cumprio satisfactoriamente todas estas incumbencias, e foi nomeado Cavalleiro da Ordem de Christo no dia 2 de Dezembro de 1840, em que o Sr. D. Pedro II fez as primeiras graças e cavalleiro da Rosa no dia da Sagração, tendo recebido além desta graça uma boceta de ouro do Imperador, e a quantia de quatro contos de réis do Governo.

A Varanda que importou em 104 contos de réis foi avaliada em 500 pelos membros do Corpo Diplomatico, que todos felicitaram o mordomo e o Governo por achar um homem tão habil e tão honrado!

Esta obra e estas honras lhe grangearam muitos invejosos, mormente entre os artistas extrangeiros e seus collegas da Academia, que assentavam ter o direito exclusivo de tudo fazer com exclusão dos nacionaes.

A execução da Varanda foi um arrojo de coragem inaudita, porque não haviam pintores e officiaes para obras artisticas. Dos poucos alumnos que havia adestrado no Theatro e de outros que alli mesmo ia formando sahiram aquellas pinturas que tanta sensação causaram.

Acabava esta obra, em que bastante estragou sua saude, e que assás contrariedade lhe causou, passou a fazer o quadro da Sagração, o qual elle mesmo preparou e esboçou. Todas as vezes que tomava gosto naquella obra era logo chamado para outra, e foi nestes intervallos que deu os planos para o Collegio do Anjo Custodio; que decorou a sala do throno, e apromptou os passos para o casamento de S. Majestade com a Sra. D. Thereza, princeza de Napoles, e cuidou nas festas dos baptizados dos principes, e deu os planos para a nova Escola de Medicina.

Todos estes trabalhos lhe eram mal pagos, excepto os do Governo, que nem um obrigado lhe dava! O seu estado de

pobreza attesta a sua probidade e o seu desinteresse em servir o paiz e o Imperador.

No meio destes trabalhos e do magisterio, perdeu dous escravos e não podia remedial-os, era obrigado a moer as tintas e a mover a escada pesada de que se servia e que tinha 18 palmos de altura com uma base de 24, soffreu em silencio tudo o que se póde soffrer de seus companheiros e dos artistas extrangeiros que o atacavam por todos os meios deshonestos e como desesperados.

Estando proxima a exposição e querendo fazer alguma cousa para ella, compoz e esboçou um painel representando Hercules na fogueira, e mal havia começado a acabar esta obra, já o Director da Academia, mestre do Imperador, espalhava que a obra não era delle, o que se acreditou na Côrte; mas Porto-Alegre pegando na penna, escreveu pelo Mercantil uma carta a Mr. Taunay, o qual foi obrigado a confessar, — „que talvez o tivesse dito, como geralmente se dizia, mas que á vista da declaração delle, ficava acreditando no contrario". Mas isto não impedio que lhe fizessem logo caricaturas, e que fosse o proprio Lopes de Barros quem as desenhasse sobre a pedra: estas caricaturas eram promovidas pelo Director, pelo francez Moreaux, por seu protegido discipulo e substituto José Corrêa de Lima e pelos mais extrangeiros.

Nunca lhes respondeu na mesma moeda, porque desprezava taes homens.

Tendo o Governo exigido a sala em que trabalhava, para nella fazer-se a junta dos corretores, enrolou todas as suas télas de maior dimensão, e fechou-as em uma caixa, que se acha num dos armarios do Paço.

Tendo em 1848 vagado o lugar de substituto de Desenho da Escola Militar, Porto-Alegre requereu ser transferido para aquella escola, e recebeu unanimemente um voto de approvação da Congregação dos Lentes. Livre de seus inimigos, passou para boa companhia, e por que não podesse ficar ocioso, começou o seu poema Colombo, o qual neste momento já tem mais de 8.000 versos.

No primeiro numero da „Revista Brasileira", publicada pelo muito illustrado rio-grandense o Sr. Senador Candido Baptista de Oliveira, vem um fragmento deste poema no qual o artista mostra os motivos porque deixou a pintura.

Encarregado de alguns trabalhos architectonicos, fez os planos do Banco do Brasil, um dos melhores edificios da Côrte e do Imperio, e proseguio nos trabalhos da Casa Imperial, tanto na cidade como em Petropolis.

Durante este periodo escreveu muito nos jornaes e em Revistas sobre artes e literatura, e recordou os estudos mathe-

maticos que havia feito outr'ora, para fallar dignamente aos seus novos discipulos, pela maior parte moços instruidos e dignos de toda a consideração.

Chamado, como Vereador Supplente á Camara Municipal do Rio de Janeiro, ahi fez muitos serviços á cidade, e muito maiores faria si não estivesse sujeito a existencia precaria dos supplentes.

A Camara Municipal da Capital do Imperio não tinha uma carta geral da cidade! A instancias suas mandou-se copiar a da Commissão de Engenheiros, e foram-se guardando as plantas parciaes que se fizeram e copiando as que appareciam.

Membro de todas as commissões importantes, foi sempre ouvido com a maior attenção por seus collegas, e em tal harmonia viveu que, havendo-se despedido por molestia grave, recebeu uma visita pessoal de toda a Camara, e um voto de agradecimento, no qual se notam estas palavras. (Documento).

Acabou com as goteiras dos telhados;

Deu o projecto para a nova rua do Cano, a pedido da Camara;

Obrigou os proprietarios a apresentarem os desenhos das casas que deviam construir, para por elles ver-se si estas casas estavam nas condições hygienicas, architectonicas, e nas da arte de construir;

Insistio muito para que se abandonasse o systema das antigas calçadas, verdadeira illusão e barbaridade;

Fez projecto do aformoseamento do Campo com áreas, edificios e um jardim mourisco, que denominou Alhambra, onde aos domingos se dessem concertos; obteve dos directores do jardim Botanico e Quinta Imperial, todas as plantas necessarias gratuitamente, e obteve de tres homens especiaes em botanica e floricultura, o obsequio de se prestarem gratuitamente na direcção do plantio das arvores e das palmeiras imperiaes, que deveriam formar a área principal, em cujo centro se deveria collocar um monumento á Independencia. O Governo, apezar da approvação pessoal do Imperador, addiou tudo isso.

Foi um dos que mais pugnou pela mudança do matadouro, que tinha por oppositor um Conselheiro de Estado, proprietario das fetidas e asqueirosas barracas de S. Luzia.

Propoz as Escolas industriaes para a educação dos operarios e obteve para ellas professores gratuitos, sendo elle o de Desenho Industrial, e o que devia fornecer gratuitamente todo o necessario durante o primeiro anno;

Deu a idéa de se fazer no prolongo do Rocio da Cidade Nova um Mercado junto á Caldeira do Canal.

Apresentou um meio para melhorar a servidão, modificando, segundo as circumstancias do paiz o systema do Piemonte.

Preparou um novo Codigo de Posturas, que não apresentou, por vir tomar assento o proprietario da cadeira. Este Codigo era precedido de uma critica do velho, e tinha uma nova forma; sendo notavel que nas posturas da Camara Municipal de uma Capital se não encontrassem as palavras Architectura e Architecto!

Em todos os trabalhos da Camara, sempre o seu voto predominou, e a elle se deve e a seu collega Costa Ferreira o asseio e gosto do palacio municipal, que antes era uma casa caiada com moveis ordinarios.

Foi nomeado membro da Commissão da Estatua equestre, onde fez o maior e principal trabalho da Commissão, havendo já sido membro de outra commissão organizada em 1838, da qual foi secretario e inspector do monumento, por unanimidade de votos. No dia 4 de Agosto de 1837, por occasião de apresentar a S. Majestade o projecto de aformoseamento do Campo, o barano, a proposito das escolas municipaes para os operarios, depois de o animar nos termos mais lisongeiros e benignos, lhe disse: Escreva as suas idéas para uma reforma radical da Academia das Bellas Artes, assim como o seu pensamento sobre os melhores meios de fomentar o gosto das artes no paiz de uma maneira permanente. Disse-lhe mais que havia mandado propor nas Camaras uma cadeira de Historia das Bellas Artes, a qual a destinava para elle; assim como que pretendia nomeal-o Director da Academia.

Porto-Alegre entristeceu-se e disse ao Imperador: Senhor, eu já sahi daquella casa, e o fiz por minha propria vontade... Ao que o Imperador respondeu: Sim, mas as circumstancias mudaram. „O senhor tem uma cabeça activa e intelligente; é um homem laborioso e patriotico, e eu invoco o seu patriotismo neste meu pedido. Escreva-me quanto antes as suas idéas, que tenho pressa de que passe o quanto antes esta reforma nas Camaras."

Uma gravissima enfermidade addiou estes trabalhos até o dia 5 de Setembro, em que os começou; mas recahindo mortalmente só lhe foi possivel fazel-os no começo do anno proximo. Em fins de Fevereiro de 1854 entregou ambos os trabalhos, que mereceram, depois de uma severa analyse da parte do Principe, a sua augusta approvação.

A memoria da Academia constava da critica do estado do estabelecimento, da evidencia de sua decadencia, e dos meios a empregar em sua regeneração por uma nova ordem de estudos, os quaes foram consignados nos Estatutos que elle fez por ordem do Governo, e que foram por este decretados com diminutas alterações.

A memoria sobre os meios de fomentar e manter o gosto pelas Bellas Artes, baseava o seu plano na construcção de um cemiterio monumental como o de Bolonha na Italia, e em outros meios administrativos, já comprovados pela experiencia nas nações civilizadas.

Nesta mesma occasião apresentou Porto-Alegre outra memoria sobre os objectos que poderia o Brasil mandar á Exposição Franceza, no intuito de fazer apparecer dignamente o seu paiz.

No dia 11 de Maio de 1854 tomou posse do lugar de Director da Academia, e ahi leu um discurso, no qual disse: que elle era ainda o mesmo homem com as mesmas idéas, e que não ia lá com tenções de enganar o Governo e o publico com exposições publicas que nada significavam de real; que o seu fim era mais modesto, mais patriotico e mais solido: cuidar no ensino e estabelecer-lhe uma base permanente e progressiva; substituir o methodo imitativo pelo methodo racional, fazer creadores em vez de copistas. Os seus serviços ás Artes foram os seguintes:

Organização dos estudos;

As aulas de mathematicas applicadas e de desenho geometrico, theoria de sombras e perspectiva;

As aulas industriaes de desenho e esculptura de ornatos;

A reunião do Conservatorio de Musica á Academia;

A edificação da Pinacotheca;

A creação de uma bibliotheca.

Os diplomatas dos mestres de desenho e musica, para evitar a alluvião de charlatães que enganam as familias.

A obrigação de se lecionar por um programma de estudos approvado pelo Corpo Academico.

O melhoramento dos ordenados dos professores e da sorte dos Pensionistas que passou de tres a seis annos; e o mandar estes para a escola de Pariz, a primeira da Europa

Em uma escola com habitos velhos e com alguns professores inimigos de reformas, teve de soffrer no começo alguma opposição, a qual findou quando estes poucos viram os brilhantes resultados do novo systema.

Em Setembro de 1857, sabendo Porto-Alegre que o Marquez de Olinda havia nomeado um scenographo quasi analphabeto para a primeira cadeira da Academia, a de Pintura Historica, foi ao Imperador e representou-se a inconveniencia desta nomeação, que ia contra o espirito da reforma, contra a lettra expressa da lei, e contra a intelligencia artistica e moralidade do estabelecimento. O Imperador autorizou-o a ir de sua parte ao Marquez de Olinda explicar o caso, e, não satisfeito disto, escreveu ao proprio Marquez.

O Imperador ficou admirado de que o Marquez fizesse esta nomeação sem ouvir o Director.

No dia seguinte, tendo procurado Porto-Alegre o Marquez, este negou-se e escrevendo-lhe uma carta, autorizado como estava, o Marquez não lhe deu a menor resposta e nem o mandou chamar para ouvil-o sobre o caso.

Vendo o tal scenographo apresentar-se na Academia com a carta Imperial, e dar-se-lhe posse sem estar presente o Director, e Vice-Director, escreveu um energico officio ao Ministro do Imperio, demittindo-se, e no mesmo dia se foi apresentar ao Director da Escola Militar como tendo acabado a sua commissão.

O Imperador não queria por modo algum aceitar-lhe a demissão, mas Porto-Alegre lhe disse: que já não tinha força moral e que não podia o seu brio e zelo supportar aquella desfeita do Ministro.

Fez grande sensação a retirada de Porto-Alegre, e houve sobre elle detalhes que não abonam o caracter do Ministro, que sophismou e negou a existencia de leis para disfarçar o seu erro, triste consequencia do empenho, do patronato, e de um orgulho mal entendido, quando se trata de remediar males e moralizar o paiz.

A Academia de Bellas Artes mandou uma deputação manifestar o seu pezar ao Porto-Alegre, e protestar-lhe o seu reconhecimento pelos serviços que lhe fizera; igualmente recebeu outra deputação do Conservatorio Dramatico, manifestando a falta que a todas as artes fazia um tão zeloso companheiro, um amigo prudente, etc.

Depois deste grande desgosto veio logo outro que o privou de uma parte dos seus recursos, e pelo qual muito se apaixonou. O Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho, que se dizia seu amigo, o fez passar para categoria inferior na re-

forma da Escola Militar, e, elle igualmente, offendido, pedio a sua jubilação porque tinha na bocca constantemente estas duas maximas: Uma exoneração voluntaria é um protesto contra a violação do direito. Um decreto do Imperador é uma missão e não uma carta de aluguel.

Até o anno de 1858 tem Porto-Alegre representado sempre um papel importante no mundo artistico e apparecido como uma dualidade por figurar no numero dos litteratos do paiz.

O seu primeiro ensaio poetico é aquelle que se acha nos „Suspiros Poeticos" com titulo de Tivoli.

O segundo é um poemeto intitulado a „Voz da Natureza" sobre as ruinas de Cumas, na Revista Nitherohy.

Escreveu varias Brasilianas na Minerva e no Guanabara, e tres poemetos intitulados: A destruição das florestas, o Corcovado e o Canto Genethialico ao nascimento do principe D. Affonso.

Está a concluir um poema sobre a descoberta da America, intitulado Colombo, o qual já tem mais de 8.000 versos.

Como orador do Instituto fez muitas biographias, memorias historicas e elogios dos mortos durante 14 annos de reeleições. Como Secretario tem feito sómente os relatorios de 1857 e 1858.

Tem sido o mais firme apoio do Instituto Historico desde a sua fundação, não só pelos cargos que tem occupado na mesa e commissões, como pela sua constante presença.

Escreveu para o theatro e para a litteratura muitas peças, das quaes existem poucas impressas. São delle:

O Espião de Bonaparte, comedia; O Sapateiro Politicão, idem; O Tutor de Paraty, idem; A Estatua Amazonica, comedia archeologica; Angelica e Firmineo, alla comedia; Os Ourives, drama sebastianista; O Dinheiro é saude, comedia; Os Judas, comedia; A Noite de S. João, opera lyrica; A Restauração de Pernambuco, opera lyrica; O prestigio da lei, opera lyrica; A Vespera dos Guararapes, scena lyrica.

Como architecto fez:

A Varanda da Sagração. Muitos arcos de triumpho em festas. Dirige as obras do Paço. Fez do Banco do Brasil os planos. Um theatro para S. Sebastião. Um mercado para Nitherohy. A nova Igreja de Sant'Anna. A capella de Belém, e Escola de Medicina.

Era o conselheiro de José Clemente Pereira nas obras que emprehendeu, e a elle se deve o terem sido chamados para a direcção dos dous magnificos hospitaes os Engenheiros Guillobel e Rebello.

Existem delle muitos retratos, paineis e composições; e se mais não fez foi por ter vindo em uma época pouco artistica, mormente a da maioridade.

E' um homem de estatura regular, de temperamento melancolico, pouco amante da sociedade brilhante, muito laborioso, e de sentimentos patrioticos os mais decididos. Nunca ambicionou cargos politicos, e nunca postulou uma só graça ao poder.

E' casado, tem cinco filhos, e vive dos seus trabalhos pobremente, pois nunca se aproveitou das occasiões que teve. Tem o defeito geral dos rio-grandenses: homem de grandes affeições, de grande tenacidade e independencia de caracter, e despresador de seus inimigos sejam elles de que categoria forem.

Em todos os seus escriptos, em todos os seus discursos pronunciados diante do Soberano, da Côrte, e da Sociedade dos homens illustrados estão patentes estas qualidades.

Pela rapido esboço da vida deste artista vê-se que a sua vida não foi um mar de rosas e que antes ha sido um tecido de contrariedades, as quaes tem elle vencido pela firmeza do seu caracter e pelos seus principios de religião e de verdadeiro christão.

Ninguem ha 20 annos tem mais trabalhado para as artes e os artistas, e ninguem tem sido mais acremente aggredido pelos artistas do que elle, mórmente dos extrangeiros que olham para elle como para um homem que lhes não póde servir de escada e capa.

Os seus titulos são os seguintes:

Cavalheiro da Ordem de Christo. Official da Imperial Ordem da Rosa. Lente Jubilado da Escola Militar. Membro honorario da Academia das Bellas Artes. Primeiro Secretario do Instituto Historico. Pintor da Imperial Camara. Director das Obras dos Paços Imperiaes. Presidente do Atheneo Artistico. Director da Secção de Bellas Artes do Museu Nacional. Do Conselho da Sociedade Auxiliadora da Industria. Membro honorario da Sociedade de Musica. Fundador do Gymnasio Brasileiro. Fundador da Academia Imperial de Musica e Opera Nacional. Do Instituto Historico da Bahia.

Do Ensaio Philosophico. Da Sociedade Amante da Instrucção. Do Ensaio Philosophico de São Paulo. Da Palestra scientifica. Da Sociedade de Litteratura da Bahia. Da Sociedade Auxiliadora de S. Paulo. Do Conservatorio Dramatico. Do Insituto Historico de França. Da Arcada de Roma Correo Eubeio. Da Sociedade Polytechnica de França. Da Sociedade de Bellas Lettras e Bellas Artes de Pariz. Do Conservatorio de Lisboa. Do Instituto Nacional de Washington. Da Sociedade de Instrucção Elementar. Candidato approvado pelo Instituto Imperial de França. Da Sociedade dos Artistas Brasileiros. Do Instituto Religioso. Da Sociedade de Estatistica. Da Academia Tiberiana. E de outras associações de menor importancia, não fallando de muitos outras ephemeras.

Foi nomeado Porto-Alegre, em 23 de Junho de 1858 para Director das Obras da Alfandega.

Foi collaborador activo nos jornaes:

„Jornal dos Debates" — Redactor Francisco de Salles Torres Homem. „Minerva Brasileira" — Redactor e fundador. „Guanabara„ — Redactor e fundador. „A Reforma" — Redactores Thomaz Gomes e Campos Mello. „O Ostenser". „Iris". „Illustração Brasileira" — E outras folhas em que não tomou parte activa.

Os Flores da Cunha

(Notas genealogicas)

Costumamos nós, no Rio Grande, dizer, quando nos referimos ao general José Antonio Flores da Cunha, que este illustre patricio é o typo mais representativo da raça pampeana. Poucos, porem, saberão o fundo de verdade que existe nessa affirmação. E, nestas notas ligeiras, de pesquizador das origens riograndenses, é nosso intuito mostrar, num desdobramento de gerações heroicas, que Flores da Cunha, realmente, não é mais do que o expoente de sua propria estirpe, assignalada na historia gaucha por feitos memoraveis que se veem succedendo, idade por idade.

Sua impetuosidade de heróe autentico, o fundo admiravel de seu caracter, a magnanimidade, o desprendimento, a emotividade que vae até as lagrimas, as suas virtudes, quiçá os proprios defeitos, — tudo isso iremos encontrar nos velhos gauchos primitivos, avoengos longinquos ou proximos, guerreiros de antigo molde de que se orgulha o Rio Grande.

E' interessante o estudo das origens da nossa familia.

Qualquer tronco inicial que se desdobre vem até os dias de hoje offerecendo typos singularmente conservados através de todos os tempos. E' como se, numa projecção continuada, irradiassem até nós gestos ancestraes que se reproduzem, traços caracteristicos perfeitamente identicos aos que presidiram á formação racial do Rio Grande.

Os homens de hoje, dadas a relatividade do meio e as condições do progresso material e intellectual, são ainda, ali, os mesmos de antanho. Gente forte, livre, altiva, heroica e generosa.

E deste estudo retrospectivo em que passarão levemente, no decurso de dois seculos, homens assignalados que deram ao

Rio Grande e á Patria as suas energias mais vivas, resaltará a verdade do que affirmamos, entrevista nas silhuetas immortaes de velhos heróes gauchos.

* *
*

Inicia-se, em 1725, com a fixação de João de Magalhães e sua familia na faixa littoranea ao norte do Rio Grande, o povoamento do Continente. Mandado por seu sogro Francisco de Brito Peixoto, capitão-mór da Laguna, para povoar a terra ainda pouco conhecida, o povoador assenta as bases de uma villa; que mais tarde abandona penetrando no interland e, nos campos de Viamão, estabelece uma fazenda de criação. Alguns de seus companheiros, seis ou oito no maximo, haviam-no precedido na posse dessa vasta região que entesta com a capital do Estado. Eram alguns provenientes da Colonia do Sacramento, portuguezes de origem, gente forte e resoluta que, em 1717, com o sargento-mór Antonio Rodrigues Carneiro, fora, de Traz-os-montes, povoar aquella praça. Outros, eram lagunistas, sorocabanos, campistas e ilhéos, da Madeira e dos Açores.

Um desses povoadores, João Braz, o primeiro que se estabeleceu no Viamão, era originario de Campos dos Goytacazes, actual cidade de Campos (Estado do Rio), de onde passara á Laguna, casando ali com Maria Lopes. No Viamão apossou-se de grandes latifundios onde criava consideraveis rebanhos de gado que, periodicamente, transportava para São Paulo e Minas.

Teve o casal de João Braz quatro filhos, todos naturaes da Laguna: Miguel, José, Salvador e Manoel Braz Lopes.

Datam de 1735 as primeiras guerrilhas de que foi theatro a terra gaucha. D. Miguel de Salcedo puzera cerco á Colonia do Sacramento, determinando ao tenente de Dragões d. Esteban del Castillo fizesse uma diversão pelo Rio Grande. Em defeza do territorio, incontestavelmente portuguez por direito de posse, e com autorização do Brigadeiro Silva Paes, respondendo pelo governo do Rio de Janeiro, o ajudante Domingos Fernandes de Oliveira organizou um corpo de voluntarios para enfrentar os castelhanos. Foi uma pequena guerra, quasi desconhecida ainda hoje, em que foram derrotados os portuguezes, preso o commandante, mas que serviu de primeiro baptismo de sangue de portuguezes e castelhanos nas coxilhas rio-grandenses. O velho João Braz e seus filhos, lagunistas

de boa tempera, foram dos que luctaram com destemor pela integridade do solo gaucho.

Manoel Braz Lopes, filho de João Braz, falleceu em 1779, e foi casado com Francisca Moreira, natural da Laguna, filha de Antonio Mendanha e Luzia Moreira.

Como era natural, naqueles tempos em que todos os homens não se podiam esquivar ao serviço del Rey, fez Manoel Braz as campanhas da Demarcação, e a tomada do Rio Grande pelos hespanhóes, em 1763.

Deixou dez filhos, entre os quaes Florencio Braz Lopes que nasceu no Viamão em 1744 e falleceu em 1826, na mesma localidade. Florencio assentou praça no corpo de milicias do Rio Grande, tendo tomado parte saliente em todas as campanhas que, de 1763 a 1817, tivemos no extremo sul do paiz. Soldado valoroso, pertencendo á primeira geração de gauchos, não desmentiu as tradições de seus maiores. Pelo seu valor attingiu na milicia ao posto de sargento-mór, que era, nesse tempo, já uma alta graduação.

Morreu o major Florencio Braz, no Viamão, onde criava os seus gados, aos 83 annos, cercado pelo respeito de seus contemporaneos, que o admiravam pelos seus conselhos, austeridade e bravura.

Descobrimos, de seu casamento com Felicia Antonia, natural de Lisboa, tres filhas: Feliciana, Maria e Anna.

Esta ultima, Anna Maria de Jesus casou-se com o tenente Joaquim Luis da Cunha, natural do Porto, filho de José Luis da Cunha, da mesma cidade e de Theresa Ignacia de Jesus, natural da ilha do Fayal, Açores.

Veiu o tenente Joaquim Luis da Cunha de Portugal fazendo parte das tropas regulares que foram destacadas no Rio Grande do Sul, antes da tomada das Missões, em 1801. Estava commandando a 6.ª companhia do Regimento de Milicias do Rio Pardo, celebre pela sua actuação nas nossas guerras com a Cisplatina quando, adoecendo gravemente, em campanha, seguiu para Porto Alegre em 1816. Ahi falleceu no mesmo anno, deixando uma fé de officio que honra sobremodo seu nome de soldado valoroso.

Teve, de Anna Maria, cinco filhos. Casando em segundas nupcias com Fabina Maria de Jesus, deixou mais um filho: Joaquim Luis da Cunha. São do 1.º matrimonio: David, Leonarda, Anna, Manoel e Miguel Luis da Cunha.

Nasceu este ultimo em Porto Alegre, em 1800, dedicando-se tambem como seus antepassados, isto é, como todo o rio-

grandense que se presava, á carreira das armas, e á criação de gados. Fizera as campanhas de 18 a 20, e em 26 era sargento de milicias do Regimento de Entre-rios, conhecido nucleo de guerreiros gauchos, celebre nas guerras artiguenhas e nas que se seguiram.

Casou Miguel Luis com Ursula Martins cujos troncos remontam á maior antiguidade historica do Rio Grande, como veremos das notas que seguem.

A nobre familia dos Fontouras teve sua origem, em Portugal, em D. João de Fontoura, que se localisou em Traz-os-montes, vindo das Asturias, onde era fidalgo principal. Ahi teve solar e brazão de armas. Entrelaçaram-se os filhos com descendentes do duque de Mouton, natural da França, passando a appellidar-se Carneiro, donde procedem os Carneiro da Fontoura, que se desdobram até a actualidade.

Antonio Carneiro da Fontoura, um dos ultimos morgados de Loires, residia em Chaves, sendo casado com Francisca Velloso. Teve o casal entre varios filhos a João Carneiro da Fontoura que, vindo para o Brasil em principios de 1700, casou em Minas com Izabel da Silva, natural de Torres Novas, patriarchado de Lisboa, filha de Ignacio da Costa e Mariana de Souza. Ahi, em Congonhas do Campo, nasceu a primeira filha do casal, Francisca Velloso.

Em 1737, quando da fundação do Presidio do Rio Grande pelo brigadeiro José da Silva Paes, um dos primeiros casaes povoadores que se transportaram para o novo estabelecimento foi o de João Carneiro, já levando quatro filhos: José Carneiro um dos maiores heróes das nossas campanhas com os espanhóes e a quem José Marcellino confiou a defesa do Rio Pardo por occasião da arremettida de Vertiz y Salcedo; João Carneiro, outro valente guerrilheiro que foi capitão de Dragões; Maria Ignacia e Francisca Velloso da Fontoura. Teve o casal mais seis filhos já nascidos no Rio Grande e troncos todos de familias tradicionalmente valorosas, cujos descendentes vem até nossos dias honrando as virtudes avoengas.

Francisca Velloso casou, no Rio Pardo, com o tenente, depois coronel Francisco Barreto Pereira Pinto, fundador daquelle quartel e veterano de todas as guerras do sul, desde 1735. Procedem deste casal quasi uma centena de valorosos soldados que attingiram aos mais altos postos do exercito nacional, em todos os tempos, e que vem até a actualidade, como os Menna Barreto, por exemplo, dando elevadas lições de amor á Patria, legado admiravel de seus avós.

Entre os quinze filhos de Francisco Barreto encontrámos Maria Eulalia Pereira Pinto que casou no Rio Pardo com o tenente de Dragões Alexandre Luis de Queirós e Vasconcellos, nobre senhor das casas de Queirós e de Amarante, de comprovada fidalguia e incomparavel bravura.

Foi o tenente Alexandre Luis de Queirós homem de cultura, grandes aptidões militares, que lhe valeram ser, no Rio Pardo, um dos republicanos da governança. Teve campos de creação na Cachoeira, sendo o primitivo sesmeiro do „Quartel-mestre“ em parte do qual hoje está edificada esta cidade. Morreu em 1790, deixando onze filhos, dentro os quaes destacaremos Alexandre Luis, o „Quebra“, de alcunha, e Maria do Carmo Violante.

Alexandre Luis, o filho, é um typo singular na historia do Rio Grande. Seria talvez, se outras fossem as condições do meio, o unico caudilho gaucho, na lata acepção do termo. Soldado de dragões, no Rio Pardo, muito moço ainda, atacado por um contrabandista, mata-o a golpes de espada. Para evitar o castigo que o espera, deserta. Vae para a Banda Oriental. Ahi tem contacto intimo com essa admiravel organisação caudilhesca de sectario da liberdade, que é Artigas. Influencia-lhe profundamente o caracter a dialectica do oriental. E torna-se um insubmisso, homem livre, no pampa livre. Nem Deus, nem Rey. Como se processa nesse caracter altivo a transformação radical, nesses tempos obscuros da nossa historia, impossivel dizel-o. Em 1801, declarada a guerra á Espanha, é um dos desertores heroicos que com o outro, José Borges do Canto, conquista, em poucos dias, as Missões, Indultado, volta como furriel á sua companhia, no Regimento de Dragões. Mas, por pouco tempo. Um alto objectivo nortea-lhe os passos. Queria ser livre, na Patria livre. Em 1801, congregando alguns companheiros vae á guarda de São Francisco e ali tenta revoltar a guarnição. Fala em Republica, em liberdade, em cousas inacreditaveis para a época. Quer ligar o Rio Grande ao Uruguay por laços federativos. Uma patria sem rei. Perseguem-no. Alguns escravos a que promettia a liberdade o seguem. Dominado, depois de larga resistencia, é preso, posto a ferros.

Seus parentes, poderosos no tempo, Barretos e Pereira Pinto e, principalmente, Corrêa da Camara, o primeiro Pelotas, que entrara na familia, conseguem uma attenuante para o crime: é officialmente considerado louco, „mente insana“, dizem os documentos da época. E assim passa trinta annos no scenario que vae assistir aos seus feitos heroicos.

Annos depois, nas campanhas de 16 a 20, vemol-o tenente, capitão, sargento-mór de milicias, no Regimento de Entrerios, sendo a maior lança do corpo de guerrilhas que commanda. Pelo destemor, pela bravura, pelo desprezo á vida, é formidavel, ás vezes. Seu nome, com a legenda dos maiores heroismos, se repete em todas as paginas escriptas sobre aquellas campanhas. Tem, no combate, todas as durezas, mas vencedor é magnanimo. Alexandre Luis destaca-se singularmente em acções onde todos são denodados e admiraveis. Seu nome infunde respeito aos inimigos e passa á historia aureolado pela bravura.

Em 1820, o „Quebra", vae á Cachoeira. Precede-o a fama dos seus feitos. Entra em confabulação com as autoridades. Quer fazer uma grande revolução, libertar os escravos, proclamar a Republica do Rio Grande, unindo-o ao Uruguay. Gente simples, todos o recebem com pavor. Cercado de alguns escravos investe contra a cadêa, toma-a, manda tocar a dególla nas caixas de guerra. Arroga a si poderes de dictador. A seu liberto, Pedro, companheiro de todos os tempos, dá o posto de commandante da villa. Vae á casa do commandante deposto, veste o negro com o fardão e o tricorne daquella autoridade, e fal-o passear pelas ruas, como o symbolo da igualdade....

Perseguido de novo, preso, acorrentado, é remettido para a séde da Capitania com um officio de Corrêa da Camara, dizendo ser o seu parente louco varrido, „mente insana".

No Rio, para onde é mandado com recommendações especiaes, consegue como maçon, interessar Pedro I. E volta para o sul, indultado. Commette novas tropelias, tendo por idéa fixa a liberdade dos escravos, a republica, e separação do Rio Grande.

Em 27, quando da batalha de Passo do Rosario, apresenta-se a Alvear que o faz coronel de um supposto regimento de „Libertadores do Rio Grande". E combate contra os brasileiros.

Historiadores ha que o chamam traidor...

Em 1830, num outro accesso de loucura pela liberdade, apresenta-se um dia em Caçapava, villarejo pacato, ponto estrategico principal do Rio Grande. Dirige-se aos escravos. Um grande numero delles ouve as seducções do „Quebra". Fala-lhes em nome de principios humanos. Liberdade, republica, Igualdade, Fraternidade. Esboça-se a rebellião. Attonitas, as autoridades fogem do povoado. Uma partida forte de Dragões começa a perseguil-o. Anda pelos mattos. Com seu indefectivel Pedro, heroico companheiro de lutas, atravessa o Rio Grande, rumo do Uruguay. Morre em 1833. Predecessor admiravel dos farrapos, não chegou a ver, tremulando „nos angulos do Continente, o pavilhão tricolor".

Passou á lenda como traidor e louco. A historia um dia far-lhe-á justiça.

Sua irmã Maria do Carmo Violante de Vasconcellos casou-se, no Rio Pardo, com Antonio Simões Pires, filho de Matheus Simões, um dos fundadores daquelle quartel.

Chegou Simões Pires ao posto de sargento-mór de milicias, sendo um dos homens dignos da governança da villa. Teve 14 filhos, entre os quaes Rosa Violante, que casou com o coronel José Antonio Martins, (Mingote Martins).

E' outro vulto cuja vida está intimamente ligada aos tempos heroicos do Rio Grande.

Foi o coronel José Antonio Martins, mais conhecido por coronel Mingote, um dos typos mais representativos da bravura e da lealdade gauchas. Ao lado de Bento Manoel combateu varias vezes nas campanhas cisplatinas, attingindo todos os postos por actos de intrepidez. Esteve em todos os combates que se travaram até 1827, com seu epilogo da batalha do Passo do Rosario, Ibirocay, Carumbé, Santanna, Queguay, Tacuarembó, Arbolito, Sarandy, viram-no sempre ao lado do maior guerrilheiro de todos os tempos, que foi o grande Bento Manoel. A acção de Mingote Martins, a sua serendiade no combate, a impetuosidade das suas cargas de lança, os gestos heroicos mil vezes repetidos, deram-lhe nome, que se tornou conhecido em todo o Rio Grande.

Travada a grande luta de que resultou a Republica de Piratiny, continuou como commandante da fronteira de Alegrete, ainda ao lado de Bento Manoel, a prestar lealmente seus serviços ao Imperio. Mas, quando o grande sorocabano, numa das suas attitudes ainda não estudadas, resolveu se collocar ao lado da Republica, Mingote, rompendo com o seu velho commandante e amigo, tornou-se, na fronteira, o baluarte da defeza imperial. Luctou, organisando corpos de combatentes, assignalando para as armas legaes algumas victorias conseguidas á custa de muito sangue varonil.

Rivera, o caudilho seductor, de quem era amigo Lavalleja, a quem muito prezava, — um e outro procuraram attrail-o

aos seus partidos com largas promessas de latifundios, e honras. Mingote a nada accedeu. Sua lealdade era inquebrantavel, como inquebrantavel a lamina de sua espada na defeza da Patria e do soberano. Era um caracter.

Morreu cercado da admiração de todos, em Alegrete, no posto de coronel de 1.ª linha, tendo o peito constellado de medalhas.

Deixou sete filhos entre os quaes Ursula Martins que casou-se, como vimos, na primeira parte destas notas, com o sargento, depois major Miguel Luis da Cunha.

Tinha este uma sesmaria de campos onde estabelecera fazenda de criação, cujas partes, ainda hoje, pertencem a actuaes descendentes.

Teve Miguel Luis da Cunha doze filhos, sendo dois homens e dez mulheres. Um dos filhos teve o mesmo nome paterno, herdando daquelle as virtudes, o caracter, a nobreza de sentimentos que o singularisavam. Miguel Luis da Cunha, o filho, dedicou-se aos amanhos do campo. Era um vulto patriarchal que evocava os nossos primitivos pastores, a intelligencia nativa da raça, as suas virtudes civicas na preoccupação constante do bem da patria. No fundo era bem o gaúcho generoso e magnanimo, com os seus entusiasmos partidarios, a sua fé viva no futuro do Rio Grande.

Tinha por Castilhos veneração profunda.

Conhecemol-o em afastados dias da nossa mocidade. O „seu da Cunha", como era intimamente tratado, na sua velhice sadia e forte, attraia a todos pela simpatia irresistivel, pela austeridade de um caracter sem mancha, pela bondade de seu largo coração.

Miguel Luis da Cunha foi casado com d. Evarista Flores, de cujo enlace procede o nome Flores da Cunha. Senhora de altas virtudes, entre estas cultivava tambem, largamente, as civicas. Descende d.ª Evarista de velhos e authenticos ilhéos, povoadores primitivos do Rio dos Sinos, proximidades do Cahy, onde tinha estancia Francisco José Flores, natural de Flores, Açores, e filho de Francisco Valladão e Maria Furtado. Era filha de Francisco Flores de Oliveira, neto daquelle, casado com Anacleta Corrêa, filha de Bento Corrêa de Mello Filho, e Maria Leonarda Gomes. Por Bento Corrêa de Mello Filho era neta de Bento Corrêa de Mello, natural de São Paulo, que se localisou no Rio Grande com fazenda de criação de gados.

Teve o casal oito filhos, dos quaes o mais velho é o coronel Francisco Flores da Cunha, ex-deputado federal, criador,

residente em Santanna do Livramento, onde é chefe do Partido Republicano local.

Outro dos Flores da Cunha merece-nos affectuosa evocação. E' Guilherme. Morreu na passagem da ponte do Ibirapuytan, em 1923.

E' uma pagina gaucha que evóca tempos lendarios. Escreveu-a outro irmão: José Antonio.

O Leão do Caverá, esse indomavel tropeiro Honorio Lemes, que encarnava a bravura do pago, cercava a ponte que liga, no Ibirapuytan, a parte rural á cidade de Alegrete. Por motivos de ordem estrategica resolve Flores da Cunha atravessal-a, para dar combate ao adversario. Era um horror. Honorio dispuzera as suas forças de forma a tornal-a intransponivel. Seria tentar atravessar uma cortina de fogo. Mas, Flores não hesita. Ao approximar-se da ponte chama seus officiaes, expõe-lhe o plano. Todos ficam atonitos. Saraiva, comprovado guerrilheiro, heróe de cem combates, diz lhe:

— „Pero, coronel, és una barbaridad . . ."

— Barbaridade ou não, acompanhem-me os valentes. Fiquem ahi os cobardes!

Duas vezes investem os cavallarianos contra a ponte, mas refluem. Vendo Flores da Cunha quasi por terra o seu plano, põe-se á frente da força e grita, concitando os valentes a seguirem-no. Acompanham-no os civis de Uruguayana, depois outros, mais outros.

Na ponte vão ficando os que tombam. Entre estes Guilherme Flores da Cunha, a mocidade impetuosa, a bravura serena, illuminada pelo sacrificio. Seu nome ficou, no Rio Grande, como o symbolo dessa mocidade que ainda morre por ideaes. Talvez seja esta a força maravilhosa que dynamisa a alma gaucha.

Ainda agora vimol-a assim, a mesma de sempre, seguindo para a morte e cantando, na allucinação heroica de uma idealidade superior.

Gente admiravel! Conservando as suas tradições, cultuando-as em horas evocativas de sagrado orgulho, sabe reeditar as mesmas façanhas avoengas, reproduzindo-as, pela liberdade e pela Patria.

O general José Antonio Flores da Cunha é bem o typo representativo da sua estirpe e da nossa gente.

Aurelio Porto.

Recepção do sr. Othelo Rosa,

no seio do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul

---

A saudação feita ao recipiendario pelo orador do Instituto, dr. Adroaldo Mesquita da Costa

Exmo. Snr. Presidente. Exmas. Senhoras. Meus senhores. Presados consocios. Distincto recipiendario.

Não é a primeira vez e, praza aos céus, não seja a ultima, que experimento a satisfação inenarravel e recebo o dignificante encargo de apresentar em nome do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, effusivos cumprimentos e votos de boas vindas a quem lhe transpõe os humbraes, ante a promessa publica e solenne de, no limite do possivel promover-lhe o engrandecimento e observar-lhe, fielmente, os Estatutos.

Desta feita, porém, agita-se minh'alma em intimo alvoroço, de maneira nunca d'antes presentida; bate-me o coração, ao impulso de desusado enthusiasmo e todo o meu ser rejubila, inebriado de uma alegria sincera e indefinivel.

E' que venho de testemunhar o ingresso, em nosso meio, de um dos mais bellos expoentes de cultura da hodierna geração; de uma das intelligencias mais ducteis e prendadas; de um dos vultos de mais remarcado destaque no scenario politico da actualidade rio-grandense a que me prendem os mais caros affectos de uma amizade, leal e desinteressada, iniciada, já vae distante o dia, em nosso torrão natal, e continuada, sem estremecimentos nem descontinuidade, antes cada vez mais fortalecida, até este instante, em que aqui se lhe conferem os louros merecidos pelas suas virtudes, pelas suas acções e pelo seu saber.

Mas, não é só o ultimo conterraneo seu, ora a saudal-o, que com elle compartilha da felicidade desta hora, usufruindo os sãos prazeres que irradia este recinto, onde generosos sentimentos se aninham em todos os corações.

E', porque não o dizer, e sem que falte á verdade, é tambem o Instituto inteiro; são todos os seus consocios, porque a alegria neste momento, é collectiva, nesta casa; são todos os presentes que aqui vieram bater palmas em seu louvor, proclamando-lhe o merito indiscutivel e galardoando-lhe os actos dignos de imitação que ha praticado.

E a mim, de modo especial, é-me grato fazer-lhe as honras da casa e apresentar-lhe, em nome do Instituto, as saudações do estylo, os votos de optima chegada e de feliz permanencia entre nós, porque vou, emfim, encontrar neste recanto de meditação, neste selecto convivio de estudiosos, após um hiato de vinte annos, exigido pelo rumo da vida e pelas obrigações e deveres que sobre cada um de nós têm pesado, aquelle que foi meu amigo e companheiro de estudos, tertulias e licitos folguedos, com quem diariamente permutava idéas sobre quanto preoccupava a nossa desmesurada ambição de aprender, quando a nossa intelligencia, em plena mocidade, desabrochava para as grandes conquistas da vida e do saber.

Com quanta saudade, com que emoção d'alma relembro agora essa época em que a dourada phantazia nos pintava ainda o mundo tão diverso deste que habitamos; em que as illusões de gloria mundanas e os anceios da felicidade terrena enchiam os nossos corações, quando, hoje, reconhecemos que uma e outra não passam de verdadeiras miragens no deserto da vida; esse tempo, quando nós, externando conhecimentos recem adquiridos, discorriamos sobre tudo e sobre tudo emittiamos opinião: Litteratura, philosophia, religião, artes, historia, politica alimentavam, não raro, o assumpto de nossas palestras, por vezes acaloradas, mas sempre respeitosas, aproveitaveis e uteis. Lembro-me bem, ainda, dessas disputas quasi fraternaes: Ora era o carrancismo da critica litteraria de José Verissimo o pomo de discordia, na roda que formavamos; ora uma preposição do philosopho de Montpellier é que dava alento á controversia. A historia, apezar de ser a mestra da vida, ou, talvez, por isso mesmo, naquella idade em que os moços querem prescindir dos mestres e de seus conselhos, parcas vezes surgia em scena a nos mostrar o caminho a seguir; a religião, e quando digo religião, refiro-me á unica verdadeira, á catholica, apostolica, romana, já então, quando subia ao tablado da discussão, tinha sempre em mim uma palavra desauterizada e humilde, mas intimorata, em sua defesa. A

poesia presidia, no entanto, todos os nossos debates; intervinha em todas as discussões, porque o recipiendario, a essa época, era o favorito das Musas, o frequentador assiduo do Parnaso, e, quasi sempre a proposito e, rarissimas vezes, fóra de proposito, dizia um verso, adequado e espontaneo, frequentemente improvisado, com que amenisava situações e conseguia facil victoria para a sua these ou o triumpho completo de sua idéa.

E' dessa data o seu livro „Canções da Mocidade", onde a sua alma ardente, cheia de anhelos, celebra em cada verso, a alegria de viver. E' seu irmão mais moço, o seu segundo livro „Evangelho do Amor", attestado brilhante e prova inconcussa da volubilidade de seu coração, nos amores de sua juventude.

Os deveres do officio, porém, as suas funcções da promotoria publica; os interesses da justiça; a defeza do direito, impostos pela sua incipiente actividade no pretorio, exigiam-lhe grandes energias furtando-lhe o tempo e apaixonando-lhe o espirito pelos aridos, mas necessarios estudos á formação do jurista. O poeta foi, então, emmudecendo e tambem adormecendo, dentro de si proprio e, se algumas vezes despertava era para cantar, em verso terso e inspirado, o que Cupido lhe segredava ao coração.

Em compensação, a esse tempo, o orador fluente e imaginoso ia revelando os seus dotes e pendores; o politico adextrava as armas para os grandes prélios civicos, em pról do crédo que abraçára e o homem de partido surgia no scenario da vida publica, armado com a couraça da fé inderrocavel no triumpho da idéa jurada e pela qual pelejaria d'ahi por diante, com a fidelidade, o ardor e a constancia proprias de um caracter sem jaça, ao serviço de uma causa nobre e digna. O jornalismo sempre o seduziu. Era mocinho e primeiramente nas columnas do minusculo semanario „O Rosiclér„ que um grupo de jovens, de parcos recursos, editava em nosso berço e, depois, á testa da velha folha republicana, contemporanea da propaganda „O Taquaryense", já impresionava pela clareza com que vestia o pensamento; pela sinceridade das attitudes; pelo desassombro no abordar os mais controversos e palpitantes problemas e sobretudo pela energia da linguagem e fina ironia com que dosava os seus escriptos de critica e polemica. Essas ultimas qualidades haviam de o notabilisar mais tarde, sagrando Juvenal Maia o seu pseudonymo de guerra, um dos mais temiveis adversarios na arena do jornalismo politico.

Nas fileiras do partido republicano, onde milita, escalou desde o posto de simples soldado até ao de general brioso

e respeitado que encoraja os camaradas e lhes aponta sempre para a estrada da victoria.

Redactor chefe do orgão tradicional de seu partido e seu fiel interprete como *leader*, na Assembléa, desde cedo elle se impôz á gratidão de seus correligionarios por haver sido o apostolo tenaz e resoluto, na doutrinação de seu credo, feita pela sua penna adamantina do alto d'essa cathedra — as columnas da *Federação* — e pela sua palavra castiça e arrebatadora, do cimo desse pulpito — a tribuna do deputado na Assembléa dos Representantes do Estado.

E foi a esse homem de acção, a esse talento de escól, que o Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul foi requestar para guarda vigilante de seus thezouros inexgottaveis e defensor imperterrito das glorias e tradições da brava gente rio-grandense.

A companhia do illustre recipiendario muito enobrece esta casa, que elle ha de sempre honrar e dignificar, honrando e dignificando a si proprio, pelo fiel cumprimento da palavra ora empenhada.

Não é elle um estranho aos que estudam a historia de nossa terra. Pela imprensa diaria divulgou varios de seus trabalhos, leves e rapidos, em que estudou, a largas pincelladas, o papel de Pedro II, no Segundo Reinado, entoando lôas aos conceitos que delle fez Austricliano de Carvalho; enalteceu a personalidade até agora tão pouco conhecida de Bartholomeu de Gusmão; salientou a influencia dominante de Simão Bolivar no movimento da emancipação sul-americana e defendeu a intencionalidade do descobrimento do Brasil, onde assevera, com affirmação categorica de que sobram elementos para não mais incidir ninguem no erro de affirmar que o Brasil foi descoberto por acaso.

Não lhe subscrevo o conceito e reputo temeraria sua assertiva.

O perfil biographico de Julio de Castilhos, o organisador politico de nosso Estado, por elle traçado com acuidade de visão e invulgar imparcialidade, virtude peregrina, verdadeira *avis rara*, em historiadores politicos, é o attestado irrefragavel e o testemunho eloquente de sua capacidade e competencia para esses estudos e de sua indisfarçavel vocação para esse genero de historia que tantas difficuldades apresenta.

A publicação desse esboço é o panno de amostra de suas aptidões e nos dá a consoladora certeza de que o Rio Grande

do Sul não ficará sem a historia de sua politica, escripta por mão de mestre, que a uma solida envergadura moral allia a energia no querer e a vontade de vencer.

Oxalá! Othelo Rosa, profundo conhecedor de nossos homens e das nossas cousas; senhor como ninguem dos segredos e meandros da politica rio-grandense, familiarisado com as suas grandes cogitações e problemas supremos, não arrefeça no meio da jornada; continue a trajectoria iniciada e aproveitando os descanços necessarios á sua omnimoda actividade, nos lazeres merecidos, no *otio cum dignitat*, nos dê a obra definitiva que nos é licito esperar do seu talento, da sua cultura e do seu acendrado amor á nossa terra e á sua gente.

São estes os votos do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul, no momento em que, orgulhoso da acquisição de tão conspicuo obreiro de sua gloria, apresenta ao recipiendario por meu intermedio, as suas sinceras saudações.

Confrade illustre, seja bemvindo.

Discurso do sr. Othelo Rosa

Snr. Presidente e snrs. socios do Instituto Historico e Geographico.

Minhas senhoras.

Meus senhores.

Ao ingressar na Academia Real de Historia Portugueza, ha velhos e recuados tempos, o ilustre brasileiro, que foi Alexandre de Gusmão, não se deixando deslumbrar pela honraria, disse em seu discurso de agradecimento:

> „contra a sorte commum a todos os que entram „na carreira literaria, consigo a corôa antes de me „haver assignalado no certamen, sem outras provas „de sufficiencia que a noticia de haver em mim uma „summa veneração ás letras e um desejo ardente de „vir a merecer um nome".

Assenta-me a primor, o conceito: premiaes, neste momento, acolhendo-me generosamente na vossa companhia illustre, uma intenção: e creio bem que procedestes, menos pela influencia de uma noticia, do que por simples atoarda, a que a benevolencia dos vossos espiritos deu guarida.

Não me humilha, entretanto, a pobresa das credenciaes com que penetro neste cenaculo em que construis, no estudo e na meditação, obra meritoria e insigne. Dessa culpa já me redimistes, mercê de um voto que, além de uma honra, porque parte de vós é uma consagração. E a mim mesmo dando contas do assomado gesto de hombrear comvosco, na solennidade deste Instituto, para elle acho perdão e encontro excusa no meu profundo amor pela sciencia que nesta casa vos irmana e congrega.

Narra um chronista que a Joaquim Nabuco, na sua radiosa mocidade, dera Renan o „perfido conselho" de dedicar-se ao estudo da historia.

Não tive, por certo, — nem poderia tel-o —, nenhum Renan que descesse do fastigio de sua gloria para aos meus ouvidos murmurar conselhos: e no entanto, mal comecei a discernir o sentido das coisas e me voltei sempre para o passado, buscando de preferencia nas paginas da historia repouso fugidio ás agruras e ás preoccupações de uma existencia rudemente vivida e trabalhada. Mais tarde, de todo submerso no tumulto da politica militante, tendo perennemente diante dos olhos o phenomeno social, e dentro do meu espirito o angustioso dever de auscutal-o, de comprehendel-o, de definil-o, de analysal-o, a historia tornou-se para mim fonte inexhaurivel de inspiração e de exemplo, mestra incomparavel a guiar-me o passo incerto e tardo na floresta ameaçadora e densa da duvida.

Disse alguem certa vez, com um amargo sabor de ironia, que nas épocas de decadencia e de confusão social é que os homens preferencialmente se consagram aos estudos historicos porque, desalentados com os erros e as tristezas da actualidade vão procurar estimulo e consolação nas glorias e nas bellezas do preterito.

Não se me afigura de todo o ponto procedente o asserto.

Não será talvez o desanimo e a descrença que aos homens suggerem, em taes situações, o retorno ao passado, a evocação dos dias que já desappareceram, na clepsydra mysteriose do tempo, a preferir emfim, ás incertezas dolorosas da sua época, as remembranças e as recordações. Fazem-n'o, na anciada perquirição das verdades immortaes que dormem sob as cinzas dos seculos extinctos: fazem-n'o, para encontrar e rever, nas palavras de hontem, nos homens de hontem, nos acontecimentos de hontem, exsurgindo luminosamente do entrechoque das paixões, do fragor rumoroso das luctas, dos impetos magnificos dos triumphos, da resignação corajosa das derrotas, das directrizes e das realisações da vida collectiva, essa força incoercivel, latente, fatal, indominavel, que é a alma de um povo. Menos do que uma couraça, que o isole do ambiente, anachronisando-o, o homem procura na historia o exemplo a lição que o norteem e o guiem, nas asperezas do duello em que é parte.

Grande mestra da vida, chamou a historia Oliveira Martins. E parece que, sem embargo da controversia em que seria penoso para vós que eu me detivesse agora, o maior acerto estará na concisão desta frase lapidar.

Queria Thierry que ella fosse apenas narração. Guizot reputava-a uma analyse; Michelet, em formula mais feliz, chamou-a de resurreição; Taine, em um momento de scepticismo e de fadiga, asseverou que „a historia é um cemiterio", levando um escriptor moderno á parafrase: „A historia é o mais profundo dos silencios."

Não me perdi de todo nas divagações amenas da contenda, nem de todo me deixei dominar pela seducção mental das idéas que florescem nas definições imaginosas: elegi o conceito austero do rispido Herculano, quando affirma que a historia é uma sciencia de applicações, com fins objectivos, quaes sejam „tonificar o sentimento patrio, explicar os destinos cumpridos duma Nação e fazer aproveitar os ensinamentos da sua experiencia politica."

D'ahi me vem as restricções que faço, e as censuras que irrogo aos processos geralmente seguidos nos estudos da historia nacional. Sem pensar que elles estejam ainda no periodo embryonario da chronica, como affirmou desconsoladamente um dos illustres membros deste Instituto, lembrando que até hoje nos perdemos em digressões interminaveis sobre a intencionalidade, ou a casualidade, da propria descoberta do pais, encontro nelles methodos que se me afiguram lacunosos ainda, pois que não correspondem á funcção social que eu quizéra vel-os preencher.

A fantasia historica, o trabalho que, assentando embora em dados iniciaes rigorosamente verdadeiros, é construido mais pelo esforço da imaginação do que pela investigação honesta e imparcial dos factos, tem sido a causa geradora de males innumeraveis, contribuindo para occultar os contornos exactos de certos estagios da nacionalidade, para desfigurar a physionomia real de typos representativos e centraes da vida brasileira, exalçando-os ou deprimindo-os, á influencia de enthusiasmos desbordantes ou de antipathias irreprimiveis; para crear, portanto, em nosso povo, se assim me posso exprimir, uma consciencia historica falsa e desigual, propicia ao surto dos erros e das illusões.

Não se conclua dahi que a historia deva ser o inventario, secco, arido, algarismado, das expressões materiaes dos factos destrinçados nas documentações authenticas, dos nomes dos heroes, das datas das batalhas, dos natalicios e dos obituarios. Feita assim, ella seria coisa morta e inerte, de utilidade duvidosa ou minguada, destinada ao silencio dos archivos de que

iria despertal-a, de longe em longe, o passo tardigrado e soturno de algum bibliophilo engelhado e singular.

Si na historia o rigor scientifico é essencial, pois que a verdade é o seu objectivo maior, ha que perpassar por ella, vivificando-a e aclarando-a, o espirito do historiador, com o contingente pessoal da sua visão psychologica dos homens e dos factos, sem entretanto leval-o ao extremo de supprir as deficiencias de dados e de indices, o que constitue inexatidão, e muito menos de occultal-os, ou omittil-os, o que é improbidade.

Entre a indicação esparsa da ephemeride, e o calor suspeito dos agiologios, ha uma justa medida de prudencia e de accerto, que valerá pela verdade relativa a que se póde attingir na investigação historica.

Entre nós, senhores, frequentemente nos extraviamos nas demasias do romance ou da lenda, ou no excesso contrario das indicações superficiaes de factos e de datas. E sobretudo nos deixamos dominar facilmente pelo criterio fallivel e perigoso das predilecções individuaes no estudo das grandes personalidades brasileiras.

Não me filio á concepção classica da historia a que Carlyle e Emerson, modernamente, deram a força do seu prestigio intellectual, que considera o elemento pessoal como factor decisivo dos acontecimentos, attribuindo ao homem, isoladamente visto, todo o merito da obra collectiva, resumindo assim a historia do mundo na biographia dos grandes typos humanos.

O homem, por maior que elle seja, não será nunca um creador authentico e absoluto. Será sempre um expoente das tendencias esparsas do meio ambiente, que a amplitude de uma visão superior condensa e apprehende, na fulguração das syntheses magistraes.

A grandeza do homem deriva da harmonia profunda entre a sua acção e as aspirações e os desejos que a vontade collectiva subterranea e silenciosamente desenhou e formou, nos meandros subtis da consciencia popular.

Ha mistér, portanto, de estudar os homens com um criterio mais certo, mais largo e mais seguro.

E neste passo valho-me ainda uma vez da autoridade de Herculano:

> „A necessidade de estabelecer uma chronologia „rigorosa era evidente: os factos politicos e a vida „dos homens publicos precisavam de ser fixados com „exacção no correr dos tempos, principalmente para „o julgamento dos diplomas, genero de documentos „em que as gerações extinctas se pintam melhor que „em nenhuns outros. O erro, a meu ver, foi acredi- „tar que ficando-se aqui existia a historia; erro digo, „e completa: porque nem sequer a biographia dos „homens eminentes surgiu de taes averiguações. Te- „mos a certidão do seu nascimento, baptismo, casa- „mento e morte. Se foi um guerreiro, temos a des- „cripção das suas batalhas; se legislador, a data e ob- „jecto das suas leis, mas o seu caracter, a medida in- „tellectual e moral de seu espirito, os seus habitos e „costumes, não os conhecemos. E porque? Porque „esse homem é uma abstracção: está separado do seu „seculo. As opiniões, os costumes, os usos, todos os „modos, em fim, de existir da época em que vivem, „são desconhecidos para nós; e todavia tudo isso, to- „da essa existencia complexa de muitos milhões de „homens, a que se chama nação, devia ter uma in- „fluencia immensa, absoluta naquella existencia in- „dividual do homem illustre, que o historiador acre- „ditou poder fazer-nos conhecer com os simples ex- „tractos de quatro chronicas, cosidos com bom ou mau „estylo ás respectivas certidões de baptismo, de ca- „samento e obito."

Entre nós, senhores, não será novidade nem audacia affirmal-o, o estudo das personalidades padece de vicio gravissimo. Encaramos a individualidade, e só a ella decepada do seu tempo e do seu ambiente, e analysamol-a á luz de um criterio personalissimo e estreito, que leva o historiador a confundir-se inexplicavelmente com os pamphletarios impetuosos e ardentes.

Para evocar Gonçalves Ledo, julga-se indispensavel demolir José Bonifacio. Para arrancar das sombras matinaes do seculo XVIII a figura de Felippe dos Santos, articula-se o mais vehemente e cruel dos libellos contra Tiradentes. Na historia do segundo reinado, ou se reveste a figura central desse tempo, Pedro II, da aureola da santidade e das insignias da sabedoria, ou si a reduz a uma sombra vaga e diffusa, timida e canhestra, que exhibe a sua pobresa mental no rythmo claudicante de versos mediocres, ou a sua myopia politica nas annotações disculidas do „livro negro" do Paço de São Christovam . . .

Aqui mesmo, no Rio Grande do Sul, não se fez ainda a historia da revolução farroupilha, trabalho soberbo e ingente

a que este Instituto vem se entregando com admiravel dedicação. Entretanto, correm mundo as monographias em que se faz, com severidades absurdas ou com complacencias reprovaveis, a prova da traição de Canabarro, ou a contra-prova da felonia de Bento Manoel.

O erro é patente e é, sobretudo, grave. No conjuncto dos factos, a acção desses homens é episodica; e analysal-a separadamente, com animo preconcebido, com intenção aprioristica, na sustentação de uma these para cuja fundamentação não existem ainda os elementos indispensaveis, que sómente pódem derivar da investigação conscienciosa do complexo dos dados historicos, é possivelmente sacrificar a verdade, afeiçoando os acontecimentos a um fim predeterminado e preestabelecido, e é certamente violar os imperativos da justiça, da bôa, san, limpida justiça que nos devem merecer os homens de antanho, que pela sua gente e pela sua terra soffreram e pelejaram.

Penso por isso, senhores, com Fidelino de Figueiredo, que deve dominar o estudo da historia o espirito de integralidade. E si a elle lamentavelmente não fugissemos, não estariamos ainda a discutir si a guerra do Paraguay é um padrão de gloria, ou um diploma de opprobrio, e si a Republica no Brasil nasceu da improvisação mavortica de um motim de quarteis ou foi a realisação esplendente de uma aspiração nacional que se esboçara, medrosa e vacillante, na proposta de Vieira de Mello, em 1710, alvitrando em Olinda a proclamação de uma Republica de molde veneziano...

Entrecruzam-se hoje, inseparaveis no dizer de uns, indistinctos, no conceito de outros, a historia e a sociologia. Durkheim affirmou, com justeza induvidosa, que a historia é o microscopio da sociologia, e mesmo aquelles que sustentam a differenciação das duas disciplinas, confessam que a invasão de uma por outra é inevitavel e fatal. O que é incontrastavel é que a sociologia, tendo por objecto o estudo da sociedade, ha-de partir sempre da analyse do phenomeno social elementar que, seja a raça, como quer Gobineau, ou a evolução economica, como prefere Karl Marx, ou o meio geographico, conforme Ratzel, ou o numero, a densidade e a mobilidade da população, como preceitua Bouglé, ou a adaptação, segundo Spencer, só pelo processo da investigação historica será conveniente e sufficientemente explicado.

No Brasil, senhores, aonde o problema politico-social impõe-se a todos os espiritos, dia a dia mais difficil e temeroso, a funcção da historia é de relevancia extrema.

A todo o instante se affirma que as soluções tentadas têm fracassado porque inadaptaveis ao meio ambiente, porque divorciadas do senso das realidades, porque á margem dos criterios objectivos, porque, em summa, mercê da nossa cultura de emprestimo, vamos preferencialmente buscal-as na existencia dos povos extranhos, desattentos á nossa formação ethnica, ás nossas condições territoriaes, ás nossas possibilidades economicas, ás deficiencias, ou peculiaridades, da nossa educação civica, ás lições do nosso passado, á propria indole do povo brasileiro.

Ainda recentemente, discreteando eu com individualidade saliente da nossa politica, e figura de relevo mental inobscurecivel, sobre a actualidade nacional, respondia-me elle a objecções que eu lhe fizera, lembrando opiniões de Alberto Torres, Oliveira Vianna e Vicente Licinio Cardoso: „Confesso que esses escriptores brasileiros, a que allude, eu não os conheço quasi". E deu-me, em seguida, com brilho e segurança, um lapidar resumo das organisações politicas da Russia, da Allemanha e da Italia...

O episodio vale como uma documentação eloquente de que perseveramos no erro de não nos determos no estudo de nós mesmos. E de que, assim como na monarchia vivemos num regimen parlamentar ficticio, tudo resolvendo á invocação dos principios do velho Benjamin Constant, na Republica procuramos remedio aos nossos males sociaes e politicos, ou nas lições dos pensadores alieniginas, que se valeram, para formulal-as, de termos e de dados completamente differentes, ou á luz das doutrinas e dos ensinamentos dos constitucionalistas norte americanos.

O estudo racional da nossa historia: estudo amplo e superior que comprehenda a marcha integral da nossa evolução; o desenvolvimento gradual da nossa cultura moral, juridica, artistica; a analyse e a influencia dos factores economicos; as tendencias e as realisações do povo brasileiro, nos momentos culminantes da sua vida collectiva, e a sua capacidade de resistencia, de energia, de bravura civica e guerreira, de actividade e de trabalho, atravéz da analyse serena e justa dos seus typos representativos; o mechanismo das nossas instituições politicas e a sua adaptação ás nossas necessidades reaes, ou a sua inefficiencia como facto, gerador da grandeza e da prosperidade da Nação: este estudo, fazendo com que a nós mesmos nos conheçamos profundamente, dará ao Brasil a consciencia exacta de seu valor, e aos homens de bôa vontade e patriotismo abrirá ensanchas para uma nobre, fecunda, reparadora acção constructiva e harmonica.

„A acção, escreveu um pensador, é um acto de confiança no universo, o fundamento philosophico da liberdade e da razão, a fé na energia humana, a vida, emfim, em sua plenitude e integridade".

Para a acção redemptora do povo brasileiro, é mistér que elle vá haurir confiança em si proprio nos lances da sua historia, que elle constellou de glorias impereciveis e que será, excluidas embora as demasias de um jacobinismo inutil e malfasejo, a fonte mais clara e mais pura de inspiração e de alento para a ingente tarefa da formação de um Brasil corajoso e forte, rico e prospero, livre e digno, vivendo e crescendo na realidade luminosa de uma existencia definitivamente, autonoma, porque forjada pelo pensamento e pelo braço da propria raça, no maravilhoso esplendor da propria terra. E repetirei aqui um conceito mais de Fidelino Figueiredo, partilhando da esperança, que delle resumara:

> „Perante a crise politica, que atravessamos, po-
> „derão os estudos historicos, tornados mais intensos
> „e mais serios nas escolas, temperar numa medida
> „sensata e conciliadora o estreito racionalismo que
> „necessariamente ha de dominar a opinião publica e
> „a administração politica, e seguir a uma revolução
> „de fórmulas."

A historia, assim feita, com base na investigação rigorosa e imparcial, á luz de uma intuição psychologica arejada e clara, com equilibrados propositos moraes, será sem duvida o fundamento maior, mais fecundo e verdadeiro, da obra inadiavel e grande da renovação da sociedade brasileira — problema fundamental que á geração de hoje cumpre resolver, sob pena de a nós mesmos crearmos um porvir presago e doloroso, perseverando no erro das ideologias e dos romantismos, e legando aos porvindouros a herança tremenda e funesta de uma nacionalidade sonhadora e combalida, sem rumo certo e sem destino logico, pois que mutilada nessa força incoercivel e prodigiosa da tradição, unica capaz de operar o milagre da cohesão de uma raça e da unidade moral e mental de um povo.

Senhores do Instituto Historico:

Dia por dia, com paciente dedicação e vontade reflectida, ides construindo nesta casa o monumento magnifico da historia do Rio Grande do Sul. Povo que a si proprio se creou, na extrema meridional, tanto tempo pleiteada e discutida, dum paiz immenso, profundamente differenciado nas surprezas de um „facies" geographico que é a mais grave e penosa das grandezas do Brasil, o gaucho representa, na historia nacional, um episodio culminante, de uma commovente singularidade épica. Evocal-o, reconstruil-o, rememoral-o no fulgor do seu passado, não é tarefa de caracter regional, adstricta á satisfação egoistica de uma vaidade frivola, ou de orgulho impensado: é carrear para a historia da nacionalidade elementos valiosos, que lhe são de todo indispensaveis.

A cordilheira, que do paiz nos separou e isolou nas épocas antigas, venceu-a e dominou-a o nosso sentimento patriotico, de fidelidade á origem racial, numa impavida resistencia ás facilidades tentadoras dos pampas abertos, á ilharga das nações visinhas. Fomos muito tempo sós, e quando de todo nos reintegrarmos na Patria inesquecida, a ella devolvemos nesgas da sua alma territorial, a que a bravura e o impeto do gaucho tinham montado guarda vigilante e heroica.

Para collaborar comvosco, aqui estou. Não espereis de mim o que eu não posso dar-vos; mas contae com a humildade de um auxilio prestimoso, si o prestimo estiver apenas no devotamento. Contae sobretudo com a devoção de uma vontade, que encontra estimulo n'um sentimento de profundo amor á sua terra e á sua gente. Si é verdade, como disse o poeta, que um trabalho sem inspiração é como um noivado sem amor, aquillo que eu trouxer á obra commum deste Instituto terá ao menos a valia das coisas sinceras e nobres que o pensamento crêa com o louvor do coração.

Amo o passado do meu Rio Grande atravéz de uma dessas impressões indeleveis que para todo o sempre se encastoam nos espiritos infantis.

Um de meus avoengos, soberbo com os seus galões de major, batalhara no decennio assombroso dos farroupilhas gloriosos. E o orgulho silencioso e enternecido de meu pae, conservava ciumentamente narrações e documentos da época. Li-as, uma a uma, com essa funda emoção que a bravura e o sacrificio despertam. Numa visão extranha e poderosa diante dos meus olhos deslumbrados passavam as cavalgadas allucinantes dos centauros rio-grandenses. Aos meus ouvidos retiniam os fragores das pelejas, o trinir dos corceis, os embates violentos das lanças e das espadas. O drama formidavel das coxilhas gauchas, eu o contemplava e assistia, n'uma evocação integral, orgulhoso e ufano de uma ancestralidade legen-

daria. O Rio Grande ao meu espirito surgia, em um nimbo esplendente de gloria, como a terra abençoada e bemdita da bellesa e do heroismo, da lealdade e da honra.

Porque assim o vi, e porque assim o amei, tenho fé no Rio Grande, nas incalculaveis reservas moraes de um povo que emoldurou a sua historia nos contornos eternos da epopéa. E escrever essa historia, como o estaes fazendo, senhores do Instituto, é cimentar no amor do presente a gloria do passado. Por amor ao Rio Grande, e pela gloria do Rio Grande, armaes hoje, na vigilia civica desta solennidade, um lidador sem brilho, mas sem medo.

CONFERENCIA

do tenente-coronel Souza Docca na data commemorativa do centenario do juramento da constituição politica uruguaya

Sr. Presidente

Ex.mas Senhoras

Illustres confrades

Meus Senhores

O Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul commemorando o primeiro centenario do juramento da constituição politica da Republica Oriental do Uruguay, compartilha do jubilo intenso, sincero e justo com que em toda a vastidão do Brasil hoje se festeja esse faustoso acontecimento.

Motivos intimos, especiaes, que muito nos desvanecem, existem para que possamos sentir neste dia o nosso coração, unido ao coração uruguayo, pulsar emocionado pelo mesmo sentimento, visto que firme e decisiva foi a cooperação de nossa patria para o acontecimento que se festeja.

Não é esta, bem sei, uma opinião universal.

Grande é o numero de escriptores nacionaes e extrangeiros que condemnam, com vehemencia e sistematicamente, os actos de nossos antepassados occupando a Banda Oriental e encorporando a Cisplatina.

A historia, porêm, que é, segundo o conceito profundo de Eduardo Prado, feita de reparações salutares e de tardias justiças, está a dizer-nos que se acham em desaccôrdo com ella os que maldizem a actuação de nossos maiores no scenario da politica platina, no periodo de 1815 a 1828, por julgarem essa actuação inexplicavel, injusta e criminosa.

O desacerto, o erro, dos que assim pensam, ainda hoje, reside na falta de espirito historico da maioria de nossos narradores, que se pagam e se contentam com o que encontram em letra de fôrma, sem attender ao caracter temporal da historia e com despreso dos methodos com que esta deve ser feita.

A falta de sinceridade de alguns chronistas e historiadores brasileiros, falta essa decorrente do receio de proclamarem um acto que lhes pareceu condemnavel e que compromettia a politica externa de nossos antepassados, acarretando-lhes graves responsabilidades ou do temor de dizer, sem refolhos, a causa final, isto é, a intenção, o objectivo, com que foram movidas as nossas tropas sobre o territorio uruguayo em 1816 e occuparam-no em 1817, tem sido a origem de opiniões contradictorias, de julgamentos injustos e tem dado margem a sophismas maldosos.

Sendo a historia, segundo o conceito de Cicero, a testemunha dos tempos, a luz da verdade, não é, nem póde ser convencional e sim expositiva, imparcial, serena e justa.

Não se deve, pois, escrever sobre historia com fins subalternos de agradar ou desagradar, mas para proclamar a verdade, que é seu alicerce indestructivel, solido, eterno.

E' tempo de dizermos, lisamente, o que os nossos maiores pretendiam invadindo a Banda Oriental e de referirmos, sem sentimentalismo blandicioso e sem temor de ferir melindres, os motivos daquella pretenção.

O que pretendiamos era o limite pelo Rio da Prata — velho ideal de alta visão politica e de extraordinario alcance economico, perseguido desde 1680, com a fundação da Colonia do Sacramento.

Era o que estava consignado nas instrucções reservadas de que se achava munido o general Lecór, foi o que este declarou ao governo das Provincias Unidas do Rio da Prata, em officio de novembro de 1816 e foi o que, de viva voz, disse ao coronel Nicolás Vedia.

Foram estas as declarações do chefe luso ao parlamentario argentino: „O exercito de meu commando só vem tomar posse da Banda Oriental e finalizará suas marchas no Uruguay.

„Ignoro se depois passarei a occupar a Provincia de Entre Rios; tenho ordem, entretanto, para guardar com Buenos Aires a mais perfeita neutralidade.

„O rei, meu amo, resolveu enviar suas tropas para recobrar o que já em outros tempos possuiu, com justos titulos

adquiridos desde o tempo da conquista e que a corôa de Castella lhe arrancou com violencia."

Queriamos, como se vê, tomar posse da Banda Oriental, reconquista-la.

Ha um grande numero de pessoas que condemna hoje aquelle desejo, mas os que se alçam em juizes para esse julgamento, se manifestam pelo subconsciente, fechando os orgãos visuaes e auditivos, para não ler nem ouvir a defesa do accusado, visto que nenhuma investigação fazem sobre a finalidade do acto incriminado e desprezam as causas que o determinaram.

A investigação criteriosa tanto da finalidade como das causas daquelle procedimento, demonstrará que não ha motivos para que por elle compareçamos, perante o tribunal da historia, contrictos a bater no peito.

Devemos ahi apresentarmo-nos com a fronte erguida e com a consciencia de quem sabe que terá no ajuste de contas final um grande saldo em favor de suas bôas acções, visto que a nossa actuação em prol da independencia absoluta da actual Republica Oriental do Uruguay, depois de nos havermos convencido da necessidade dessa independencia, foi energica, firme, sincera e decisiva.

Os destinos politicos de nossos visinhos do sul, como já tivemos occasião de dizer, quer elles se grupassem sob a denominação de Banda Oriental, quer formassem a Provincia Oriental, quer constituissem a Cisplatina: estiveram sempre dependentes do Brasil.

Foram as forças brasileiras que sustentaram e impuzeram a autoridade do vice-rei hespanhol na Banda Oriental, de fins de 1811 a principios de 1812.

Foram as forças brasileiras que expulsaram Artigas da Provincia Oriental

Cessou desde então o absolutismo do endeusado e intrepido caudilho e esfriou o ardente desejo da Argentina de submetter a provincia revel.

Dá-se a cruzada de 19 de abril de 1825, que por um erro crasso de addicção é chamada dos *Trinta e tres*.

Proclama-se, em 25 de agosto, a desencorporação da Cisplatina ao Brasil.

Resurge no scenario politico a Provincia Oriental, para perder no mesmo dia a independencia, pela reencorporação á

Argentina, a que pertencia e desejava pertencer, segundo os termos da acta reencorporativa.

O Brasil não aceita nenhum desses actos.

A luta continua.

O Uruguay fica, então, dividido em dois grupos politicos: um é brasileiro, o outro é argentino.

Surgem propostas de paz.

O Brasil só concorda com a terminação da guerra, conservando a Cisplatina e esse ponto de vista prevalece na Convenção Garcia, de 1827.

A Argentina não ratifica essa Convenção.

A luta prosegue e o Uruguay continua dividido nos dois grupos mencionados.

No anno seguinte, em 1828, a Argentina se apresenta para a Convenção, de paz, em virtude de mediação da Inglaterra, pleiteando a reencorporação da Provincia ambicionada ou a meia independencia della.

O Brasil mudára de pensamento — é, agora, pela independencia absoluta do Uruguay e a independencia absoluta do Uruguay é convertida em realidade.

Os generaes Guido e Balcarce, que foram os delegados argentinos na Convenção Preliminar de Paz, affirmaram a predominancia da vontade do Brasil, nestes termos, ao seu governo, quando este insistia pela meia independencia do Uruguay: „Desde logo, porêm, conheceram que a independencia temporaria da Provincia de Montevidéo estava reprovada nos conselhos do gabinete do Brasil, e que por isso sobre essa base seria mui difficil, para não dizer impossivel, negociar com proveito.

„Este conhecimento regulou a conducta posterior dos plenipotenciarios que subscrevem."

O dr. José Salgado, historiador de grande nomeada, pela erudição e pelo patriotismo com que vem enriquecendo os annaes de sua patria, presidente do Instituto Historico e Geographico do Uruguay, registra que a actuação dos delegados brasileiros contrariando os argentinos „foi tão decisiva que se abandonou a desgraçada formula da independencia provisoria."

Isto occorreu a 14 de agosto.

Quatorze dias depois era assignada a Convenção Preliminar de Paz, com a independencia absoluta do territorio que

para a Argentina era a Provincia Oriental e para o Brasil a Cisplatina.

Não é, pois, o 25 de agosto de 1825 a data magna, a que melhor assignala a independencia da Republica Oriental do Uruguay, nem o é tambem o 18 de julho de 1830 e sim o 27 de agosto de 1828.

Um dos maiores defeitos dos nossos historiadores é o de apreciarem os acontecimentos com o criterio que prevaleceu até ao romantismo para o julgamento dos factos sociaes: preoccupam-se apenas com o effeito actual do evento, com despreso das causas determinantes do mesmo e sem ligarem a menor importancia á sua finalidade.

Rindo sarcasticamente desse systema de avaliar os acontecimentos, Macchiavel, com a penetração e o atticismo que lhe eram peculiares, faz esta interrogação que nos obriga a meditar: „Em que tempo, em que lugar, foram as acções julgadas pela historia, bôas ou más, sem se considerar suas finalidades?

„Quem mata para furtar — é um assassino; quem mata para salvar a si mesmo — é um innocente; quem mata para libertar sua patria — é um heróe: tres homicidas, não tres culpados.

„Quem mente para cumprir o destino de um povo — é Moysés; quem mente para salvar um amigo — é Pilades; quem mente para roubar uma herança — é um jesuita: tres mentirosos, não tres culpados."

Desprezar a investigação das causas de que procedem os acontecimentos, é o mesmo que negar a causalidade em historia, em seu sentido real e positivo, equivalendo isso, como observa o illustre escriptor uruguayo Aquiles Oribe, a desvirtuar os fundamentos de seus feitos e estabelecer resultados que se alliceçam na phantasia.

E', entretanto, com esse criterio, que em geral se condemna a occupação da Banda Oriental e a encorporação da Cisplatina.

Não ha, ao se tratar desses actos, de nossos antepassados, uma unica palavra a attenua-los, dos nossos historiadores modernos.

Todos se alçam em accusadores systematicos e só aggravos enumeram.

Quando lhes cáe da penna uma causa, embora das que se filiam ás predisponentes, taxam-na de simples pretexto e,

fazendo um hiato inconsequente em nossa historia, jogam todas as culpas sobre Portugal.

Condemna-se a campanha da Cisplatina, porque não tinha „o menor élo com a tradição realmente nacional da conquista dos bandeirantes."

Absurdo seria se se encontrasse o élo de que se nota a ausencia.

A conquista dos bandeirantes foi feita pela occupação das terras em que se infiltravam os conquistadores, contra a vontade dos que ahi viviam e que foram submettidos a féro jugo, se indigenas ou expulsos a ferro e fogo, se pertencentes á Companhia de Jesus.

Foi uma conquista forçada, com todos os seus caracteristicos — desde o aviltamento do vencido até a imposição da lingua do vencedor.

A conquista da Cisplatina foi feita a pedido e pela submissão dos que ahi tinham dominio, na ancia de salvarem a vida e de obterem descanso e liberdade.

O conquistador foi recebido pelos conquistados entre festas e transportado, como se fosse um Messias, sob pallio, para tomar conta da capital do paiz.

Os orientaes continuaram fallando sua lingua e permaneceram á frente dos cargos publicos.

O general em chefe dos occupantes, contrahiu matrimonio com uma bella montevideana.

Os officiaes lusos e brasileiros brilhavam e eram requestados nos salões uruguayos.

O governo do general Frederico Lecór, foi um governo suave e frouxo.

O que acaba de ser mencionado fez com que aquella conquista fosse um phenomeno negativo.

Quando o conquistador não pisa sobre o vencido, este permanece apto para aggredi-lo.

O chefe dos chamados *Trinta e Tres,* assignára a celebre acclamação do Arroio da Virgem e o falso prisioneiro de Monzon, fôra cumulado de todas as honras e grandezas, que sua conhecida ambição desejára.

Sem a alliança desses dois paredros uruguayos, sem o prestigio do segundo delles, mantido e elevado pelo governo brasileiro, sem a liberdade de acção que conservaram os nati-

vos á frente dos cargos publicos na Cisplatina — não se teria dado a independencia desta.

Condemna-se tambem a campanha da Cisplatina sob o fundamento de que fôra „mero escopo imperialista e dynastico e não a resultante da expansão intrinseca dos paulistas e dos continentinos, appellido dado aos riograndenses."

Se com a expressão — *expansão intrinseca* — se quer dizer o que se podia considerar como parte integrante do territorio brasileiro ou que a este devia pertencer naturalmente, nenhum motivo ha para se excluir a Cisplatina dessa *expansão,* visto que nella se incluem as Missões Orientaes.

A Cisplatina, como seu nome traduz, é uma região aquem do Prata.

Essa região, como todos sabem, está ligada ao Brasil sem nenhum dos accidentes geographicos que, em regra, marcam linhas de fronteira e sim, por um territorio contínuo e por isso nenhuma differença se nota ao transpor a actual fronteira politica, determinada, em grande extensão, por uma linha secca.

Visavamos, entrando na Banda Oriental, como já ficou dito, fixar na margem esquerda do Prata nossos limites meridionaes.

A fundação da Colonia do Sacramento, em 1680, fôra o primeiro passo para a realização desse ideal de alta visão politica.

Perdemos depois esse marco naquella fronteira.

A idéa de reconquista-lo, entretanto, persistiu, até que della desistimos definitivamente, em 1828.

E' a isto, que entre nós, se condemna como „absurdo capricho do imperialismo de d. João VI."

Mas que é o imperialismo?

Com elle havia existido, como existia, como continuou existindo até nossos dias?

Responda por nós Oswald Spengler, com seu estylo incisivo e a firmeza e a convicção de um forte, que não se detem em choramingos romanticos, em face da realidade, por mais dura e desagradavel que ella seja: „O imperialismo é a civilisação pura. O homem culto dirige sua energia para dentro; o civilisado para fóra. Considero por isso Cecil Rhodes, como o primeiro homem de uma época nova. Representa o modo de ser politico de um futuro distante, occidental, germanico e, particularmente, allemão.

„Suas palavras *a expansão é tudo,* encerram nessa mesma construcção napoleonica a tendencia mais caracteristica de toda a civilisação madura.

„O mesmo se póde dizer dos romanos, dos arabes, dos chinos.

„Neste particular não ha differença, porque não regula a vontade consciente do individuo, das classes, ou de povos inteiros.

„A tendencia expansiva é uma fatalidade algo demoniaca e monstruosa, que se apodera do homem e, queira este ou não, saiba elle ou não, o constrange e o utiliza em seu serviço.

„A vida é a realização das possibilidades e para o homem cerebral não existem sinão possibilidades expansivas.

„Cecil Rhodes entendia por politica efficaz e triumphante, a politica de exitos territoriaes e financeiros."

A existencia do imperialismo em todos os tempos e por toda parte, evidencia que elle é, como, com verdadeira intuição dos sentimentos humanos, proclama Spengler, uma fatalidade que constrange e utilisa o homem em seu serviço.

E' uma tentação permanente e tanto mais forte e incitante, quanto maiores são as necessidades que o exigem ou mais faceis as condições de realiza-lo.

Foi considerando tudo isso que dissemos em recente estudo: O imperialismo de que nos accusam outra cousa não foi sinão a consequencia logica, fatal, de nossa condição de fortes, de nossa situação de ordem, de organização politica, deante da anarchia e do caudilhismo que infelicitava os nossos visinhos do Prata.

Duvidamos que depois de um estudo consciencioso de nossa situação em face desses mesmos visinhos, no primeiro quartel do seculo XIX, nos apontem em toda a historia da humanidade, certo povo ou paiz, que em condições semelhantes ás nossas, na época indicada, houvesse procedido de modo contrario ao que procedemos.

A maioria dos nossos investigadores se tem limitado a julgar se foi bôa ou má a encorporação da Cisplatina, sem indagar se era irresistivel esse acto e sem procurar a connexão que elle teve com os acontecimentos mundiaes — circumstancias estas indispensaveis para um julgamento criterioso da acção dos encorporadores.

As guerras napoleonicas empolgavam o mundo, excitando o imperialismo que vive em estado latente no fundo da alma humana.

Não é, pois, necessario remontar á antiguidade para sentir atravez dos seculos o desejo de expansão a inquietar e a mover os povos.

Esse desejo vivia no começo do seculo passado, uma das suas maiores horas.

Para verificarmos a existencia do imperialismo, em plena actividade, no momento em que entravamos na Cisplatina e esta, com seus homens mais illustrados á frente, se submettia e se encorporava aos nossos dominios, não precisamos ir á Europa, sob a atmosphera pesada das intervenções da Santa Alliança, não precisamos nos deslocar da America.

„O governo dos Estados Unidos", regista Rafael de Labra, „desde o primeiro instante, isto é: de 1816 a 1820, pelas declarações de seus homens mais illustres, obedecendo ás necessidades da politica local, caminhava para a conquista das Antilhas: primeiro como expansão natural e depois como uma consequencia logica do desenvolvimento da doutrina de Monroe."

Jefferson manifestava em 1809, ao presidente Madison, a necessidade que tinham os Estados Unidos de submetter ao seu dominio a ilha de Cuba.

Tão forte era essa convicção do illustre estadista norte americano que, tres annos antes de seu fallecimento, insistia nestes termos sobre o assumpto, junto a Monroe, na presidencia: „A verdade é que a encorporação de Cuba á nossa União é precisamente o que necessitamos para fazer com que o nosso poder como nação alcance o maior gráo de interesse."

Logo depois insistia: „Confesso francamente que sempre olhei Cuba como a addição mais interessante que se póde fazer ao nosso systema de Estados.

„A dominação que esta ilha, em união com a Ponta de Florida, poderá dar-nos sobre o golfo do Mexico e do mesmo modo sobre os paizes e o isthmo banhado por suas aguas, encheria a medida de nosso bem estar politico."

O illustre ministro hespanhol conde de Aranda, predisse, como um vidente, pelo conhecimento que tinha da tendencia humana, no inicio da vida independente dos Estados Unidos da America do Norte, o que este paiz fatalmente realizaria em futuro proximo:

„Dia chegará em que ha de crescer e se tornar gigante e será um colosso temivel naquellas regiões. Esquecerá então os beneficios recebidos de Hespanha e França, para só pensar em seu engrandecimento e ahi o seu primeiro passo será para apoderar das Floridas, com o fim de dominar o golfo do Mexico.

„Justifica este modo de pensar — acrescentou — o que tem acontecido em todos os seculos e em todas as nações que têm pensado em se engrandecer.

„Em qualquer parte o homem é sempre o mesmo.

„A differença de climas não muda a naturesa de nossos sentimentos e quem encontra occasião para adquirir poder e se elevar não deixa de aproveita-la."

E' com ampla visão dos homens e das cousas ou segundo os methodos de Bernheim, chamados da Escola Nova, preconisados por Buckle, isto é: seriando os feitos e estabelecendo os processos com o conceito da universalidade dos phenomenos historicos, que devemos nortear as investigações sobre nosso passado.

Quem se limita a interpretar ou julgar um acontecimento historico, da ordem do que nos preoccupa, sómente com os elementos existentes ou fornecidos pelo meio que elle circumscreve commette, como historiador, um erro do mesmo quilate que praticaria o geographo que tentasse descrever a terra, servindo-se exclusivamente dos elementos que ella encerra em certo paiz ou região.

Um rapido golpe de vista na historia universal, nos demonstrará como o imperialismo se manifestou e existiu até nossos dias e portanto após á nossa renuncia ás expansões geographicas, pela inconveniencia que observamos durante nosso dominio na Cisplatina, o que foi um dos factores determinantes da criação desta em Estado independente e soberano, evitando desse modo, a constituição de um vasto paiz formado, como era o ideal argentino, pelo territorio do antigo Vice-Reinado do Prata; e, finalmente, renuncia absoluta, por força de um adeantado, sabio e pacifico dispositivo de nossa lei basica.

O olhar retrospectivo de que acabamos de fallar, nos recordará os seguintes acontecimentos:

A guerra entre o Mexico e os Estados Unidos, assegura a estes, em 1848, a encorporação da California.

Esta conquista volveu os olhos ambiciosos do poderoso paiz, para o isthmo do Panamá, na visão da grande obra de extraordinarios resultados economicos, que realizou pouco mais de meio seculo depois, com desprezo dos direitos invocados pela Colombia.

A França, em 1860, em situação semelhante á nossa, em face da Cisplatina, encorpora aos seus dominios Nice e Saboia, que lhe offerecêra Cavour, para assegurar a unidade italiana, como nos fôra offerecida a Banda Oriental, para evitar-se o desmembramento eminente das Provincias Unidas do Prata.

Napoleão III exige, como nós haviamos exigido, o plebiscito e este, lá, como aqui, foi favoravel á encorporação.

A victoria que os prussianos obtiveram sobre os austriacos na batalha de Sadowa, em 3 de julho de 1866 — é o direito com que aquelles encorporam ao seu territorio os ducados de Schleswig e de Holstein.

O tratado de paz de Francfort, em 1871, desmembrou da França a Alsacia e a Lorena, que para seu dominio voltaram, pelo tratado de Versailles, de 1919, dictado, como aquelle, pelo vencedor nas guerras que lhes deram origem.

A explosão e o afundamento do *Maine*, no porto de Havana, em 1895, serve de pretexto aos Estados Unidos para proclamarem a independencia de Cuba e occupa-la. Desse procedimento resultou a guerra com a Hespanha, que terminou tres annos depois, com a encorporação das Philippinas e Porto Rico.

A Inglaterra, em 1902, depois de destruir a republica dos *boers*, encorpora aos seus dominios o Transwal e o Orange.

A guerra russo-japoneza, em 1904, não foi mais do que a disputa sangrenta de um pedaço de terra na Mandchuria.

A Austria, em 1908, annexa a Bosnia e a Herzegovina, com despreso do tratado de Berlim de 1878, em virtude da paz de San Estefano, tratado esse que lhe impunha respeito pela integridade da Turquia.

Em 1846, quando uma companhia franceza tratava da abertura do canal do Panamá, os Estados Unidos firmaram um tratado com a Colombia, que foi ratificado em 1848 e pelo qual se obrigavam a manter a integridade territorial desta e, como a mantiveram nos disse Roosevelt, nesta phase imperiosa de Jupiter Tonante, quando seu paiz, depois de recusar uma arbitragem, ficou com a posse do cubiçada isthmo: „I toock Panamá!"

O dr. Luis Alberto de Herrera, personalidade uruguaya das mais representativas, pela cultura e pela posição politica que tem em sua patria, observa em interessante livro, que não existe em nosso continente uma unica nação debil, que não tivesse sentido os effeitos da oppressão expansionista de suas irmãs poderosas e exemplifica: „Apenas independente, Venezuela, ataca a Colombia, que a seu turno ensaia dominações sobre o Equador.

Perú impõe seu poderio á Bolivia, emquanto o Chile cáe sobre ambas."

Porque Portugal e depois o Brasil haviam de fugir desse determinismo fatal de querer encher a medida de seu bem estar politico, para servir-nos de uma opportuna e expressiva phrase de Jefferson, concitando Monroe á posse de Cuba?

Ha um historiador brasileiro que, ao manifestar seu repudio pela occupação e encorporação da Cisplatina, justifica sua ogeriza por esses actos com a condemnação que, diz elle, taes acontecimentos mereceram de todas as nações do mundo civilisado.

Ha, além de exagero, um lamentavel erro no fundamento de tão grave sentença.

Faze o que eu digo e não o que eu faço — é uma das formulas mais cynicas do egoismo humano.

Era isso precisamente o que exprimiam os que condemnavam aquelles actos de nossos antepassados.

O protesto não era de todas as nações do mundo civilisado e sim das cinco potencias que constituiam a Santa Alliança e por isso não tinha a significação que se lhe attribue.

Não foi contra a occupação de parte ou do todo de um paiz livre da America que se levantou aquelle brado. O que elle tinha em mira era a defesa do territorio de uma colonia de um Estado europeu.

Não era a liberdade de povos americanos que se resguardava, mas o direito de senhorio da Europa sobre a America.

Para julgarmos os acontecimentos em que o homem entra como principal factor, é indispensavel que não o colloquemos acima da craveira humana.

Como a endossar as observações do conde de Aranda, ha pouco referidas, existe esta lição de Gustavo Le Bon: „A intelligencia tem progredido no decurso dos annos e tem desvendado ao homem maravilhosos horizontes, ao passo que o caracter, verdadeira base da sua alma e seguro motor de suas actividades, não tem mudado.

„A natureza humana deve, pois, ser aceita tal qual é."

Emquanto no Brasil se condemnam, imponderadamente, as tentativas de nossos maiores de fixarem seus limites politicos, no extremo sul, na margem esquerda do Prata — no Uruguay, a voz de um dos maiores de seus filhos vivos — o dr. Luis Alberto de Herrera — assim se manifesta: „Proprietario o hespanhol de uma margem do rio, nada mais comprehensivel, que a vontade adversaria de adquirir a margem opposta, principalmente se considerarmos que a fragil linha divisoria terrestre jamais esteve livre de controversias interpretativas, sustentadas com escassa bôa fé."

O estudo relativo á occupação da Banda Oriental e á encorporação da Cisplatina, para assentar sobre base segura, deve versar preliminarmente sobre a causa final desses actos e em seguida sobre as causas predisponentes, representadas pelo monarchismo dos platinos; pelas idéas de Artigas sobre o Rio Grande do Sul; pelo barbarismo dos dominadores de bota de

potro no Uruguay; pelas turbulencias de Artigas e pelas instigações dos argentinos para que o Brasil occupasse a Banda Oriental, mantendo para isso um representante no Rio de Janeiro e, finalmente, sobre as causas efficientes ou accessorias, resultantes da preferencia dos uruguayos pelo dominio brasileiro e provinientes das aggressões de Artigas, antes de ser atacado.

E' volumosa, interessante, cheia de revelações curiosissimas a documentação existente e já conhecida sobre essas tres causas.

Entre esses documentos os referentes ao monarchismo dos platinos nos revela o opposto daquillo que em geral se affirma quando se estuda a evolução da idéa republicana no Brasil.

Vemos, por esses documentos, que as nossas primeiras tentativas em prol da independencia e visando o regimen democratico, não tiveram inspiração nas aspirações politicas de nossos visinhos de oéste e do sul. Ao contrario — entre elles é que se propagava, mesmo depois de instituirem a republica, o systema politico em que então viviamos.

A revolução de 1.º de dezembro de 1828, chefiada pelo general Juan Lavalle, tinha objectivos monarchicos.

Foi o cabeça desse movimento insurreccional que confessou esses designios ao general Manuel Escalada, accrescentando que assim procedia por estar visto que a republica não podia existir em seu paiz, por ser uma merenda de negros;

> que já havia dado os primeiros passos naquelle sentido; que o soberano seria um principe das primeiras dynastias da Europa.

Existe, entretanto, muita gente que se escandalisa com o objectivo secundario da missão Santo Amaro e o condemna.

Houve, não se póde negar, nas tentativas de implantação da monarchia no Prata, dois erros politicos.

O maior desses erros foi commettido pelos nossos visinhos, que se esforçavam por matar a republica que nascêra na região platina, como planta inculta em terreno ubertoso e propicio e por isso, não obstante espezinhada quando mal surgia, brotava vigorosa em seguida, até que poude estender sua viçosa fronde por toda aquella região.

O outro erro foi praticado pelos nossos antepassados, mas decorre elle das tentações com que os assediavam os monarchistas da margem direita do Prata.

O Brasil era movido, naquelle scenario, pelo interesse maior, que é a mola propulsora e incontrastavel de todos os actos humanos, bons ou maus.

Aquella documentação revela-nos tambem, que o governo argentino condemnou, como acto criminoso, em nota dirigida á Côrte do Rio de Janeiro, a revolução republicana de Pernambuco, em 1817.

E, pelo estudo das causas predisponentes, verifica-se que a Grande Republica Oriental, ideada por Artigas, devia ser constituida pelos paizes ou territorios povoados pelos indios guaranis e charruas, isto é: Paraguay, Corrientes com o territorio de Missões, Rio Grande do Sul, Entre Rios e a Banda Oriental.

Confessada, como ficou, a intenção de nossos maiores, occupando a Banda Oriental, em 1816, resta-nos o dever e a necessidade desta declaração, para que bem se possa interpretar o nosso sentir: Cousa insana, condemnavel, indigna, monstruosa, seria, hoje, a simples existencia do desejo de conquista da Republica Oriental do Uruguay, por se tratar de um paiz civilisado, feliz, de alta cultura, de admiravel correcção em sua politica externa, de modelares methodos de educação, onde temos ido beber lições, para melhor ensinarmos nossos descendentes e, além disso — paiz cujos filhos são exemplos de patriotismo, de ordem e de trabalho e assim, visinhos que nos honram e amigos que muito prezamos.

Foi pelo conhecimento de tão apreciaveis attributos, que geram sympathia, respeito e confiança, que iniciamos e vamos terminar esta descolorida oração, affirmando, com intimo contentamento, um facto que evidencia, que traduz, a nossa estima e admiração: neste dia o coração brasileiro amido ao uruguayo, pulsa emocionado pelo mesmo sentimento que desperta, alvoroça e faz vibrar a alma heroica do grande e nobre, idealista e realizador, glorioso e bravo, lutador e forte, povo amigo!

CONFERENCIA

do sr. dr. Darcy Azambuja, socio eleito, sobre o barão de Santo Angelo

„Desde o momento, grave e honroso, em que me delegaram falar nesta solennidade, decidi commigo não tentar fazer a critica da grande obra do artista, do preclaro riograndense, cujos despojos a sua terra natal vae emfim abrigar.

De tanto arrojo me arredariam felizmente, a falta de aptidões para critica e o temor de alinhar mais uma apreciação, esta fragil e acanhada, a tantas outras, brilhantes, feitas sobre Araujo Porto Alegre. Ainda mais que toda a physionomia artistica de sua vida retraçou-a aquella empolgante força do estylo de Alcides Maya.

Falarei, é certo, de sua obra, mas em funcção de homem; direi um pouco dessa grande alma, dessa intelligencia e desse coração admiraveis, que encheram de um tão vivo esplendor o berço humilde e tosco da arte brasileira.

Pela mão de um amigo, o acaso trouxe a mim a mais completa e a mais exacta biographia de Araujo Porto Alegre. Ponho-lhe esses adjectivos porque se trata de uma auto-biographia, que o grande artista confiou ao professor João Maximiliano Mafra e que Carlos de Laet doou á Academia de Letras.

Mais lucrarieis vós si eu, em logar de uma conferencia, vos lesse o notavel documento. Para não trair o meu mandato, porém, perdoae que eu substitua grande parte do util pelo superfluo.

A chronologia localisa o nascimento de Araujo Porto Alegre em 29 de dezembro de 1806, na então villa de Rio Pardo. Mas a psychologia collectiva, a sciencia social da philosophia da historia, como dirão do apparecimento desse vulto enorme, dessa individualidade excepcional no fundo confuso de uma co-

lonia, na linha despedaçada e tumultuaria onde dois reinos, duas raças e tres povos se entredevoravam heroicamente ha dois seculos? Naquelle acampamento barbaro de gauchos brutos, de bugres violentos e de mercenarios famintos, naquelle reino de todos os instinctos, onde se fundia, na chamma dos combates e dos fogões, os residuos de varias raças, como surgiu aquella alma de serena grandeza, synthese nobre de todas as tendencias superiores de sentimento e de razão, organização de artista, onde se reflectiram ampliadas as irradiações de toda a cultura contemporanea.

Tanto é verdade que o genio não tem clima, tão certo é que em todos os terrenos podem despontar essas flores maravilhosas da idealidade.

Os dois primeiros embaixadores que o Rio Grande mandou á metropole e ao mundo denunciaram logo a estirpe de onde sairam: Araujo Porto Alegre, o maior artista do seu tempo, no Brasil, Araujo Ribeiro, sabio e philosopho de quem Darwin se honrava em prefaciar as obras.

Orphão de pae aos cinco annos, iniciou Araujo Porto Alegre os seus estudos nesta capital, com o celebre mestre Avila. Já era sisudo e um pequenino sabio aos doze annos, tendo em seu quarto um minusculo museu por elle proprio organisado. Nessa época a camara da cidade mandou fazer pintura e illuminação em regosijo pelo nascimento do principe da Beira. O pequeno estudante, para admirar as pinturas, gazeou a aula e recebeu por isso, o primeiro castigo. Toda a sua vida deveria ser a ampliação desse facto: um soffrimento ligado a cada manifestação de suas tendencias artisticas.

Aos dezeseis annos, com os estudos preparatorios terminados, a necessidade fel-o adoptar o officio de relojoeiro, para sustentar a si e á sua mãe. Foi quando chegou a esta cidade um francez Francisco Ther, que lhe ensinou alguma coisa de desenho. O maior desgosto do joven artista era não saber perspectiva, o seu martyrio era não poder representar as coisas ao longe. Um dia, numa estampa representando os banhos romanos de Nismes, notou a convergencia das linhas, mediu-as com uma regua e, como Pascal descobriu a sua geometria. Foi tão grande a sua commoção — confessa-o elle proprio — que desmaiou e só no dia seguinte teve forças para trabalhar. Dura e amarga lhe corria a existencia; fez-se pintor de paredes para melhor ganhar o pão. E foi nesse officio, quando pintava a casa de um rico negociante, que apreciou um quadro de Debret, representando o desembarque da imperatriz Leopoldina. Sabendo que Debret estava no Rio de Janeiro, formou

o plano de ir para a côrte. Faltaram-lhe, porém, todos os recursos e uma grave infelicidade o surpreendeu. Victima de uma vingança mesquinha, foi incluido ao recrutamento ordenado em 1826 pelo presidente da Provincia, Salvador José Maciel. A intervenção casual do visconde de Castro, poderoso irmão da todo-poderosa marqueza de Santos, que se condoeu da sorte do joven artista, salvou-o da milicia, mezes depois.

Com algumas doblas que ganhára fazendo quadros, embarcou-se, emfim, para o côrte, em companhia de José e Raphael de Araujo Ribeiro.

Na côrte, começou para Araujo Porto Alegre a larga, attribulada e gloriosa existencia que, entre infelicidades crueis e esplendidos triumphos, fez de sua carreira uma epopéa da intelligencia, da nobreza e do soffrimento.

Não sómente em terra estrangeira, mas em sua propria patria, o barão de Santo Angelo esteve, mezes sem conta, a morrer pura e simplesmente de fome, victima da sua honradez, da superioridade do seu caracter e de seu talento, que lhe fez tantos inimigos gratuitos e impiedosos.

Logo de chegada á côrte, fez-se alumno de Debret e, em 1830, na primeira exposição que se fez, a seu pedido, na Escola de Bellas Artes, conquistou tres premios, em pintura, architectura e esculptura.

Essa prova ruidosa do seu extraordinario valor attraiu a ira de todos os artistas estrangeiros e nacionaes que monopolisavam as artes plasticas na capital do imperio. Começaram a mover-lhe guerra sem treguas, que durou trinta annos e lhe envenenou toda a existencia.

Um incidente feliz tornou-o notado de D. Pedro I, que o levou ao paço e lhe encommendou varios quadros de valor, promettendo-lhe uma viagem á Europa, pelo tempo que lhe aprouvesse. Veiu, porém, a abdicação do monarcha e com ella, a derrocada de todas as esperanças do joven pintor.

Uma serie de outros infortunios adensaram-lhe a penuria em que se debatia. A miseria e as injustas perseguições arruinaram-lhe a saude e o futuro. Iria talvez desesperar, quando novamente a fortuna se approximou, José Bonifacio e Evaristo da Veiga, que o conheciam, condoeram-se da sua critica situação. O patriarcha conseguiu-lhe uma passagem gratis a bordo do vaso de guerra inglez „Dkrance" e Evaristo da Veiga reuniu com uma subscripção 400$000 para as suas primeiras despesas no velho mundo. Foi com esse cabedal que desembarcou em Brest e se matriculou em Paris na escola do barão de Gros, sempre em companhia de seu mestre Debret, que foi um amigo dedicado e fiel.

Novamente lhe parecia sorrir o futuro, quando desastres financeiros de seus parentes aqui no Brasil o atiraram á miseria a que só não succumbiu pelo auxilio pouco mas carinhoso de Debret, quasi tão pobre como elle.

Foi nessa época, no boulevard dos Capuchinhos, em um desses passeios com que a phantasia engana a pobresa e a dôr, estando a olhar as estampas de uma vitrine, que sentiu uma rude pancada no hombro e, voltando-se, deu com s. m. d. Pedro I, que, sorrindo, perguntou-lhe se tambem emigrara.

Dias depois, despedindo-se do ex-imperador, que ia fazer o seu celebre desembarque no Porto, disse-lhe d. Pedro, com aquella ruidosa franqueza de seu habito: „Vou partir, e a Europa saberá o meu destino. Se for feliz e si o sr. quizer ir procurar-me, vá, que encontrará um amigo. Si eu conhecesse antes os homens como agora os conheço, não teria abandonado meus filhos". E chorou, uma das ultimas vezes que chorou aquelle grande e sympathico arruaceiro coroado.

Por fim, graças á generosidade do visconde de Sepitiba, então na Europa, e que lhe offereceu vinte mil francos, dos que só acceitou 4.000, Araujo Porto Alegre foi para a Italia, em companhia de Gonçalves de Magalhães, a quem deu metade do pão da sua pobresa e o incentivo para escrever o famoso poema „A Confederação dos Tamoyos". Foi a quadra mais feliz, a unica, de sua vida, consagrada á contemplação, nos museus da peninsula, das grandes obras-primas da antiguidade e da renascença.

Voltando á França, começou a receber a pensão que Martim Francisco lhe conseguira, afinal da rotina e mesquinharia dos ministerios. Por indicação de Michaud, presidente do Instituto de França, desempenhou duas commissões importantes, que lhe valeram em renome europeu.

Quando, em 1835, lhe chegou a noticia da revolução farroupilha, embarcou para o Rio, ansioso por estar junto á sua mãe.

Começa ahi a terceira phase da sua vida, tão atribulada e sacudida de infortunios como as outras, mas como as outras cheias de vibrantes affirmações de seu previlegiado talento. Professor e depois director da Escola de Bellas Artes, refundiu completamente o rotineiro Instituto, animando-o de uma vida nova e de um prestigio incomparavel.

Soffreu, como nunca a guerra dos noctivolos de arte, mas a luz da sua obra admiravel acabou por afastar os abantesmas que a terra quente e grossa dos tropicos gastára. Não foi um simples professor de doutrinas, mas um mestre de acção. Ensinava a trabalhar, trabalhando, foi essa a phase de sua prodigiosa actividade como pintor, architecto e esculptor, ligando o nome a todos os acontecimentos artisticos dessa época.

Junto a Gonçalves de Magalhães renovou o theatro de João Caetano, que lhes pagou com a maior das ingratidões.

No paço imperial as suas obras causaram profunda admiração aos representantes dos thronos europeus, e d. Pedro II, que entre qualidades e defeitos de imperador republicano e sabido honorario, tinha o dom de achar as capacidades, encarregou-o de trabalhos de vulto e conferiu-lhe as primeiras ordens honorificas.

Um desentendimento com o marquez de Olinda, que nomeou um analphabeto para professor da Escola de Bellas Artes, afastou-o daquella casa. Dedicou-se, desde então, 1857, á literatura. A' poesia, á critica, ao drama e á literatura historica, não foi menor a somma incomparavel de talento e de energias que levou. De 1858 a 1870 escreveu quasi todas as poesias que enfeixou com o titulo de „Brasilianas", escreveu grande numero de dramas, artigos esparsos e, por fim, a sua obra monumental „Colombo".

Ingressando na carreira diplomatica, serviu a sua patria com aquella mesma intelligencia, honestidade e exaustivo labor que invariavelmente singularisavam todas as suas idéas, todos os seus sentimentos e todas as suas acções.

Num discreto commentario final á auto-biographia de Porto Alegre, o professor Mafra disse delle: „Teve o defeito geral dos rio-grandenses: homem de grandes affeições, de grande tenacidade e independencia de caracter, despresador de seus inimigos, sejam de que categoria forem."

Accrescentae o genio artistico a essas caracteristicas com que o provecto professor honrou os rio-grandenses, e tereis a synthese psychologica de Araujo Porto Alegre, a historia de sua gloria e a causa de suas infelicidades.

Grande talento, grande caracter, grande trabalhador, era grande demais para o meio rotineiro onde viveu. Foi uma excepção affrontosa para a espessa mediocridade da época.

Aggrediram-no, calumniaram-no, feriram-no, não tanto por maldade, mas por instincto, como o animal aggride o homem; para defender a carne que treme ante um ser differente e superior.

Mas, a propria fatalidade que produz os genios, vinga-se das injurias e das perfidias do ambiente onde elles apparecem. A belleza, a verdade, a bondade que o genio cria, não augmen-

tavam a somma de belleza, de verdade e de bondade de seus contemporaneos; só os posteros teem receptividade para ellas, só o futuro enriquece o seu thesouro moral com as obras que os genios realisaram na desgraça.

A vida de Araujo Porto Alegre foi a vida de um artista, de um sabio e de um santo, pela belleza que criou, pela sciencia que possuiu e pela bondade com que viveu.

Cedo libertou-se do classicismo insipido de sua época e descobriu, na natureza formidavel de sua terra, relações de harmonia, de fórma e de expressão novas. A plethora barbara dos tropicos, não era ainda materia de arte para o psittacismo dos imitadores da Grecia. O autor de „Colombo", com a sua formidavel imaginação, corrigiu-lhe os excessos e as imperfeições, creou uma alma de arte immortal, foi a voz da America falando ao mundo, por sobre a immensidade dos oceanos.

Filho de uma provincia barbara e guerreira, foi das maiores e mais bellas mentalidades do Brasil; saido de um imperio inculto, foi mestre na velha metropole da civilização contemporanea; impregnado de cultura humanista, cantou a America e a pompa formidavel dos seus quadros selvagens. Fechou assim, num estylo de epopéa, a luminosa e vibrante existencia de um precursor glorioso e solidario.

Quando tudo lhe negaram, elle tudo deu á Patria; a miseria que tantas vezes o torturou não lhe desvairou a imaginação: guardou na arte a mesma belleza da sua vida interior.

Por isso, ao morrer, em pureza de coração e de espirito, poude escrever em seu testamento estas verdades simples e severas: „Nunca provoquei lutas; porém, a amizade me levou ao campo muitas vezes e o direito sempre. Nunca amei os homens pela sua posição; nunca adorei o dinheiro, tendo sempre vivido pobremente, e nunca tive outra ambição que não fosse a de um nome sem macula.

Soffri pela amizade e pela justiça, porque sempre detestei a deslealdade e o despotismo.

E, de meus paes, de meu soberano e dos homens honestos fui sempre respeitoso e dedicado amigo".

Pagamos-lhe já tarde a divida immensa da nossa gratidão.

Longe da Patria, tocado pela funda saudade dos seus lares, escreveu um dia estes versos sentidos, das „Brasilianas".

Conferencia
do dr. Simoens da Silva

O dr. Antonio Carlos Simoens da Silva, que esteve nesta capital, proferiu, a sua segunda conferencia, no salão nobre da Bibliotheca Publica, tendo tido o patrocinio do Instituto Historico e Geographico, que realizou uma sessão especial.

O conferencista falou sobre o thema „Estados Unidos. Canadá, Alaska e Hawaii.

Publicamos o resumo da conferencia feita, a qual agradou muito á assistencia numerosa.

O conferencista começou referindo-se a Nova York, tratando dos seus mais interessantes pontos de attracção. Dentre estes citou: a „Columbia University", mesmo no coração da grande metropole, está construida em varios edificios, tendo uma frequencia de 9000 alumnos e 3000 alumnas. Resaltou o facto da maioria das universidades americanas do norte approvarem os alumnos, por media ou pelos relatorios semanaes ou bi-semanaes, como observou na „Drexen University" em Philadesphia. Referiu-se a seguir ao maior arranha-céo do mundo, o denominado „Woolward Building", na City, com 55 andares sobre o solo, tendo um elevador até o 48.º andar e outro dahi ao 55.º, devido a extensão dos cabos de aço. Diz que esse edificio foi construido com o producto da venda de objectos de 5 a 10 centavos, nas innumeras casas desse genero de negocio, disseminadas por todo o paiz. Falou a seguir nos 6 milhões de habitantes a se movimentarem, sempre correndo, por toda cidade, observando sempre a mão em todas as direcções. Tratou ainda das casas „Macys", „Sacs", „Gimbels" e outras, enormes, occupando quasi quadras inteiras. A Broadway que tem 25 kilometros de extensão, fóra os 8 da City, diz que goza de brilhante illuminação, devido apenas aos annuncios illuminativos de movimento constante. Geralmente os hoteis são enormes e hoje caros para os brasileiros, por cau-

sa do cambio, sobresaindo dentre elles os: Knickbocker, Astor, McAlpin, Baltimore, Walcott, Waldorf Astoria, Saint Regis, etc. As estações ferroviarias da „Central" e da „Pensylvania", declara que são enormes, tendo o saguão da primeira delas o tecto abobadado, convertido em céo illuminado pelas constellações cujos animaes teem olhos de fogo sempre em movimento.

E' sabido fazerem as raparigas que se divertem — declara o conferencista — uma só toilette para cada estação, indo com ella a todas as diversões, sem preoccupação de luxo e de preconceitos, que reputam tolos. Os „subways", os „tubes", os „elevateds", diz que põem pontos aos forasteiros que pela primeira vez aportam á Nova York: os primeiros, pelo movimento de passageiros, a certas horas; os segundos, por atravessaram da ilha de Manhattan para Brooklyn e para Nova Jersey, por baixo do curso dos rios Hudson e East-River; e os terceiros, pelo barulho e escuridão que fazem pelos logradouros publicos da cidade, por onde passam. A roupa lavada e engommada declara que é recebida, mais ou menos, 12 horas depois de entregue suja ás lavanderias e se se extraviam quaesquer peças, mesmo velhas, muito usadas que sejam, o freguez recebe logo a indemnisação como se novas fossem. Cita os „lunchs" rapidos, por toda cidade, sempre muito frequentados por todas classes sociaes e bastante fiscalisados pela Saude Publica, e depois a „China Town", havendo outra em São Francisco da California, as quaes são bastante interessantes pelos habitos e costumes orientaes ali observados, sendo tambem o logar para venda clandestina do opio, embora a policia americana exerça sobre os respectivos vendedores, rigorosissima fiscalisação.

Abundam actualmente na cidade, declara, os taes „Chineze Dancings", começando ali o jantar ás 20 horas e terminando, geralmente, ás 3 horas da madrugada. O Hypodromo Theatre, que comporta no palco 450 pessoas, fora, camelos, elephantes, cavalos, etc., tido até 1916 como o maior theatro do mundo, já faz parte hoje — declara o conferencista — dos de 2.ª categoria, pois o „Paramount Theatre", no „Times Square" e o celebre „Roxy Theatre", na „6.ª Avenida", proximo á Broadway com 6.200 logares de dollar cada um com dois espectaculos por dia, sempre repletos, fazendo 102 contos de reis da nossa moeda, já o desbancaram. Todas as coristas devem ser: bellas de corpo, de linda physionomia e de perfeita dentadura, senão, não são acceitas.

Referindo-se ao Estado de Nova York, disse: „O Niágara, grande quéda d'agua americana do norte, é, de facto, linda, tendo-a visto, na ultima vez que lá esteve, semi-gelada,

inclusive as arvores, cujos galhos estavam arreados ao peso da congelação dos borrifos da mesma. Andou em torno dos seus rapidos, na linha de bondes electricos, „Belt line" e pelos arredores da cachoeira, de trenó, tirado por 2 fortes cavallos. Tambem passeou de „ice-boat" sobre a superficie congelada do Lago Ontario, cujas 3 laminas de aço, sobre as quaes o mesmo repousava, deslisavam sobre o escorregadio elemento, que fazia gosto.

Tratou das Escolas Naval e Militar, aquella, em Anapolis e esta, em West Point, cujos alumnos nos „matchs" de football, são conhecidos uns, por bódes e outros, por jumentos.

Diz que ainda agora, na propaganda presidencial, os dous candidatos dos partidos Democrata e Republicano eram representados respectivamente por um burro e por um elephante. Afinal, venceu o elephante, pois, o sr. Hoover foi o eleito.

No Estado de Novo Mexico visitou em Santa Fé o celebre „Cliff Dwelling" (caverna dos trogloditas) denominado „Puyé", a 2.500 metros sobre o nivel do mar, todo circumdado de neve. São casas feitas n'uma collina artificial, formada de cinzas vulcanicas, concentradas, de tectos abobadados e, geralmente, negros da fumaça da cozinha, alguns dos quaes communicando-se.

Do Estado de Pensylvania referiu-se ao Capitolio (Parlamento) de Petersburgo, com um dos recintos, azul e ouro, e outro, verde e prata; e a Escola de Indios, de Carlisle, onde permaneceu por 6 horas a visital-a e a observar os typos de raças diversas das muitas tribus do paiz. Nessa escola modelar, estavam matriculados 743 homens e mulheres. No Estado de Arizona, visitou, em Ademana, a celebre Floresta Petrificada, da qual apenas se veem restos, embora se admirem ainda algumas arvores deitadas e innumeros fragmentos de outros, todas em estado fossil e lindamente irisadas. Ali existem das taes areias fofas, que tragam tudo que sobre ellas pese. Ainda ha pouco, um automovel, cujo chauffeur não obedeceu ao respectivo balisamento, foi tragado por ellas, salvando os seus passageiros, devido aos laços que vaqueiros, ao passarem por perto, lhes atiraram.

Da capital do paiz, Washington, D. C., referiu-se ao seu capitolio, de esplendida architectura, lindos ornatos e ricos frescos internos, com uma preciosa bibliotheca, com a qual, até fallecer, muito se occupou o nosso patricio dr. Oliveira Lima.

Referiu-se ao Theatro dos Pretos, na Pensylvania Avenida, em 1916, sem frequencia de gente branca e no cruzamen-

lo das ruas „13“ com „S“. Agora em fins fins de 1928, havia no mesmo theatro tanto de uma côr como de outra.

Referiu-se a um episodio de uma americana, filha de um fazendeiro rico, que com o conferencista foi ao theatro e ao cabaret, em Washington D. C., em 1916, achar-se horrorizada por ver gente de côr no bonde, em que viajava em sua companhia, ficando calma, logo depois, quando lhe fez ver que tanto o preto como o branco defendia o paiz e pagava identicos impostos aos cofres publicos da nação.

No Estado de Wisconsin, visitou em sua capital „Madison“, os dous celebres „mounds“: a andorinha e o elephante, aos quaes o povo tributa o maior carinho, inclusive todos os alumnos da respectiva universidade.

No de Colorado: visitou a notavel „Casa da Moeda“. Da sua capital: Denver, onde viu na casa forte ½ bilhão de ouro em barra e amoedado; sendo nesta e não nas de São Francisco, na California e de Philadelphia, na Pensylvania, onde o governo do paiz guarda as suas reservas metallicas, por achar-se a mesma retirada dos dois oceanos.

Nesse mesmo Estado visitou a „Cova dos Ventos“, gruta natural, muito inferior a qualquer das nossas: Coimbra, em Matto Grosso, Casa da Pedra, em São João d'El Rey e Maquiné, em Cordisburgo de Vista Alegre, ambas no Estado de Minas Geraes, e, no emtanto, está toda confortavelmente adaptada á visita publica, e as nossas, sempre ao abandono.

No de Illinois, em Chicago, visitou a sua „Packing House“, vendo os porcos entrarem para ella vivos e della sairem em linguiça e em presunto. Um batalhão de homens, todos firmes em seus postos, esperam a passagem de cada animal ali sacrificado e vão reduzil-o á mais simples expressão, até entrar na sala da cozinha ou estufa.

Junto do Estado de Missouri, visitou o Cahokia Mound, de cubação essa collina artificial, maior do que qualquer das pyramides do Egypto. No Estado de California, visitou em Sacramento o Forno Crematorio, que, por 35 dollares ou cerca de 300$000 de nossa moeda, reduz o corpo de um homem a cinzas, pelos fortes esguichos de oleo incandescente, tendo que esperar as mesmas 24 horas para o seu resfriamento.

Hollywood, diz que tem 42 fabricas de films, dirigidas todas por um superintendente allemão e um assistente inglez; bebendo-se ali champagne, como agua da bica.

E concluiu, dizendo:

Em Los Angeles é digno de ser visitado o grande Jardim das Rosas em frente ao Museu, o qual occupa uma área, de cerca de meio kilometro por 250 metros.

Que immensidade de variedade de cores, typos e tamanhos e, quanto perfume continuamente alli em exhalação! A Fazenda dos avestruzes africanos, com mais de 500 individuos adultos, tambem prende muito a attenção dos hospedes do districto de Passadena; tendo elle conferencista andado montado n'um d'elles segurando as competentes redeas e as azas, que manteve sempre sobre as suas pernas.

Essa fazenda falliu no anno passado, porque não são mais utilizadas as plumas, actualmente, nos chapéos de senhoras. No mesmo districto, pode, tambem ser visitada a grande criação de jacarés para o fim de industria extractiva. Lamentou que o Brasil, com tanto jacaré em seus rios e lagoas, como viu, ha pouco, na Bacia do São Francisco, não se utilize desses grandes saurios para o mesmo fim, aproveitamento do seu couro e do respectivo oleo.

Da Exposição de San Diego, appellidada: „Panamá-California-Exhibition“ de 1915, conseguiu agora, em fins do anno de 1928, achar a grande medalha de ouro, conferida ao Estado de São Paulo, pelo seu café, trazendo-a comsigo para o referido Estado da União. Da Exposição de São Francisco de 1915—1916, recorda-se muito das 120 salas de artes: pintura e esculptura, que visitou em 4 dias, onde a Espanha, como sempre e a Ungria, sobresairam com as mais ricas telas.

Do Estado de Utah, faz referencias ao Lago Salgado, que deu o seu nome a capital do mesmo, cujo trem corre sobre trilhos, collocados ao nivel das aguas, sobre pretensos terraplenos de seixos rodados, apanhados nas suas margens e sobre pontes de ligações em, talvez, 28 kilometros de extensão em toda travessia; parecendo aos passageiros, que o grande e veloz vehiculo em que viajam, está sempre deslizando sobre as proprias aguas.

Declarou ser essa Capital a séde dos Mormões d'aquelles homens, que até pouco tempo passado, podiam casar-se com tantas mulheres quantas podessem sustentar. Visitou ali o Tabernaculo, com um esplendido orgam, o maior existente no paiz, não podendo fazer o mesmo no templo, que é um edificio de imponente exterior, por lhe haver sido imposta a condição de deixar-se baptisar Mormão, ao que não accedeu; porque, voltando a sua terra natal com plenos poderes para a polygamia, n'um paiz, em que tal procedimento é seriamente punido pelas nossas leis em vigor; vinha, por sua vez encon-

tral-o sem polyandras; ficando, por tal forma, de todo isolado entre os seus compatriotas. Tomando, n'essa cidade o trem nocturno para Seattle, Capital do Estado de Washington, limitrophe com o Dominio do Canadá, deu-se no mesmo um episodio, com uma velha, muitissimo afonica.

Ouvindo-a tossir, escarrar, guinchar, á todo momento, offereceu-lhe um pouco da pasta „Baume Bengué", para friccionar o exterior da garganta e, ella, tão depressa, recebeu no dedo index a quantidade precisa, chupou o dedo e enguliu o remedio, fazendo depois mil caretas.

Em Seattle visitou a Universidade, cujo Professor de Historia, dr. Manny, recebeu-o com muito carinho, dando-lhe varias cartas de apresentação para a Columbia Britannica e para o Alaska. Em seguida visitou o Jardim Zoologico e Museu e seguiu para Vancouver, já no Canadá, cuja Universidade visitou, achando triste a cidade e a mais completa influencia americana em todos seus ramos de actividade e até em habitos e costumes, basta dizer que não são a libra, e o schilling que alli correm e sim o dollar.

Dous dios depois, tomou no porto dessa cidade o vapor „Princess Alice", da „Canadian Railway" and Steamship Company" para o norte: tocando logo em „Albert Bay", onde viu varios „Totem poles", dos Indios d'aquella região.

Explicou o que sejam taes artefactos; disse ao auditorio, serem póstes heraldicos ou brazonaes, pois que não só estão encimados pela figura do animal de que provem a tribu, como, por todo elle, se veem, outros, sempre esculpidos e pintados á côres vivas, representando outros animaes, tottems de outros Indios, que, pelo entrelaçamento das familias, ficam, reciprocamente fazendo parte integrante dos taes póstes.

Um pouco acima, parou n'outro porto, o de „Prince Ruppert", onde tem a referida estrada de ferro, sua estação inicial, para seguirem os seus trens, via Montanhas Rochosas, para o lado do Atlantico; vendo alli varias catraias, cheias de peixe picado, para serem reduzidos a adubos, (fertilizantes) do sólo, entretendo junta de si, tão grande quantidade de gaivotas para comerem as visceras dos mesmos, que, pelas amuradas, mastros e cabos do vapor, em que viajava, ficaram pousadas, a um tempo só, 34 d'ellas, fazendo de quando em quando, a sua costumeira algazarra.

Com mais uma horas ingressou nas aguas, que banham as costas do Territorio do Alaska.

Kitchikan, foi o primeiro porto a que chegou o vapor, deixando os seus passageiros, passeiarem em terra, por espaço

de hora e meia; continuando a apreciar, do proprio vapor e depois em terra, os Totem poles, dos Indios no mesmo residentes. Ahi conseguiu adquirir um precioso panno totemico dos „Kivakiutl", de baeta, elle sobrepostos e, contornados por 2.213 botões de madreperola. Vale no Canadá ou nos Estados Unidos da America, uma peça dessas 2 mil dollars ou 17 contos da nossa moeda. Tem a certeza de ser o primeiro exemplar d'esse artefacto, que existe agora, num museu sul-americano, como soe ser o „Simoens da Silva".

Acima logo, é o porto de Petersburgo, que apparece e onde o vapor, quasi não demóra, quasi todo construido sobre estacas, como as habitações lacustres. Wrangell, vem logo depois, onde apreciou alguns pontos bem semelhantes a cidade fluminense de Petropolis, e em cujas casas de curiosidades, esteve a escolher e a comprar apenas algumas cousas, porque essas casas, em todo mundo, pedem os maiores despropositos, por tudo o que possuem e expõem. Viu ahi, mascaras de movimento, „bibelots" de marfim de Morsa, chales de lã de cabra montez e varios outros artefactos dos Indios da mesma região.

Douglas, do lado opposto, deixava ver, muitos barcos de pesca, com seus tripulantes uns, e com suas redes, e cestos, outros.

Juneau, a Capital do algido territorio, na maior parte do anno, tem uma importante mineração de ouro, dentro mesmo da cidade. Uma geleira, regressiva, denominada: Mendenhall, á uns 15 kilometros do mar, foi por si visitada, em companhia do dr. Grower Inn. Os fjords do Alaska não têm a menor belleza, comparados com os da Scandinavia. Os hospedes dos 2 hoteis, tremendos, typos perfeitos dos brutamontes, que são vistos, frequentemente, nos films, chamados do „Far West".

O vapor Princess Alice, bastante asseiado com muita ordem e todo conforto, trouxe, do Alaska, mais de 200 dos taes homens, que vinham fugindo dos rigores do inverno, homens esses que dançando e cantando pela primeira vez em sua vida, faziam a bordo um barulho doido, tendo 5 delles, formado um jazz cujos instrumentos, inclusive o piano, soavam com toda força, indo, cada um, n'uma desafinação diabolica, para seu lado.

N'essa occasião, o vapor passou entre blócos de gelo fluctuantes, que, ainda pequenos, desmembrados da grande geleira progressiva de „Takú", com 167 kilometros de extensão, não atravessaram a sua marcha.

Finalmente, aportou a mesma unidade de navegação canadense, á Cidade de Victoria, na Ilha Vancouver, Capital d'essa provincia canadense.

Muito apreciou a sua boa edificação, seus jardins, seu porto, mesmo no centro da cidade e ser ella bastante ampla e alegre.

O seu Governador, sr. Randolph Bruce, escossez, velho rheumatico, recebeu-o em Palacio, admiravelmente bem. Fel-o tomar chá ás 4 ½ horas da tarde a seu lado, em companhia de sua sobrinha, do seu Secretario e do seu Ajudante de Ordens, não o deixando sair de junto de si, sinão ás 6 horas, porque rarissimas vezes ouvia falar da America do Sul e, do Brasil, nunca; limitando-se a leitura de jornaes e de um ou outro livro de viagens, por seu territorio. D'ahi, em outro vapor da mesma companhia aportou ao Continente, desembarcando em Portland, Capital do Estado de Oregon, para, no dia seguinte, seguir na excursão da elite dessa cidade, com o seu Prefeito Backer, á frente, para o Archipelago do Hawaii. Chegado, que foi, ao grande „Hotel Multmonah", soube que, naquelle mesmo dia, a amante de um dos officiaes do vapor, em que ia viajar, da grande companhia de navegação do Pacifico, indo até o Japão e a Australia, denominado „Matson Line", havia ido a bordo do mesmo e o assassinado, sendo presa logo para ser executada na forca, uma semana depois, talvez.

No dia seguinte, pela manhã, antes de embarcar, foi a primeira igreja catholica que encontrou e viu um defunto, no caixão de tampa aberta, para o qual celebrava-se a competente missa de corpo presente. Esse dia era uma sexta-feira, aziago para muita gente. Entra no vapor, percorrendo-o, uma senhora, no salão de jantar, mostra-lhe o quadro, que dá o motivo do nome do mesmo, que era „Malôlô", (Peixe voador), constando de uma grande tela, com o mar cheio de ondas, com 3 d'esses peixes n'ellas emergindo, no seu costumeiro vôo, que constitue agouro para quem o vê na superstição dos hawaiianos, pois que o seu ambiente é a agua e não o espaço, por onde só se movimentam as aves e os insectos. Durante todo dia de viagem, foi um prazer o navegar-se aguas abaixo do Rio Columbia, mas á tarde, ao entrar no Pacifico, pelo porto de Astoria, foi tremenda a situação, louças quebradas, focos apagados e machinas com o funccionamento, por 2 vezes, suspenso.

No 2.º dia de viagem, com a bonança, todos os 326 passageiros, só de 1.ª classe, muito se divertiram naquelle colosso de 5 andares, 6 elevadores e salão de jantar com logares para mais de 400 pessoas, tendo a seu bordo 2 orchestras jazz.

Chegado o mesmo ao Hawaii, foram todos recebidos com os taes „leis", chamados, grandes, rosarios de flores, geralmente de 75 á 100 em cada um, recebendo o Prefeito no pescoço, apenas 11 (onze), de ficar sem poder arriar a cabeça. A banda de musica real hawaiiana tocou o hymno de boas vindas, o „Aloha" e todos desembarcaram, indo uns, com elle o conferencista, para o „Young Hotel" no coração da cidade e, outros, para o „Royal Hawaiian Hotel", enorme, cheio de salões, varandas, jardins, costureira parisiense e alfaiate londrino, em seus competentes „ateliers" e lojas de objectos riquissimos, japonezas e chinezas, tudo no seu andar terreo e por preços, de exhorbitancia indiscriptivel.

Esse hotel está em frente a celebre Praia de Waikiki, em cuja arrebentação das vagas, se verifica, pela manhã e á tarde, por occasião dos banhos de mar, os bellos exercicios de sport na resaca, chamada onde os rapazes, filhos das ilhas d'esse archipelago, correm em compridas taboas, de mogno, de pé, bem equilibrados, sobre as ondas até a praia.

A população das ilhas é a seguinte: indigena pura: 20.000 habitantes, (1 decimo) d'aquella quando o capitão Cook as descobriu em 1778; cruzada com branco: 16.000; com amarello: 10.000, n'um total de 46.000 habitantes.

Immigrantes: Japoneza: 134.000; Philippina: 60.000; Americana: 37.000; Portugal: 29.000; Chineza: 25.000; Portoriquenha: 6.000; Espanhola, Sandinavia e Coreana 1.000, cada uma e outras de menor numero.

As flôres: Ubiscus, de todas as côres e os jardins abertos, gramados e muito bem tratados todos, causam em Honolulu, a capital do Archipelago de Sandwich ou de Hawaii, a melhor impressão ao turista.

O Jardim Zoologico, o vigessimo sexto que conhece no mundo, torna-se attrahente pelos bellos exemplares de Kangurús, marsupiaes daquella região, pois são da Australia, que fica a uns 6 dias d'ali, nos rapidos vapores da Matson Line. O Aquarium, sim, é importantissimo, pela diversidade de peixes, todos de formatos bizarros e de côres phantasticas. Tanto elle assim é, que tendo apenas 36 tanques muraes, prendeu-o em observação attenta por hora e meia, o mesmo espaço de tempo que despendeu em New York, com o seu colossal de 94 tanques.

A canna de assucar e o abacaxi, são as culturas que absorvem todo o archipelago. Não menos de 46 companhias exploram as culturas e industrias da canna de assucar, com pessoal mixto, philippino, japonez, hawaiiano e ilhéu portuguez, cada uma com suas escolas, centros de diversões e de exercicios physicos e hospitaes. A Companhia „Ewa", cujas culturas e engenho visitou, é uma das mais importantes, tendo até

apparelho automatico para receber e arrumar as saccas de assucar, de 130 libras cada uma, nos seus armazens.

As companhias exploradoras do abacaxi, são em numero bem regular, todas de capitaes americanas, com culturas de milhões de pés dessa bella fruta, embora, ali, bastante acida.

Os „yankees" já teem invertido em 5 ilhas desse archipelago 425 mil contos de réis da nossa moeda.

Visitou a „The Hawaiian Pineapple Company Limited", com séde e fabricação de conserva de fructa em Honolulú, apreciando a ordem, o asseio e a presteza no trabalho da mesma, onde mulheres, de aventaes e gorros brancos de linho e luvas de borracha, a manipulam, sem gozo de repouso de um só momento.

O que muito interessa nesse elemento de producção das attrahentes ilhas é a distenção do papel em tiras parallelas pelos campos a fóra, para serem plantadas, ás suas bordas, as mudas da grande fructa que, alli, pesa, de ordinario, 3 kilos, por unidade.

Os americanos sujeitam essa deliciosa fruta, que tambem é nossa, ao terrivel martyrio das saladas e que constam do seguinte: — abacaxi, com malvas silvestre, agrião, fatias de pão, assucar, camarão, repolho, tamaras, passas descaroçadas, pimenta, molho de „mayonnaise" etc.

O typo do hawaiiano ou da hawaiiana, é bem esbelto e proporcionado, até a idade de 24, 25 annos, mais ou menos; depois, por causa da alimentação que é feita com o chamado „Pói", massa elastica, resultante da raiz do inhame, torna-se immensamente gordo e pesadão. Esteve em Maui, vendo, de longe, o seu vulcão, de difficil ascenção, quando as nuvens o cercam ou quando não se obtem cavallo a tempo, por causa de não perder-se o vapor. Ahi foi apresentado a uma sympathica e alegre japoneza, que, no dia seguinte, muito se riu por ver um velho chim, em pura fralda de camisa, fugir como uma lebre, da machina photographica que levava comsigo pela rua á fóra. Visitou os seus tres cemiterios, japonez, chinez e catholico; sendo este apenas o que não estava tratado. Na ilha Hawaii, a maior dellas, foi a um baile no Yacht Club, de Hilo, dançando com varias indigenas, tão bem vestidas e elegantes como quaesquer parisienses ou newyorkinas, e muito gentis, apresentando-o logo depois a varias compatriotas suas e ás suas irmãs e genitoras, o que não deixou de escandalizar, um tanto, as suas companheiras americanas, de bordo, por causa da côr da epiderme das mesmas, o que fingiu não comprehender.

A visita dos excursionistas, em cujo numero se achava, foi feita em 36 automoveis, com logares para 6 passageiros em cada um.

Como episodio cita o seguinte: teve por companhia de banco, uma velha, gorda e mal educada, que na viagem de ida, fel-o de sua almofada de descanso, não achando elle, conferencista, a minima graça em tal procedimento. Uma vez no vulcão, apanhou as margens da sua cratera, exemplares de lava, já frios e collocou-os no bolso do seu sobretudo, passando-as, por occasião da volta para o lado da tal posta de carne em oscillações constantes. Logo, ao primeiro embate do vehiculo, espetando-se ella nas rudes pontas dos mesmos, mirou-o com raiva e desapertou-se para o outro lado, deixando-o em paz. O vulcão tem uma cratéra enorme, estando a lava em continua ebulição. Apenas durante todo o dia só desprendendo de si fumo, havendo, á noite, clarões de fogos intermittentes.

Elle, conferencista, e unicamente mais 10 companheiros, se aventuraram em companhia do guia, a atravessar um antigo tubo de lava, entre duas partes da dita cratéra, notando-o como que vitrificado estivesse. Viu um bello film, de varias phases do mesmo, junto da casa do lunch e apanhou, em uma das suas quentes fendas, paina de seda dourada, que offertou ao herbario do Jardim Botanico do Rio de Janeiro.

Finalmente, visitou a ilha Kauai, percorrendo-a em duas direcções: uma, a das grutas: secca e humida e outra, a do grande barranco, cheio de erosões no arenito, fétos arborescentes, avencas, etc., tido pelo logar do mundo, onde mais são abundantes as chuvas.

Terminou com os seguintes episodios de um juiz de paz dessa ilha, ilhéu portuguez, naturalisado.

Perguntado: Se o gado de um campo junto do caminho era seleccionado?

Respondeu: Não, senhor. Esse gado é importado das terras de fóra, porque o daqui está fallido.

Perguntado: Qual a importancia de um valle, visivel á uns 50 metros de distancia?

Respondeu: Aqui „vevem" os cow-boys.

Perguntado: Se havia caça na ilha?

Respondeu: Algumas aves e cabritos montezes, que, por causa dos caçadores e dos cães, caem pela pedreira no valle e quando não quebram as pernas, atrepam de novo para cima e vão embora.

Perguntado: Se conhecia todos os seus jurisdicionados naquellas 25 milhas?

Respondeu: Que só aos mais intelligentes.

Perguntado: Onde fizera o seu curso?

Respondeu: Naquella escola, apontando-a com a mão (uma escola primaria).

Depois disso perguntou o sr. juiz ao visitante da ilha, a elle conferencista:

D'onde era filho? — se conhecia no Rio o seu primo Correia? Dizendo depois ser elle um grande vendedor de vinhos, tendo 18 casas desse genero de commercio e ser casado com uma allamôa. Continuando, disse: Não vê o senhor, elle é filho da minha tia Maria Vigaria, do Funchal, boa senhora aquella e honesta a toda prova. O Morgado quiz se casar com ella, namorou-a, deu-lhe um filho e foi-se embora. Depois, arrependeu-se e voltou a ver se fazia as pazes. Ella, porém, que era uma senhora de caracter, não o recebeu mais. (Rinse depois e disse):

Tambem ella já tinha outro homem.

Actas das sessões do Instituto no anno de 1930

Acta da 10.ª sessão extraordinaria

AOS seis dias do mez de janeiro de mil novecentos e trinta, ás vinte e meia horas, no salão nobre do Paço Municipal, presentes os representantes do senhor presidente do Estado e altas autoridades, o major Alberto Bins, intendente municipal, desembargador André da Rocha, presidente do Superior Tribunal do Estado, doutor Sarmento Leite, director da Faculdade de Medicina, Consules dos Estados Unidos da America do Norte, Argentina, Uruguay e Portugal, senhores Nasmith, Salvador Oliva, Di Pasca e Tavares Condeixa, tenente Carneiro da Fontoura, representando o commandante da terceira Região, muitas outras pessoas e exmas. familias, além de elevado numero de socios, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. O senhor presidente explicou, em seguida, que, comquanto o Instituto estivesse presentemente em férias, como é do Regulamento, havia convocado a presente sessão extraordinaria por se tratar de um caso excepcional, qual o de chegada á capital dos despojos de Araujo Porto Alegre, barão de Santo Angelo, não devendo, portanto, o Instituto silenciar diante de um facto de tanta magnitude. Dois oradores havia convidado para esta sessão e ia conceder, como de facto concedeu a palavra ao primeiro delles, nosso consocio senhor Alcides Maya. O nosso confrade leu, então, o seu longo trabalho sobre a personalidade de Santo Angelo, sempre ouvido com interesse, sendo vivamente applaudido ao terminar. Fallou, em seguida, o senhor Darcy Azambuja, socio proposto ao Instituto, produzindo uma peça oratoria de alto relevo, sempre em

torno da personalidade de Santo Angelo cuja vida estudou longamente. O senhor Darcy Azambuja foi igualmente muito applaudido. O senhor presidente agradece a presença das altas autoridades, exmas. familias, e pessoas em geral, declarando encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 11.ª sessão extraordinaria

AOS cinco dias do mez de maio de mil novecentos e trinta, ás vinte e meia horas, no salão de conferencias da Bilbiotheca Publica, presentes grande numero de familias, cavalheiros, altas autoridades do Estado em presença pessoal ou representação, além de muitos consocios, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, o senhor presidente explicou que havia convocado a presente reunião extraordinaria com o fim de receber no seio do Instituto o senhor Doutor Simoens da Silva, personalidade de alto destaque no mundo social brasileiro, e que ia conceder a palavra ao orador do Instituto para saudar o eminente scientista. O senhor Adroaldo Mesquita da Costa faz, então, vibrante saudação ao senhor Simoens da Silva, estudando-o atravéz da sua obra de construcção scientifica, em meio seculo de existencia, o que prova o Museu que, com o seu nome, existe no Rio de Janeiro, o qual, no anno transacto, celebrou o seu cincoentario. E' que o sabio ali presente manifestava desde tenra idade a sua inclinação para essa organisação que hoje constitue uma gloria para o seu patrono e fonte preciosa de estudos para os nossos jovens compatricios. Diz que a sua palavra era perfeitamente dispensavel nesta occasião, pois a apresentação de Simoens da Silva estava feita com a simples enunciação do seu nome já considerado no seio de elevado numero de associações scientificas mundiaes. Queria, no entanto, fazer um appello ao illustre scientista que, pela segunda vez, visitava o Rio Grande em viagem de estudos: que prescrutasse bem no intimo o sentir do povo rio-grandense a fim de constatar que o caracter do gaucho era sempre o mesmo, jamais havendo desmentido dessa gloriosa tradição vinda dos tempos dantanho, — orgulho da raça, fonte de ensinamentos ás gerações que se têm succedido através dos tempos. Em seguida usa da palavra o senhor Doutor Simoens da Silva, proferindo a sua conferencia, prendendo a attenção do auditorio durante duas horas. Discorreu o conferencista sobre os Estados Unidos da America do Norte, Canadá, Alaska e Hawaii.

Ao terminar o seu bello trabalho recebeu o conferencista prolongados applausos, sendo vivamente cumprimentado pelos presentes. Agradecendo ao doutor Simoens da Silva pela sua brilhante conferencia e ás pessoas presentes a sua comparencia o senhor presidente declarou encerrada a sessão. Do que eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei, para constar, a presente acta. E eu, Francisco de Leonrado Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 33.ª sessão ordinaria

AOS sete dias do mez de maio de mil novecentos e trinta, ás vinte e meia horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes grande numero de convidados, altas autoridades em presença pessoal ou representações, excellentissimas Familias e associados, o senhor Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior passou-se á leitura do expediente, que constou do seguinte: Carta do senhor Major José Octaviano Pinto Soares offerecendo ao Instituto varios documentos referentes á campanha do Contestado; officio do senhor Intendente Municipal de Alegrete offerecendo ao Instituto, com autorisação dos herdeiros do finado marechal João José da Luz, um manuscripto deste extincto official sobre a retirada da Laguna; phonogramma dos senhores doutor Juarez Pereira Rego e José de Quadros Ferreira, ambos de Rio Pardo, agradecendo as homenagens que o Instituto prestou á memoria do barão de Santo Angelo; circular da Bibliotheca Publica Pelotense dando conhecimento da sua nova directoria, da qual é presidente o senhor doutor José Francisco Dias da Costa; idem do Centro de Sciencias, Letras e Artes, de Campinas, com identica communicação, sendo seu presidente o senhor Adalberto Nascimento; idem do Tiro de Guerra 318, desta cidade, fazendo identica participação, sendo que para seu presidente honorario foi eleito o senhor major Alberto Bins e presidente o senhor Miguel Amaro da Silveira Filho; officio do substituto do Consul da Suissa, nesta capital, justificando o não comparecimento desse diplomata á sessão de homenagem prestada á memoria de San-

to Angelo; idem da Associação dos Funccionarios Municipaes da capital pedindo remessa de publicações; offerta que faz ao Instituto o senhor doutor Ildefonso Simões Lopes Filho de tres opusculos de sua lavra intitulados Pela brasilidade, Homenagem ao deputado libertador Dr. Dario Crespo e a Renovação presidencial da Republica. Terminado o expediente, o segundo secretario faz a leitura da ephemeride do dia, finda a qual pede a palavra o senhor Alcides Maya para se referir ao fallecimento do joven Hypolito Ribeiro Filho, facto recentemente occorrido. Diz o nosso confrade que, como director do Museu Julio de Castilhos, conhecia bem Hypolito Ribeiro Filho, pois a esse estabelecimento o extincto vinha prestando serviços sem pretender qualquer remuneração; era um espirito affeito á pesquiza das cousas da historia natural e, por curiosidade, as estudava, notadamente quando tinha sob os olhos qualquer exemplar de archeologia, paleontologia ou ethnographia do Brasil e, em particular do Rio Grande do Sul. Foi, por isso, disse ainda o orador, altamente sensivel o prematuro desapparecimento do joven Hypolito — e terminou propondo se lançasse em acta um voto de pezar pelo doloroso facto, o que foi unanimemente approvado. O senhor presidente disse que achando-se sobre a mesa o processo de admissão dos novos socios senhores Othelo Rosa e dr. Darcy Azambuja acompanhado, dos respectivos pareceres, ia proceder á eleição de conformidade com o artigo 6.º dos Estatutos e seus paragraphos, o que, feito, verificou-se unanime approvação, sendo proclamados socios effectivos do Instituto os senhores Othelo Rosa e Darcy Azambuja. Por ultimo foi dada a palavra ao consocio senhor Francisco de Leonardo Truda que havia sido designado para falar sobre a ephemeride do dia. O senhor Leonardo Truda occupou a attenção da assistencia durante quarenta minutos, fazendo um bello estudo sobre a personalidade do duque de Caxias, principalmente como pacificador do Rio Grande do Sul. Ao terminar a sua oração foi o conferencista saudado por uma prolongada salva de palmas. E nada mais havendo a tratar, o senhor presidente agradeceu a comparencia de todos e encerrou a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 12.ª sessão extraordinaria

AOS vinte e nove dias do mez de junho de mil novecentos e trinta, ás vinte e meia horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes os senhores Florencio de Abreu, Adroaldo Mesquita da Costa, E. F. de Souza Docca, Alcides Maya, A. Guerreiro Lima, Aurelio Porto, Francisco de Leonardo Truda, Mansueto Bernardi e Eduardo Duarte, o senhor Florencio de Abreu assumiu a presidencia e convidou para tomar assento á mesa o senhor representante de sua excellencia o senhor presidente do Estado, declarando aberta a sessão. Disse, em seguida, o senhor presidente, que a presente sessão extraordinaria tinha o fim especial de receber no seio do Instituto o senhor Othelo Rosa, recentemente eleito socio effectivo e como este se achava em compartimento contiguo ao salão, fel-o introduzir acompanhado de uma commissão. Comparecendo, prestou o senhor Othelo Rosa o compromisso do estylo, sendo saudado por prolongada salva de palmas. Lida e approvada a acta da sessão anterior passou-se á leitura do expediente, que constou do seguinte: officio do dr. Max Fleuiss, secretario perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro convidando este Instituto a associar-se á commemoração da data centenaria de sete de Abril, para o que remetteu uma exposição de motivos da autoria do relator da commissão dr. Alfredo Valladão; idem do dr. João Fernandes Moreira, secretario das Obras Publicas, agradecendo a remessa de um exemplar da Revista; idem do Instituto Biologico de Defeza Agricola fazendo remessa de boletins technicos e diversos quadros muraes, publicações do mesmo Instituto; carta do major J. O. Pinto Soares offerecendo ao Instituto diversos papeis de caracter historico. O senhor presidente concede, em seguida, a palavra ao senhor Othelo Rosa, associado recém compromissado, que profere bellissimo e notavel oração. Segue-se com a palavra o senhor Adroaldo Mesquita da Costa que, em vibrante oração, saúda o recipiendario. O senhor presidente, agradecendo a comparencia das pessoas presentes, declara encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno. Florencio de Abreu.

Acta da 13.ª sessão extraordinaria

AOS dezoito dias do mez de julho de mil novecentos e trinta, ás vinte e meia horas, no salão de conferencias da Bibliotheca Publica, presentes grande numero de familias, autoridades militares, civis e ecclesiasticas e associados, o senhor

Florencio de Abreu, assumindo a presidencia, declarou aberta a sessão. Lida e approvada a acta da sessão anterior, e não havendo expediente, foi feita a leitura da ephemeride do dia. O senhor presidente disse que a presente sessão extraordinaria fôra convocada com o fim special de prestar justa homenagem á visinha Republica Oriental do Uruguay nesse dia que assignalava a passagem da data centenaria do juramento de sua constituição politica.

A seguir foi dada a palavra ao nosso confrade senhor Emilio Fernandes de Souza Docca, orador designado para a solennidade. O senhor Souza Docca faz, então, a leitura de uma desenvolvida conferencia sobre a cidata data. No decorrer da dissertação do orador official, deu entrada no recinto o senhor Antonio Di Pasca, Consul do Uruguay, que, a convite da presidencia, tomou lugar á mesa. Ao terminar o orador a sua conferencia, que foi muito applaudida, uzou a palavra o consul uruguayo, que agradeceu as referencias feitas ao seu paiz e á sua pessoa, dizendo que essas manifestações de cordialidade não lhe eram extranhas, pois que já por varias vezes as recebera durante os deseseis annos que vive entre nós. Falou em seguida o senhor doutor Carlos Fein, que se estendeu em referencias sobre a data, recebendo muitos applausos. O senhor presidente declarou, em seguida, encerrada a sessão. Do que, eu, Eduardo Duarte, segundo secretario, lavrei a presente acta. E eu, Francisco de Leonardo Truda, 1.º secretario, a subscrevi e assigno. Florencio de Abreu.

INDICE DO VOLUME

	Pag.
Dez annos no Brasil, pelo coronel Bertholdo Klinger e capitão Francisco de Paula Cidade,	3
Pelo povo gaucho, pelo capitão João Pereira de Oliveira	131
A fundação de São Sepé, pelo dr. Eduardo Duarte	133
São Sepé (memoria commemorativa do centenario da fundação da Capella das Mercês, por Aurelio Porto	141
A colonisação allemã no Rio Grande do Sul, pelo dr. Francisco de Leonardo Truda	163
A influencia das revoluções pernambucanas de 1817 e 1824, na republica de Piratinim, pelo dr. A. D. Pinto	305
Padre Carlos Teschauer, S. J.	313
O tupy na Chorographia do Rio Grande do Sul, pelo general João Borges Fortes	321
São Gabriel (subsidios para a sua historia), por Celso Schröder	363
Esboço biographico de Antonio Simões Pires, pelo dr. Jorge Godofredo Felizardo	455
Simões Pires (notas genealogicas), por Aurelio Porto	471
Vocabulos indigenas na Geographia do Rio Grande do Sul, pelo dr. A. D. Pinto	531
A Formação da mentalidade rio-grandense, pelo dr. Jorge Salis Goulart	539
Um episodio da guerra dos Farrapos, pelo dr. Victor Russomano	545
Um gaucho brasileiro, communicação do dr. Fernando Luiz Osorio	557
La Expansion Imperial de Hispania, pelo dr. J. Francisco V. Silva	569
Manoel de Araujo Porto Alegre (auto-biographia)	575
Os Flores da Cunha (notas genealogicas), por Aurelio Porto...	597
Recepção do sr. Othelo Rosa no seio do Instituto	607
Conferencia do tenente-coronel Souza Docca sobre o centenario da Constituição Uruguaya	623
Conferencia do dr. Darcy Azambuja sobre o barão de Santo Angelo	637
Conferencia do dr. Antonio Carlos Simoens da Silva sobre os Estados Unidos	645
Actas das sessões do Instituto em 1930	657